

# estudos de psicologia

Volume 27  
Número 2  
Abril/Junho 2010

ISSN 0103 - 166X

FUNDADA EM 1983

## Editora Chefe / Editor-in-Chief

Marilda E. Novaes Lipp - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

## Editores Associados / Associate Editors

Elisa Médici Pizão Yoshida - Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Vera Lucia T. de Souza - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

## Editor Financeiro / Financial Editor

Leopoldo Pereira Fulgencio Júnior - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

## Editor Gerente / Manager Editor

Maria Cristina Matoso - SBI-Pontifícia Universidade Católica de Campinas

## Conselho Editorial / Editorial Board

Bernardete Angelina Gatti - Fundação Carlos Chagas  
Claisy Maria Marinho-Araujo - Universidade de Brasília  
Denise R. Bandeira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Francisco Lotuffo Neto - Universidade de São Paulo  
Geraldo José de Paiva - Universidade de São Paulo  
Lúcia Emmanuel Novaes Malagris - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Manoel Antonio dos Santos - Universidade de São Paulo  
Maria A. Mattos - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Maria Helena R.N. Zamora - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Maria M. Hübner - Universidade de São Paulo  
Nilson G. Vieira Filho - Universidade Federal de Pernambuco  
Patrícia Waltz Schelini - Universidade Federal de São Carlos  
Sheva Maia Nóbrega - Universidade Federal de Pernambuco  
Suely S. Guimarães - Universidade de Brasília  
Wellington Zangari - Universidade de São Paulo  
William B. Gomes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Conselho Editorial Internacional / International Editorial Board

Alberto S. Segrera - Universidad Iberoamericana Ciudad de México - México  
André Sirota - Université de Paris X - Nanterre - France  
Bernardo Jiménez-Domínguez - Universidad de Guadalajara - México  
Charles Spielberger - University of South Florida - USA  
Denise Defey - Universidad de la República - Uruguay  
George Everly - Johns Hopkins University - USA  
Ignacio Dobles - Oropeza - Facultad de Ciencias Sociales - Costa Rica  
Jacqueline Barus-Michel - Université de Paris 7 - Denis Diderot - Franc  
José J.B.V. Raposo - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal  
Leandro Almeida - Universidade do Minho - Portugal  
María Pérez Solís - Universidad Complutense de Madrid - Espanha  
Norma Contini de Gonzalez - Universidad Nacional de Tucumán - Argentina  
Stanley B. Messer - Rutgers University - USA  
Vicente E. Cabalho - Universidade de Granada - Espanha

## Equipe Técnica / Technical Group

Normalização / Standardization  
Maria Cristina Matoso

Indexação / Indexing  
Janete Gonçalves de Oliveira Gama

O Conselho Editorial não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

*The Board of Editors does not assume responsibility for concepts emitted in signed articles.*

A eventual citação de produtos e marcas comerciais não expressa recomendação do seu uso pela Instituição.

*The eventual citation of products and brands does not express recommendation of the Institution for their use.*

Qualis: A2 - Psicologia

Apoio:



## Estudos de Psicologia

Estudos de Psicologia é uma revista trimestral do programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Fundada em 1983, incentiva contribuições da comunidade científica nacional e internacional com o objetivo de promover e divulgar o conhecimento científico e técnico na área de Psicologia bem como discutir o significado de práticas nos campos profissional e da pesquisa por meio da publicação de artigos originais que representem relatos de pesquisa. Publica, também, trabalhos teóricos, revisões críticas da literatura e comunicações relevantes à Psicologia como ciência e profissão.

Estudos de Psicologia is Pontifícia Universidade Católica de Campinas *trimonthly periodical from Psychology Post-graduation program at Centro de Ciências da Vida. It was founded in 1983, and since then, it has been incentivating contributions to the scientific national and international community, as its aim is to distribute and promote Psychological scientific and technical knowledge, debating professional and research practices through the original articles that reflects the research reports. It publishes theoretical papers, lecture reviews, and relevant communications to Psychology as Science and Profession.*

## COLABORAÇÕES / CONTRIBUTIONS

Os manuscritos (um original e três cópias) devem ser encaminhados ao Núcleo de Editoração SBI/CCV e seguir as "Instruções aos Autores", publicadas no final de cada fascículo.

*All manuscripts (the original and three copies) should be sent to the Núcleo de Editoração SBI/CCV and should comply with the "Instructions for Authors", published in the end of each issue.*

## ASSINATURAS / SUBSCRIPTIONS

Pedidos de assinatura ou permuta devem ser encaminhados ao Núcleo de Editoração SBI/CCV.

E-mail: [ccv.assinaturas@puc-campinas.edu.br](mailto:ccv.assinaturas@puc-campinas.edu.br)

Annual: Pessoas físicas: R\$90,00      Institucional: R\$200,00

Aceita-se permuta

*Subscription or exchange orders should be addressed to the Núcleo de Editoração SBI/CCV. E-mail: [ccv.assinaturas@puc-campinas.edu.br](mailto:ccv.assinaturas@puc-campinas.edu.br)*

Annual: Individual rate: R\$90,00      Institutional rate: R\$200,00

*Exchange is accepted*

## CORRESPONDÊNCIA / CORRESPONDENCE

Toda a correspondência deve ser enviada à Estudos de Psicologia no endereço abaixo:

*All correspondence should be sent to Estudos de Psicologia at the address below:*

Núcleo de Editoração SBI/CCV

Av. John Boyd Dunlop, s/n. - Prédio de Odontologia - Jd. Ipaussurama  
13060-904 - Campinas, SP, Brasil.

Fone +55-19-3343-6859/6876 Fax +55-19-3343-6875

E-mail: [ccv.revistas@puc-campinas.edu.br](mailto:ccv.revistas@puc-campinas.edu.br)

Web: <http://www.puc-campinas.edu.br/ccv>

<http://www.scielo.br/estpsi>

## INDEXAÇÃO / INDEXING

LILACS, SciELO, PsycINFO, CLASE, Scopus, Latindex e Index Psi Periódicos (BVS-Psi): [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)

É permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte. A reprodução total depende da autorização da Revista.

*Partial reproduction is permitted if the source is cited. Total reproduction depends on the authorization of the Estudos de Psicologia.*

Copyright © Estudos de Psicologia

## FICHA CATALOGráfICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e Informação – SBI-PUC-Campinas

Estudos de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Campinas, SP, v.1 n.1 (1983-)

v.27 n. 2 abr./jun. 2010

Quadrimestral 1983-1986; Semestral 1987-1991; Quadrimestral 1992-2004; Trimestral 2005-  
Resumo em Português e Inglês.  
ISSN 0103-166X

1. Psicologia – Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

CDD 150

# estudos de psicologia

ISSN 0103-166X

Revista Trimestral do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PUC-Campinas

Volume 27

Número 2

Abril/Junho

2010

---

## sumário CONTENTS

---

### ARTIGOS ARTICLES

- 133 Valores e prazer-sofrimento no trabalho: um estudo com profissionais de nível superior**  
*Values and pleasure-suffering at work: a study of highly-qualified professionals*  
| Flávia Arantes Lopes Guimarães | Maria do Carmo Fernandes Martins
- 147 Maternidade no contexto do HIV/AIDS: gestação e terceiro mês de vida do bebê**  
*Motherhood in the context of HIV/AIDS: pregnancy and the baby at three months*  
| Evelise Rigoni de Faria | Cesar Augusto Piccinini
- 161 Informação geral e atual e sua relação com a inteligência e a personalidade em crianças escolares**  
*General and current information and its relationship with the student's intelligence and personality*  
| Carmen Flores-Mendoza | Graciane Lopes Jardim | Francisco José Abad | Larissa Assunção Rodrigues
- 169 Avaliação do vocabulário receptivo de crianças pré-escolares**  
*An evaluation of receptive vocabulary in preschool children*  
| Maria Vanderléia Matos Araújo | Márcia Regina Fumagalli Marteleto | Teresa Helena Schoen-Ferreira
- 177 Escala de atitudes frente à tatuagem: elaboração e evidências de validade e precisão**  
*Scale of attitudes towards tattoos: production and proof of validity and accuracy*  
| Emerson Diógenes de Medeiros | Valdiney Veloso Gouveia | Carlos Eduardo Pimentel | Ana Karla Silva Soares | Tiago Jessé Souza de Lima
- 187 Eficácia terapêutica de intervenção em grupo psicoeducacional: um estudo exploratório em oncologia**  
*Therapeutic effectiveness of a psychoeducational group intervention: an exploratory study in oncology*  
| Juciléia Rezende Souza | Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araújo
- 197 Crenças acerca do sistema de treinamento: a predição de variáveis pessoais e funcionais**  
*Beliefs concerning the system of training: the prediction of personal and job-related variables*  
| Jesiane Marins Lopes | Luciana Mourão
- 207 Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor, e satisfação com a vida**  
*Participation in programs for seniors: impact on cognition, mood and life satisfaction*  
| Mônica Sanches Yassuda | Henrique Salmazo da Silva

- 215 **Interesses profissionais de jovens de ensino médio: estudo correlacional entre a escala de aconselhamento profissional e o *self-directed search career explorer***  
*Professional interests of high school students: a correlational study between escala de aconselhamento and self-directed search career explorer*  
| Fernanda Argentini Sartori | Ana Paula Porto Noronha | Silvia Godoy | Rodolfo Augusto Matteo Ambiel
- 227 **A resiliência em trabalhadores da área da enfermagem**  
*The resilience of workers in nursing*  
| Maria de Fátima Belancieri | Marli Luiz Beluci | Daniela Vitti Ribeiro da Silva | Ederli Aparecida Gasparelo
- 235 **Hipnose e subjetividade: utilização da experiência religiosa em psicoterapia**  
*Hypnosis and subjectivity: the use of religious experiences in psychotherapy*  
| Maurício da Silva Neubern
- 247 **Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise**  
*A hermeneutical approach to the methodology of theoretical research in psychoanalysis*  
| Érico Bruno Viana Campos | Nelson Ernesto Coelho Jr
- 259 **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**  
*Notes on qualitative research and empirical phenomenological research*  
| Celana Cardoso Andrade | Adriano Furtado Holanda

## Resenha BOOK REVIEW

- 269 **Leitura oral**  
*Oral reading*  
| Geraldina Porto Witter
- 271 **Instruções aos Autores**  
*Instructions to Authors*

# Valores e prazer-sofrimento no trabalho: um estudo com profissionais de nível superior

## *Values and pleasure-suffering at work: a study of highly-qualified professionals*

Flávia Arantes Lopes **GUIMARÃES**<sup>1</sup>  
Maria do Carmo Fernandes **MARTINS**<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo avaliou o impacto dos valores individuais relativos ao trabalho no prazer-sofrimento do trabalhador. As variáveis foram avaliadas por meio de escalas autoaplicáveis de valores relativos ao trabalho, de indicadores de prazer-sofrimento no trabalho e de uma ficha de dados sociodemográficos. Participaram do estudo 178 trabalhadores de nível de formação superior, de ambos os sexos, formalmente contratados. Suas respostas foram submetidas a análises estatísticas descritivas e regressões lineares. Resultados mostraram que 'Realização' e 'Liberdade', indicadores de prazer, sofreram impactos positivos do valor 'Relações Sociais'. Mas o principal papel de 'Relações Sociais' foi o de prever a redução das dimensões do sofrimento, 'Desgaste' e 'Desvalorização', dimensões também previstas pelo aumento da idade. As áreas de formação 'Ciências Sociais Aplicadas' e 'Ciências Humanas' predisseram maior 'Liberdade' no trabalho. Conclui-se que valores relativos ao trabalho são norteadores para a compreensão do fenômeno do prazer-sofrimento no trabalho, apontam-se limitações do estudo e sugerem-se investigações posteriores.

**Unitermos:** Educação superior. Prazer. Sofrimento. Trabalho. Valores.

### Abstract

*This study analyzed the impact of individual, work-related values in terms of workers' pleasure-suffering. The variables were analyzed by means of self-applied work-related scales of values, indicators of pleasure-suffering at work and also a record of social-demographic data. One hundred and seventy-eight graduate employees of both sexes participated in the study. Their responses were subjected to descriptive, statistical analysis and linear regression. Results showed that "Accomplishment" and "Freedom", i.e. pleasure indicators, had positive impacts on the "Social Relations" value. However, the principal role of "Social Relations" was to predict the reduction in the suffering dimensions "Stress" and "Disparagement", dimensions which were also predicted by increase in age. The areas of graduation "Applied Social Sciences" and "Humanities" predicted greater "Freedom" at work. It may be concluded that work-related values are drivers for the understanding of the pleasure-suffering phenomenon in the working environment; limitations with the study have been noted and further investigation is recommended.*

**Uniterms:** Higher education. Pleasure. Suffering. Work. Values.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Uberlândia, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Saúde, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde. Av. Dom Jaime de Barros Carrara, 1000, 4º andar, 09895-400, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.C.F. MARTINS. E-mail: <mcf.martins@uol.com.br>.

Talvez o primeiro dos conceitos que se aproximam do objeto de estudo deste trabalho seja o de prazer, definido por Ferreira (1988) como "sensação ou sentimento agradável, harmonioso, que tende a uma inclinação vital; alegria, contentamento, satisfação, deleite" (p.523). Prazer é um conceito indeterminado e extremamente subjetivo. Enfoca-se, neste estudo, o prazer proporcionado por ideias, pelo alcance de objetivos, pelas relações e pelas realizações. Para Tiger (1993), existem quatro tipos básicos de prazer: os fisioprazeres, os socioprazeres, os psicoprazeres e os ideoprazeres. Os fisioprazeres são aqueles ligados ao corpo e envolvem os sentidos e as experiências a ele relacionados. Os socioprazeres referem-se ao prazer gerado pelo contato social. Os psicoprazeres estão relacionados com a satisfação advinda, por exemplo, na atividade diária da pessoa, no uso de suas habilidades, de sua energia. Os ideoprazeres são mentais, estéticos e, quase sempre, privados e estão relacionados ao prazer proporcionado por filmes, peças, músicas, livros, pela natureza, pelas paisagens, pelos animais e plantas. O ser humano gosta dessas contribuições para o engrandecimento de sua vida.

Apesar de ser foco de estudos de áreas diversas (filosofia e psicologia, por exemplo), prazer é tema controverso. Mobiliza, ao mesmo tempo, sensações agradáveis e punições, depende da cultura em que o sujeito está inserido, com seus vários componentes e contribui para definir a forma como ele lidará com o prazer (Tiger, 1993).

Um construto importante e relacionado ao prazer é o conceito de bem-estar, que se refere ao que o senso comum considera como felicidade, satisfação, realização. Segundo Diener, Oishi e Lucas (2003), bem-estar subjetivo se refere às avaliações emocionais e cognitivas que a pessoa faz em sua vida. Ryan e Deci (2001) discorrem sobre as duas perspectivas gerais que buscam explicar o fenômeno do bem-estar decorrentes da estrutura fundamental da ética eudemônica de Platão e Aristóteles: as abordagens hedônica, que enfoca a felicidade e define o bem-estar em termos de alcance do prazer e evitação da dor, e a eudemônica, que enfoca o significado e a autorrealização em termos do grau em que a pessoa está funcionando de maneira plena. Essas duas visões - hedônica e eudemônica - levaram a diferentes focos de investigação e a corpos de conheci-

mento que, em algumas áreas, divergem, e, em outras, são complementares.

Um tema que tem atraído estudiosos e que está relacionado à necessidade de prazer e de bem-estar e de evitação da dor é oriundo da visão de Dejours, que abordou a dinâmica das relações entre ser humano e trabalho, destacando suas consequências para o indivíduo. Trata-se da psicopatologia do trabalho (Dejours, 1992), cujos estudos vêm se consolidando desde os anos 1980 na França.

Para Dejours (1993), os trabalhadores não eram passivos diante das pressões sofridas no trabalho. Eles reagem coletivamente por meio de estratégias defensivas. O foco de seus estudos estava nas doenças mentais geradas pelo sofrimento causado pelo trabalho e nas defesas coletivas, intersubjetivas, utilizadas pelos trabalhadores contra esse sofrimento e, especialmente, na normalidade precária obtida por meio dessa luta. Dejours oferece nova perspectiva de compreensão das relações entre indivíduo e trabalho, inédita até então.

Segundo Lancman e Szneman (2004), em 1992 Dejours decidiu republicar uma edição do livro de 1980, ampliando o foco de sua proposição para aspectos que ultrapassavam as patologias consequentes do trabalho, passando a denominar sua temática como psicodinâmica do trabalho.

A psicodinâmica do trabalho de Dejours (1992) compreende o trabalho tanto em sua dimensão objetiva como subjetiva. Envolve uma visão da singularidade de cada trabalhador, com sua história, sua forma única de experimentar a vivência de trabalho. Para Dejours (1992), o trabalho é desgaste mental e nem sempre funciona como fonte de crescimento, reconhecimento e independência profissional, gerando, muitas vezes, insatisfação, irritação, exaustão e adoecimento.

Um conceito bastante presente na psicodinâmica do trabalho é a carga psíquica do trabalho, discutida por Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994). Segundo eles, a carga de trabalho é separada em carga física e carga psíquica. A última contempla aspectos de ordem neurofisiológica e psicofisiológica e aspectos de ordem psicológica, psicossociológica e, até mesmo, sociológica. Esse segundo grupo compreende, por exemplo, variáveis de comportamento, de caráter, aspectos psicopatológicos e motivacionais. Esses

autores propõem, para delimitar o conceito de carga psíquica do trabalho, destacar os elementos afetivos e relacionais desse conceito.

Dejours et al. (1994) afirmam que, ao funcionar como fonte de exaustão e adoecimento, a organização do trabalho desestabiliza a saúde mental dos trabalhadores. Para eles, não existe uma organização do trabalho ideal, isenta da problemática da divisão do trabalho e de homens. Para eles não existe ainda uma solução geral para diminuir a carga psíquica do trabalho, devendo esse processo ser analisado caso a caso. Dejours (2008) reafirma que a empresa explora as fragilidades humanas, por vezes até em benefício dos trabalhadores; mas quando isso acontece em seu prejuízo, existem riscos muito sérios para sua saúde física e mental. A postura de Dejours sofreu e sofre críticas de outros autores. Clot (2001), por exemplo, critica a despotencialização da saúde e a equivocada proposição de Dejours (1992) de que o objeto da psicodinâmica do trabalho não seria o trabalho, mas a intersubjetividade. Para Clot, o centro de análise deveria ser as relações entre atividade e subjetividade, porque o trabalho não se constitui somente do trabalho psíquico, mas também da atividade concreta.

Davezies (2000), por sua vez, discorreu criticamente sobre a problemática da divisão do trabalho apontada por Dejours et al. (1994), afirmando que o trabalho pode envolver uma dimensão de penalidade e de sofrimento, levando, por vezes, o trabalhador à morte prematura. Mas pode, também, constituir-se em importante fonte de construção da saúde. Para Davezies, o trabalho perde o significado porque é seccionado em partes e prescrito por especialistas que não possuem condições de articular esses diversificados fragmentos. Dessa maneira, a visão de um especialista é específica sobre aspectos de sua especialidade, enquanto a do outro o é sobre os da sua especialidade, e assim por diante. Essa fragmentação conduz à perda do significado do trabalho, gerando sofrimento ao trabalhador. Caso esse trabalhador consiga ter uma visão globalizante do seu trabalho, ele pode transformar-se numa poderosa fonte de saúde.

No Brasil, a psicodinâmica do trabalho passou a ser objeto de estudos nos anos 1990. Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004); Gui (2002); Ferreira e Mendes (2001; 2003); Mendes (1995; 1999; 2003); Mendes e Morrone

(2002); Mendes e Tamayo (2001); Mendes, Costa e Barros (2003); Merlo et al. (2003); Resende (2003); Rocha (2003) e Veras (2006), dentre outros, são exemplos de estudiosos que vêm investigando o tema sob a abordagem da psicodinâmica do trabalho, adotando o termo prazer-sofrimento no trabalho, ao qual se referiu Dejours somente em 1998.

Mendes (1999) destaca a importância do prazer, mas também do sofrimento para a saúde do trabalhador. Por um lado, o prazer é entendido pela autora como um elemento central para a estruturação psíquica do ser humano, uma vez que oferece a possibilidade de fortalecimento da identidade pessoal a partir do contato com o produzir e com o ambiente social. Por outro lado, o sofrimento funciona como um sintoma que alerta o trabalhador de que algo não está bem; nesse sentido, é importante também para que mudanças na dinâmica de interação do indivíduo com o trabalho aconteçam. Codo et al. (2004) compartilham a visão de Davezies; para eles, o trabalho é fator humanizador, que constrói e expressa o indivíduo.

Os estudos brasileiros abordaram as relações de prazer-sofrimento com valores organizacionais (Mendes & Tamayo, 2001), revelando que os participantes vivenciaram predominantemente mais prazer no trabalho, embora tenham relatado vivência moderada de sofrimento. Revelaram ainda que prazer correlacionava-se com quatro polos dos valores organizacionais: autonomia, estrutura igualitária, harmonia e domínio, enquanto sofrimento associava-se negativamente com autonomia, estrutura igualitária e domínio.

Mendes e Morrone (2002) analisaram as relações entre as vivências de prazer e de sofrimento, as características da organização do trabalho e a dinâmica do reconhecimento no trabalho informal numa feira de importados do Distrito Federal e encontraram que flexibilidade da organização do trabalho favorece o prazer, enquanto precariedade das condições de trabalho provoca sofrimento no trabalho. Identificaram ainda que os trabalhadores possuem estratégias defensivas de enfrentamento e atribuem novo significado ao trabalho, vendo nele novo reconhecimento por meio da valorização da atividade informal como alternativa para sobrevivência e para o desemprego, encontrando, segundo as autoras, caminhos para manter sua saúde, enfrentando o sofrimento e buscando o prazer.

Merlo et al. (2003), ancorados na abordagem da psicodinâmica do trabalho de Dejours (1992), buscaram determinar as relações entre Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) e suas consequências para a saúde física e mental de trabalhadores atendidos num hospital universitário no Sul do Brasil. Seus resultados evidenciaram não apenas o sofrimento associado à dor física, mas também o sofrimento vinculado às vivências subjetivas de solidão, às estratégias defensivas coletivas, como o silêncio diante do sofrimento, e ao empobrecimento da identidade social, por ser excluído do ambiente de trabalho, não ser reconhecido, ser humilhado.

Gui (2002) utilizou a técnica do grupo focal para descrever as representações sociais de profissionais da área de Recursos Humanos de uma instituição bancária sobre prazer e sofrimento no trabalho. Concluiu que os profissionais reconhecem a existência de situações que geram prazer e sofrimento na empresa investigada e atribuem aos profissionais de recursos humanos o papel de intervir nas situações de sofrimento com o objetivo de diminuí-lo e de potencializar as vivências de prazer na organização.

Barros e Mendes (2003) investigaram as estratégias defensivas utilizadas por trabalhadores contra o sofrimento na área de construção civil. Entrevistaram 20 trabalhadores e identificaram sofrimento por meio de indicadores como desgaste físico e mental e falta de reconhecimento. Veras (2006) investigou a inter-relação do Custo Humano da Atividade com as relações sociais de trabalho em um serviço de teleatendimento governamental. Os teleatendentes possuem pouca autonomia de trabalho e desempenham tarefas repetitivas efetuadas sob monitoramento constante, além de trabalharem em ambientes críticos e sujeitos a informações insuficientes. Isso caracteriza um trabalho marcado pela burocracia, autoritarismo, rigidez e controle, conflitos entre pares e entre teleatendentes e chefes de turma. Esses elementos sobrecarregam as esferas física, cognitiva e afetiva, mormente, destaca a autora, os custos cognitivos (variedade de informações e diversidade de usuários) e afetivos (controle das emoções na interação com o usuário). A autora identificou a forma de enfrentamento dos teleatendentes, que, se eficaz, promove vivências de prazer ou bem-estar; se não, gera sofrimento ou mal-estar. Destaca ainda as relações sociais

de trabalho, que assumem dupla função, pois tanto podem ser geradoras de custo humano quanto exercer papel de estratégias de mediação.

A definição do construto prazer-sofrimento no trabalho tem-se revelado bastante problemática. Embora a metodologia predominante nas investigações da psicodinâmica seja a qualitativa, Mendes (1999; 2003) testou a estrutura empírica do construto de prazer-sofrimento no trabalho por meio da análise fatorial exploratória. Seus resultados revelaram que as vivências de prazer-sofrimento formam um único construto composto por quatro fatores, dois de prazer (realização e liberdade) e dois de sofrimento (desgaste e desvalorização). Apesar dessa identificação empírica da estrutura do construto, sua definição permanece inconclusa e muitos debates persistem sobre sua metodologia de investigação. Somente no Brasil, onde há um significativo número de estudos sobre saúde mental e trabalho (Codo et al., 2004; Merlo et al., 2003) e prazer-sofrimento no trabalho (Ferreira & Mendes, 2001; 2003; Mendes, 1999; 2003; Mendes & Morrone, 2002; Mendes & Tamayo, 2001; Mendes et al., 2003; Resende, 2003; Rocha, 2003; Veras, 2006), ainda existe divergência sobre o que abordar nesses temas tão próximos e como fazê-lo. Mas delongar-se nessa diferenciação não é objetivo deste estudo. O leitor poderia remeter-se ao primeiro ou ao segundo grupo de autores para aprofundar-se em uma ou em ambas as abordagens. Neste estudo, o interesse foi investigar se valores individuais relativos ao trabalho seriam antecedentes de prazer-sofrimento no trabalho.

### Valores individuais

A vivência em sociedade envolve, necessariamente, exigências universais do ser humano. Para viver em sua cultura, o indivíduo precisa satisfazer necessidades biológicas do organismo, necessidades sociais que irão regular sua interação com as pessoas e necessidades socioinstitucionais relacionadas à sobrevivência e ao bem-estar dos grupos. Para viver bem com o grupo onde está inserido, o indivíduo precisa reconhecer essas necessidades e buscar respostas adequadas para satisfazê-las. Os valores surgem, então, como princípios que norteiam o comportamento do indivíduo (Tamayo, Mendes & Paz, 2000). Referem-se a modelos de comportamento que contribuem com a

forma de pensar, agir, perceber e comunicar das pessoas. Envolve uma relação de preferências e sempre pressupõem uma distinção entre o que é fundamental e o que é secundário (Tamayo, 1994).

Rokeach (1973) classificava os valores em terminais e instrumentais. Os primeiros representavam as grandes metas do ser humano e os segundos se referiam às formas idealizadas de se comportar para atingir as metas. Embora Rokeach (1973) tenha sido um importante marco no estudo dos valores, seus estudos sofreram algumas críticas como as de Gouveia, Martínez, Meira e Milfont (2001), que apontaram a indefinição da estrutura de valores, a restrição das amostras dos seus estudos e o tipo de medida empregada. As críticas aos estudos de Rokeach levaram à proposição de outros modelos teóricos que tentaram aprimorar seus pontos de fragilidade.

Em 1992, Schwartz, revendo seus estudos com Bilsky, identificou, em pesquisa transcultural, uma estrutura de dez tipos motivacionais de valores baseados nas necessidades humanas biológicas básicas, de coordenação social, e os requisitos para o bom funcionamento dos grupos: Poder, 'Auto-realização', 'Hedonismo', 'Estimulação', 'Autodeterminação', 'Universalismo', 'Benevolência', 'Tradição', 'Conformidade' e 'Segurança'.

Os estudos de Schwartz (1992) resultaram na reunião, originada da técnica estatística da análise de escalonamento multidimensional, dos tipos motivacionais em duas dimensões bipolares. A primeira delas é a 'Autotranscendência versus Autopromoção', dimensão que abarca, de um lado, os tipos motivacionais de Universalismo e Benevolência, enfatizando a preocupação com o bem-estar dos outros e, de outro lado, os tipos motivacionais de Poder e Autorrealização, enfatizando a busca pelo sucesso e o domínio sobre os outros. A segunda polaridade é 'Abertura à mudança versus Conservação', que agrupa, em um extremo, o Hedonismo, a Estimulação e a Autodeterminação, referindo-se à busca de independência de pensamento e da mudança, e, no outro extremo, os tipos de Tradição, Conformismo e Segurança, sendo sua ênfase na tradição, na estabilidade, na manutenção do *status quo*. Os valores que um indivíduo constrói ao longo de sua vida irão interferir em vários campos de sua vida pessoal, familiar e profissional.

## Valores individuais relativos ao trabalho

Segundo Porto e Tamayo (2003), os estudiosos interessam-se pela investigação dos valores relativos ao trabalho pela função social do trabalho como fonte de renda e de sustento humano e "como base para a participação social, o status social, a saúde, a vida familiar" (p.19). Citando Nord, Brief, Atieh e Doherty (1988), Porto e Tamayo (2003) afirmam que os "valores relativos ao trabalho são componentes importantes da realidade social, que influenciam o tipo de trabalho desenhado para as pessoas, a socialização para o trabalho e a forma como as pessoas relacionam o trabalho a outros aspectos da sua vida" (p.19).

Valores exercem importante função de motivação na vida dos indivíduos, dando destaque ao que é importante para o indivíduo em várias esferas da vida (Porto & Tamayo, 2003); no trabalho, no esporte e na religião, por exemplo. Os valores relativos ao trabalho são definidos (Porto & Tamayo, 2003) como preferências em relação às recompensas do trabalho. Para Porto e Tamayo, os valores relativos ao trabalho determinam as preferências dos indivíduos sobre modos, meios, comportamentos e resultados. Além disso, quando possuem opções de escolha, as pessoas tendem a ser atraídas por trabalhos que sejam compatíveis com seus interesses, com seus valores e com suas capacidades.

O sofrimento ou a felicidade do trabalhador depende de muitos fatores. Como apontam os estudos da psicodinâmica do trabalho, particularmente os de Mendes (1999; 2003), a realização e a liberdade compõem a definição de prazer no trabalho, enquanto as dimensões de desgaste e desvalorização compõem a definição de sofrimento. Ambos os conceitos formam o construto de prazer-sofrimento no trabalho, proposto por Dejours (1998), derivado da psicodinâmica do trabalho definida por Dejours (1992) a partir da proposta da psicopatologia do trabalho, do mesmo autor, em 1980.

Considerando o que foi exposto, foi objetivo deste estudo investigar o impacto dos valores individuais relativos ao trabalho no prazer-sofrimento do trabalhador. A hipótese principal do estudo foi de que valores relativos ao trabalho contribuiriam para a determinação do prazer ou do sofrimento de trabalhadores com formação educacional de nível superior. Adicionalmente foram investigadas as relações entre algumas variáveis sociodemográficas (idade, tempo na

função, tempo de empresa, área de formação e tempo de formado) e 'realização', 'liberdade', 'desgaste' e 'desvalorização' (fatores de prazer-sofrimento no trabalho) de trabalhadores com formação superior.

## Método

Este foi um estudo de corte transversal. O desenvolvimento do método consistiu na aplicação de questionários estruturados e as respostas dos participantes foram analisadas estatisticamente, o que o diferenciou da maioria dos estudos sobre prazer-sofrimento no trabalho, tanto daqueles relatados na literatura internacional quanto na literatura nacional. Conforme se pôde demonstrar anteriormente, esses estudos são caracterizados, em sua maioria, por métodos que abrangem a coleta de respostas discursivas dos participantes, posteriormente tratadas por técnicas estatísticas e/ou de categorização. Entrevistas compõem a maioria dos métodos de coleta de dados dos estudos sobre o tema prazer-sofrimento no trabalho (Barros & Mendes, 2003; Ferreira & Mendes, 2003; Merlo et al., 2003; Rocha, 2003; Veras, 2006), análise ergonômica do trabalho (Ferreira & Mendes, 2003) e análises de conteúdo (Barros & Mendes, 2003), a maioria dos métodos de análise dos dados.

Essa opção metodológica foi importante exatamente por divergir do lugar-comum existente sobre essa temática, lembrando que, em ciência, há o momento de explorar o fenômeno e o momento de buscar relações entre ele e outros. Foi o que se procurou fazer no estudo que aqui se relata.

Estudos que utilizaram métodos de coleta e/ou de análise semelhantes, não exatamente sobre as mesmas variáveis, mas abordando uma delas pelo menos, foram feitos por Mendes (1999) e Porto e Tamayo (2003), quando a primeira construiu e utilizou a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho, e os dois últimos, a Escala de Valores Relativos ao Trabalho. De todo modo, parece que a busca de relações entre prazer-sofrimento e outros fenômenos é oportuna e bem-vinda depois de mais de uma década de descrição do fenômeno no Brasil.

## Participantes

Participaram do estudo 178 profissionais de nível superior, com média de idade de 36 anos (Desvio-Pa-

drão - DP=10), que exerciam a mesma função há cinco anos em média (mas com ampla variação, já que o DP foi de cinco anos) e tinham um tempo médio de formado de dois anos e três meses (DP=1 ano e 6 meses). Participantes com tempo de graduação menor do que um ano foram excluídos deste estudo por se entender que, com tempo inferior a esse período, tais profissionais poderiam não ter tido tempo de empregar-se ou estariam felizes simplesmente pela obtenção do primeiro emprego. O grupo trabalhava há sete anos, em média, na mesma empresa (DP=6 anos). Mulheres constituíam a maioria dos participantes (56%); 62% eram casados e 38% viviam sós; 61% eram pós-graduados. Do total, 58% pertenciam à área das Ciências Sociais Aplicadas, 14% das Ciências Exatas e da Terra, 11% das Humanas, 8% das Engenharias, 7% das Ciências da Saúde; 2% não informaram sua área de formação acadêmica.

## Procedimentos

Aos participantes da pesquisa foram apresentados os objetivos do trabalho e garantido o total anonimato na análise e na publicação dos resultados. Obtida a autorização e preenchido um 'termo de consentimento' para atender à Resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram entregues as escalas, o Questionário de Dados Demográficos e uma folha de orientações gerais. Os participantes preencheram os instrumentos sem a assistência da pesquisadora porque eram todos autoaplicáveis.

As respostas dos participantes aos instrumentos foram codificadas numa planilha do *Statistical Package of The Social Sciences* (SPSS) e submetidas a cálculos estatísticos descritivos, às análises para testar os pressupostos da regressão e, finalmente, às análises de regressão múltipla padrão para testar as hipóteses do estudo.

## Instrumentos

Para avaliar os construtos que foram objeto deste estudo, foram utilizadas duas escalas fatorialmente validadas. A Escala de Valores Relativos ao Trabalho (EVRT) (Porto & Tamayo, 2003), composta por quatro valores (realização no trabalho, relações sociais, prestígio e

estabilidade), com 45 itens e alfa de Cronbach variando de 0,81 a 0,88. O fator 'Realização no trabalho' refere-se à busca de prazer e realização pessoal e profissional, assim como independência de pensamento e ação obtida através da autonomia intelectual e da criatividade; 'Relações sociais' compreende a busca de relações sociais positivas no trabalho e de contribuição positiva para a sociedade por meio do trabalho; 'Prestígio' trata da busca de autoridade, sucesso profissional e influência no trabalho e 'Estabilidade' refere-se à busca de segurança e ordem na vida, possibilitada pelo suprimento das necessidades pessoais através do trabalho.

O segundo instrumento foi a Escala de Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST) (Mendes, 2003), com 29 itens distribuídos em quatro fatores, dois relativos a prazer e dois a sofrimento: 'Realização', 'Liberdade', 'Desgaste' e 'Desvalorização' com alfas de 0,80 a 0,86.

O fator 'Realização' refere-se ao sentimento de gratificação, orgulho e identificação com um trabalho que atende às necessidades profissionais. 'Liberdade' trata do sentimento de estar livre para pensar, organizar e falar sobre o trabalho. O sentimento de incompetência diante das pressões para atender as exigências de desempenho e produtividade é o conteúdo do fator 'Desvalorização'. 'Desgaste' é composto por aspectos como desânimo, cansaço, ansiedade, frustração, tensão emocional, sobrecarga e estresse no trabalho.

Foi ainda utilizado um questionário com nove questões para levantamento dos dados sociobiográficos referentes à idade, gênero, estado civil, escolaridade, emprego atual, cargo ocupado, tempo na função, tempo na empresa e nível do cargo ocupado.

## Resultados

De todos os valores relativos ao trabalho, o mais importante para os participantes é o de 'Realização no Trabalho', que, em uma escala de cinco pontos (ponto médio = 3), obteve a maior média. 'Estabilidade' e 'Relações Sociais' também são valores importantes para esses participantes, embora um pouco menos. O único valor relativo ao trabalho que teve média menor do que a média da escala de respostas, revelando que os trabalhadores não o tinham como um valor importante, foi 'Prestígio'. Resultados de testes *t* entre as médias revelaram diferenças significantes entre elas e entre essas e o ponto médio da escala (valores significantes a  $p < 0,001$ ) (Tabela 1).

Com relação aos indicadores de prazer e sofrimento no trabalho, nota-se que 'Liberdade' apresentou a média mais alta entre todos os fatores (3,82, numa escala de cinco pontos, cujo ponto médio é de 3), indicando alta vivência desse fator. Quanto à 'Realização', os resultados indicaram que os participantes experimentavam vivência moderada desse fator (3,35). Comparações entre as médias realizadas por meio de teste *t* revelaram diferenças significativas entre elas mesmas e entre elas e o ponto médio da escala (valores significantes a  $p < 0,001$ ) (Tabela 1).

Mendes e Tamayo (2001) destacam que os trabalhadores relatam mais frequentemente vivências mais acentuadas de prazer do que de sofrimento no trabalho. Segundo Resende e Mendes (2004), uma média de 3,5 já seria compreendida como alta vivência no fator avaliado. A média do fator 'Desgaste' (2,62) também indicou vivência moderada do fator, enquanto 'Desvalorização' teve média baixa (2,18). 'Desgaste' foi o fator com

**Tabela 1.** Médias e desvio-padrão dos valores relativos ao trabalho e dos fatores de prazer-sofrimento no trabalho.

Construto	Fator	Média	Desvio-Padrão	<i>t</i>	gl
Valores relativos ao trabalho	Realização no trabalho	4,27	0,44	130,70*	176
	Estabilidade	3,93	0,57	91,12*	176
	Relações sociais	3,79	0,63	79,78*	176
	Prestígio	2,55	0,56	60,29*	176
Prazer-sofrimento no trabalho	Liberdade	3,82	0,65	82,77*	176
	Realização	3,36	0,35	128,85*	176
	Desgaste	2,63	0,74	48,40*	176
	Desvalorização	2,18	0,61	47,29*	176

\* $p < 0,01$ .

o maior desvio-padrão (0,73), o que indica que havia trabalhadores que se sentiam moderadamente desgastados, próximos à alta vivência do fator (3,35).

O valor relativo ao trabalho 'Realização' foi descartado do modelo porque sua definição se sobrepunha à definição de uma das variáveis consequentes deste estudo, a Realização, aqui avaliada como sentimento vivenciado como prazer no trabalho e não como valor. Além disso, uma análise fatorial revelou a impossibilidade de discriminá-los. Por isso, o instrumento de Mendes (2003) mostrou-se mais adequado à medida do conceito.

Foram feitas análises de regressão padrão de caráter exploratório com o objetivo de identificar a significância das variáveis sociodemográficas como preditoras dos fatores de prazer e de sofrimento no trabalho. Depois dessa 'limpeza', foram calculadas outras quatro regressões-padrão, tendo como antecedentes os valores relativos ao trabalho e algumas variáveis sociodemográficas que se mostraram significantes nas regressões exploratórias e como variáveis consequentes de cada um dos fatores de prazer-sofrimento no trabalho: 'Realização', 'Liberdade', 'Desgaste' e 'Desvalorização'. Isento de variáveis demográficas, o modelo que reuniu os VRT 'Relações Sociais', 'Prestígio' e 'Estabilidade' predisse significativamente apenas 9% da variância total de 'Realização' ( $R^2=0,09$ ;  $F=6,13$ ;  $p<0,01$ ), sendo o VRT 'Relações Sociais' o único antecedente significativo nessa predição ( $\beta=0,30$ ;  $t=3,95$ ;  $p<0,01$ ).

O modelo que reuniu 'Área de Formação Acadêmica' e os três VRT predisse significativamente 12% ( $R^2=0,12$ ;  $F=6,03$ ;  $p<0,01$ ) da variância total do fator 'Liberdade'. 'Área de Formação Acadêmica' ( $\beta=0,14$ ;  $t=1,97$ ;  $p<0,05$ ), 'Relações Sociais' ( $\beta=0,28$ ;  $t=3,66$ ;  $p<0,01$ ) e 'Estabilidade' ( $\beta=-0,22$ ;  $t=-2,83$ ;  $p<0,01$ ) colaboraram inversa e significativamente para essa predição.

O modelo que reuniu 'Idade' e os três VRT predisse significativamente 22% de 'Desgaste' ( $R^2=0,22$ ;  $F=12,05$ ;  $p<0,01$ ); colaboraram significativamente para isso as variáveis 'Idade' ( $\beta=-0,26$ ;  $t=-3,76$ ;  $p<0,01$ ) e 'Relações Sociais' ( $\beta=-0,26$ ;  $t=-3,62$ ;  $p<0,01$ ), em sentido inverso, sendo 'Estabilidade' preditor direto ( $\beta=0,32$ ;  $t=4,45$ ;  $p<0,01$ ).

O modelo que reuniu 'Idade', 'Tempo de formado' e os três VRT predisse significativamente 24% de

'Desvalorização' ( $R^2=0,24$ ;  $F=10,10$ ;  $p<0,01$ ); foram significantes nessa predição as variáveis 'Idade' ( $\beta=-0,49$ ;  $t=-4,36$ ;  $p<0,01$ ), em sentido inverso, 'Tempo de formado' ( $\beta=0,32$ ;  $t=2,85$ ;  $p<0,01$ ), 'Relações Sociais' ( $\beta=-0,26$ ;  $t=-3,50$ ;  $p<0,01$ ), em sentido inverso, e 'Estabilidade' ( $\beta=0,25$ ;  $t=3,40$ ;  $p<0,01$ ). Como tempo de formado e idade apresentaram correlação positiva e significativa ( $r=0,78$ ,  $p<0,001$ ), pareceu incoerente o sentido da relação entre 'Tempo de formado' e "Desvalorização". Por isso, foi testado o possível papel do 'Tempo de formado' como variável supressora no modelo, conforme recomendam Abbad e Torres (2002). A variável 'Tempo de formado' teve uma correlação baixa ( $r=-0,065$ ) com 'Desvalorização' (variável-critério). Quando entrou na regressão como preditora, apresentou um Beta muito maior e de sinal oposto ( $\beta=0,40$ ) ao da correlação com a variável-critério, podendo, assim, ser identificada como possível variável supressora (Abbad & Torres, 2002). Por essa razão, essa variável foi eliminada do modelo.

## Discussão

Apesar de a maior parte dos estudos sobre prazer-sofrimento no trabalho utilizar métodos de coleta de dados que envolvem respostas discursivas dos participantes, analisadas estatisticamente e/ou por categorização de conteúdos verbalizados, compreende-se que a opção metodológica deste estudo tenha colaborado para enriquecer os achados existentes. A opção metodológica utilizada nesta investigação pôde apontar, embora não tenha sido o primeiro estudo a fazê-lo, para a possibilidade de abordar a temática com método diferente do frequentemente utilizado, sem perder a riqueza do conhecimento do fenômeno e a importância das conclusões.

Inicialmente, vale afirmar que a hipótese principal deste estudo foi parcialmente confirmada. Os valores relativos ao trabalho e algumas variáveis sociodemográficas contribuíram favoravelmente para a predição do prazer e do sofrimento de trabalhadores com formação superior. Um valor, 'Relações Sociais', foi preditor significativo dos dois indicadores de prazer e dos dois de sofrimento. Mas foi interessante perceber que o modelo explicou percentual de variância muito maior dos fatores de sofrimento (desgaste e desvalorização) do que dos de prazer (liberdade e realização).

Esses dados corroboram uma parte da literatura e complementam a outra. Mendes e Morrone (2002) ponderaram que o confronto entre a subjetividade do trabalhador e as relações sociais pode gerar sofrimento. Veras (2006) destacou a importância das relações sociais de trabalho, identificando sua dupla função tanto como geradora de custo humano quanto fonte de bem-estar ao exercerem papel de estratégias de mediação. Se o trabalho for significativo, as relações sociais ali estabelecidas podem funcionar como facilitadoras do prazer; contrariamente, para um trabalho fracionado e sem significado (Davezies, 2000), de pouco adiantaria o trabalhador utilizar-se das relações sociais como estratégia de enfrentamento para tornar um trabalho mais significativo, porque isso lhe seria pouco eficiente. O que os achados deste estudo mostraram empiricamente é que as relações sociais, dependendo do contexto avaliado, também podem gerar prazer para o trabalhador pela 'Realização' (apenas 'Relações Sociais' foi seu preditor direto e significativo), provavelmente porque, no caso dos trabalhadores participantes, seu trabalho tenha mais significado, visto que todos demandam escolaridade de nível superior, o que lhes permite desenvolver atividades mais flexíveis, mais autônomas e mais voltadas às suas áreas de formação.

Os valores 'Relações Sociais' e 'Estabilidade' predisseram significativamente 'Liberdade', sendo essa relação direta com o primeiro valor e inversa com o segundo. Assim, quanto mais o indivíduo valorizava a Estabilidade, menos se sentia livre no trabalho. O valor 'Estabilidade' se refere à busca de segurança e ordem na vida através do trabalho, permitindo suprir materialmente necessidades pessoais. O fator de prazer 'Liberdade', por outro lado, é definido como o sentimento de estar livre para pensar, organizar e falar sobre o trabalho. "A definição de 'Estabilidade' talvez possa explicar essa relação inversa. Seus itens incluem forte aspecto da necessidade financeira, e referem-se a fazer com que as pessoas abram mão de trabalhar em atividades ou funções que deem liberdade para pensar e organizar seu trabalho em prol de ter um determinado retorno financeiro. Ou seja: há uma troca da liberdade por estabilidade financeira claramente embutida no conteúdo dos itens da escala. Assim, ao optar por estabilidade, os participantes, para serem coerentes, sentem menos liberdade, algo que lhes traria prazer, e talvez seja essa a

lógica da contradição entre ambos e da própria dinâmica do trabalho como se configura no mundo atual: os trabalhadores, ao optarem por um, abrem mão do outro.

Os valores 'Relações Sociais' e 'Estabilidade' também foram preditores significantes de 'Desgaste' e 'Desvalorização'. A direção dessa relação se mostrou inversa entre o valor 'Relações Sociais' e os dois fatores de sofrimento ('Desgaste' e 'Desvalorização') e direta entre 'Estabilidade' e esses mesmos fatores ('Desgaste' e 'Desvalorização'). Dessa forma, quanto menor foi o valor 'Relações Social' para o indivíduo, maior seu sofrimento. Ao analisar os itens do valor 'Relações Sociais' pode-se notar que ele compreende expectativas muito mais voltadas à doação por parte do indivíduo do que à expectativa de receber algo dessa relação. Essa diferença talvez seja fator importante na explicação das vivências de prazer-sofrimento no trabalho.

O valor 'Relações Sociais' compreende a busca de relações sociais positivas no trabalho e de contribuição positiva para a sociedade por meio do trabalho (Porto & Tamayo, 2003). Ao examinar mais detalhadamente os itens que compõem a escala de medida desse valor, pode-se notar que eles compreendem aspectos mais altruístas dessa relação. O trabalhador que considera esse valor importante entende que deve 'ajudar os outros', 'auxiliar os colegas de trabalho', 'ter um bom relacionamento com colegas de trabalho', 'colaborar com o desenvolvimento da sociedade', 'ser útil para a sociedade', 'ter compromisso social', 'combater injustiças sociais', entre outros itens que compõem o fator. Isso faz com que ele sinta maior prazer quando pode vivenciar relações sociais satisfatórias em seu trabalho, que, como destacam Ferreira e Mendes (2003), é uma das dimensões fundamentais hierárquicas, intra e intergrupos e externas (usuários, consumidores, fornecedores, etc.) que o trabalhador desenvolve em seu ambiente de trabalho (Ferreira & Mendes, 2003). Para esses autores, as relações sociais presentes no contexto de trabalho e a relação do sujeito consigo mesmo compõem uma dinâmica tridimensional da qual o trabalho é inseparável. A combinação dinâmica da interação entre o mundo objetivo (próprio contexto de produção de bens e serviços), o mundo social (formado pelos compromissos coletivos firmados nas diversas situações de trabalho) e o mundo subjetivo (que é representado pelo próprio sujeito trabalhador, com sua subjetividade)

formará a subjetividade no trabalho através de cada contexto de produção.

O confronto entre a subjetividade do trabalhador e as relações sociais pode gerar sofrimento. Talvez o que possa ser acrescentado por este estudo é que, dependendo do contexto avaliado, as relações sociais também podem gerar prazer para o trabalhador. Se não há relações sociais satisfatórias, o indivíduo é esvaziado de seu significado social, diminuído, humilhado, desvalorizado. Quando vê seu trabalho esvaziado de conteúdo e de significado (Davezies, 2000), o indivíduo nem tem oportunidade de compreender porque está fazendo seu trabalho e, portanto, perde a oportunidade de captar seu significado. Por isso, sequer compreende o motivo da existência do trabalho que executa, pois como vai poder sentir-se útil a alguém (como presume o valor 'Relações Sociais') se é desvalorizado no trabalho, humilhado, diminuído por rotinas sistemáticas de pressão e isolamento, se é, como no relato do estudo de Merlo et al. (2000), colocado na 'salinha de castigo', tal qual criança insubordinada, ou submetido à aceleração do ritmo de trabalho porque está tendo tempo para conversar? A alta frequência da categoria 'Relação com as pessoas' reforça, em parte, os achados das análises de regressão (Tabela 1).

Pode-se ainda tentar traçar um paralelo entre o valor 'Relações Sociais' e os tipos motivacionais de valores (Tamayo & Schwartz, 1993). Se o tipo motivacional estiver na categoria de Benevolência ou Universalismo, prevalecem os interesses coletivos, como esse; se estiver na categoria de Autodeterminação, se destacam os interesses individuais (Tamayo & Schwartz, 1993). Outra relação ainda pode ser feita: se o tipo motivacional perseguir a dimensão Autotranscendência, prevalecerão interesses coletivos como 'Relações Sociais'; se por outro lado, perseguir a Autopromoção, prevalecerão os interesses individuais.

Quanto à relação entre o valor 'Estabilidade' e os fatores de sofrimento, a explicação provavelmente esteja no fato de que quanto mais se valorizam os aspectos materiais do trabalho, maior é a necessidade de 'ganhar dinheiro', 'suprir necessidades materiais', ou mesmo 'ter estabilidade no trabalho', e mais o indivíduo sofre. Esses resultados corroboram os resultados de pesquisa de Diener et al. (2003) sobre o bem-estar, na qual os autores concluem que as pessoas que desejam

muito a riqueza e o dinheiro são mais infelizes do que aqueles que não os desejam. Esses autores destacam ainda que, do ponto de vista eudemônico, dar maior prioridade para coisas materiais (dinheiro, fama e imagem) do que a si mesmo não satisfaz as necessidades psicológicas básicas, podendo, na melhor das hipóteses, satisfazê-las parcialmente e, na pior, desviar o indivíduo de um foco que produziria a realização de uma necessidade.

Os resultados também mostraram que nenhuma das variáveis sociodemográficas produziu impacto na explicação da 'Realização'. Vale destacar que 'Área de Formação Acadêmica' foi preditor significativo de 'Liberdade' e que pessoas formadas em áreas das ciências 'Sociais Aplicadas' e de 'Ciências Humanas' (classificadas segundo categorização do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2004) sentiam-se mais livres no trabalho do que as das outras áreas. Dependendo ainda da profissão exercida pelo participante a partir de sua formação, ele se sentia mais ou menos livre no trabalho no sentido da definição de 'Liberdade' dada por Mendes (2003): sentimento de estar livre para pensar, organizar e falar sobre o trabalho. Esse resultado talvez possa ser explicado pela formação mais humanitária dos profissionais das áreas das ciências humanas e sociais que são submetidos a currículos em cujos conteúdos encontram-se disciplinas como filosofia, antropologia e sociologia. Com esse tipo de formação, espera-se que profissionais dessas áreas valorizem mais a liberdade no sentido da flexibilidade, da autonomia, do pensamento livre.

'Idade', outra variável sociodemográfica, foi preditora significativa de 'Desgaste' e de 'Desvalorização' numa relação inversa: quanto maior a idade, menor foi o sentimento de 'Desgaste' e de 'Desvalorização'. Como idade cronológica associa-se com maturidade e com a forma como as pessoas lidam com as situações adversas do dia a dia, talvez o tempo, que presumivelmente proporciona amadurecimento emocional ou, em contraponto, quebranta a esperança das pessoas, auxilie-as a administrar melhor essas questões. E com o tempo, as pessoas passam a priorizar valores diferentes. Estudos feitos por Schwartz (1992) mostram que as pessoas mais jovens priorizam valores de Hedonismo, Autopromoção-Poder e Autorrealização; ao contrário, quanto maior a idade, mais os indivíduos priorizam os tipos motivacionais Benevolência e Universalismo.

## Conclusão

Este estudo veio confirmar que 'Relações Sociais' é o valor relativo ao trabalho que produz o maior impacto sobre o prazer-sofrimento que o trabalhador sente no trabalho, destacadamente, sobre o sofrimento, em sentido inverso. Ou seja, embora seja apenas um pequeno promotor do prazer no trabalho, 'Relações Sociais' pode abrandar bastante o sofrimento trazido pela ausência de significado e pelo fracionamento do trabalho. Ambos os fatores de prazer são impactados positivamente por 'Relações Sociais', mas seu grande papel parece ter sido o de redutor do sofrimento no trabalho.

Realização e Liberdade sofreram o impacto dos valores que o indivíduo tem em relação ao trabalho, especialmente de 'Relações Sociais'. As altas médias dos sujeitos no valor 'Realização no Trabalho', tratadas apenas descritivamente neste estudo, mostram ser esse um valor importante para os trabalhadores participantes dessa investigação, tendo tido a maior média dentre todos os valores relativos ao trabalho.

Neste estudo, investigaram-se trabalhadores de nível superior, partindo do pressuposto de que, para melhor avaliar o fenômeno prazer-sofrimento no trabalho, seria importante que o indivíduo já tivesse feito uma escolha profissional e nela atuado há, pelo menos, um ano. Através dessa opção metodológica, foi possível conhecer um pouco da realidade desse fenômeno nesse grupo de profissionais e relacioná-la a valores pessoais relativos ao trabalho. Porém, entende-se que o tema deva ser investigado de maneira mais ampla, buscando estender sua compreensão para profissionais que não fizeram curso superior.

Os resultados do estudo aqui relatado trouxeram consigo alguns questionamentos. Pergunta-se se os profissionais sem formação superior que atuam em atividades mais operacionais teriam necessidades diferentes (valores relativos ao trabalho) em relação às categorias profissionais dos participantes deste estudo e se isso se deveria a possíveis alterações e diferenciações nos significados que as diferentes categorias profissionais atribuem aos seus trabalhos. Os trabalhadores de formação superior teriam uma significação mais integrada de seu trabalho do que os trabalhadores de categorias profissionais que não exigem formação

superior? Como se dariam as vivências de prazer-sofrimento em profissionais que realizam trabalhos mais repetitivos, monótonos e menos autônomos? O prazer seria possível? De que maneira? A vivência da realização e da liberdade obedeceria aos mesmos padrões em categorias profissionais que exigem escolaridade menor? Estaria a escolaridade relacionada ao valor 'Relações Sociais' e seria ela, então, um determinante do prazer? Essas são questões importantes que não foram respondidas neste estudo por não fazerem parte de seu objetivo, mas que sugerem a necessidade de investigações posteriores.

O estudo dos valores relativos ao trabalho mostrou-se norteador para a compreensão do fenômeno do prazer. É importante, dessa forma, destacar que uma melhor elucidação desse tema pode ser, em muito, facilitada pela realização de novas investigações que avaliem grupos de trabalhadores com diferentes valores em relação ao trabalho.

Esses foram os resultados de um grupo que apresentou alta média no valor Realização no Trabalho (4,27, numa escala de 5 pontos). Em função dessa limitação, ficam as dúvidas para serem investigadas no futuro: poderiam os resultados ser diferentes se esse valor não fosse preponderante para os profissionais? Se fosse avaliado um grupo que tivesse estabilidade como valor predominante em relação ao trabalho, por exemplo, as categorias finais seriam também diferentes? Como seria o resultado dessas investigações num grupo de trabalhadores do setor público? Os resultados seriam equivalentes aos encontrados neste estudo? Esses questionamentos sugerem uma agenda de pesquisa a ser explorada.

Os resultados deste estudo apontaram ainda que pessoas mais velhas apresentavam menos vivências de sofrimento (menos Desgaste e menos Desvalorização), o que levou a outro questionamento: será que, apesar da evolução dos estudos que mostram claramente o papel da organização nos vínculos que o trabalhador desenvolve com ela e com o seu trabalho, para que o trabalhador experimente menos sofrimento, só lhe restaria esperar pelo passar do tempo? Ou seria o amadurecimento trazido pela idade mera descrença e simples desistência de ter esperanças? Muitos estudos ainda

se fazem necessários para elucidar tais dúvidas. Urge tentar esclarecê-las e descobrir o papel de tantas variáveis individuais e organizacionais e o impacto que produzem no indivíduo e na organização. É esta a reflexão final que se quer deixar.

## Referências

- Abbad, G., & Torres, C. V. (2002). Regressão múltipla stepwise e hierárquica em psicologia organizacional: aplicações, problemas e soluções. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7 (Número Especial), 19-29.
- Barros, P. C. R., & Mendes, A. M. (2003). Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico USF*, 8 (1), 63-70.
- Clot, Y. (2001). Clinique du travail, clinique du réel. *Le Journal des Psychologues*, 185, 48-51.
- Codo, W., Soratto, L., & Vasques-Menezes, I. (2004). Saúde mental e trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp.276-299). Porto Alegre: Artmed.
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2004). *Tabelas de áreas do conhecimento*. Recuperado 2004 10, novembro, disponível em [www.cnpq.br/formularios/](http://www.cnpq.br/formularios/)
- Davezies, P. (2000). Évolution des organisations du travail et atteintes à la santé. *La Revue de L'atim: Securitee et Medecine du Travail*, 127, 4-18.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dejours C. (1998). *Plaisir et souffrance dans le travail*. Paris: Edition de l'AOCIP.
- Dejours, C. (2008). Novas formas de servidão e de suicídio. In A. M. Mendes (Org.), *Trabalho e saúde* (pp.26-39). Curitiba: Juruá Editora.
- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture, and subjective well-being: emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology*, 54, 403-425.
- Ferreira, A. B. H. (1988). *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2001). Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: uma atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estudos de Psicologia* (Natal), 6 (1), 93-104.
- Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2003). *Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira*. Brasília: Ler, Pensar e Agir.
- Gouveia, V. V., Martínez, E., Meira, M., & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia* (Natal), 6 (2), 133-142.
- Gui, R. T. (2002). Prazer e sofrimento no trabalho: representações sociais de profissionais de recursos humanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22 (4), 86-93.
- Lancman, S., & Sznelman, L. I. (Org.). (2004). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Mendes, A. M. (1995). Os novos paradigmas de organização do trabalho: implicações na saúde mental dos trabalhadores. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 23 (85/86), 55-60.
- Mendes, A. M. (1999). *Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Brasília.
- Mendes, A. M. (2003). *Validação de uma escala de indicadores de prazer-sofrimento no trabalho*. Manuscrito não-publicado, Universidade de Brasília.
- Mendes, A. M., Costa, V.P., & Barros, P. C. R. (2003). Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3 (1), 59-72.
- Mendes, A. M., & Tamayo, A. (2001). Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. *Psico USF*, 6 (1), 39-46.
- Mendes, A. M., & Morrone, C. F. (2002). Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In A. M. Mendes, L. O. Borges & M. C. Ferreira (Eds.), *Trabalho em transição, saúde em risco* (pp.26-42). Brasília: Universidade de Brasília.
- Merlo, A. R. C., Vaz, M. A., Spode, C. B., Elbern, J. L. G., Karkow, M. R. N., & Vieira, P. R. B. (2003). O trabalho entre prazer, sofrimento e adoecimento: a realidade dos portadores de lesões por esforços repetitivos. *Psicologia & Sociedade*, 15 (1), 117-136.
- Porto, J. B., & Tamayo, A. (2003). Escala de valores relativos ao trabalho EVT. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19 (2), 145-152.
- Resende, S. (2003). *Vivências de prazer e sofrimento no trabalho bancário: o impacto dos valores individuais e das variáveis demográficas*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de Brasília.
- Resende, S., & Mendes, A. M. (2004). A sobrevivência como estratégia para suportar o sofrimento no trabalho bancário. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 4 (1), 151-175.
- Rocha, S. R. A. (2003). *O pior é não ter mais profissão, bate uma tristeza profunda: sofrimento, distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho e depressão em bancários*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de Brasília.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudemonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-66.

- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Towards a universal psychological structures of humans values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53 (4), 550-562.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (pp.1-65). San Diego: Academic.
- Tamayo, A., & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura motivacional dos valores humanos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9 (2), 329-348.
- Tamayo, A. (1994). Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10 (2), 269-285.
- Tamayo, A., Mendes, A. M., & Paz, M. G. T. (2000). Inventário de valores organizacionais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5 (2), 289-315.
- Tiger, L. (1993). *A busca do prazer*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Veras, V. S. (2006). *Relações sociais de trabalho e custo humano da atividade: vivências de mal-estar e bem-estar em serviço de tele atendimento governamental*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de Brasília.

Recebido em: 26/11/2007

Versão final reapresentada em: 13/8/2009

Aprovado em: 29/1/2010

# Maternidade no contexto do HIV/AIDS: gestação e terceiro mês de vida do bebê<sup>1</sup>

## *Motherhood in the context of HIV/AIDS: pregnancy and the baby at three months*

Evelise Rigoni de **FARIA**<sup>2</sup>  
Cesar Augusto **PICCININI**<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo buscou investigar, em mães primíparas portadoras do HIV/AIDS, percepções e sentimentos sobre maternidade, desenvolvimento do bebê e relação mãe-bebê, na gestação e no terceiro mês de vida do bebê. Participaram cinco mães soropositivas com idade entre 19 e 37 anos. Utilizaram-se entrevistas para investigar diversos aspectos da gestação e da maternidade. As respostas foram examinadas por análise de conteúdo qualitativa com base em três categorias: vivência da maternidade; desenvolvimento do bebê; relação mãe-bebê. As mães relataram preocupação com a possível infecção do bebê, medo do preconceito e frustração pela não amamentação. Prevaleram, entretanto, satisfações com a maternidade, com a interação mãe-bebê e com o desenvolvimento infantil. Os resultados revelaram que o HIV/AIDS não tem necessariamente um impacto negativo para a maternidade e para a relação mãe-bebê, principalmente quando há presença de apoio familiar, relacionamento positivo com a figura materna e acesso o tratamento especializado. Discute-se a importância de intervenções psicológicas diante da ansiedade associada ao HIV/AIDS na gestação e maternidade.

**Unitermos:** HIV. Maternidade. Relacionamento mãe-filho.

### Abstract

*This study sought to investigate perceptions and feelings in primiparous mothers with HIV/AIDS, about motherhood, infant development and the mother-infant relationship, during pregnancy and in the third month of life. Five seropositive mothers participated, aged between 19 and 37. Interviews were conducted to investigate the various aspects of pregnancy and motherhood. An analysis of content was carried out based on three categories: experience of motherhood; infant development; mother-infant relationship. The results indicated concerns about possible infections of the baby, the fear of prejudice and the frustration of not being able to breastfeed. However, satisfaction with motherhood, interaction with the baby and infant development prevailed. HIV/AIDS does not necessarily have a negative impact on motherhood and the mother-infant relationship, especially when the support of the family, a positive relationship with their own mothers and access to treatment are present. The importance of psychological interventions that may help these mothers to cope, faced with the anxieties associated with HIV/AIDS and motherhood, is discussed.*

**Uniterms:** Human-immunodeficiency-virus. Motherhood. Mother-child relations.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da dissertação de E.R. FARIA, intitulada *"Relação mãe-bebê no contexto de infecção materna pelo HIV/Aids: a constituição do vínculo da gestação ao terceiro mês do bebê"*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Núcleo de Infância e Família. R. Ramiro Barcelos, 2600, sala 111, 90035-003, Porto Alegre, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: E.R. FARIA. E-mail: <everigoni@gmail.com>.

A heterossexualização da epidemia de HIV/AIDS repercutiu no aumento de casos de infecção entre mulheres e na preocupação com a transmissão materno-infantil do HIV, que, no Brasil, é responsável por aproximadamente 85% dos casos de aids em crianças (Ministério da Saúde, 2007). Felizmente, a transmissão materno-infantil tornou-se passível de prevenção através das medidas profiláticas adotadas no País, desde 1996, que reduzem as chances do bebê se infectar de aproximadamente 30% para zero a 2%, e incluem: testagem anti-HIV no pré-natal; uso de antirretrovirais pelas mulheres portadoras de HIV durante gestação, trabalho de parto e parto; cesariana eletiva; uso de antirretrovirais e de medicação para prevenção de pneumonia pelo bebê nos primeiros meses de vida; e contra-indicação do aleitamento materno (Ministério da Saúde, 2006). Após o nascimento e até os 18 meses de vida - tempo que pode ser reduzido se forem usadas técnicas mais específicas para investigação da presença do vírus -, são realizados exames no bebê para definição do diagnóstico (Cardoso, 2006).

Embora muitas respostas tenham sido encontradas do ponto de vista biológico, ainda há lacunas no que se refere aos aspectos subjetivos da transição para a maternidade e relações iniciais entre mãe e bebê no contexto do HIV/AIDS. Diversos autores mencionaram a importância das relações iniciais entre mãe e bebê para o desenvolvimento infantil, entendendo que tal relação é influenciada tanto pelas características da mãe como pelas características do bebê, remetendo ao seu caráter bidirecional (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini, Gomes, Monisa & Lopes, 2004). Entre as características maternas, pode-se citar, segundo Brazelton e Cramer, as expectativas em relação à maternidade e ao bebê e o modelo de relação vivenciado com os próprios pais. Com relação às características do bebê, os autores citam as respostas comportamentais e o temperamento.

A relação mãe-bebê começa a se delinear desde a gestação. Nesse momento, a gestante se depara com sentimentos diversos e revive antigas relações, em especial aquelas com os próprios pais. A mulher passa a vivenciar uma mudança de posição, de filha para mãe, que exige a realização de um luto pela posição infantil a fim de acessar o lugar materno, tendo por base as identificações infantis (Ferrari, Piccinini & Lopes, 2007). Diante de todas essas mudanças, é esperado um

sentimento de ambivalência por parte da gestante, que pode se mostrar de forma mais ou menos intensa, dependendo das particularidades de cada mulher (Maldonado, 1994).

Com o avanço da gestação, a mulher vai adquirindo um reconhecimento da criança como um ser individualizado. Isso é impulsionado pelas movimentações fetais e pelo conhecimento do sexo do bebê, que geralmente vem acompanhado da escolha de seu nome (Raphael-Leff, 1997). A gestante passa a personificar o feto, atribuindo-lhe temperamento e personalidade e oferecendo significados aos seus movimentos. Brazelton e Cramer (1992) afirmaram que essas expectativas e percepções constituem o bebê imaginário, que antecede e prepara o espaço do bebê real, só conhecido após o nascimento. O estudo de Piccinini et al. (2004), corroborando tais afirmações, constatou existir desde a gestação um forte vínculo da mãe com seu bebê, o que contribui na preparação da relação mãe-bebê após o nascimento. Ao final da gestação, a mulher está mais preparada para a chegada do bebê, mas ainda se depara com alguns temores, tais como ansiedade e medo do parto (Lopes, Donelli, Lima & Piccinini, 2005), e preocupações com a saúde ou as possíveis malformações do bebê (Maldonado, 1994).

Após o nascimento, mãe e bebê vão gradativamente se conhecendo e estabelecendo um padrão de comunicação (Brazelton & Cramer, 1992; Maldonado, 1994). Lebovici (1988) ressaltou ser esse o momento em que a mãe deve realizar o luto pelo bebê imaginário e adaptar-se ao bebê real, cujas exigências precisam ser atendidas. Para Winnicott (1968/1987), a mãe vivenciaria um estado emocional de sensibilidade exacerbada às necessidades do filho, ao qual denominou *preocupação materna primária*. A mãe seria capaz de se identificar com o bebê, atendendo suas necessidades e proporcionando-lhe um ambiente seguro para o desenvolvimento. Já Stern (1997) descreveu a constelação da maternidade - uma nova e temporária organização psíquica em que a maioria das mães ingressaria, especialmente primíparas -, que se delinea em torno de quatro temas: vida-crescimento; relacionar-se primário; matriz de apoio; reorganização da identidade, que remetem a preocupações com a saúde do bebê, ao envolvimento emocional da mãe com o bebê, ao estabelecimento de uma rede de apoio protetora e à necessi-

dade materna de transformar sua identidade para assumir os novos papéis impostos pela maternidade.

Por sua vez, o bebê também é visto como um personagem ativo e corresponsável pela relação. O bebê de três meses apresenta maior controle motor, move ativamente a boca e os membros e tenta agarrar objetos (Brazelton, 1994; Stern, 1997). Por volta do terceiro mês, ocorrem trocas mais prolongadas entre mãe e bebê, tais como vocalizações pré-verbais, sorrisos e brincadeiras que passam a apresentar uma sintonia mútua. Além disso, já é possível identificar diferentes tipos de choro (Brazelton, 1994; Mäntymaa, 2006; Stern, 1997). Segundo Porter e Hsu (2003), a mãe tende a perceber o temperamento do bebê de forma mais positiva nos primeiros três meses devido ao aumento do sorriso social e às experiências atuais de cuidados, que aumentariam a percepção materna sobre sua autoeficácia.

Todas essas constatações se referem a um contexto típico de desenvolvimento. Quando se trata do contexto de infecção materna pelo HIV, há a possibilidade de que dificuldades estejam agregadas a esse processo. O estudo de Carvalho e Piccinini (2006) com gestantes portadoras do HIV evidenciou sentimentos de medo e culpa diante da possível infecção do bebê, além do temor da própria morte ou adoecimento. Essas gestantes sentiam o impacto do estigma social e do preconceito relativos à infecção, o que repercutia em isolamento e falta de apoio social e familiar. Além disso, relações familiares e conjugais instáveis e não apoiadoras estiveram presentes entre as gestantes investigadas pelos autores. A esse respeito, Remor (2002) já havia relatado a importância do apoio social como atenuador do impacto negativo da infecção, reduzindo inclusive níveis de ansiedade e depressão.

No que se refere à gestação, o HIV/AIDS pode intensificar algumas das manifestações de ansiedade inerentes a esse período, como é o caso das preocupações quanto à saúde do bebê, já que é possível sua infecção pelo HIV (Rigoni, Pereira, Carvalho, & Piccinini, 2008). Analisados conjuntamente, os dados evidenciam que o contexto do HIV/AIDS acrescenta sentimentos próprios da convivência com a infecção à ansiedade inerente à gestação, tornando esse processo mais difícil. Estudos revelaram, entretanto, que a maternidade também pode permanecer idealizada e mais valorizada do que a soropositividade, já que ela possibilita um repo-

sicionamento diante da infecção, uma vez que a mulher precisa assumir a doença e proceder ao tratamento em favor de seu bebê (Carvalho & Piccinini, 2006; Moura & Praça, 2006).

Gonçalves e Piccinini (2008) investigaram mães portadoras do HIV nos primeiros meses após o nascimento do bebê e constataram satisfação, por parte delas, quanto à maternidade e a existência de um relacionamento afetivo com o bebê. No entanto, elas também apresentavam preocupações quanto ao diagnóstico e saúde do recém-nascido. Os autores constataram que a maternidade foi acompanhada pela complexidade do HIV/AIDS, uma vez que as mães precisavam lidar com a não amamentação, a administração de remédios e a rotina de consultas.

Sentimentos relativos ao tratamento preventivo após o nascimento do bebê foram investigados por Rigoni et al. (2008). Constatou-se que a reação negativa do bebê à medicação pode gerar culpa na mãe e ambivalência quanto ao tratamento, embora geralmente prevaleça sua realização correta. Já a recomendação de não amamentar tende a ser acompanhada de tristeza e frustração devido à impossibilidade de a mãe amamentar o seu bebê e pelo temor de que a relação com ele seja prejudicada do ponto de vista afetivo (Hugo, 2007). Moreno, Rea e Filipe (2006) também referiram que essas mães podem se sentir discriminadas por não amamentarem seus bebês, ao mesmo tempo em que temem que a não amamentação revele a presença da infecção.

Apesar das dificuldades desse tratamento preventivo, seus ganhos são inegáveis. Em geral, esses bebês nascem sem a infecção e em boas condições de saúde. No entanto, mesmo as crianças que não se infectaram podem vivenciar o impacto do HIV/AIDS em razão de seus pais terem o vírus (Cardoso, 2006). Segundo o autor, em idades posteriores, essas crianças, às vezes, são privadas da escola ou de outras situações sociais a fim de que o segredo familiar referente ao HIV não seja revelado. Stein et al. (2005) revisaram estudos que indicaram problemas de comportamento entre essas crianças, sugerindo que efeitos do contexto de infecção e dos cuidados parentais possam estar presentes nas interações pais-criança. Cabe também destacar que alguns autores (Miles, Burchinal, Holditch-Davis & Wasilewski, 1997) identificaram forte presença de de-

pressão em mães portadoras do HIV durante o primeiro ano de vida do filho, o que merece atenção, já que tem sido revelada associação entre depressão materna e problemas de comportamento infantil no contexto típico de desenvolvimento (Mian, Tango, Lopes & Loureiro, 2009).

Johnson e Lobo (2001) hipotetizaram que a infecção pelo HIV poderia comprometer a habilidade da mãe de responder adequadamente às necessidades do filho devido a problemas com sua saúde ou à ansiedade mobilizada pelo estigma social, incertezas quanto ao futuro e falta de apoio social. No entanto, tal hipótese não foi confirmada pelos autores em estudo que avaliou interações mãe-criança com díades de mães portadoras e não portadoras do HIV.

Embora pouco se saiba acerca dos efeitos do HIV materno sobre as relações mãe-bebê no primeiro trimestre de vida, pode-se pensar que exista algum impacto, já que essas relações se desenvolvem em meio a algumas dificuldades, conforme visto. Além disso, a mulher também está vivenciando os sentimentos inerentes à maternidade, que podem ser ainda mais intensos quando se trata do nascimento do primeiro filho. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi investigar as percepções e os sentimentos de mães primíparas portadoras do HIV sobre a maternidade, o desenvolvimento do bebê e a relação mãe-bebê na gestação e no terceiro mês de vida do bebê.

## Método

### Participantes

Participaram da pesquisa cinco mães primíparas portadoras do HIV na faixa etária entre 19 e 37 anos. Apenas uma delas era solteira, e as demais estavam casadas havia pelo menos dois anos. As mães realizavam acompanhamento pré-natal especializado em um

hospital da rede pública de saúde de Porto Alegre e estavam em fase assintomática da infecção, apresentando boas condições de saúde.

As participantes faziam parte do projeto "Aspectos psicossociais, adesão ao tratamento e saúde da mulher no contexto do HIV/AIDS: contribuições de uma intervenção psicoeducativa da gestação ao segundo ano de vida do bebê"- PSICAIDS (Piccinini et al., 2005), que acompanha mães portadoras do HIV da gestação ao segundo ano de vida do bebê, e é composto por três estudos. O Estudo 1 envolve 41 mães e visa caracterizar diversos aspectos psicossociais associados à maternidade e à relação mãe-bebê; o Estudo 2 envolve 25 mães que participam de uma intervenção psicoeducativa durante a gestação e o Estudo 3 investiga a biologia do vírus e subtipos do HIV presentes na amostra total. No momento inicial do estudo, todas as participantes estavam em acompanhamento médico especializado em AIDS em um hospital da rede pública de Porto Alegre. O PSICAIDS, do qual o presente estudo faz parte, foi aprovado pelos comitês de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Proc. 2005508) e do Grupo Hospitalar Conceição (Proc. 06/06).

Para fins do presente estudo, foram selecionadas as primeiras cinco participantes do PSICAIDS que atendiam aos critérios descritos acima. A Tabela 1 apresenta algumas características sociodemográficas das participantes, tendo por base informações fornecidas no último trimestre de gestação. Todas as participantes haviam revelado o diagnóstico a pelo menos uma pessoa de sua rede de relações; destas, três mães (M1, M4, M5) revelaram apenas para o marido e duas (M2, M3), para o marido/pai do bebê e familiares.

### Procedimentos

Foi realizado um estudo de caso coletivo definido por Stake (1994), como um estudo que se ba-

**Tabela 1.** Dados sociodemográficos das mães.

Mãe	Idade	Escolaridade	Ocupação	Estado civil	Diagnóstico HIV	Sexo do bebê
M1	25	2º grau completo	Auxiliar de limpeza	Casada	5 meses	Masculino
M2	19	2º grau incompleto	Do lar	Solteira	1,7 anos	Masculino
M3	19	2º grau completo	Do lar	Casada	1,5 anos	Feminino
M4	19	1º grau incompleto	Do lar	Casada	1,5 anos	Masculino
M5	37	2º grau completo	Auxiliar de laboratório	Casada	2 anos	Masculino

seia em vários casos e visa à compreensão de determinado fenômeno. Há um interesse menor no caso em si e maior nos elementos que ele pode fornecer para a compreensão do fenômeno. Os casos podem ser ou não semelhantes, e são valorizadas tanto a redundância quanto a variedade entre eles.

O presente estudo envolveu duas fases de coleta de dados. A primeira compreendeu o último trimestre da gestação, e a segunda, o terceiro mês de vida do bebê. As gestantes foram inicialmente contatadas no serviço de saúde onde realizavam acompanhamento pré-natal. Na ocasião assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam à Entrevista de Dados Sociodemográficos da Família, que reuniu dados sobre idade, escolaridade, ocupação, situação conjugal e condições de moradia. Foi então agendado um encontro para a coleta de dados da Fase 1, quando as gestantes responderam à Entrevista sobre Gestação em Situação de Infecção pelo HIV/AIDS, que investigou sentimentos sobre história da gestação, infecção pelo HIV, relacionamento conjugal e familiar, desenvolvimento do feto, expectativas quanto à maternidade e à relação mãe-bebê. Nessa ocasião, as participantes estavam no sétimo (M3, M4), oitavo (M1) e nono (M2, M5) mês de gestação.

Na Fase 2, as mães responderam à Entrevista Sobre Maternidade em Situação de Infecção pelo HIV/AIDS, que investigou sentimentos sobre vivência do parto, experiência da maternidade, relação com o pai do bebê e com a família. As mães também responderam à Entrevista sobre o Desenvolvimento do Bebê e a Interação Mãe-Bebê no Contexto de Infecção Materna pelo HIV/AIDS<sup>3</sup>, que abordou sentimentos associados ao desenvolvimento e à saúde do bebê, rotina de atividades e cuidados, momentos de interações e comunicação mãe-bebê. As entrevistas eram estruturadas, realizadas de forma semidirigida, em sala reservada da unidade de saúde, sendo gravadas digitalmente em áudio e, posteriormente, transcritas. Cada tema era apresentado à mãe em forma de questões genéricas (ex. "Eu gostaria que tu falasses sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora") e, caso a mãe não se estendesse na resposta, eram apresentadas diver-

sas questões que investigavam outros detalhes associados ao tema principal (ex. "Tu esperavas ficar grávida?"; "Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez?").

## Resultados

A análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1979) das entrevistas foi utilizada para investigar percepções e sentimentos maternos. Com base na literatura (Brazelton & Cramer, 1992; Stern, 1997), três categorias temáticas nortearam o processo de análise: Vivência da maternidade, Desenvolvimento do bebê, e Relação mãe-bebê. A partir da leitura exaustiva das transcrições das entrevistas, uma autora (ERF) buscou identificar relatos que faziam referência a cada uma das categorias temáticas. Partindo dessas categorias centrais, diversas subcategorias emergiram da leitura das próprias entrevistas. Apresenta-se, a seguir, a caracterização das categorias e subcategorias, que estão ilustradas com relatos das mães relativos à gestação e ao terceiro mês do bebê.

### Gestação

#### Vivência da maternidade na gestação

Esta categoria contempla sentimentos sobre como as mães estavam vivenciando o processo de maternidade durante a gestação, e foi composta pelas seguintes subcategorias: notícia da gravidez; satisfações; preocupações; expectativas quanto ao desempenho da função materna; apoio recebido.

No que diz respeito à notícia da gravidez, todas as gestantes demonstraram que a soropositividade havia influenciado esse momento: "Ao mesmo tempo que eu fiquei feliz com o pensamento de ter um filho, eu fiquei triste porque tem o problema [HIV]" (M2); "Eu fiquei sabendo que tava grávida e me deu pânico, porque depois que eu soube que era soropositiva, eu disse: 'não vou querer nenê'. É complicado, a gente sabe que o risco [do bebê se infectar] é pequeno, mas pode correr" (M5); "No começo fiquei um pouco desnorteada pelo fato de

▼▼▼▼

<sup>3</sup> As Fases 1 e 2 contemplaram também a aplicação de outros instrumentos, cujos detalhes encontram-se descritos em Piccinini et al. (2005). No entanto, os dados obtidos com esses instrumentos não foram utilizados no presente estudo.

*descobrir que eu tava com o vírus, mas aí depois, com o passar dos meses, eu fui ficando mais calma” (M1).*

Algumas (M2, M3, M5) relataram que a ansiedade inicial diante da notícia da gravidez foi amenizada com o passar dos meses, em especial pelo acesso às informações sobre o tratamento preventivo: *“A gente conversou com as enfermeiras e elas disseram que o risco era pequeno. No início foi meio assim, mas depois foi tudo tranquilo” (M5); “No começo eu não aceitava muito, mas daí no hospital explicaram do remédio. Eu não queria ver a criança sofrer como eu sofri, mas agora estou tranquila” (M2).*

No último trimestre de gestação, as participantes referiram satisfações com a maternidade: *“Eu vi no ultrassom, fiquei bem faceira, queria sair contando para todo mundo” (M3); “Ah, é tão boa a sensação, sabendo que uma pessoa depende de ti, de tu proteger, a alimentação, os cuidados, tudo!” (M4).* No entanto, também estavam presentes muitas preocupações relacionadas ao HIV. Todas as gestantes apresentaram alguma preocupação referente à infecção: ou relacionada ao uso de antirretrovirais (M1, M2, M4) ou à impossibilidade de amamentar (M1, M2, M3, M4, M5):

*“Eu não era acostumada a tomar remédio, então foi muito difícil. Acontece, às vezes, de eu tomar remédio, não descer e voltar, e eu chorar e ter que tomar de novo porque eu tenho que pensar no neném” (M2);*

*“São muitos [comprimidos]. Por que não inventaram uma dose só?” (M4); “Quando falam, ‘bah, tu vai dar um monte de leite, vai amamentar o teu filho por um bom tempo’, então ali que vai ser complicado. Eu acho que é uma coisa que vai atrapalhar a maternidade, eu não sei se eu vou saber mentir” (M1);*

*“Eu vou dizer que eu não tenho que o leite secou. Eu até já tentei preparar eles [família]: ‘Acho que não vou ser boa de leite porque eu não tenho nada, o meu seio é bem murchinho” (M5).*

Além de preocupações relacionadas ao HIV/AIDS, algumas gestantes (M1, M2, M3) demonstraram preocupações quanto à proximidade do parto: *“Preocupação eu tenho, eu não queria sofrer tanto. Quero tentar não pensar muito no parto, mesmo assim eu penso, mais pelo fato de não sofrer muito, eu sou muito sensível com essas coisas” (M1); “Me preocupo se vai correr tudo bem, se vai ser cesariana ou normal” (M3).*

A subcategoria expectativas quanto ao desempenho da função materna incluiu relatos de como as

gestantes imaginavam que seriam como mães, muitas vezes tomando como modelo suas próprias mães. *“Eu me imagino uma mãe carinhosa, uma mãe coruja. Eu quero ser a minha mãe, vou querer dar a mesma criação” (M1); “Ela é um modelo, minha mãe faz de tudo pra gente ficar bem. Ela prefere ficar sem nada se a gente tá passando por uma necessidade. Pretendo ser igual a ela!” (M3).*

Todas as gestantes também se mostraram satisfeitas com o apoio recebido, principalmente do pai do bebê e da família:

*“Minha mãe tem me ajudado. Minha prima também tem me ajudado, ela vai sempre na minha casa pra gente conversar. No começo, naquela crise, ela tava sempre conversando comigo. A minha prima, minha mãe e meu irmão também [tem me apoiado]” (M2);*

*“Ele [marido] se preocupa bastante, ele se preocupa comigo por causa do nenê, se eu tô me alimentando, se eu tenho médico. Ele tá sempre procurando a carteirinha e vendo, ‘ah, tal dia tem médico’, ele me leva nas consultas” (M5).*

## Desenvolvimento do bebê na gestação

Essa categoria contemplou relatos sobre como as mães percebiam o crescimento e o desenvolvimento do bebê durante o período intrauterino e foi composta pelas subcategorias percepções sobre o desenvolvimento fetal; atribuição de características ao bebê; e preocupações com a saúde do bebê. No que se refere à primeira subcategoria, todas as gestantes estavam acompanhando o desenvolvimento fetal através de exames de ultrassonografia. Elas apresentavam diversas percepções sobre o desenvolvimento do bebê e mostravam-se atentas às movimentações fetais: *“Eu acordo às nove horas e ele começa a se mexer, fica até meio dia, depois descansa um pouquinho. Sempre que eu chego perto de alguma comida ele começa a se mexer, é engraçado, mas é bom” (M4); “A última [ecografia] que a gente fez ela tava pensativa, com a mão no queixo, e daí se mexeu e botou o dedo na boca, cheirou, é muito emocionante” (M5).*

A segunda subcategoria - atribuição de características ao bebê - inclui relatos sobre características físicas e de personalidade que as gestantes já atribuíam a seus bebês. Todas as participantes fizeram alguma menção a tais características: *“Eu imagino meu bebê loirinho, do olho claro. A gente imagina pelas fotos que a*

gente vê, eu bebê e ele [marido] bebê, a gente junta as duas e meio que forma um, imagina um neném” (M1); “[O bebê] vai ter um pouco de cada. Imagino bem carinhoso, atencioso, porque toda vez que a gente fala com ele, ele chuta, quando a gente fala alguma coisa dele ele se mexe” (M2).

A última subcategoria inclui relatos de preocupações com a saúde do bebê. Todas as gestantes mencionaram algum tipo de preocupação, em especial quanto à possibilidade de o bebê se infectar pelo HIV, mas também quanto a sua formação: “A gente pensa, ainda mais agora no final, se vai ser uma criança sadia, se não vai ter [o HIV], realmente é bobagem a gente pensar isso... mas se não vai ter algum problema físico. Eu me preocupo bastante, procuro nem pensar, procuro pensar que vai ser uma criança linda, sadia” (M1); “O meu maior medo é o efeito dos remédios [antirretrovirais]. Será que esses comprimidos estão certos? Será que não vai faltar?” (M4).

### Relação mãe-bebê na gestação

A última categoria analisada na gestação contempla relatos que evidenciam o estabelecimento da relação mãe-bebê desde o período intrauterino e é composta pelas subcategorias: reação frente ao sexo do bebê e escolha do nome; cuidados com o bebê; interações mãe-feto; expectativas quanto à relação mãe-bebê; e, preocupações quanto ao futuro. No que diz respeito à reação frente ao sexo do bebê e escolha do nome, as participantes referiram satisfação ao saberem o sexo de seus bebês, e desde então já haviam escolhido um nome: “No fundo eu queria uma menina. Já dizia que era menina. Eu já tinha aquela coisa que era uma menina, aí já escolhi o nome” (M3); “É uma menina, acho que [nossa relação] vai ser bem boa, vamos ser bem amigas” (M5).

As gestantes também realizavam diversos cuidados com o bebê, seguindo corretamente o tratamento preventivo e/ou cuidando da própria saúde: “A gente colocou mais verdura, coisas mais saudáveis para ajudar bastante, não só a mim, quanto a ele [marido] também e, principalmente, o neném” (M1); “Tomo o remédio direitinho para não prejudicar a criança. Também tento ficar calma, cada vez mais me colocar prá cima para não prejudicar ela” (M3); “Se o médico disser que tem que tomar 10 litros d’água para evitar que passe [HIV] para o nenê eu faço, porque ela é tudo para mim” (M5).

Além desses cuidados, as gestantes realizavam diversas interações mãe-feto, prevalecendo a conversa com o bebê: “Eu já converso bastante com ele na barriga pra ele ir se acostumando. Eu adoro conversar” (M4); “Ah converso! ‘Vamos passear com papai’, ‘vamos lá na casa do dindo...e ela se mexe bastante, parece que entende” (M5).

A próxima subcategoria se refere às expectativas quanto à relação mãe-bebê, e essas se mostraram positivas para todas as gestantes: “[Hoje] tu te preocupa mais com o que tá carregando contigo, que é o neném. E aí depois eu acho que vai ser pior. Dizem que a gente acaba esquecendo um pouco da gente e pensando só no neném pra poder dar toda a atenção que ele precisa” (M1); “Vai ser uma relação boa, eu quero tanto que ele nasça! Eu quero saber como ele é, eu quero pegar, eu quero ver, cuidar” (M2).

No que se refere à última subcategoria - preocupações quanto ao futuro -, a maioria das gestantes apresentavam algum tipo de preocupação, em especial relacionada à infecção. Tais preocupações se referiam a machucados que elas pudessem ter (M1, M2), ou mesmo ao fato de o filho vir a se infectar com o HIV no futuro (M1, M2, M4, M5): “Pelo fato de ser criança, vai ter que cuidar bastante. Não mexer com ele em certos curativos” (M1); “Eu tenho medo de ficar machucada, ou se ele se machucar, não pode ter aquele contato de sangue” (M2); “Eu não queria...acho que ninguém pensa em ter [HIV] um dia. Então eu penso assim: ‘tomara que ela não seja e não tenha nada no futuro’, que é uma coisa que eu não gostaria de ter, então eu não gostaria pra ela” (M5). Diante dessa preocupação, três gestantes (M1, M2, M5) mencionaram que pretendiam contar sobre o HIV aos filhos no futuro, a fim de que eles ficassem mais cuidadosos e prevenidos da infecção: “Quando a gente contar, acho que ele vai entender, acho que vai ajudar ele a ter alguns cuidados nos relacionamentos dele” (M1); “Depois, acho que ele vai ter que saber. [Quero] que ele se cuide, pra não acontecer o que aconteceu comigo” (M2).

### Terceiro mês de vida do bebê: a vivência da maternidade no primeiro trimestre

Essa categoria contempla sentimentos sobre a maternidade desde o nascimento até o terceiro mês do bebê e foi composta pelas seguintes subcategorias: sentimentos frente à maternidade; vivência da não amamentação; percepções sobre o desempenho do

papel materno; e apoio recebido. Entre os sentimentos frente à maternidade, estavam presentes satisfações e dificuldades. Todas as mães se mostravam felizes com a maternidade: *"Tá sendo muito bom, pra mim tá sendo uma experiência ótima! Eu só pensava em mim, agora com o bebê já não, primeiro lugar é ele"* (M1); *"Ah, é muito legal! Bem gratificante... a coisa de passar com barriga, aquela coisa toda, depois tem a recompensa"* (M5). No entanto, todas mencionaram ter vivenciado dificuldades, em especial alguma insegurança quanto aos cuidados iniciais com o bebê, sendo necessário o auxílio de outras pessoas:

*"No começo eu tava muito insegura. Quando eu era jovem cuidei dos meus primos, então eu achava que quando eu tivesse filhos ia ser muito barbada. Foi muito difícil na primeira semana, depois eu já peguei o jeito da coisa. Me desesperei no começo, tanto é que minha mãe veio [do interior] mais por causa disso. Só vendo a mãe da gente para passar tudo, aquela insegurança"* (M1);

*"Nos primeiros dias minha avó tava me ajudando. Quando ele começava a chorar de cólica eu chorava junto, se ele dormia demais eu chorava. Eu tinha medo. Agora não, ele dorme a madrugada todinha"* (M4).

Outro aspecto bastante mencionado entre as mães foi a vivência da não amamentação; quase todas (M2, M3, M4, M5) relataram algum tipo de desconforto com essa restrição: *"Quando eu tava grávida, tava bem mais consciente de que não ia dar mamá. Ai depois que ele nasceu, que eu vi outras pessoas amamentando eu fiquei chateada por não poder dar mamá a ele"* (M2); *"Todo mundo perguntou [sobre o motivo de não amamentar]. Eu dou uma mentira. Eu paro na rua: 'Ah, tá bem gordinho, tá amamentando?'; 'Não, não tô amamentando'. Eu até já vou respondendo, não deixo nem a pessoa perguntar o porquê"* (M4); *"É meio complicado explicar pro pessoal. Eu dou desculpa que tenho que tomar remédio. Isso meio frustra a gente. Eu me sentia, às vezes, meia culpada. Mas fazer o quê, né? Se é pro melhor dela..."* (M5).

Quanto à subcategoria percepções sobre o desempenho do papel materno, todas as mães mostraram-se satisfeitas com a maneira como cuidavam de seus filhos, e em sua maioria (M1, M2, M3, M5) consideravam ter um jeito de cuidar parecido com o de sua própria mãe: *"Sou uma mãe coruja, sei cuidar direitinho. O capricho que estou tendo é o mesmo que a mãe tinha com a gente"* (M1); *"Eu acho que sou uma boa mãe, eu me*

*espelho na minha mãe. Me espelhando nela, estando forte, bem sadia, vou me sair bem"* (M3).

No que se refere à última subcategoria - apoio recebido -, todas as mães recebiam diversos tipos de apoio, principalmente de seus maridos e familiares, o que era sentido com grande satisfação:

*"Tinha que levar o l. para fazer teste do pezinho, tudo meu pai me levava. Minha mãe também; no começo eu sentia um pouco de dor nos pontos, aí ela ia no médico para carregar ele porque eu não conseguia. Me apoiaram, ajudaram bastante"* (M2);

*"Eu ficava pensando: 'Será que se eu não tivesse ficado com ele [marido], com outra pessoa seria a mesma coisa?'. Eu acho que não. Eu fico feliz por que tem pais que não querem nem saber. Já ele, se o bebê tá chorando ele diz: 'Vem cá com o pai que o pai cuida'"* (M4).

## Desenvolvimento do bebê no primeiro trimestre

Essa categoria se refere ao desenvolvimento do bebê durante o primeiro trimestre de vida, considerando aspectos físicos, emocionais e comportamentais. Foi composta pelas subcategorias: satisfações com o bebê, aquisições e habilidades, ausência de problemas de saúde; e preocupações quanto ao diagnóstico do bebê. Todas as mães demonstravam diversas satisfações com o bebê, principalmente quanto ao seu desenvolvimento e seu jeito: *"Estou feliz com o desenvolvimento dela porque cada dia ela vai fazendo alguma coisinha diferente"* (M3); *"Ele tá sempre rindo. Lá em casa é um risinho. Ai, eu gosto, eu rezei tanto para ser uma criança calminha"* (M4).

As mães mencionaram diversas evoluções quanto às aquisições e habilidades dos bebês, incluindo desenvolvimento físico, atenção e comportamento social:

*"Ele está na fase das mãos: olha para as mãos, brinca, coloca as mãos na boca. Também bate bastante as pernas, está sempre pedalando! Antes, o barulho ele não dava muita bola, agora, se ele tá dormindo ele já acorda, vejo que ele está evoluindo"* (M1);

*"Ela pega o bico, tira da boca. Às vezes, ela estranha certas pessoas que ela não vê todo dia. Tenta se levantar sozinha. Eu me sinto muito feliz! Ela já tá comendo frutinha, é muito gratificante"* (M5).

Além disso, as mães também fizeram menções à ausência de problemas de saúde do bebê, já que

nenhum deles vivenciou alguma situação importante de adoecimento nos primeiros três meses de vida: *"Tá tudo bem, ele nunca teve nenhum problema"* (M2); *"Coisa boa saber que é uma criança bem sadia, perfeita, que não tem nenhum problema"* (M5). As mães relataram, entretanto, preocupações quanto ao diagnóstico do bebê. Todos os bebês já haviam passado por exames de carga viral e obtiveram resultados satisfatórios, porém o resultado definitivo quanto ao seu status sorológico só seria conhecido por volta do sexto mês de vida. *"Enquanto não sair o terceiro resultado sempre tem [preocupação], não adianta. Por mais que eu te diga 'eu tô tranquila', até a gente ver fica aquela dúvida"* (M1); *"Me explicaram que o primeiro resultado foi bom, que deu abaixo do nível de detecção, mas ainda fico preocupada, então eu queria que passasse rápido para ter esse resultado"* (M2).

### Relação mãe-bebê no primeiro trimestre

Essa última categoria inclui relatos de sentimentos e interações presentes na relação mãe-bebê aos três meses de vida do bebê. Foi composta pelas subcategorias: satisfações na relação mãe-bebê; atividades realizadas com o bebê; e comunicação mãe-bebê. No terceiro mês após o nascimento, as mães demonstraram satisfações na relação mãe-bebê: *"Está sendo uma coisa maravilhosa porque é uma coisa nova a toda a hora que tu tá com ele. Tudo é divertido com ele, tua vida passa voando"* (M1); *"Fiquei superfeliz, gostei muito de estar com ele no meu colo. Eu penso que tenho que me cuidar, tenho que estar bem porque tenho ele para cuidar. Agora, em primeiro lugar é ele"* (M2).

Quanto às atividades realizadas com o bebê, todas as mães eram as principais responsáveis pelos seus cuidados e mencionaram pelo menos uma atividade do dia a dia que mais gostavam: *"Adoro ficar trocando a roupa dela! Ela se esperneia e dá risada"* (M3); *"No banho eu começo a brincar com ele, ele tá sempre se abrindo, já tá querendo bater os pezinhos"* (M4). No entanto, três mães (M1, M2, M4) ressaltaram que não gostavam da tarefa de dar a medicação preventiva da infecção ao bebê devido à reação apresentada por ele:

*"A única coisa que eu não gosto de fazer é dar o remédio porque está sendo uma preocupação. Eu não posso deixar ele se agitar muito, senão ele vomita e aí tem que*

*dar de novo"* (M1); *"Às vezes ele cospe [remédio], aí tem que segurar a boquinha dele para ele não cuspir. Tenho que ficar segurando ele, ao mesmo tempo ele fica chorando. Dá uma peninha, dá uma vontade de não dar, mas tem que dar"* (M2).

A última subcategoria se refere à comunicação mãe-bebê. Todas as mães comunicavam-se com seus bebês, principalmente através de conversas: *"Sempre me falaram que era bom conversar com o bebê desde a barriga e agora é a mesma coisa, tô sempre conversando com ele. Tudo que dou para ele eu explico, aí ele dá aquele sorrisinho"* (M4); *"A gente conversa, ela fica paradinha, fala toda enrolada, parece que tá conversando mesmo, sabe? Eu converso bastante com ela: 'Vamos se mudar, vamos trocar o xixi, vamos tomar banho pra ficar cheirosa e esperar o papai'"* (M5).

Ainda no que se refere à comunicação mãe-bebê, as mães relatavam que conseguiam identificar as necessidades de seus bebês através de suas reações:

*"Alguma coisa quando não é boa ele chora. Quando ele tá com sono ele também chora, fica coçando o olho. Quando é manha ele fica choramingando, quando ele tá com fome ou se assusta ele chora bem forte, como se fosse uns gritos. A gente abraça ele, passa a mão no rostinho, na cabecinha. Daí ele agarra o nosso rosto e fica bem quietinho"* (M2);

*"Quando é choro de dormir eu já conheço, fazendo manhinha pra dormir, mas quando é outro choro, de cocô, xixi, ela começa a se puxar e resmungar, mas é um chorinho diferente. Se eu vejo que é uma manhinha, que não é pra dormir, eu já dou os brinquedinhos, deixo ela sentadinha no carrinho, paradinha"* (M5).

## Discussão

Considerando-se o conceito de bidirecionalidade (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini et al., 2001), os resultados referentes à maternidade, ao desenvolvimento do bebê e à relação mãe-bebê permitiram identificar diversas satisfações, mas também algumas dificuldades decorrentes da infecção pelo HIV na gestação e nos três meses de vida do bebê. A infecção pareceu influenciar a vivência da maternidade desde a gestação, inclusive contribuindo para a ambivalência inicial diante da notícia da gravidez (Maldonado, 1994), uma vez que surgiram muitas preocupações, entre elas o temor e a culpa diante da possível infecção do bebê.

Uma particularidade se refere à mãe que soube do diagnóstico no início da gestação (M1): ela referiu ter ficado desorientada, demonstrando mais especificamente as dificuldades do processo de assimilação do diagnóstico concomitante à notícia da gestação. Também ficou evidente entre as mães o medo do preconceito e a ansiedade diante de situações que pudessem levar à revelação do diagnóstico, como é o caso da não amamentação. Esses dados corroboram os achados de Carvalho e Piccinini (2006) sobre as dificuldades presentes na gestação em meio ao HIV.

Apesar desses medos e do eventual desconforto com o uso de antirretrovirais, prevaleceu a aceitação da gestação e a alegria com essa nova condição, semelhante ao já relatado por Moura e Praça (2006). Isso possibilitou que as gestantes vivenciassem as mudanças e ansiedade próprias da maternidade, como é o caso do medo do parto, relatado por Lopes et al. (2005) em gestantes primíparas não portadoras do HIV. As gestantes também ficavam se imaginando no desempenho do papel materno e, para isso, tomavam como modelo a ser seguido suas próprias mães. Ferrari et al. (2007) já referiram que são comuns, na gestação, sentimentos associados ao relacionamento com a própria mãe, o que auxilia a mulher na passagem da posição de filha para a de mãe, tendo por base as identificações com os próprios pais. Cabe considerar que todas as mães do presente estudo referiram modelos maternos positivos, o que se diferencia dos achados de Carvalho e Piccinini (2006). Pode-se pensar que essas diferenças se devam à variabilidade natural entre os casos e não estejam relacionadas a alguma tendência específica associada ao HIV/AIDS.

Alguns fatores parecem ter contribuído para a aceitação da gestação e sua vivência satisfatória pelas gestantes, entre eles o apoio recebido principalmente por parte do marido ou da família. Além disso, todas faziam acompanhamento pré-natal especializado em um serviço que, além do tratamento preventivo da infecção do bebê, também oferecia informações sobre a infecção e o tratamento. A importância dessa rede de apoio familiar e social no contexto do HIV/AIDS já havia sido descrita (Remor, 2002), bem como sua função atenuadora diante do impacto negativo da infecção.

No terceiro mês do bebê, prevaleceram relatos de alegria diante da maternidade. Algumas dificuldades,

entretanto, também se mostraram presentes, como a insegurança nos cuidados iniciais do bebê, que foi desaparecendo à medida que as mães vivenciavam a rotina de cuidados do bebê. Porter e Hsu (2003) haviam identificado que as percepções de autoeficácia em mães primíparas aumentavam ao longo dos primeiros três meses devido às experiências de cuidados com o bebê e à maior previsibilidade nos comportamentos dele, o que parece ter ocorrido também entre as mães do estudo.

Outras dificuldades relatadas eram específicas da infecção pelo HIV e se referiam à impossibilidade de amamentar. De forma geral, as mães do presente estudo sentiam-se desconfortáveis quando questionadas sobre o motivo de não amamentarem e, diante disso, inventavam diversas justificativas para evitar a revelação do diagnóstico. Também houve sentimentos de frustração, pois consideravam a amamentação parte importante da maternidade. As dificuldades quanto à não amamentação estão em conformidade com os achados da literatura, que referem a presença de frustração (Hugo, 2007), além de preconceitos e de medos diante da possibilidade de revelação da infecção (Moreno et al., 2006) entre as mães.

Apesar dessas dificuldades relativas ao HIV/AIDS, a satisfação com a maternidade prevalecia. Aos três meses de vida do bebê, as mães seguiam recebendo forte apoio de seus maridos e de suas famílias, formando o que Stern (1997) denominou matriz de apoio, que amenizava o impacto das exigências externas sobre as mães, permitindo que elas se voltassem para a maternidade. Seguindo os conceitos de Stern, as mães pareciam também estar vivenciando uma reorganização da identidade, revivendo antigas identificações parentais em busca de modelos de ser mãe. Na gestação, várias delas já mencionavam o desejo de seguir o modelo positivo de suas próprias mães, e, no terceiro mês, pareciam transmiti-lo na relação com seus bebês. Nesse sentido, elas se consideravam boas mães, atenciosas e carinhosas com seus filhos. A importância de um modelo materno positivo já havia sido discutida em outros estudos brasileiros com mães portadoras de HIV/AIDS. Gonçalves e Piccinini (2008), por exemplo, identificaram entre as mães investigadas a busca por modelos maternos positivos a fim de manter uma identidade materna forte, que ajudava a superar a infecção e lidar

com a maternidade. Por sua vez, no estudo de Carvalho e Piccinni (2006), as gestantes portadoras do HIV relataram modelos maternos negligentes e distantes, que eram relacionados por elas próprias as suas dificuldades quanto ao autocuidado e ao tratamento da infecção, demonstrando que a ausência de modelos maternos positivos pode tornar mais difícil lidar com as tarefas relativas ao HIV em meio à maternidade.

No que se refere ao desenvolvimento do bebê, as mães acompanharam o crescimento de seus bebês desde a gestação e gostavam de imaginar como eles seriam fisicamente. Elas imaginavam o jeito deles muitas vezes com base em suas percepções sobre os movimentos fetais. Isso representa uma forma de oferecer maior identidade ao filho e introduzir o seu espaço (Brazelton & Cramer, 1992), além de indicar o estabelecimento de um vínculo (Piccinini et al., 2004) que forma a base para a relação mãe-bebê após o nascimento.

Ainda na gestação, as mães demonstravam alguma preocupação com a saúde de seus bebês, relativas a malformações ou a sua possível infecção. Isso pode ser um indício de que as preocupações com a saúde do bebê, inerentes à gestação, estejam intensificadas na presença do HIV, já que a presença do vírus remete a um contexto de vulnerabilidade, salientado pela possível infecção do bebê (Rigoni et al., 2008).

Nos primeiros três meses de vida do bebê, as mães apresentaram algumas preocupações, mas muita satisfação quanto ao desenvolvimento e aparência física do filho, demonstrando a realização do luto pelo bebê imaginado na gestação (Lebovici, 1988) e uma adaptação tranquila ao bebê real. Por sua vez, os bebês apresentavam aquisições e habilidades esperadas para os três meses de vida, tais como maior força e movimentação nas pernas e mãos e maior atenção ao ambiente (Brazelton, 1994; Stern, 1997). As mães também referiram que seus bebês estavam ampliando o repertório de respostas às situações, que já incluía risadas, resmungos e balbucios, além do choro, o que corresponde ao descrito por Mäntymaa (2006). Embora nenhum bebê tivesse apresentado maiores problemas de saúde nos primeiros três meses, as mães demonstravam preocupações quando ao seu diagnóstico, mesmo com exames preliminares indicando resultado negativo. As mães esperavam com ansiedade o diagnóstico final, que só seria conhecido por volta do sexto mês de vida, porém

se mostravam mais confiantes do que na gestação em razão desses resultados preliminares e da evidência de que seus bebês estavam se desenvolvendo bem.

Quanto à categoria relação mãe-bebê, na gestação as mães se mostraram felizes ao saberem o sexo de seus bebês e logo escolheram nomes, frequentemente sugeridos por elas próprias. Muitas disseram já saber se seria menino ou menina, antes mesmo da confirmação, e algumas mencionaram como imaginavam a relação com o bebê considerando seu sexo. Esses aspectos, segundo Raphael-Leff (1997), seriam formas de personalizar o feto, o que já influencia o relacionamento entre mãe e bebê após o nascimento. Desde a gestação, as mães realizavam diversos cuidados visando à proteção de seus bebês, tais como o uso correto dos antirretrovirais, a adoção de uma alimentação saudável e cuidados com a própria saúde física e emocional. Tudo isso reflete uma forma de transmissão de afetos e de cuidados visando ao bem-estar do bebê. As mães referiam sentimentos positivos em relação ao bebê e estabeleciam interações com eles durante a gestação através de conversas ou de toques na barriga, o que demonstra o vínculo inicial e favorece a relação mãe-bebê após o nascimento (Piccinini et al., 2004).

Estiveram presentes expectativas positivas para a relação mãe-bebê, caracterizadas por proximidade e afeto. Porém, houve algumas preocupações com machucados que as mães pudessem ter, pois precisariam proteger o local para evitar o contato com o bebê e uma possível infecção. Embora não fossem preocupações intensas, é possível identificar que a ameaça da aids parece se fazer presente no cotidiano de cuidados e no contato direto com o bebê. Outra preocupação evidenciada era que o filho pudesse contrair o HIV no futuro, e, diante disso, algumas mães pensavam em revelar-lhe o próprio diagnóstico quando ele pudesse compreender para que ele próprio pudesse se prevenir e evitar uma possível infecção. Tal atitude evitaria a atmosfera de segredo familiar geralmente evidenciada quando o HIV/AIDS está presente e que muitas vezes pode oferecer riscos ao desenvolvimento infantil (Cardoso, 2006).

As mães relataram alegria e satisfação na relação com o bebê aos três meses de vida. Elas preferiam atividades em que seus bebês pareciam mais felizes, ou que interagiam mais, tais como o banho e a troca de

roupas. Percebe-se que a satisfação com o desenvolvimento do bebê, com seus comportamentos e habilidades, levaram as mães a se engajarem na interação com o filho, repercutindo em uma sintonia mútua (Mäntymaa, 2006). As mães relataram também que dar a medicação ao bebê era a atividade da qual menos gostavam, já que eles reagem mal. A reação negativa do bebê diante da medicação pode gerar ansiedade e tristeza na mãe, agregando dificuldades a esse momento, mas, em geral, isso não as impede de realizar o cuidado (Rigoni et al., 2008).

As mães gostavam de se comunicar com seus bebês e conseguiam entender o que eles expressavam através de suas reações, principalmente dos diferentes tipos de choro. Elas também atendiam prontamente seus bebês, mostrando-se sensíveis às suas necessidades. Diante disso, pareciam ter vivenciado o estado de preocupação materna primária, descrito por Winnicott (1968/1987), uma vez que conseguiam se identificar com as necessidades de seus bebês, atendendo-os e, assim, proporcionando um ambiente seguro para seu desenvolvimento.

Considerando-se o exposto, constata-se que a infecção pelo HIV agregou algumas dificuldades ao processo de maternidade e relação mãe-bebê, que por si só é repleto de mudanças, adaptações e incertezas. Entre essas, destaca-se a preocupação com a transmissão do vírus ao bebê, o medo do preconceito diante da revelação do diagnóstico, a frustração por não amamentar, a ansiedade diante do tratamento medicamentoso, além do temor de que o filho possa se infectar pelo vírus no futuro. No entanto, prevaleceram a realização com a maternidade, a alegria diante do crescimento e desenvolvimento saudável do bebê, além da satisfação oriunda dos momentos de interação.

Os casos investigados refletiam uma vivência positiva da maternidade e uma relação mãe-bebê repleta de afetos, em um contexto marcado pelo apoio do pai do bebê e de suas famílias, pelo modelo positivo de suas próprias mães, e pelo acesso ao tratamento preventivo da transmissão materno-infantil e a um acompanhamento pré-natal especializado. Isso leva a pensar que o HIV/AIDS por si só, embora agregue dificuldades, não parece afetar negativamente a maternidade e a qualidade da relação mãe-bebê, especialmente quando a mãe está inserida em um contexto apoiador e afetivo.

Cabe ressaltar que, apesar de diferenças observadas entre as mães quanto à idade e ao momento de vida, muitas foram as semelhanças encontradas, o que possibilita pensar que a ansiedade e satisfação verificadas entre essas mães são plausíveis de serem evidenciadas também em outras mães que vivenciam contextos de vida semelhantes aos da presente pesquisa. No entanto, sabe-se que essas participantes representam apenas uma parte da população de mães portadoras de HIV, o que torna importante mais investigação sobre o tema em contextos ainda pouco explorados: mães com sintomas de aids, não aderentes ao tratamento, ou cujos filhos se infectaram pelo vírus. A inclusão de observação das interações mãe-bebê também enriqueceria os achados na área. Estudos longitudinais que investigassem os primeiros anos de vida de crianças portadoras do vírus ou cujos pais são portadores trariam valiosas contribuições sobre o impacto do HIV/AIDS no desenvolvimento infantil. Uma vez que muitas manifestações de ansiedade relativas ao HIV/AIDS foram evidenciadas, é importante a mobilização de profissionais das equipes de saúde que atendem mães com HIV para que haja um acolhimento especial e uma adequada transmissão de informações, o que trará uma contribuição relevante para a transição para a maternidade e para as relações iniciais com o bebê. A inclusão do parceiro ou da família nos atendimentos a essas mães também se faz importante no fortalecimento da sua rede de apoio. Além disso, intervenções psicológicas podem auxiliar no caso de ansiedade intensa para que as mães possam propiciar e desfrutar de uma relação mãe-bebê afetiva e saudável, gerando um impacto positivo sobre o desenvolvimento infantil.

## Referências

- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). *Recomendações para profilaxia da transmissão vertical do HIV e terapia anti-retroviral em gestantes*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2007). *Boletim Epidemiológico AIDS/DST*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cardoso, E. M. (2006). Cuidando de crianças com HIV/AIDS. In S. M. M. Padoin, C. C. Paula, D. Schaurich & V. A. Fon-

- toura (Orgs.), *Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia* (pp.173-186). Santa Maria: Editora UFSM.
- Carvalho, F. T., & Piccinini, C. A. (2006). Maternidade em situação de infecção pelo HIV: um estudo sobre os sentimentos de gestantes. *Interação em Psicologia, 10* (2), 345-355.
- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., & Lopes, R. S. (2007). O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo, 12* (2), 305-313.
- Gonçalves, T. R., & Piccinini, C. A. (2008). Experiência da maternidade no contexto do HIV/AIDS aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24* (4), 459-470.
- Hugo, C. N. (2007). *Expectativas e sentimentos de mães portadoras do HIV/AIDS frente à recomendação de não-amamentação*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Johnson, M. O., & Lobo, M. L. (2001). Mother-child interaction in the presence of maternal HIV infection. *Journal of the Association of Nurses in AIDS Care, 12* (1), 40-51.
- Lebovici, S. (1988). Maternidade. In G. Costa & G. Katz (Orgs.), *Dinâmica das relações conjugais* (pp.41-61). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes, R. C. S., Donelli, T. S., Lima, C. M., & Piccinini, C. A. (2005). O antes e o depois: expectativas e experiências de mães sobre o parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18* (2), 247-254.
- Maldonado, M. T. P. (1994). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Petrópolis: Vozes.
- Mäntymaa, M. (2006). *Early mother-infant interaction. Determinants and predictivity*. Tese de doutorado não-publicada, Medical School Tampere University Hospital, University of Tampere, Finland.
- Mian, L., Tango, L. A., Lopes, J., & Loureiro, S. R. (2009). A depressão materna e o comportamento de crianças em idade escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25* (1), 29-37.
- Miles, M. S., Burchinal, P., Holditch-Davis, D., & Wasilewski, Y. (1997) Personal, family, and health-related correlates of depressive symptoms in mothers with HIV. *Journal of Family Psychology, 11* (1), 23-34.
- Moreno, C. C. G. S., Rea, M. F., & Filipe, E. V. (2006). Mães HIV positivo e a não amamentação. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 6* (2), 199-208.
- Moura, E. L., & Praça, N. S. (2006). Transmissão vertical do HIV: expectativas e ações da gestante soropositiva. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 14* (3), 405-413.
- Piccinini, C. A., Moura, M. L. S., Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A., Pinto, E. B., et al. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14* (3), 469-485.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação a seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20* (3), 223-232.
- Piccinini, C. A., Carvalho, F. T., Ramos, M. C., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., Hugo, C. N., et al. (2005). *Aspectos psicossociais, adesão ao tratamento e saúde da mulher no contexto do HIV/AIDS: contribuições de um programa de intervenção da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Porto Alegre: UFRGS. Projeto não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Porter, C. L., & Hsu, H. C. (2003). First-time mothers' perceptions of efficacy during the transition to motherhood: Links to infant temperament. *Journal of Family Psychology, 17* (1), 54-64.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: a história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Remor, E. (2002). Valoración de la adhesión al tratamiento antirretroviral en pacientes VIH+. *Psicothema, 14* (2), 262-267.
- Rigoni, E., Pereira, E. O. D. S., Carvalho, F. T. C., & Piccinini, C. A. (2008). Sentimentos de mães portadoras de HIV/AIDS em relação ao tratamento preventivo do bebê. *Psico USF, 13* (1), 75-83.
- Stake, R.E. (1994). Case studies. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Orgs.), *Handbook of qualitative research* (pp.236-247). London: Sage.
- Stein, A., Krebs, G., Richter, L., Tomkins, A., Rochat, T., & Bennish, M. L. (2005). Babies of a pandemic. *Archives of Disease in Childhood, 90* (2), 116-118.
- Stern, D.N. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1987). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1968).

Recebido em: 18/11/2008  
 Versão final reapresentada em: 21/7/2009  
 Aprovado em: 8/9/2009

# Informação geral e atual e sua relação com a inteligência e a personalidade em crianças escolares<sup>1</sup>

## *General and current information and its relationship with the student's intelligence and personality*

Carmen **FLORES-MENDOZA**<sup>2</sup>

Graciane Lopes **JARDIM**<sup>2</sup>

Francisco José **ABAD**<sup>3</sup>

Larissa Assunção **RODRIGUES**<sup>2</sup>

### Resumo

Investiga-se a relação entre inteligência, personalidade e nível de informação geral e atual de escolares do Estado de Minas Gerais. Duas amostras participaram do estudo: a primeira proveniente de escolas de três níveis de vulnerabilidade social de Belo Horizonte (MG) (n=600), e a segunda de escolas municipais da cidade de Perdões (MG) (n=215). Ambas as amostras foram submetidas ao teste Raven e ao Questionário de Informações Gerais e Atuais. A segunda amostra realizou o *Eysenck Personality* e o subteste Informação do WISC-III. Os resultados mostraram uma associação consistente entre inteligência e o Questionário de Informações Gerais e Atuais, mesmo controlando-se o efeito da vulnerabilidade social das escolas ( $r=0,431$ ). Uma *path analyses* mostrou predição independente da inteligência (0,430) e da dimensão Psicoticismo (-0,18) sobre Questionário de Informações Gerais e Atuais, após controle da idade e da covariância entre os preditores. Conclui-se que a inteligência explica as diferenças de Questionário de Informações Gerais e Atuais duas vezes mais do que a personalidade.

**Unitermos:** Informação. Inteligência. Psicoticismo. Personalidade.

### Abstract

*The aim of this study was to investigate the relationship between intelligence, personality and the extent of general and current information of students in the state of Minas Gerais. Two sample groups participated. The first was composed of students from three socially vulnerable levels from the city of Belo Horizonte (n=600), and the second group came from public schools in the city of Perdões (n=215). The Raven's Progressive Matrices Test and a General Information Questionnaire were applied for both samples. In addition, the Eysenck Personality Questionnaire and the WISC-III Information test were applied to the second sample. The results indicated a consistent relationship between intelligence and General Information Questionnaire, even after smoothing the effect of the social vulnerability of the schools ( $r=0.431$ ). A path analysis showed an independent effect of intelligence ( $r=0.430$ ) and of the Psychoticism dimension (-0.18) on the General Information Questionnaire, even after the smoothing of age and co-variance between predictors. It may be concluded that intelligence explains General Information Questionnaire differences twice as much as does personality.*

**Uniterms:** Information. Intelligence. Psychoticism. Personality.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig-SHA-processo nº 283/06).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Gab. 4042, Laboratório de Avaliação das Diferenças Individuais. Av. Antônio Carlos, 6627, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: C. FLORES-MENDOZA. E-mail: <carmencita@fafich.ufmg.br>.

<sup>3</sup> Universidade Autónoma de Madri. Madri, Espanha.

Em junho de 2007, um programa famoso da televisão brasileira selecionava entre jovens profissionais aquele que poderia ocupar o posto de sócio do empresário e então apresentador do programa. No entanto, um dos mais fortes candidatos foi demitido. Duas foram as razões: ter escrito errado o nome do empresário/apresentador e ter afirmado que a cidade de Santiago teria ultrapassado São Paulo como capital de negócios na América do Sul. O candidato a empresário desconhecia que em 2006 a balança comercial do Estado de São Paulo fora seis vezes superior ao do país vizinho. O caso acima é um exemplo de uma das exigências do mundo moderno, especificamente do atual mercado de trabalho baseado em conhecimento: manter-se informado do que ocorre no país e fora dele, assim como saber usar as informações (O'Sullivan, 2002; Organization for Economic Co-Operation and Development, 2001).

Em nível coletivo são numerosos os exemplos do alto custo que a desinformação dos cidadãos acarreta para os países, principalmente quando ela se dá na área da saúde. Por tal razão, existem representantes da sociedade civil planetária - como o *Communication Rights in the Information Society* (CRIS) - que procuram, de forma louvável, assegurar o direito à informação dos indivíduos independentemente da sua origem étnica ou socioeconômica, defendem o uso democrático dos meios de comunicação e tentam garantir a liberdade de expressão. Diferentemente do que ocorria na sociedade industrial do século XIX, a partir da segunda metade do século XX, a informação atual e geral confere considerável vantagem e benefício aos indivíduos e sociedades que a detêm.

Mas o que é "informação"? Existem diversas formas de abordar seu significado. A informação pode ser entendida como um *processo* que provoca mudança no sistema de representações do receptor; como *conhecimento*, cuja relevância depende do nível prévio do receptor; e como *objeto*, cujas características físicas determinam sua qualidade informativa. Entre elas, segundo Oletto (2006), a definição mais utilizada é aquela que trata a informação como um dado ou fato sobre algo ou alguém, e que propicia o conhecimento.

Sabe-se que a informação se dissemina de forma diferenciada na população. Identificar os fatores que influenciam essa diferenciação tem sido objetivo da psicologia científica. Nesse caso, a mais forte candidata

para explicar a variação de informação entre as pessoas parece ter sido a inteligência, que apresenta um peso significativo nas pesquisas atuais (Lubinski, 2004). A inteligência é vista como um construto que mantém certa estabilidade ao longo da vida de um indivíduo e, principalmente, uma forte associação com a educação e outros fenômenos da vida, como, por exemplo, saúde, longevidade, ascensão profissional, ganho salarial (Brody, 1992; Deary, Whitman, Starr, Whalley & Fox, 2004; Gottfredson, 2003; Jensen, 1998).

Segundo Jensen (1998), "Todo conhecimento que um indivíduo possui certamente foi adquirido através da aprendizagem. É obvio que existe um amplo intervalo de diferenças individuais na taxa de aprendizagem, tanto no que se refere à quantidade apreendida quanto no nível superior de complexidade e de abstração daquilo que pode ser apreendido". Portanto, não é sem razão que o conhecimento geral está sempre presente em testes tradicionais de inteligência, como as escalas Wechsler, com o subteste chamado Informação (Wechsler, 2002), ou a escala Stanford-Binet 5, com o teste *Procedural Knowledge* (Roid, 2003).

A literatura vem registrando, por outro lado, o poder preditivo de traços de personalidade nas diferenças de aprendizagem de nova informação em crianças e adolescentes. Os traços referem-se geralmente aos do modelo trifatorial de Eysenck como Psicoticismo-P, Extroversão-E, Neuroticismo-N ou aos do modelo dos Cinco Grandes Fatores como Neuroticismo-N, Extroversão-E, Abertura-O, Amabilidade-A e Conscienciosidade-C (Chamorro-Premuzic & Furnham, 2003; De Raad & Schouwenburg, 1996; Guerin, Gottfried, Oliver & Thomas, 1994; Martin, Drew, Gaddis & Moseley, 1988).

Há discrepâncias, entretanto, sobre qual a dimensão de personalidade que melhor prediz as diferenças na aprendizagem de informação, seja ela formal (contexto escolar) ou informal (quotidiano). Heaven, Mak, Barry e Ciarrochi (2002), por exemplo, encontraram que P-, A+ e C+ se correlaciona com o desempenho escolar, mas em outro estudo, Heaven, Ciarrochi e Vialle (2007) encontraram apenas uma modesta contribuição de P. Já Slobodskaya, Safronova e Windle (2005) não encontraram qualquer associação significativa entre personalidade e rendimento acadêmico.

Quando se trata de comparar o poder preditivo da inteligência com o da personalidade, infelizmente,

encontra-se uma menor frequência de investigações. Entre os registrados, Chamorro-Premuzic, Furnham e Ackerman (2006), ao estudar o conhecimento geral de universitários britânicos, mostraram que as medidas de inteligência responderam por 26% da variância, enquanto N e E responderam por apenas 5%.

Laidra, Pullman e Allik (2007) estudaram o desempenho acadêmico (média das notas de todas as disciplinas) de 3 618 estudantes da Estônia e encontraram que inteligência e personalidade foram responsáveis por 30% da variância dos resultados, mas foi a inteligência a melhor preditora do rendimento escolar em todas as séries. Entre os fatores de personalidade, A foi o fator com melhor predição do desempenho escolar no ensino primário e o fator C na secundária.

Petrides, Chamorro-Premuzic, Frederikson e Furnham (2005) mediram habilidade verbal e desempenho escolar em 901 estudantes de ensino secundário. Encontraram uma forte associação entre essas variáveis (0,84), enquanto o fator P associou-se em -0,14 e o E, em -0,25.

A maioria dos estudos de inteligência, de personalidade ou de ambos considera como critério de desempenho acadêmico aquele relacionado a conteúdos escolares e que são medidos via nota, teste ou média das notas obtidas no ano. Trata-se, portanto, de um critério vinculado à aprendizagem ocorrida de maneira formal e que é imposta obrigatoriamente aos alunos. Pouco se sabe da influência da inteligência e da personalidade na aprendizagem de informação geral, isto é, naquele conhecimento que não necessariamente é parte rotineira das avaliações escolares ou de testes de conhecimento. Ou, ainda, na informação atual, isto é, na aquisição espontânea daquela informação que causa impacto na sociedade depois de disponibilizada pela mídia em geral e que permeia as conversações informais.

Entre os que estudam os fatores que envolvem o conhecimento geral e atual, têm-se os trabalhos de Beier e Ackerman (2001; 2003; 2005). Esses autores avaliaram o desempenho de adultos em conhecimentos gerais e específicos. No estudo de 2001, por exemplo, os autores encontraram que o composto de medidas de Gf (inteligência fluida) apresentou correlação entre 0,43 a 0,51 com conhecimento de Política/Economia e Ciência respectivamente; enquanto Gc (inteligência

cristalizada) apresentou correlação entre 0,76 e 0,81. A idade associou-se também positivamente aos conhecimentos. A partir desses resultados, os autores realizaram *path analysis* para identificar o melhor preditor. Encontraram uma associação entre Gf e Gc de 0,68 e, portanto, nenhum dos dois modelos obteve adequado ajuste aos dados. Em outro estudo efetuado com sujeitos adultos em ambientes de aprendizagem livre e controlada, os autores encontraram o mesmo problema (Beier & Ackerman, 2005). Nessa situação, é provável que a ausência de um modelo que represente *g* (dada a alta relação entre Gf e Gc) poderia ter dificultado encontrar um maior ajuste aos dados. Tratando-se de personalidade, o estudo de 2001 mostrou que unicamente o fator O apresentou alguma predição.

Um estudo mais amplo foi feito por Hambrick, Pink, Meinz, Pettibone e Oswald (2008). Os autores investigaram o conhecimento anterior e conhecimento de eventos gerais e atuais com medidas cognitivas, de personalidade e de memória. Encontraram um efeito direto do fator *g* (0,44) sobre o conhecimento anterior, enquanto o efeito de Gc e Gf (independente de *g*) foi de 0,52 e -0,17 respectivamente. O conhecimento anterior, por sua vez, teve um efeito direto sobre conhecimento atual (0,73), isto é, quem sabia mais continuava sabendo mais. Em relação à personalidade, o fator "abertura intelectual" teve efeito direto no fator "interesse por eventos gerais" e este por sua vez em "aquisição de novas informações". Os dois últimos tiveram efeito em torno de 0,30 tanto no conhecimento anterior quanto no atual. Os autores interpretaram tais resultados como evidência de que Gc teria uma contribuição maior que Gf no conhecimento anterior e atual e que algumas dimensões não cognitivas relacionadas à personalidade também participariam. Contudo, apesar das interpretações dos autores sobre o maior efeito de Gc, surpreende observar o efeito negativo de Gf no conhecimento anterior (-0,17). Tal resultado teoricamente é contraintuitivo, pois desconsidera a existência de uma associação extremamente alta entre *g* e Gf - aproximadamente de 0,95 (Jensen, 1998). Portanto, a extração de Gf independente de *g* desperta dúvida sobre o que Gf representou no modelo dos autores.

Os resultados dos estudos sobre diferenças no conhecimento geral e atual são consistentes: a) existe uma influência da idade, b) a inteligência é uma das

melhores variáveis preditoras e c) dimensões de personalidade também causam efeitos na aprendizagem, embora em menor intensidade.

Se desconhece se tais observações são também encontradas em população escolar. Nesse sentido, o presente estudo tenta verificar a relação entre o nível de informação atual e geral e as dimensões de inteligência e personalidade em duas amostras de escolares de Minas Gerais.

## Método

### Participantes

Participaram 815 escolares com idade entre 9 e 15 anos, sendo 52,8% do gênero feminino. Desse total, 600 eram provenientes de três escolas públicas de Belo Horizonte (MG) (idade média =9,47; Desvio- Padrão - DP=0,50) e 215 de escolas públicas da cidade de Perdões (MG) (idade média de 11,56; DP=1,93). No que se refere às escolas de Belo Horizonte, elas foram selecionadas aleatoriamente a partir do cadastro de estabelecimentos de ensino (disponível no *site* [www.inep.gov.br/basica/curso/cadastroescolas](http://www.inep.gov.br/basica/curso/cadastroescolas)). A seleção foi feita para cada nível de vulnerabilidade social (baixa, média e alta) do bairro em que as escolas estavam localizadas. A classificação da vulnerabilidade social advém de uma escala elaborada por Nahas, Ribeiro, Esteves, Moscovitch e Martins (2000) para a cidade de Belo Horizonte. As escolas da cidade de Perdões, por sua vez, constituíam as existentes no município. Os participantes da amostra de Belo Horizonte frequentavam a terceira e a quarta

série do ensino fundamental, enquanto a de Perdões frequentava entre a terceira e a oitava série.

### Instrumentos e Procedimento

Por razões de objetivos diferenciados nas avaliações das amostras e disponibilidade de tempo, material e de equipe de avaliação, as amostras foram submetidas a instrumentos diversos, havendo, em comum, entretanto, a aplicação do QIG. Assim, na amostra de escolares de Belo Horizonte, aplicou-se o teste das Matrizes Progressivas de Raven - Escala Colorida (Angelini, Alves, Custório, Duarte & Duarte, 1999). Já na amostra de escolares da cidade de Perdões, aplicaram-se o teste das Matrizes - Escala Geral (Raven, 2001), o subteste Informação da Escala Verbal do WISC III (Weschler, 2002) e o *Eysenck Personality Questionnaire* (Eysenck & Eysenck, 1975). Às duas amostras, administrou-se um Questionário de Informação Geral (QIG). As aplicações ocorreram entre abril e agosto de 2006.

O QIG foi construído com base em uma lista de perguntas sobre acontecimentos ocorridos no ano anterior à coleta de dados, isto é, 2005, e fartamente veiculados na mídia nacional, assim como em questões de cultura geral. Essa lista foi submetida a dois juízes, doutores em psicologia, com o intuito de verificar a representatividade das perguntas sobre informações gerais e não de resolução de problemas, esta última característica de um teste de inteligência, que, portanto, poderia redundar com o objetivo do teste Raven. Ao todo foram selecionadas 20 perguntas. Cada pergunta continha três alternativas de resposta, sendo uma a correta (Quadro 1).

**Quadro 1.** Exemplos de itens do Questionário de informação geral e atual.

Questões	Alternativas de resposta
Qual foi o deputado federal que denunciou o "mensalão" e foi cassado por isso?	(X) Roberto Jefferson ( ) José Dirceu ( ) Antônio Pallocci
Qual a região americana devastada pelo furacão Katrina em 28 de agosto de 2005?	( ) Washington ( ) New York (X) New Orleans
Qual o nome do novo papa nomeado em 2005.	(X) Bento XVI ( ) João Paulo II ( ) Pedro IV ( ) Augusto Pinochet
Qual famoso ditador árabe que está sendo julgado em Bagdá por crimes contra a humanidade?	( ) Milosevic (x) Saddam Hussein

\* Questionário elaborado e administrado em 2006.

Os instrumentos Raven, QIG e EQP-J foram aplicados de forma coletiva após assinatura do Termo de Consentimento Informado pela escola e pelos pais conforme orientação do Conselho Nacional de Saúde (item IV da resolução 196/96). O subteste Informação da escala verbal do WISC III foi aplicado individualmente conforme orientação do manual do teste.

### Análises preliminares

A confiabilidade da utilização das escalas foi obtida mediante o índice de consistência interna (*Alpha* de Cronbach). O valor obtido foi de 0,85 para a Escala Colorida de Raven (BH); 0,93 para a Escala Geral (Perdões); 0,80 para o subteste Informação (Perdões) e de 0,73 para o QIG (BH e Perdões). Tais resultados indicam, portanto, que as respostas aos instrumentos foram homogêneas.

Com relação à confiabilidade e à validade fatorial do EPQ-J, o Laboratório de Avaliação das Diferenças Individuais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) vem realizando estudos sistemáticos sobre o instrumento (Mansur-Alves, 2007). Com amostras maiores, as investigações apontam índices *alpha* de 0,65, 0,78, 0,72 e 0,79 para os fatores de Extroversão, Neuroticismo, Psicoticismo e Sinceridade respectivamente. A técnica conhecida como *Comprehensive Exploratory Factor Analysis* com rotação *target* ou chamada também de rotação *procrustean* (Browne, Cudeck, Tateneni & Mels, 2004) mostrou parâmetros de ajuste adequados para o modelo de quatro fatores:  $\chi^2=3195,49$ ;  $df=2,012$ ;  $\chi^2=1,588$ ;  $RMSEA=0,038$ .

No tratamento simultâneo das variáveis de inteligência, personalidade e informação geral se utilizou a *path analysis*, uma extensão do modelo de regressão que verifica o ajuste da matriz de correlação versus dois ou mais modelos causais que estão sendo comparados pelo pesquisador (Bryman & Cramer, 1990).

## Resultados

### Amostra Belo Horizonte

Encontrou-se uma associação moderada entre idade e o teste Raven ( $r=0,103$ ;  $p=0,000$ ) assim como entre aquela e o QIG ( $r=0,244$ ;  $p=0,000$ ), apesar da restrição de idade (nove e 10 anos). Assim sendo, decidiu-se pela tipificação dos escores a fim de eliminar efeitos desenvolvimentais. A partir da aplicação coletiva, os

dados brutos do teste Raven e do QIG foram então convertidos a escore-Z controlando-se a idade cronológica. Os escores de Raven foram transformados em QI mediante a fórmula:  $[z*15] + 100$  (Tabela 1).

A correlação entre o QI e os escores tipificados em z do QIG foi de 0,447 ( $p<0,001$ ): uma associação moderada entre inteligência e nível de informação geral. A correlação foi positiva e estatisticamente significativa ( $p<0,001$ ) para ambos os gêneros ( $r=0,469$  para meninas e  $r=0,423$  para meninos). Uma comparação de médias pelo teste ANOVA, no entanto, mostrou diferenças significativas entre escolas com respeito ao teste Raven [(2, 597)=10,61;  $p<0,001$ ] e ao QIG [(2,571)=11,78;  $p<0,001$ ]. Isso significa haver um efeito nos resultados do QIG do nível de vulnerabilidade social da escola. A correlação entre vulnerabilidade da escola (variável ordinal em que a pontuação maior é dada à zona com menor vulnerabilidade social) e o QIG, pelo método Kendall's tau<sub>b</sub>, foi de 0,124 ( $p<0,001$ ). Provavelmente, quanto menor o risco social da escola, maior o nível de informação geral e atual das crianças.

Com base nesses resultados, realizou-se uma correlação parcial entre as variáveis inteligência e QIG com controle do nível de vulnerabilidade social da escola. O valor se manteve quase inalterado ( $r=0,431$ ;  $p<0,001$ ). Por outro lado, a correlação parcial entre vulnerabilidade social da escola e o QIG, controlando-se a inteligência, foi de 0,142 ( $p<0,001$ ). A inteligência manteve, portanto, uma associação com o critério externo superior à da vulnerabilidade social.

### Amostra Perdões

A Tabela 2 mostra as estatísticas descritivas do desempenho da amostra de Perdões em todas as medidas utilizadas.

**Tabela 1.** Distribuição da pontuação bruta no QIG em cada faixa de QI para amostra de Belo Horizonte (n=600).

Faixas de QI*	%	QIG	
		Média	Desvio-Padrão
55 - 70	2,82	4,46	1,99
71 - 85	11,29	5,98	2,41
86 - 100	33,00	7,37	2,91
101 - 115	35,00	8,47	2,77
116 - 130	15,25	9,56	2,76
131 - 145	2,63	11,07	2,46

\* Resultados do teste Raven (Escala Colorida) transformados em QI.

**Tabela 2.** Estatísticas descritivas das medidas empregadas na amostra de Perdões (n=215).

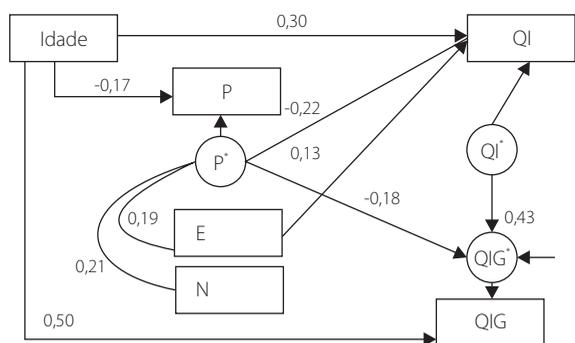
Medidas	Média	Desvio-Padrão
Raven	31,57	10,88
Subteste informaçaí (WISC III)	14,34	4,12
Questionário de informação geral e atual	12,12	3,75
Sinceridade	27,55	4,03
Neuroticismo	30,78	3,74
Psicoticismo	18,98	2,53
Extroversão	41,33	3,17

QIG: questionário de informação geral e atual; S: sinceridade; N: neuroticismo; P: psicoticismo; E: extroversão.

### Path models

Vários *path models* foram testados utilizando-se o programa estatístico AMOS v.6. O modelo base inclui três variáveis de personalidade (psicoticismo-P, extroversão-E, neuroticismo-N), inteligência (Raven e Informação do WISC III) e idade como preditores da aquisição de informação geral e atual (QIG). Nessa base de dados, presume-se que (a) a idade prediz inteligência e personalidade; (b) a idade prediz informação geral; (c) dimensões de personalidade estejam associadas à inteligência, e (d) a inteligência e a personalidade de forma independente, e sem influência da idade, predizem a aquisição da informação geral e atual.

O modelo final (Figura 1), extraindo todos os pesos não significativos, indica que o efeito da idade sobre inteligência é de 0,30; sobre psicoticismo é de -0,17 e sobre QIG é de 0,50. A correlação entre E e P (eliminando o efeito da idade em P) é de -0,19. A corre-



**Figura 1.** Efeito da inteligência (Raven e subteste Informação) e da dimensão de psicoticismo (P), controlando-se a idade e a covariância entre preditores (Neuroticismo-N e Extroversão-E), sobre informação geral e atual (QIG) mediante *path analysis* na amostra de Perdões (n=215).

ção entre N e P (eliminando o efeito da idade em P) é de 0,21. O efeito de P sobre inteligência é de -0,22. Finalmente, o efeito da inteligência sobre aquisição de informação geral e atual é de 0,43 (eliminando o efeito de P, E e da idade em inteligência assim como o efeito da idade em QIG); enquanto o efeito de P sobre o QIG é de -0,18. Os índices de ajuste do modelo foram adequados: RMSEA = 0,067; TLI = 0,923. Tais resultados indicam que, após a inteligência, a dimensão P seja o único fator de personalidade que prediz a aquisição de informação geral e atual.

### Discussão

Os resultados da investigação mostram vários pontos de interesse. Em primeiro lugar, existe uma associação positiva e moderada entre a inteligência, medida pelo teste Raven, e a aquisição informal de conhecimentos gerais e atuais, medida pelo QIG ( $r=0,447$ ). Em segundo lugar, essa associação persiste mesmo controlando-se o efeito da vulnerabilidade social da escola ( $r=0,431$ ) e é similar para meninos e meninas. Tais resultados significam que, apesar de haver maior nível intelectual e maior nível de conhecimentos gerais em crianças que frequentam escolas com menor risco de desamparo social, em termos gerais, há um efeito genuíno e independente da inteligência sobre o nível de aquisição espontânea de informação geral e atual.

Crianças com maior nível intelectual procuram informar-se do que ocorre no país e no mundo e, portanto, encontram-se mais atualizadas que seus pares de menor nível intelectual. No presente estudo, a inteligência dos escolares ( $0,431^2=18,5\%$ ) explicou nove vezes mais a variação na aquisição informal de conhecimentos gerais do que a vulnerabilidade social da escola em que estavam matriculados ( $0,142^2=2,01\%$ ).

Em terceiro lugar, os dados da segunda amostra mostraram que, após o controle do efeito desenvolvimental (efeito da idade), a inteligência e a personalidade (especificamente psicoticismo) apresentam de forma independente predição da informação geral e atual (QIG), porém em intensidade variada. No caso, a inteligência (0,43) prediz quase 2,5 vezes a mais do que a personalidade (-0,18).

Esses resultados são semelhantes aos de estudos que compararam simultaneamente medidas de inteligência e personalidade ao desempenho escolar em

crianças e adolescentes, como, por exemplo, os estudos de Di Fabio e Busoni (2007), cujos resultados mostraram que a inteligência sozinha pode explicar entre 4 e 17% da variância no sucesso escolar, e, quando características de personalidade são adicionadas ao modelo, a explicação da variância pode aumentar entre 10 e 20%. Mostra-se assim que características de personalidade acrescentam informação adicional à inteligência na predição do sucesso escolar.

No presente estudo, as associações obtidas entre dimensões de personalidade são aquelas encontradas na literatura. Assim, as dimensões E e N não são completamente independentes de P, pois existe uma pequena associação entre elas que não está vinculada à idade; também E e P não são completamente independentes de inteligência. Parece existir uma leve associação entre essas dimensões e a inteligência.

De forma geral, os resultados mostraram que além da inteligência, o psicoticismo, visto como uma dimensão relacionada à antissociabilidade, apresenta associação, negativa no caso, com o comportamento de aquisição de informação geral. Isto é, quanto maior o traço de psicoticismo, menor é o interesse do indivíduo em saber o que ocorre no país e no mundo e, provavelmente, menor será o desempenho acadêmico e profissional.

O presente estudo tem a limitação de não ter medidas sobre hábitos de leitura em casa e/ou nível educacional dos pais, fatores que poderiam influenciar os valores de associação entre QIG com a inteligência e a personalidade. Deve-se recordar, porém, que o estudo de Colom e Flores-Mendoza (2007) mostrou não haver efeito do poder aquisitivo ou do nível de instrução dos pais no desempenho escolar em crianças de Belo Horizonte. Por último, o estudo não dispõe de medidas de memória, um construto provavelmente também associado à evocação de fatos nacionais ou mundiais. Na adaptação brasileira do WISC III, os subtestes Informação e Dígitos (memória a curto prazo) associaram-se em 0,46, e, na versão americana, a associação foi de 0,34 (Wechsler, 2002). É possível, portanto, que a memória seja um fator a ser considerado, apesar de o estudo de Hambrick et al. (in press) com pessoas adultas ter mostrado não haver efeito da memória sobre o conhecimento anterior ou atual. De qualquer forma, as três limitações que aqui se expõem devem ser controladas em futuras investigações.

Conclui-se que o conhecimento geral e atual parece refletir em primeiro lugar uma extensão da inteligência, isto é, uma "amplitude do intelecto" na classificação de Thorndike. A amplitude é o número de diferentes coisas que um indivíduo conhece e à qual toda pessoa em princípio teria acesso, como, por exemplo, informação geral (Jensen, 1998). Em segundo lugar, o conhecimento informal parece sofrer influência da personalidade, especificamente daquela dimensão que impele as pessoas a sensibilizarem-se e a acompanharem os fatos que ocorrem no seu ambiente social. Essa dimensão chamada de psicoticismo na teoria de Eysenck foi reclamada pelo próprio autor como uma dimensão geral que encobre Conscienciosidade e Amabilidade (Eysenck, 1992), justamente as dimensões que aparecem na literatura como preditores do desempenho acadêmico (Chamorro-Premuzic & Furnham 2003).

Manter-se atualizado do mundo que nos rodeia é o preâmbulo da aquisição do "information literacy", um conceito relacionado à permanente aprendizagem e busca de informação relevante por parte das pessoas (Dudziak, 2003) e que é bastante necessário nas sociedades cujas economias estão baseadas em conhecimento (O'Sullivan, 2002). Nesse sentido, o presente estudo indicou que ambos os construtos psicológicos, inteligência e personalidade, parecem ser bastante importantes para explicar o porquê as pessoas *desde cedo* diferem no seu nível de informação geral e atual.

## Referências

- Angelini, A. L., Alves, I. C. B., Custódio, E. M., Duarte, W. F., & Duarte, J. L. M. (1999). Padronização brasileira das matrizes progressivas coloridas de Raven. In J. C. Raven. *Manual matrizes progressivas coloridas de Raven: escala especial*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Beier, M. E., & Ackerman, P. L. (2001). Current events knowledge in adults: an investigation of age, intelligence and non-ability determinants. *Psychology and Aging, 16* (4), 615-628.
- Beier, M. E., & Ackerman, P. L. (2003). Determinants of health knowledge: an investigation of age, gender, abilities, personality, and interests. *Journal of Personality and Social Psychology, 84* (2), 439-448.
- Beier, M. E., & Ackerman, P. L. (2005). Age, ability, and the role of prior knowledge on the acquisition of new domain knowledge: promising results in a real-world learning environment. *Psychology and Aging, 20* (2), 341-355.

- Brody, N. (1992). *Intelligence*. San Diego: Academic Press.
- Browne, M. W., Cudeck, R., Tateneni, K., & Mels, G. (2004). *CEFA: Comprehensive exploratory factor analysis*, (version 2). [Computer software and manual]. Available from <http://quantm2.psy.ohio-state.edu/browne/>
- Bryman, A., & Cramer, D. (1990). *Quantitative data analysis for social scientists*. London: Routledge.
- Chamorro-Premuzic, F., & Ackerman, P. (2006). Ability and personality correlates of general knowledge. *Personality and Individual Differences*, *41* (3), 419-429.
- Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2003). Personality predicts academic performance: evidence from two longitudinal university samples. *Journal of Research in Personality*, *37* (4), 319-338.
- Colom, R., & Flores-Mendoza, C. E. (2007). Intelligence predicts scholastic achievement irrespective of SES factors: evidence from Brazil. *Intelligence*, *35* (3), 243-251.
- De Raad, B., & Shouwenburg, H. C. (1996). Personality in learning and education. *European Journal of Personality*, *10* (5), 303-336.
- Deary, I. J., Whitman, M. C., Starr, J. M., Whalley, L. J., & Fox, H. C. (2004). The impact of childhood intelligence on later life: following up the Scottish Mental Surveys of 1932 and 1947. *Journal of Personality and Social Psychology*, *86* (1), 130-147.
- Di Fabio, A., & Busoni, L. (2007). Fluid intelligence, personality traits and scholastic success. Empirical evidence in a sample of Italian high school students. *Personality and Individual Differences*, *43* (8), 2095-2104.
- Dudziak, E.A. (2003). Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, *31* (1), 23-35.
- Eysenck, H. J. (1992). A reply to Costa and McCrae. P or A and C- the role of theory. *Personality and Individual Differences*, *13* (8), 867-868.
- Eysenck, H. J., & Eysenck, S. B. G. (1975). *Manual of the Eysenck personality questionnaire*. London: Hodder and Stoughton.
- Gottfredson, L. (2003). Jobs and life. In H. Nyborg (Ed.), *The scientific study of general intelligence* (pp.293-342). Amsterdam: Pergamon.
- Guerin, D. W., Gottfried, A. W., Oliver, P. H., & Thomas, C. W. (1994). Temperament and school functioning during early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, *14* (2), 200-225.
- Hambrick, D. Z., Pink, J. E., Meinz, E. J., Pettibone, J. C., & Oswald, F. L. (2008). The roles of ability, personality, and interests in acquiring current events knowledge: a longitudinal study. *Intelligence*, *36* (3), 261-278.
- Heaven, P. C. L., Mak, A., Barry, J., & Ciarrochi, J. (2002). Personality and family influences on adolescent attitudes to school and self-rated academic performance. *Personality and Individual Differences*, *32* (3), 453-46
- Heaven, P. C. L., Ciarrochi, J. R., & Vialle, W. (2007). Conscientiousness and Eysenckian Psychoticism as predictors of school grades. A one-year longitudinal study. *Personality and Individual Differences*, *42* (3), 535-546.
- Jensen, A. R. (1998). *The g factor*. London: Praeger.
- Laidra, K., Pullman, H., & Allik, J. (2007). Personality and intelligence as predictors of academic achievement: A cross-sectional study from elementary to secondary school. *Personality and Individual Differences*, *42* (3), 441-451.
- Lubinski, D. (2004). Introduction to the special section on cognitive abilities: 100 years after Spearman's (1904) 'General intelligence', objectively determined and measured". *Journal of Personality and Social Psychology*, *86* (1), 96-111.
- Mansur-Alves, M. (2007). *Diferenças individuais na dimensão neuroticismo em população escolar por meio dos testes BFQ-C e EPQ-J*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Martin, R. P., Drew, K. D., Gaddis, L. R., & Moseley, M. (1988). Prediction of elementary school achievement from preschool temperament: three studies. *School Psychology Review*, *17*, (1), 125-137.
- Nahas, M. I. P., Ribeiro, C. A., Esteves, O. A., Moscovitch, S., & Martins, V. L. A. B. (2000). O mapa da exclusão social de Belo Horizonte: metodologia de construção de um instrumento de gestão urbana. *Caderno de Ciências Sociais*, *7* (10), 75-88.
- O'Sullivan, C. (2002). Is information literacy relevant in the real world? *Reference Services Review*, *30* (1), 7-14.
- Organization for Economic Co-operation and Development. (2001). *Knowledge and skills for life. First results from PISA 2000*. Paris: OECD.
- Oleto, R. R. (2006). Percepção da qualidade da informação. *Ciência da Informação*, *35* (1), 57-62.
- Petrides, K. V., Chamorro-Premuzic, T., Frederikson, N., & Furnham, A. (2005). Explaining individual differences in scholastic behaviour and achievement. *British Journal of Educational Psychology*, *75* (2), 239-255.
- Raven, J. (2001). *Matrizes progressivas de Raven: escala geral*. Rio de Janeiro: Centro de Psicologia Aplicada.
- Roid, G. H. (2003). *Stanford-binet intelligence scales, fifth edition, technical manual*. Rolling Meadows, IL: Riverside Publishing.
- Slobodskaya, H. R., Safronova, M. V., & Windle, M. (2005). Personality, temperament and adolescent adjustment in modern Russia. *Personality and Individual Differences*, *39* (1), 167-78.
- Wechsler, D. (2002). *Escala de inteligência Wechsler para crianças* (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em: 3/4/2008

Versão final reapresentada em: 18/6/2009

Aprovado em: 29/1/2010

# Avaliação do vocabulário receptivo de crianças pré-escolares

## *An evaluation of receptive vocabulary in preschool children*

Maria Vanderléia Matos **ARAÚJO**<sup>1</sup>  
Márcia Regina Fumagalli **MARTELETO**<sup>2</sup>  
Teresa Helena **SCHOEN-FERREIRA**<sup>3</sup>

### Resumo

Linguagem receptiva é a capacidade de o indivíduo compreender o que ouve e lê. Este artigo objetiva avaliar o desempenho de crianças pré-escolares quanto ao vocabulário receptivo. Participaram 159 alunos - 56% do 1º estágio e 44% do 3º estágio - de uma escola de Educação Infantil do Município de São Paulo. Foi utilizado o Teste de Vocabulário por Imagens Peabody, que avalia o desenvolvimento lexical no domínio receptivo. Após autorização da direção da escola e dos pais, as crianças foram avaliadas individualmente. Houve um desempenho inferior ao esperado para a idade em 61% das crianças. Os alunos do 1º estágio saíram-se melhor do que os do 3º estágio. O gênero da criança e a escolaridade da mãe não interferiram no desempenho do teste. Conclui-se que é importante, já na pré-escola, um trabalho mais intensificado com vocabulário para as crianças desenvolverem seu potencial comunicativo.

**Unitermos:** Educação infantil. Linguagem infantil. Vocabulário.

### Abstract

*Receptive language is the individual's capacity to understand what he hears or reads. Objective: to evaluate the performance of kindergarten children in terms of their receptive vocabulary. 159 students from a public school participated in the study and responded to the Peabody Test that evaluates the lexical development in the receptive domain. Procedure: after obtaining authorization from the school principal's office and parents, the children were evaluated individually. Results: 61% of the children showed a lower performance than expected for their age. The 1<sup>st</sup> grade students demonstrated better results than those in the 3<sup>rd</sup> grade. The child's gender and the mothers' level of education did not interfere in the test performance. Conclusion: as early as kindergarten, it is already important to work on vocabulary, in order to develop the children's potential for communication.*

**Uniterms:** Child reading. Child language. Vocabulary.

A linguagem é definida como um sistema arbitrário de símbolos que serve para expressar ideias e sentimentos e mediar o comportamento (Luque & Vila,

2004). Deve ser concebida no contexto da interação social não simplesmente como meio de transmissão de informação, mas como projeção das próprias pessoas, veículo

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo, Departamento de Fonoaudiologia, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Nove de Julho, Curso de Psicologia, Departamento de Saúde. São Paulo, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo, Departamento de Pediatria, Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente. R. Joaquim Távora, 550, ap. 84, São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: T.H. SCHOEN-FERREIRA. E-mail: <teresaschoen.dped@epm.br>.

de trocas, de relações, como meio de representação e comunicação, observando seus significados intrínsecos. Nesse sentido, a linguagem possui uma dinâmica que contribui para o desenvolvimento cognitivo infantil, podendo ser estudada sob pontos de vista distintos (Fitch, 2007; Schirmer, Fontoura & Nunes, 2004). A teoria do processamento de informação investiga as diferenças individuais observáveis no desempenho de diversas tarefas, estudando separadamente habilidades cognitivas, incluindo a linguagem (Sternberg & Grigorenko, 2006).

Como um sistema finito de princípios e regras, a linguagem permite que um falante codifique significado em sons e que um ouvinte decodifique sons em significados (Bee, 2003, Schirmer et al., 2004). A compreensão deve ser vista como um processo que exige que a criança infira os significados a partir de contextos plausíveis (Johnson et al., 2009; Sternberg & Grigorenko, 2004).

A linguagem receptiva diz respeito à capacidade de a criança compreender a linguagem, em contraste com sua capacidade de expressá-la, denominada linguagem expressiva: habilidade da criança falar e se comunicar oralmente (Bee, 2003, Feldman, Campbell, Kus-Lasky & Rockette, 2005, Macedo, Capovilla, Duduchi, D'Antino & Firmo, 2006, Smeekens, Riksen-Walraven & Bakel, 2008). A linguagem receptiva compreende o entendimento da entonação, da melodia da voz do outro durante a fala e do significado das palavras em seus diferentes contextos.

Muito antes de começar a falar, a criança está habilitada a usar o olhar, a expressão facial e o gesto para comunicar-se com os outros. Aos poucos, desenvolve a capacidade para discriminar os sons da fala. A aprendizagem do código linguístico baseia-se no conhecimento que a criança vai adquirindo do mundo ao seu redor, sendo resultante da interação bastante complexa entre capacidades biológicas, inatas e estimulação ambiental (Feldman et al., 2005; Nogueira, Fernández, Porfirio & Borges, 2000; Olds et al., 2004).

Os modelos de aquisição de linguagem infantil preveem interação entre níveis linguísticos, fonológicos, vocabulares, sintáticos e semânticos. As dimensões de organização adequadas para as primeiras fases de compreensão e produção linguísticas devem ser encontradas nas representações memorizadas da criança para eventos ou experiências específicos (Giusti & Befi-Lopes,

2008, Smeekens et al., 2008). Como acreditam Mota e Castro (2007), o processo de escolarização provoca mudanças no pensamento. A linguagem receptiva é necessária para a compreensão das instruções dadas pelo professor, sejam elas curtas, compridas, simples ou complexas. O ingresso em uma escola de educação infantil aumenta as exigências de clareza e compreensão das produções verbais, especialmente o vocabulário receptivo (Hage, Joaquim, Carvalho, Padovani & Guerreiro, 2004; Luque & Vila, 2004).

Espera-se que, no período pré-escolar, as crianças desenvolvam produções linguísticas mais claras e compreensivas, aumentem seu vocabulário, usem melhor as flexões gramaticais e comecem a se preocupar com uma sintaxe mais complexa. Antes de ingressarem no ensino fundamental, já devem ter tido convívio com um repertório linguístico variado, acesso à linguagem escrita e já deve haver um domínio completo do repertório fonético (Luque & Vila, 2004). As crianças parecem ter muitos conceitos sobre o mundo antes de terem palavras para eles, mas aprender novas palavras também cria novos conceitos (Rhoades, Greenberg & Domitrovich, 2009).

O modo como os pais e professores falam com a criança, a quantidade e qualidade do vocabulário utilizado e a experiência com a linguagem e o ambiente possibilitam a aquisição de palavras novas. Pode-se dizer que a compreensão da linguagem por parte das crianças acontece bem antes da produção expressiva oral ou escrita (Berk, 2001; Li, Zhao & Whitney, 2007; Ronski & Sevcik, 2005). Inclusive há muitas palavras que podem ser compreendidas embora jamais usadas. As crianças parecem utilizar outros componentes da linguagem para compreender o significado das palavras, como a gramática, escutando palavras e deduzindo o significado a partir de como elas são utilizadas na frase. O número de palavras compreendidas é o dobro do de palavras emitidas, comprovando que o desenvolvimento da compreensão é mais rápido que o da emissão (Benedict, 1979).

Relata-se que as crianças pequenas aprendem uma média de nove palavras por dia, atingindo 14 mil palavras no seu vocabulário de compreensão pela idade de 6 anos (Berk, 2001; Chapman, 1996). As crianças diferem no ritmo do desenvolvimento do vocabulário e da gramática, diferenças explicadas pela hereditariedade e

pelas influências ambientais. Apesar dessas variações do desenvolvimento inicial, a maioria das crianças já fala bem aos cinco ou seis anos de idade (Bee, 2003). Muitos estudos mostram que as meninas estão um pouco à frente dos meninos em relação à linguagem até os dois anos de idade. Depois, gradualmente, as diferenças vão desaparecendo (Berk, 2001).

A boa capacidade verbal está positivamente correlacionada à aquisição de conhecimentos e também prediz o sucesso fora da área acadêmica (Atance & Jackson, 2009; Rhoades et al., 2009; Romski & Rose, 2005; Sternberg & Grigorenko, 2006). As pessoas com capacidade verbal geral superior são mais capazes de captar o significado das palavras a partir de indícios. Para descobrir o significado de uma palavra desconhecida, uma pessoa deve ser capaz de reagir ao contexto no qual a palavra aparece (Sternberg & Grigorenko, 2004, 2006). Belintante (2000) afirma que, para o indivíduo transitar entre os diferentes ambientes que frequenta, necessita de um vocabulário mais amplo.

A ida da criança pequena para a escola propicia benefícios, pois as situações escolares podem ser ricas em experiências sociais e de aprendizagem. A possibilidade de vivenciar situações diversificadas e sistemáticas de comunicação tende a acelerar a aquisição da linguagem. Por meio da linguagem, a criança se torna capaz de compreender o contexto cultural e nele se inserir. As relações e normas culturais circulam na linguagem, que ocupa, portanto, um papel central na socialização do indivíduo (Hage et al., 2004; Johnson et al., 2009; Olds et al., 2004; Rhoades et al., 2009).

O crescimento social da criança implica sua inserção e participação em grupos que proveem situações de interação que estruturam seu ambiente e criam para ela necessidades cada vez mais avançadas de comunicação (Johnson et al., 2009; Olds et al., 2004; Rhoades et al., 2009; Sternberg & Grigorenko, 2004). As primeiras palavras compreendidas pela criança estão relacionadas a pessoas, objetos, eventos, cenários e afeto. Atrasos na compreensão desses conceitos limitarão a compreensão, aquisição e uso de linguagem (Chapman, 1996).

O atraso de linguagem pode ser identificado a partir dos dois anos de idade por meio da avaliação do número de palavras faladas e/ou compreendidas (F.C. Capovilla & A.S.G. Capovilla, 1997) e pode envolver

problemas na incorporação de novas palavras ao vocabulário e, se não tratado, pode ter consequências cognitivas, sociais e emocionais graves (Johnson et al., 2009; Olds et al., 2004; Rhoades et al., 2009). As alterações da linguagem situam-se entre os mais frequentes problemas do desenvolvimento, atingindo 19% das crianças pré-escolares e 16% das escolares, segundo Perissinoto, Schoen-Ferreira e Marteleto (2007).

A manifestação do retardo de linguagem ocorre na forma de uma evolução não satisfatória ou dificultosa, podendo atingir o aspecto de compreensão e expressão verbal: vocabulário restrito, dificuldades em elaborar frase, uso pouco frequente da linguagem, dificuldades de compreensão, inabilidade para relatar fatos ou acontecimentos vivenciados, narrativa truncada e apoiada em gestos, fala ininteligível, geralmente acompanhada de distúrbios articulatórios (Johnson et al., 2009, Schirmer et al., 2004).

Duncan, Brooks-Gunn e Klebanov (1994) estudaram o desenvolvimento cognitivo de crianças aos cinco anos de idade, levando em conta a baixa renda familiar, a duração das privações e a escolaridade materna, que, quando de melhor nível, exerceu efeito benéfico, enquanto a baixa renda e a duração das privações, efeito negativo significativo. Cardoso, Pedromônico, Silva e Puccini (2003) constataram que a escolaridade materna interfere positivamente sobre o desenvolvimento da linguagem da criança pré-escolar.

Um estudo realizado em creches e pré-escolas no Embu, uma cidade-dormitório da Grande São Paulo, mostrou que 44,3% das crianças apresentaram linguagem receptiva abaixo da média esperada para a idade. Como fatores associados ao melhor desempenho, observaram-se a idade da criança e a escolaridade materna (Basílio, Puccini, Silva & Pedromônico, 2005).

As crianças menos expostas à linguagem ou expostas a uma linguagem menos variada em seus primeiros anos de vida não parecem alcançar, posteriormente, as outras em vocabulário (Bee, 2003; Berk, 2001). Dias, Enumo e Turini (2006) observaram que as crianças de 5ª série não haviam adquirido, nas séries anteriores, as habilidades necessárias para cursarem com sucesso a série em que se encontravam. Fracasso escolar em séries mais avançadas muito possivelmente seja decorrente de falhas no processo inicial de aquisição das

habilidades comunicativas necessárias à boa aprendizagem.

O DSM IV<sup>TR</sup> (American Psychiatric Association, 2002) identifica o transtorno da linguagem receptiva, situação em que a compreensão da linguagem pela criança está demonstrada por escores acentuadamente abaixo das medições padronizadas, individualmente administradas. As características linguísticas do transtorno variam de acordo com a gravidade e a idade da criança e incluem uma fala de quantidade limitada, vocabulário restrito, dificuldade em adquirir novas palavras, erros na busca da palavra correta ou de vocabulário, frases abreviadas, estruturas gramaticais simplificadas, variedades limitadas de estruturas gramaticais e/ou tipos de frases, omissões de partes críticas das frases, uso de uma ordem inusitada das palavras e desenvolvimento lento da linguagem. As crianças com essa espécie de prejuízo frequentemente começam a falar tarde e atravessam mais lentamente do que o habitual os vários estágios do desenvolvimento da linguagem expressiva. O tipo evolutivo de transtorno da linguagem receptiva geralmente é identificado por volta dos três anos de idade.

O vocabulário é uma maneira indireta de acesso à linguagem do indivíduo. A detecção precoce de atrasos de linguagem, verificada por meio da quantificação do vocabulário, permite a intervenção precoce por profissionais habilitados. Gatti (2004) mostra a existência de problemas educacionais que, para sua contextualização e compreensão, necessitam ser qualificados através de dados quantitativos. Mota e Castro (2007) e Giusti e Befi-Lopes (2008) denunciam a falta de instrumentos que possam ajudar o pesquisador e o profissional a estudarem e identificarem com mais eficácia os atrasos de linguagem.

Azanha (2004) afirma que as deficiências detectadas em relação à escola e ao alcance de seus objetivos precisam ser enfrentadas por um esforço permanente de investigação e busca. O objetivo do presente estudo, portanto, foi avaliar o desempenho de crianças pré-escolares quanto ao vocabulário receptivo antes do início do processo de alfabetização, procurando detectar possíveis atrasos de linguagem e verificar a interferência do gênero e de condições sociais no vocabulário das crianças.

## Método

Estudo observacional transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Unifesp, sob o nº 1042/03.

### Participantes

De um universo de 330 alunos matriculados em uma escola municipal de educação infantil de São Paulo, participaram deste estudo, no ano letivo de 2004, 159 (48,2%) alunos de quatro a sete anos de idade, sendo 84 (53,0%) do gênero masculino e 75 (47,0%) do feminino. Foram divididos em dois grupos de acordo com a escolaridade: o dos frequentadores do primeiro estágio - série inicial na educação infantil (56,0%) e o dos frequentadores do terceiro estágio - última série da educação infantil (44,0%). Com o ensino fundamental de nove anos, as crianças do terceiro estágio seriam consideradas alunas do primeiro ano.

### Instrumentos

Foi utilizado para a avaliação o Teste de Vocabulário por Imagens Peabody (TVPI) (Capovilla et al., 1997), que avalia o desenvolvimento lexical no domínio receptivo de crianças entre dois anos e seis meses até dezoito anos de idade. O teste consiste de 130 pranchas com quatro desenhos cada uma, organizadas em grau crescente de dificuldade; o examinando aponta a figura que representa a palavra falada pelo examinador e, no final, cada examinando recebe um escore e uma classificação do desempenho de acordo com a faixa etária comparada à população de padronização. O instrumento permite uma avaliação objetiva, rápida e precisa do vocabulário receptivo auditivo em uma ampla variedade de áreas, incluindo pessoas, ações, qualidades, partes do corpo, tempo, natureza, lugares, objetos, animais, termos matemáticos, ferramentas e instrumentos.

### Procedimentos

Inicialmente foi feito contato com a direção da escola para obter autorização para a realização da pesquisa. Em uma reunião de pais e mestres, foram expostos o objetivo do presente trabalho e o modo como ele seria realizado. Uma das pesquisadoras parti-

cipou, durante duas semanas, das atividades escolares a fim de conhecer a dinâmica do estabelecimento e ser conhecida pelas crianças. Após autorização dos pais, as crianças que frequentavam o primeiro ou o terceiro estágio da educação infantil foram convidadas a acompanhar a pesquisadora a uma sala adequada na própria escola e a responderem ao instrumento. Foi permitida a presença da professora de classe ou de algum outro funcionário da escola a fim de dar segurança à criança e assegurar a ética do estudo. A pesquisadora permaneceu por quatro semanas na escola. A avaliação com cada criança demorou de 10 a 20 minutos para ser realizada e os dados foram anotados em um protocolo específico, que foi codificado, a fim de preservar o sigilo do estudo. Avaliaram-se pelo coeficiente de correlação de Pearson e pelo teste *t* de Student as eventuais relações entre as variáveis. Após a análise dos dados, as pesquisadoras participaram do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) a fim de passar informações aos professores sobre o desenvolvimento da linguagem receptiva e mostrar os resultados do estudo, reafirmando o cumprimento dos princípios éticos que norteiam a pesquisa em psicologia.

## Resultados

A média geral de idade das crianças avaliadas foi de 68 meses, com idade mínima de 47 e máxima de 95 meses, ocorrendo diferença estatisticamente significativa entre as idades dos dois grupos ( $p < 0,0001$ ). Não houve diferença estatisticamente significativa na distribuição dos gêneros nos estágios (Tabela 1).

**Tabela 1.** Distribuição da amostra em relação ao sexo e idade, por escolaridade.

Variáveis	1º estágio		3º estágio		Total	
	n	%	n	%	n	%
<i>Sexo</i>						
Masculino	41	46,1	34	48,6	75	47,2
Feminino	48	53,9	36	51,4	84	53,8
<i>Idade (anos)</i>						
4	56	62,9	0	0,0	56	35,2
5	33	37,1	0	0,0	33	27,7
6	0	0,0	49	70,0	49	30,8
7	0	0,0	21	30,0	21	13,2
<b>Total</b>	89	56,0	70	44,0	159	100,0

**Tabela 2.** Desempenho no Teste de Vocabulário por imagens (TVIP) em relação ao sexo, idade, escolaridade, ocupação materna e escolaridade materna.

Variáveis	Abaixo da média		Média		Acima da média		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
<i>Sexo</i>								
Masculino	47	62,7	25	33,3	3	4,0	75	47,2
Feminino	50	59,5	31	36,9	3	3,6	84	53,8
<i>Idade (anos)</i>								
4	24	42,9	27	48,2	5	8,9	56	35,2
5	20	60,5	12	36,4	1	3,0	33	27,7
6	36	73,5	13	26,5	0	0,0	49	30,8
7	17	81,0		19,0	0	0,0	21	13,2
<i>Escolaridade</i>								
1º estágio	44	49,4	39	43,8	6	6,7	89	56,0
3º estágio	53	75,7	17	24,3	0	0,0	70	44,0
<i>Ocupação materna</i>								
Empregada	38	59,4	23	35,9	3	4,7	64	40,3
Desempregada	27	60,0	16	35,6	2	4,4	45	28,3
Sem dados	32	64,0	17	34,0	1	2,0	50	31,4
<i>Escolaridade materna</i>								
Até 5 anos	15	60,0	10	40,0	0	0,0	25	15,7
Maior de 5 anos	47	58,7	28	35,0	5	6,3	80	50,2
Sem dados	35	64,8	18	33,3	1	1,9	54	34,0
<b>Total</b>	97	61,0	56	35,2	6	3,8	159	100,0

A escolaridade média das mães dos participantes era de sete anos e meio, sendo a maior escolaridade de 13 anos de frequência escolar, e a menor de um ano de estudo. Não houve diferença estatisticamente significativa em relação à escolaridade materna, ao gênero das crianças ou ao estágio escolar. O mesmo ocorreu com o fato de a mãe trabalhar ou não fora de casa. A mãe mais nova tinha 20 anos (quinze anos de diferença em relação ao filho) e a mais velha, 50 (46 anos de diferença em relação ao seu filho).

Houve um desempenho inferior ao esperado para a idade no TVIP em 61,0% das crianças da pré-escola. No primeiro estágio, 49,4% dos alunos tiveram um desempenho inferior; e no terceiro, 75,7%.

Esse teste apresenta uma pontuação máxima de acerto em 125 pontos. As crianças do terceiro estágio tiveram um número de palavras corretas significativamente maior ( $p < 0,001$ ) - média de 59 palavras - que as do primeiro estágio - média de 39 palavras. Apesar de terem acertado mais palavras, houve uma associação negativa entre a escolaridade e o desempenho no teste ( $p = 0,001$ ): os alunos do terceiro estágio saíram-se pior que os do primeiro estágio. Seis crianças que frequentavam o primeiro estágio foram classificadas com desempenho superior (Tabela 2).

A maioria das crianças com quatro anos de idade obteve pontuação na média e a maioria das crianças de cinco e sete anos obtiveram pontuação baixa. Não houve diferença estatística significativa entre as médias de acertos por gênero ( $p = 0,94$ ) - tanto meninos quanto meninas acertaram em média 47 palavras - nem quanto ao desempenho no teste.

O grau de escolaridade da mãe não interferiu no número de acertos ou desempenho do teste dos filhos ( $p = 0,42$ ), assim como o fato de ela trabalhar ou não fora de casa ( $p = 0,99$ ).

## Discussão

A avaliação do vocabulário é um indicador do desenvolvimento cognitivo da criança e pode servir para nortear políticas educacionais para a educação infantil, inclusive prevenindo problemas escolares futuros. Concordamos com Gatti (2004) de que são necessários dados quantitativos para compreender melhor os problemas educacionais brasileiros.

Este estudo confirmou que, com o aumento da idade, aumenta-se também o vocabulário, que é um fator do próprio desenvolvimento (Atance & Jackson, 2009; Macedo et al., 2006; Rhoades et al., 2009). Entretanto, o fato de as crianças mais velhas terem tido um desempenho pior que as mais novas é um indicador de que quantidade não significa qualidade. Para haver uma boa comunicação entre as pessoas, não basta ter mais palavras, mas que o vocabulário acompanhe, de forma harmônica, as exigências da cultura em que a pessoa está inserida.

Sem esquecer os limites impostos por um estudo transversal como este, parece que o baixo desempenho dos alunos do último estágio da pré-escola denuncia a falta de habilidades que deveriam ter sido desenvolvidas ao longo desse nível educacional. A criança ingressa no sistema educacional com um vocabulário pobre, e a escola não dá conta de diminuir a defasagem existente. De acordo com Belintane (2000), a criança necessita de um vocabulário mais amplo para transitar bem em diversos ambientes. Acreditamos que, com essa defasagem no vocabulário, torna-se difícil a criança transitar adequadamente no ambiente escolar, e, conseqüentemente, ela poderá apresentar problemas de aprendizagem durante o ensino fundamental. Um trabalho voltado para o aumento do léxico na educação infantil é fundamental para facilitar a alfabetização.

Comparando esses achados aos do estudo realizado por Basílio et al. (2005), verificou-se que as crianças do Embu apresentaram desempenho superior. Em ambos, as crianças apresentaram um alto índice de problemas com relação à linguagem receptiva, medida pelo TVIP. Esses resultados nos levam a refletir se a amostra padronizada do TVIP é muito diferente das crianças deste estudo e, portanto, se seria inviável uma comparação, ou se o local onde os estudos estão sendo realizados são ambientes de risco para o desenvolvimento. Há uma forte associação positiva entre qualidade da estimulação ambiental e desempenho cognitivo infantil.

Os estudos vêm demonstrando que crianças advindas de meios socioculturais baixos apresentam um risco maior de terem problemas de desenvolvimento, inclusive de desenvolvimento da linguagem. Essas crianças podem ser beneficiadas não com uma outra padronização no TVIP, mas com intervenções na escola de educação infantil que visem ao desen-

volvimento integral e procurem minimizar as diferenças existentes entre as crianças advindas de meios socioculturais mais privilegiados.

É importante, portanto, um trabalho de intervenção já na pré-escola a fim de diminuir a distância entre o vocabulário apresentado pelas crianças e o que será exigido no ensino fundamental, pois, com a progressão escolar, aumentam-se as dificuldades escolares, favorecendo um pior desempenho escolar por parte das crianças que já ingressam apresentando uma história de déficits.

Acreditamos ser importante evitar que essas dificuldades se agravem, e procurar uma intervenção o mais precocemente possível. Concordamos com Azanha (2004) de que é necessário uma melhor formação do professor de educação infantil, incluindo estratégias para trabalhar com crianças com problemas de desenvolvimento na educação regular.

Adquirir palavras não é somente falar, mas compreender a palavra dita e procurá-la na memória. É também utilizar as habilidades metalinguísticas para concluir algo a respeito dos vocábulos ouvidos. Não se pode ser passivo no tocante à linguagem. Há sempre a necessidade de o indivíduo utilizar sua capacidade cognitiva para compreender e interferir no mundo. Sem um repertório amplo de palavras, fica difícil para a criança criar novas categorias conceituais (Bee, 2003). Com poucas categorias, a busca de significado e compreensão torna-se mais lenta, dificultando a aquisição de regras para a formação de palavras ou para acompanhar os assuntos discutidos em contextos formais (Bee, 2003; Berk, 2001).

Observou-se, neste estudo, a necessidade de investimento em intervenções que alcancem as crianças pequenas antes que elas fracassem no sistema educacional. É necessário preparar o professor para enfrentar este desafio: favorecer, através da educação, a inserção do indivíduo à sociedade organizada.

## Considerações Finais

A maioria das crianças que participaram deste estudo teve seu vocabulário receptivo classificado como abaixo da média, especialmente as mais velhas.

Embora este trabalho tenha dado ênfase às crianças que tiveram um desempenho abaixo do espe-

rado para a idade, não se deve negligenciar o estudo das crianças que apresentaram um desempenho superior, pois elas também se beneficiariam com uma educação de qualidade.

## Referências

- American Psychiatric Association. (2002). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-IVTR (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Atance, C. M., & Jackson, L. K. (2009). The development and coherence of future-oriented behaviors during the preschool years. *Journal of Experimental Child Psychology*, 102, 379-391.
- Azanha, J. M. P. (2004). Uma reflexão sobre a formação do professor da escola básica. *Educação e Pesquisa*, 30 (2), 369-378.
- Basílio, C. S., Puccini, R. F., Silva, E. M. K., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Living conditions and receptive vocabulary of children aged two to five years. *Revista de Saúde Pública*, 39 (5), 725-730.
- Bee, H. (2003). *A criança em desenvolvimento* (9ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Belintane, C. (2000). Linguagem oral na escola em tempo de redes. *Educação e Pesquisa*, 26 (1), 53-65.
- Benedict, H. (1979). Early lexical development: comprehension and production. *Journal of Child Language*, 6 (2), 183-200.
- Berk, L. E. (2001). *Desarrollo del niño y del adolescente* (4ª ed.). Madrid: Prentice-Hall Iberia.
- Capovilla, F. C., & Capovilla, A. G. S. (1997). Desenvolvimento linguístico na criança dos dois aos seis anos: tradução e padronização do Peabody Picture Vocabulary Test de Dunn & Dunn, e da Language Development Survey, de Rescorla. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação*, 1 (1), 353-380.
- Capovilla, F. C., Capovilla, A. G. S., Nunes, L., Araujo, I., Nunes, D., Nogueira, D., et al. (1997). Versão brasileira do teste de vocabulário por imagens Peabody. *Revista Distúrbios da Comunicação*, 8 (2), 151-162.
- Cardoso, R. M., Pedromônico, M. R. M., Silva, E. M. K., & Puccini, R. F. (2003). Conhecimento de mães e auxiliares de desenvolvimento infantil referente ao desenvolvimento da linguagem de crianças de zero a vinte e quatro meses. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 13 (2), 85-94.
- Chapman, R. S. (1996). *Processos e distúrbios na aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dias, T. L., Enumo, S. R. F., & Turini, F. A. (2006). Avaliação do desempenho acadêmico de alunos do ensino fundamental em Vitória, Espírito Santo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 23 (4), 381-390.
- Duncan, J. D., Brooks-Gunn, J., & Klebanov, P. K. (1994). Economic deprivation and early childhood development. *Child Development*, 65 (2), 296-318.

- Feldman, H. M., Campbell, T. F., Kurs-Lasky, M., & Rockette (2005). Concurrent and predictive validity of parent reports of child language at ages 2 and 3 years. *Child Development, 76* (4), 856-868.
- Fitch, W. T. (2007). Linguistics: an invisible hand. *Nature, 449* (11), 665-667.
- Gatti, B. A. (2004). Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa, 30* (1), 11-30.
- Giusti, E., & Befi-Lopes, D. M. (2008). Tradução e adaptação transcultural de instrumentos estrangeiros para o português brasileiro (PB). *Pró-Fono Revista de Atualização Científica, 20* (3), 207-210.
- Hage, S. R. V., Joaquim, R. S. S., Carvalho, K. G., Padovani, C. R., & Guerreiro, M. M. (2004). Diagnóstico de crianças com alterações específicas de linguagem por meio de escala de desenvolvimento. *Arquivos de Neuropsiquiatria, 62* (3-A), 649-653.
- Johnson, K. N., Karrass, J., Conture, E. G., & Walden, T. (2009). Influence of stuttering variation on talker group classification in preschool children: preliminary findings. *Journal of Communication Disorders, 42*, 195-210.
- Li, P., Zhao, X., & Whinney, B. M. (2007). Dynamic self-organization and early lexical development in children. *Cognitive Science, 31* (4), 581-612.
- Luque, A., & Vila, I. (2004). Desenvolvimento da linguagem. In C. J. Palácios & A. Marchesi (2004), *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva* (2ª ed., Vol. 1). Porto Alegre: Artmed.
- Macedo, E. C., Capovilla, F. C., Duduchi, M., D'Antino, M. E. F., & Firmo, L. S. (2006). Avaliando linguagem receptiva via teste de vocabulário por imagens Peabody: versão tradicional versus computadorizada. *Psicologia: Teoria e Prática, 8* (2), 40-50.
- Mota, M. M. E. P., & Castro, N. R. (2007). Alfabetização e consciência metalinguística: um estudo com adultos não alfabetizados. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24 (2), 169-179.
- Nogueira, S., Fernández, B., Porfírio, H., & Borges L. (2000). A criança com atraso da linguagem. *Saúde Infantil, 22* (1), 5-16.
- Olds, D. L., Kitzman, H., Cole, R., Robinson, J. Sidora, K. Luckey, D., et al. (2004). Effects of Nurse home-Visiting on maternal life course and child development: age 6 follow-up results of a randomized trial. *Pediatrics, 114* (6), 1550-1559.
- Perissinoto, J., Schoen-Ferreira, T. H., & Marteleto, M. R. F. (2007). Incidência de problemas de fala ou articulação em crianças/adolescentes do Município de São Paulo. *Anais do 15º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2007*, Gramado-RS. Suplemento Especial da Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.
- Rhoades, B. L., Greenberg, M. T., & Domitrovich, C. E. (2009). The contribution of inhibitory control to preschoolers' social-emotional competence. *Journal of Applied Developmental Psychology, 30* (3), 310-320.
- Romski, M. A., & Sevcik, R. A. (2005). Augmentative Communication and early intervention: myths and realities. *Infants & Young Children, 18* (3), 174-185.
- Schirmer, C. R., Fontoura, D. R., & Nunes, M. L. (2004). Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *Jornal de Pediatria, 80* (2 Supl), S95-S103.
- Smeeckens, S., Riksen-Walraven, J. M., & van Bakel, H. J. A. (2008). Profiles of competence and adaptation in preschoolers as related to the quality of parent-child interaction. *Journal of Research in Personality, 42* (6), 1490-1499.
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L. (2004). Why we need to explore development in its cultural context. *Journal of Developmental Psychology, 50* (3), 369-386.
- Sternberg, R. J., & Grigorenko, E. L. (2006). Cultural Intelligence and successful intelligence. *Group & Organization Management, 31* (1), 27-39.

Recebido em: 14/12/2007  
 Versão final reapresentada em: 29/6/2009  
 Aprovado em: 23/9/2009

# Escala de atitudes frente à tatuagem: elaboração e evidências de validade e precisão<sup>1</sup>

## *Scale of attitudes towards tattoos: production and proof of validity and accuracy*

Emerson Diógenes de **MEDEIROS**<sup>2</sup>

Valdiney Veloso **GOUVEIA**<sup>2</sup>

Carlos Eduardo **PIMENTEL**<sup>2</sup>

Ana Karla Silva **SOARES**<sup>2</sup>

Tiago Jessé Souza de **LIMA**<sup>2</sup>

### Resumo

Construiu-se uma medida de atitudes diante da tatuagem, reunindo evidências de sua validade fatorial e confiabilidade. A Escala de Atitudes frente à Tatuagem foi testada em dois estudos. No Estudo 1, participaram 273 estudantes universitários equitativamente distribuídos quanto ao gênero, com idade média de 25 anos, que responderam à Escala de Atitudes frente à Tatuagem e perguntas demográficas. Verificou-se que seus itens apresentaram poder discriminativo satisfatório, assim como emergiu a estrutura unifatorial esperada, com alfa de Cronbach de 0,96. No Estudo 2, participaram 245 estudantes universitários, a maioria do gênero masculino (55%), com idade média de 21 anos. Todos responderam à Escala de Atitudes frente à Tatuagem e à perguntas demográficas. Por meio de análise fatorial confirmatória, corroborou-se a estrutura unifatorial indicada previamente, com alfa de Cronbach de 0,93. Conclui-se que esse instrumento reúne evidências de validade fatorial e confiabilidade, podendo ser empregado para medir atitudes diante da tatuagem entre estudantes universitários.

**Unitermos:** Precisão de teste. Tatuagem. Validade.

### Abstract

*The authors built and checked for evidence of the factorial validity and reliability of a scale for measuring attitudes towards tattoos. The Attitudes Towards Tattoos Scale was tested in two studies. In Study 1, participants comprised 273 undergraduate students, equally distributed with respect to gender, with an average age of 25. They answered the Attitudes Towards Tattoos Scale and demographic questions. It was found that the items showed adequate discriminative power, and the expected unifactorial structure was identified, with Cronbach's Alpha ( $\alpha$ ) of 0.96. 245 undergraduate students participated In Study 2, most of them male (55%), with an average age of 21. They answered the Attitudes Towards Tattoos Scale and demographic questions. Based on confirmatory factor analysis, the unifactorial structure found in the previous study was corroborated, and an  $\alpha$  of 0.93 was observed. These findings suggest the Attitudes Towards Tattoos Scale presents evidence of factorial validity and reliability, and may be used among undergraduate students to measure attitudes towards tattoos.*

**Uniterms:** Test accuracy. Tattoos. Validity.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (1º autor) e demais autores bolsas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, de Produtividade em Pesquisa (processos nº 302199/2008-0; 140419/2009-8; 371412/2008-0; 111766/2008-7).

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia. Conjunto Humanístico, Bloco IV, Cidade Universitária, 58051-900, João Pessoa, PB, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: V. V. GOUVEIA. E-mails: <vvgouveia@pequisador.cnpq.br>; <vvgouveia@gmail.com>.

A prática da modificação corporal não é recente. De fato, é milenar o hábito de as pessoas se submeterem a transformações corporais por meio da inserção de ornamentos, colocação de piercings, escarificações e realização de tatuagens (Grumet, 1983). A literatura indica que desde tempos remotos o homem imprime pinturas e símbolos em sua pele (Nedden et al., 1994).

Diversas áreas do conhecimento têm se interessado pelo estudo da tatuagem, principalmente a antropologia (DeMello, 1993, 1995; Kent, 1997), a sociologia (Irwin, 2000; Myers, 1997; Vail, 1999), a medicina (Armstrong, DeBoer & Cetta, 2008; Caliendo, Armstrong & Roberts, 2004; Carrol, Rifferburgh, Roberts & Myhne, 2002; Greif, Hewitt & Armstrong, 1999; Mayers, Judelson, Moriarty & Rundell, 2002; Millner & Eichold II, 2001), a criminologia (Braithwaite, Robillard, Woodring, Stephen & Arriola, 2001; Brooks, Woods, Knight & Shrier, 2003) e a psicologia (Grumet, 1983; Houghton, Durkin, Parry, Turbett & Odgers, 1996). Apesar de a temática ser discutida amplamente, no Brasil não foi encontrada qualquer referência a pesquisas empíricas sobre tatuagens ou sobre atitudes diante delas. Por exemplo, em busca realizada no Index Psi ([www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)) e Google Acadêmico (2008) com as palavras e/ou expressões-chave "tatuagem", "atitudes frente à tatuagem" e "escala de atitudes frente à tatuagem", não se encontrou qualquer publicação que descrevesse pesquisa empírica que fizesse referência a um dos descritores anteriormente indicados.

Apesar de no contexto brasileiro ainda serem escassos os estudos sobre atitudes diante da tatuagem, em alguns países eles têm ocupado espaço importante das agendas de alguns pesquisadores. As atitudes diante da tatuagem vêm demonstrando ser um construto preponderante para o entendimento de diversos comportamentos e cognições, a exemplo daqueles de risco (Armstrong & Murphy, 1997; Carrol et al., 2002), uso de substâncias, agressão (Putnins, 2002), comportamentos não saudáveis (Huxley & Grogan, 2005), crenças religiosas (Koch, Roberts, Armstrong & Owen, 2004a; 2004b) e promoção de saúde (Stuppy, Armstrong & Casals-Ariet, 1998).

Em medicina, por exemplo, alguns riscos e complicações de saúde têm sido associados à modificação corporal (Armstrong, DeBoer & Celta, 2008; Caliendo, Armstrong & Roberts, 2004; Carrol et al., 2002; Greif et al.,

1999; Mayers et al., 2002; Millner & Eichold II, 2001), à atividade sexual pré-marital (Koch, Roberts, Armstrong & Owen, 2005, 2007) e à infecção por HIV (Beyrer et al., 2003). Também têm sido comuns os estudos que relacionam tais atitudes com comportamentos desviantes, a exemplo do uso de drogas (Braithwaite et al., 2001; Brooks et al., 2003), e mesmo com a aparição de doenças infecciosas, como a endocardite (Armstrong, DeBoer & Cetta, 2008; Cetta, Graham, Lichtenberg & Warnes, 1999; Lick, Edoize, Woodside & Conti, 2005; Shebani, Miles, Simmons & De Giovanni, 2007; Satchithananda, Walsh & Schofield, 2001).

As atitudes diante desse adorno corporal vêm, ainda, se mostrando adequadas para diferenciar homens e mulheres no que diz respeito a comportamentos específicos. Por exemplo, Stuppy et al. (1998) realizaram uma pesquisa na qual participaram provedores de cuidados de saúde - médicos e enfermeiros, além de estudantes de enfermagem e medicina - e verificaram que as atitudes dos participantes podem influenciar negativamente nos cuidados de saúde para com pessoas tatuadas. Esses autores observaram também que as mulheres apresentaram atitudes menos favoráveis diante de pessoas tatuadas do que o fazem seus pares do gênero oposto, fato recorrente em outros estudos (Armstrong, 1991; Hawkes, Senn & Thorn, 2004; Schorzman, Gold, Downs & Murray, 2006). Destaca-se, entretanto, que no contexto atual e ao menos nos Estados Unidos, o maior número de pessoas que procuram se tatuar é do sexo feminino (Armstrong, 1991; Hawkes et al., 2004; Stuppy et al., 1998).

Além dos comportamentos já citados, outros também vêm sendo associados com a tatuagem. Por exemplo, Braithwaite et al. (2001) afirmam que homens tatuados fumam mais cigarros e têm mais parceiras sexuais; já as mulheres tatuadas são mais comumente usuárias de álcool e outras drogas. Seguindo essa constatação, Deschesnes, Finès e Demers (2006) comprovam que jovens que usam tatuagem e/ou *piercing* incorrem num "risco natural" de apresentarem comportamentos arriscados; afirmam ainda que alguns dos fatores que contribuem para inclinação juvenil de usar tais adornos corporais são o uso de drogas, as atividades ilegais, a afiliação com gangues e os problemas com jogos de azar.

Em psicologia, parece existir uma lacuna quando se trata de estudos que consideram o assunto. Verifica-

-se que as tatuagens estão intimamente relacionadas com comportamentos de riscos e desviantes entre jovens adolescentes e adultos, como, por exemplo, usar drogas e praticar sexo sem camisinha (Armstrong & Murphy, 1997; Beyrer et al., 2003), sendo, portanto, importante compreendê-las. Nesse sentido, um passo preliminar seria contar com um instrumento psicometricamente adequado sobre tais atitudes, o que permitiria conhecer a força e a direção das atitudes dos jovens, favorecendo tratá-las adequadamente e definindo programas educativos que visem minorar os fatores de risco.

Encontram-se na literatura referências a um instrumento específico para medir atitudes diante do uso de tatuagem, intitulado *Armstrong Tattoo Scale* (ATS) (Armstrong, Owen, Roberts & Koch, 2002; Stuppy et al., 1998). Inicialmente, ele era composto por 17 itens respondidos de acordo com uma escala de tipo diferencial semântico, tendo apresentado parâmetros psicométricos satisfatórios. Por exemplo, em cinco amostras estadunidenses independentes, coerentemente, a escala apresentou uma estrutura unifatorial e consistência interna (alfa de Cronbach) variando de 0,92 a 0,95 (Stuppy et al., 1998). Porém, seus itens não foram encontrados na literatura consultada. Existe uma versão modificada da ATS, composta por 30 itens (Greif et al., 1999), que faz parte do *Armstrong Tattoo Attitude Survey* (ATTAS) (Armstrong et al., 2002). Apesar disso, não se encontrou qualquer referência acerca de sua adequação psicométrica.

Em resumo, considerando a importância das atitudes diante da tatuagem, sobretudo em razão de elas serem boas preditoras de comportamentos (Ajzen, 2001; Ajzen & Fishbein, 2005), justifica-se pensar na elaboração de um instrumento específico para medi-las, conhecendo evidências empíricas acerca de seus parâmetros psicométricos. Como previamente foi indicado, quer na literatura internacional quer na brasileira, não se encontrou qualquer medida específica cujas informações técnicas estejam disponíveis. Os estudos a seguir descritos têm como objetivos principais elaborar e reunir evidências de validade fatorial e consistência interna de uma medida nova sobre atitudes diante da tatuagem. Tais estudos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Lauro Wanderley (CEP/HULW), do Centro

de Ciências da Saúde, da Universidade Federal da Paraíba, protocolo nº 0011, em 28 de maio de 2008, estando de acordo com a Resolução Nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde - CNS/MS.

## Método

### Estudo 1. Elaboração da escala de atitudes frente à tatuagem

Esse primeiro estudo teve como objetivo principal elaborar a Escala de Atitudes frente à Tatuagem (EAFT-D). Procurou-se elaborar os itens, avaliar o poder discriminativo de cada um deles e conhecer a estrutura fatorial e a consistência interna do instrumento.

### Participantes

Contou-se com uma amostra não probabilística - intencional, de conveniência -, formada por 273 estudantes de uma universidade particular da cidade de João Pessoa (PB), com idade Média (M) de 25 anos e Desvio-Padrão - DP (DP) de 6,73 (amplitude de 17 a 50 anos), sendo quase igualmente distribuídos quanto ao gênero (masculino=51,7%; feminino=49,3%).

### Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário com duas partes principais:

A Escala de Atitudes frente à Tatuagem (EAFT-D) compõe-se de 10 itens, representando pares de adjetivos que expressam avaliações gerais diante da tatuagem. Alguns deles foram retirados de Crites, Fabrigar e Petry (1994) - por exemplo, agradável/desagradável, desejável/indesejável e positivo/negativo - e se mostraram eficientes para medir atitudes com relação a vários objetos, tendo sido empregados previamente no contexto brasileiro para avaliar atitudes diante da maconha (Gouveia, Pimentel, Queiroga, Meira & Jesus, 2005) e das drogas em geral (Gouveia, Pimentel, Medeiros, Gouveia & Palmeira, 2007). Os itens restantes foram elaborados pelos autores. Como parece evidente, a EAFT-D se baseia em diferencial semântico, sendo as respostas expressas em escala de 5 pontos (+2 a -2, tendo o "zero" como

ponto médio da escala). Além dos três itens previamente listados, incluíram-se os sete seguintes: certo/errado; adequado/inadequado; responsável/irresponsável, delicado/agressivo, pacífico/rebelde, bonito/feio e convencional/anticonvencional. Antes de responder aos itens, os participantes têm em conta a seguinte frase: "Considero estar usando tatuagens...".

Todos os participantes responderam a perguntas que procuravam caracterizá-los quanto ao curso, ao sexo e à idade.

Elaborada a versão preliminar da EAFT-D, realizou-se primeiramente sua validação semântica, levada a cabo com a participação de 20 estudantes do primeiro período do curso de administração. Nessa oportunidade, procurou-se verificar se as instruções sobre como responder, se o formato da escala de resposta e se os itens em si eram compreensíveis. Verificado que não ocorreram questionamentos, manteve-se a versão proposta.

## Procedimentos

Com o fim de realizar a coleta de dados, contactou-se inicialmente o coordenador pedagógico da universidade particular, escolhida por conveniência, procurando obter a permissão para aplicação dos questionários. Após o consentimento da coordenação, a aplicação foi efetuada por três bolsistas de Iniciação Científica (IC) do curso de psicologia, previamente treinados, que foram instruídos a se limitarem às instruções da escala e a esclarecerem os respondentes quanto à forma, mas não ao conteúdo da medida.

Os instrumentos, de natureza autoaplicável, foram aplicados de forma coletiva em sala de aula, porém respondidos individualmente. Os participantes foram informados acerca do caráter voluntário de sua participação e que seriam garantidos o anonimato e o sigilo das respostas. Esclareceram-se as diretrizes éticas que regem as pesquisas com seres humanos, oportunidade em que os participantes foram solicitados a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido e rubricar o questionário antes de devolvê-lo preenchido. Em média, 20 minutos foram suficientes para completar a participação.

O *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) (versão 15) foi utilizado para analisar os dados e esta-

tísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de frequência) para caracterizar os participantes do estudo. Com o fim de conhecer o poder discriminativo dos itens, empregou-se o teste *t* de Student para grupos independentes. A análise fatorial exploratória, por meio do método dos eixos principais (Principal Axis Factoring), foi empregada para conhecer a estrutura fatorial da escala. O alfa de Cronbach foi o índice de consistência interna adotado, permitindo verificar a coerência que cada item tem com os demais que compõem o instrumento.

## Resultados 1

Os resultados são apresentados em subseções, organizadas segundo as análises efetuadas. Primeiramente é apresentado o poder discriminativo de cada item e, logo em seguida, a análise fatorial exploratória e consistência interna da escala.

### Poder discriminativo dos itens

Nessa oportunidade, partiu-se do critério de mediana empírica para definir os grupos-critério. Portanto, somando-se todos os itens, foi possível obter a pontuação total da escala. Com base nela, definiram-se os grupos inferior e superior, conforme as pontuações totais dos participantes fossem abaixo ou acima da mediana respectivamente. Para cada item, foi calculado um teste *t* comparando as médias dos dois grupos (Tabela 1).

Os resultados dos testes *t* indicam que todos os itens apresentaram poder discriminativo satisfatório ( $p < 0,001$ ). Portanto, lograram diferenciar os participantes dos dois grupos-critério (inferior e superior) com magnitude e direção esperadas. Esse aspecto assegura a qualidade métrica dos itens desse instrumento, podendo, assim, diferenciar pessoas com pontuações próximas. Partiu-se, então, para a verificação de evidências de sua validade fatorial e consistência interna.

### Análise fatorial exploratória

Procurou-se previamente conhecer a fatorabilidade da matriz de correlações entre os itens da escala, empregando-se o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de Bartlett. O primeiro trabalha com as

**Tabela 1.** Poder discriminativo dos itens da EAFT-D.

Itens	Grupo-critério				Contraste	
	Inferior		Superior		t (269)	p
	M	DP	M	DP		
1. Positivo/Negativo	-0,91	0,99	0,87	0,99	-14,90	0,001
2. Agradável/Desagradável	-0,69	0,98	1,06	0,81	-15,64	0,001
3. Desejável/Indesejável	-0,78	1,11	1,09	0,88	-14,90	0,001
4. Bonito/Feio	-0,44	1,21	1,41	0,71	-14,59	0,001
5. Delicado/Agressivo	-0,96	0,88	0,68	0,98	-14,35	0,001
6. Certo/Errado	-0,97	0,95	0,71	0,92	-14,48	0,001
7. Responsável/Irresponsável	-0,80	0,96	0,69	1,02	-12,31	0,001
8. Adequado/Inadequado	-1,14	0,87	0,50	0,99	-14,47	0,001
9. Pacífico/Rebelde	-0,94	0,95	0,53	1,00	-12,27	0,001
10. Convencional/Anticonvencional	-1,05	0,92	0,41	1,13	-11,67	0,001

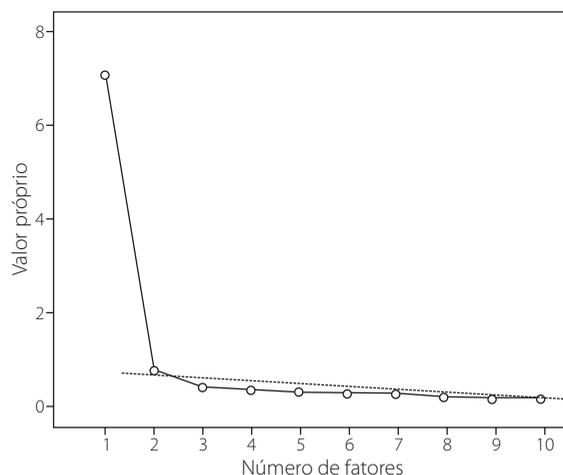
M: média; DP: desvio-padrão; EAFT-D: escala de atitudes frente à tatuagem.

correlações parciais das variáveis, devendo ser aceito valor de KMO igual ou superior a 0,60 (Tabachnick & Fidell, 2006); o segundo comprova a hipótese de que a matriz de covariâncias é de identidade, isto é, apresenta 1 (uns) na diagonal e 0 (zeros) no restante da matriz. Valores significativos indicam que essa hipótese é rejeitada, sendo adequado realizar uma análise fatorial. Os resultados apoiaram esse tipo de análise estatística: KMO=0,95 e Teste de Esfericidade de Bartlett,  $\chi^2(45) = 2.2356,56; p < 0,001$ . Nesse sentido, decidiu-se adotar o método PAF (Principal Axis Factoring), sem fixar tipo de rotação ou número de fatores a extrair. Isso permitiu identificar um único fator com valor próprio (eigenvalue) superior a 1 (Critério de Kaiser), explicando 69,5% da variância total.

Somente um valor próprio é destacadamente discrepante dos restantes, como fica evidenciado pela forma de cotovelo que se configura a partir do segundo valor próprio (Figura 1). Portanto, ao traçar uma linha (pontilhada), é possível observar que os demais valores próprios quase não se diferenciam uns dos outros, confirmando uma estrutura unifatorial. Não obstante, com o fim de dirimir qualquer dúvida, realizou-se uma Análise Paralela (Hayton, Allen & Scarpello, 2004). Nesse caso, assumiram-se as mesmas características do banco de dados empíricos: 273 participantes e 10 itens, realizando mil simulações. Os valores próprios gerados aleatoriamente foram comparados com os obtidos na análise fatorial, confirmando a presença de um único fator. Um único valor próprio observado foi superior ao obtido com a análise paralela. Os resultados da PAF são mostrados na Tabela 2.

**Tabela 2.** Estrutura fatorial da escala de atitudes frente à tatuagem (EAFT-D).

Itens	Conteúdo de itens	Carga
06	Certo/Errado	0,89
02	Agradável/Desagradável	0,88
08	Adequado/Inadequado	0,88
07	Responsável/irresponsável	0,84
05	Delicado/Agressivo	0,84
09	Pacífico/Rebelde	0,83
03	Desejável/Indesejável	0,82
04	Bonito/Feio	0,81
01	Positivo/Negativo	0,78
10	Convencional/Anticonvencional	0,74
Número de itens		10
Valor próprio		7,24
% da variância		69,5
Alfa de Cronbach		0,96



**Figura 1.** Representação gráfica dos valores próprios.

O fator geral de atitudes diante da tatuagem teve valor próprio de 7,24, com seus itens apresentando saturações variando de 0,74 (Item 10. Convencional/Anticovencional) a 0,89 (Item 06. Certo/Errado). Portanto, pode-se assumir que os itens desse fator geral refletem atitudes diante da tatuagem, recebendo essa denominação. Seu índice de consistência interna (alfa de Cronbach) foi de 0,96.

### Discussão parcial

Este estudo procurou elaborar a medida de atitudes diante da tatuagem. Seus itens funcionaram adequadamente, conseguindo diferenciar os participantes com baixa e alta pontuação na escala, mesmo considerando um critério mais exigente como o da mediana (Pasquali, 2003). Evidenciou-se tratar de uma estrutura unifatorial, confirmada por meio de diversos critérios, inclusive da análise paralela, considerada mais robusta (Haylton et al., 2004). As saturações dos itens foram acima de  $|0,30|$ , valor que tem sido recomendado na literatura (Gorsuch, 1983; Pasquali, 2003). Além disso, a consistência interna dessa medida se mostrou satisfatória, superior também ao ponto de corte comumente sugerido de 0,70 (Nunnally, 1991).

Apesar de esses resultados indicarem evidências empíricas de validade fatorial e consistência interna da EAFT-D, há de se frisar que as análises realizadas foram estritamente exploratórias. Nenhuma avaliação foi feita acerca do modelo unifatorial derivado empiricamente. Esse aspecto motivou um segundo estudo, tratado a seguir.

### Estudo 2. confirmando a validade fatorial e consistência interna da EAFT-D

Como anteriormente sugerido, este estudo procura ir além do anterior, contribuindo com procedimentos confirmatórios para checar a adequação da EAFT-D. Concretamente, objetivou testar a estrutura fatorial dessa medida e verificar a estabilidade do seu alfa de Cronbach.

#### Participantes

Participaram 245 estudantes de diversos cursos de uma instituição de ensino superior pública da cidade

de João Pessoa (PB), com idade média de 21 anos ( $DP=3,58$ ; amplitude de 18 a 54), sendo a maioria do gênero masculino (55,0%), solteira (93,0%) e se declarando de classe média (60,8%).

### Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário com duas partes: Escala de Atitudes frente à Tatuagem (EAFT-D), detalhadamente descrita no Estudo 1, e perguntas demográficas quanto ao sexo, ao estado civil e à idade.

### Procedimentos

Inicialmente, entrou-se em contato com coordenadores dos cursos para solicitar a permissão para a coleta de dados. Com o consentimento obtido, visitaram-se as salas de aula, escolhidas por conveniência, onde foi realizada a coleta. A aplicação foi efetuada por dois bolsistas de iniciação científica do curso de psicologia, previamente treinados. Embora as respostas tenham sido individuais, a coleta foi realizada em ambiente coletivo de sala de aula. Todos foram informados acerca do anonimato e sigilo da participação, sendo solicitados a rubricar um termo de consentimento livre e esclarecido. Em média, 20 minutos foram suficientes para concluir a atividade.

Para comprovação da estrutura fatorial da EAFT-D, o AMOS (versão 7) foi utilizado. No caso, por meio de modelagem por equações estruturais, testou-se a estrutura fatorial previamente observada (Estudo 1), tomando como referência alguns indicadores de ajuste do modelo teórico com relação aos dados empíricos (Byrne, 2001; Tabachnick & Fidell, 2006): 1) o qui-quadrado, que testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior esse valor, pior o ajustamento. Por ser sensível ao tamanho da amostra, deve-se interpretá-lo com reserva, valendo-se de sua razão em relação aos graus de liberdade ( $\chi^2/g.l.$ ). Nesse caso, valores entre 2 e 3 indicam um ajustamento adequado, sendo aceito um valor de até 5; 2) o *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI), que variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,90 ou superiores indicando um ajustamento satisfatório; 3) o *Comparative Fit Index* (CFI), que é um índice comparativo,

adicional, de ajuste ao modelo, com valores mais próximos de 1 indicando melhor ajuste; recomendam-se valores de 0,90 ou superiores; e 4) a *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%); seu valor deve ser igual ou inferior a 0,08, aceitando-se valores de até 0,10. Para comparar os alfas de Cronbach, teve-se em conta o teste de diferença ( $\Delta F$ ) para alfas de amostras independentes (van der Vijver & Leung, 1997).

## Resultados 2

Com o fim de realizar a análise fatorial confirmatória, teve-se em conta a matriz de covariância, adotando-se o estimador ML (Máxima Verossimilhança). Seguindo o observado no estudo anterior, definiram-se todos os itens como saturando em um único fator. Os indicadores de qualidade de ajuste, apesar de não terem sido extraordinários, foram promissores:  $\chi^2(35)=160,46$ ,  $p<0,001$ ;  $\chi^2/gf=4,58$ ,  $GFI=0,86$ ,  $AGFI=0,78$ ,  $CFI=0,92$  e  $RMSEA=0,12$  (IC90%=0,10–0,14). Não obstante, decidiu-se reespecificar o modelo, considerando os IMs (Índices de Modificação). Concretamente, reespecificaram-se as covariâncias entre dois pares de erros de medida: itens 1 (Certo/Errado) e 4 (Responsável/Irresponsável), por um lado, e 7 (Desejável/Indesejável) e 8 (Bonito/Feio), por outro. Com essas modificações, obtiveram-se melhores índices de ajuste:  $\chi^2(33)=84,62$ ,  $p<0,001$ ;  $\chi^2/gf=2,56$ ,  $GFI=0,93$ ,  $AGFI=0,88$ ,  $CFI=0,97$  e  $RMSEA=0,08$  (IC90%=0,06–0,10). A estrutura fatorial correspondente pode ser vista na Figura 2.

Os pesos fatoriais (Lambdas) são todos positivos e estatisticamente diferentes de zero ( $\lambda>0,50$ ;  $t>3,92$ ,  $p<0,001$ ) (Figura 2). Portanto, os índices de bondade de ajuste admitem apoio para a estrutura unidimensional da medida de atitude diante da tatuagem. Resta, não obstante, checar a consistência interna dessa estrutura. Nesse caso, não somente foi calculado o alfa de Cronbach, mas também ele foi comparado com o observado no Estudo 1, checando a possibilidade de corroborá-lo. Nessa oportunidade, constatou-se um alfa de Cronbach de 0,93. Comparando esse coeficiente com o encontrado no estudo anterior (0,96), constatou-se uma diferença estatisticamente significativa [ $\Delta F(244, 272) = 1,75, p<0,001$ ].

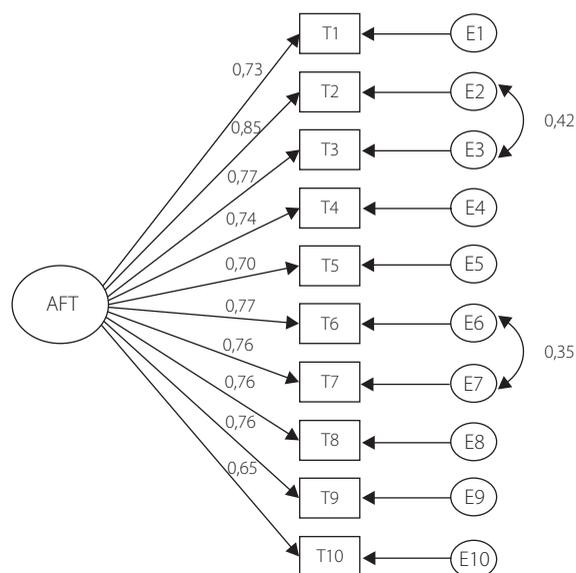


Figura 2. Estrutura Fatorial da Escala de Atitudes Frente à Tatuagem.

## Discussão parcial

Este estudo reúne provas complementares e robustas, partindo de análises estatísticas confirmatórias sobre a estrutura fatorial e consistência interna da medida de atitudes diante da tatuagem. Portanto, claramente a EAFT-D se revelou unifatorial, sendo composta por itens que acentuam uma dimensão homogênea, refletida no índice de consistência interna observado.

## Discussão

O objetivo principal deste artigo foi apresentar uma medida nova de atitudes diante da tatuagem, reunindo evidências de sua validade fatorial e consistência interna. Confia-se que tenha sido alcançado. Os dois estudos realizados utilizam um instrumento que necessita apenas de lápis e papel, sendo simples e autoaplicável, cujos itens isoladamente e no conjunto apresentam qualidades métricas satisfatórias, possibilitando seu emprego em pesquisas futuras.

Apesar do anteriormente comentado, reconhece-se, como em qualquer empreendimento científico, que os estudos levados a cabo não estão isentos de limitações potenciais. Consideraram-se, por exemplo, apenas estudantes universitários, constituindo-se amostras muito específicas e de conveniência. Desse modo,

reconhece-se que os resultados descritos não podem ser extrapolados para outros grupos amostrais. Contudo, não se pretendeu generalizar os resultados, mas sim conhecer se a medida proposta apresentava parâmetros psicométricos adequados.

A estrutura fatorial encontrada está dentro do que seria recomendado na literatura fundamentada na teoria clássica dos testes (Pasquali, 1999, 2003). Essa escala explicou mais de 2/3 da variância total das respostas, apresentando índice de consistência interna superior a 0,70, valor preconizado na literatura (Nunnally, 1991; Pasquali, 2003). Seus parâmetros psicométricos são similares aos apresentados para a versão original da ATS (Stuppy et al., 1998), que conta com quase o dobro de itens, igualmente avaliados em escala de diferencial semântico. Coerentemente, ambos os instrumentos se mostraram unidimensionais, com índices de consistência interna superiores a 0,90 (alfas de Cronbach). O fato de no Estudo 2 o alfa ser significativamente inferior àquele do Estudo 1 deve merecer atenção. Talvez diferenças demográficas ou mesmo culturais possam explicar a variação desses coeficientes. Entretanto, ainda que o do último estudo tenha sido inferior, foi claramente bem acima dos valores geralmente encontrados para escalas de atitudes. Não é possível uma comparação da EAFT-D com a versão vigente da ATS (30 itens), pois não se encontrou qualquer publicação que reportasse seus parâmetros.

Replicar a presente pesquisa, considerando outros contextos, poderia ser um passo importante no futuro. Seria interessante, por exemplo, contar com a participação de jovens com e sem tatuagens, checando se a EAFT-D é capaz de diferenciar tais grupos. Nesse mesmo contexto, caberia checar que pontuação dos participantes permitiria maximizar a sensibilidade e especificidade dessa medida, qualidades métricas que têm sido pouco levadas em conta na literatura psicológica. Poder-se-ia também testar a invariância fatorial dessa medida nesses dois grupos, ou tendo em conta o sexo dos participantes, variável em função da qual os jovens se diferenciam nas atitudes diante da tatuagem (Hawkes et al., 2004; Schorzman et al., 2006). Caberia ainda reunir evidências de validade preditiva dessa medida, corroborando o que preconiza a literatura sobre serem as atitudes boas predictoras da intenção ou do compor-

tamento propriamente dito (Ajzen, 2001; Ajzen & Fishbein, 2005).

Finalmente, a EAFT-D poderá ser adequadamente empregada em pesquisas futuras com amostras semelhantes às aqui consideradas. A propósito, sugere-se seu uso no âmbito educacional atrelado a medidas que enfoquem aspectos ou conteúdos quotidianos de adolescentes e jovens adultos, como preferência musical (Pimentel, 2004), condutas antissociais e delitivas (Santos, 2008) ou atitudes diante do uso de drogas e/ou álcool (Gouveia et al., 2005; Gouveia et al., 2007). Isso contribuiria para dimensionar as implicações de uma atitude favorável ou desfavorável diante da tatuagem. Além disso, não se descarta empregá-la como medida de screening (triagem), que, conjuntamente com outras, permitiria identificar grupos potencialmente de risco, quer no âmbito educacional (Fonseca, 2008), quer no da saúde (Armstrong & Murphy, 1997; Armstrong, Roberts, Owen & Koch, 2004; Brooks et al., 2003).

## Referências

- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review Psychology*, 52 (1), 27-58.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (2005). The influence of attitudes on behavior. In D. Albarracín, B. T. Johnson & M. P. Zanna (Orgs.), *The handbook of attitudes* (pp.173-221). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Armstrong, M. L. (1991). Career-oriented women with tattoos. *Journal of Nursing Scholarship*, 23 (4), 215-220.
- Armstrong, M. L., DeBoer, R. N., & Cetta, F. (2008). Infective endocarditis after body art: a review of the literature and concerns. *Journal of Adolescent Health*, 43 (3), 217-225.
- Armstrong, M. L., & Murphy, K. P. (1997). Tattooing: another adolescent risk behavior warranting health education. *Applied Nursing Research*, 10 (4), 181-189.
- Armstrong, M. L., Owen, D. C., Roberts, A. E., & Koch, J. R. (2002). College students and tattoos: influence of image, identity, family, and friends. *Journal of Psychosocial Nursing*, 40 (10), 21-29.
- Armstrong, M. L., Roberts, A. E., Owen D. C., & Koch, J. R. (2004). Toward building a composite of college student influences with body art. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 27 (4), 277-295.
- Attitudes Toward Tattoo. (2008). Retrieved June 6, 2008, from [http://scholar.google.com.br/\\_\\_schhp?sourceid=navclient&hl=pt-BR](http://scholar.google.com.br/__schhp?sourceid=navclient&hl=pt-BR)
- Beyrer, C., Jittiwutikarn, J., Teokul, W., Razak, M. H., Suriyanon, V., Srirak, N., et al. (2003). Drug use, increasing

- incarceration rates, and prison-associated HIV risk in Thailand. *AIDS and Behavior*, 7 (2), 153-161.
- Braithwaite, R., Robillard, A., Woodring, T., Stephen, T., & Arriola, K. J. (2001). Tattooing and body piercing among detainees: relationship to alcohol and other drug use. *Journal of Substance Abuse*, 13 (1-2), 5-16.
- Brooks, T. L., Woods, E. R., Knight, J. R., & Shrier, L. A. (2003). Body modification and substance use in adolescents: is there a link? *Journal of Adolescent Health*, 32 (1), 44-49.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with amos: basic concepts, applications, and programming*. New York: Springer-Verlag.
- Caliendo, C., Armstrong, M. L., & Roberts, A. E. (2004). Self-reported characteristic of women and men with intimate body piercings. *Journal of Advanced Nursing*, 49 (5), 474-484.
- Carrol, S. T., Riffenburgh, R. H., Roberts, T. A., & Myhne, E. B. (2002). Tattoos and body piercings as indicator of adolescent risk-taking behavior. *Pediatrics*, 109 (6), 1021-1027.
- Cetta, F., Graham, L. C., Lichtenberg, R. C., & Warnes, C. A. (1999). Piercing and tattooing in patients with congenital heart disease: patient and physician perspectives. *Adolescent Health Brief*, 24 (3), 160-162.
- Crites S. L., Fabrigar L. R., & Petty R. E. (1994). Measuring the affective and cognitive properties of attitudes: conceptual and methodological issues. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20 (6), 619-634.
- DeMello, M. (1993). The convict body: tattooing among male American prisoners. *Anthropology Today*, 9 (6), 10-13.
- DeMello, M. (1995). Not just for bikers anymore: popular representations of American tattooing. *Journal of Popular Culture*, 29 (3), 37-52.
- Deschesnes, M., Finès, P., & Demers, S. (2006). Are tattooing and body piercing indicators of risk-taking behaviours among high school students? *Journal of Adolescence*, 29 (3), 379-393.
- Fonseca, P. N. (2008). *Desempenho acadêmico de adolescentes: proposta de um modelo explicativo*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Gorsuch, R. (1983). *Factor analysis*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Medeiros, E. D., Gouveia, R. S. V., & Palmeira, J. (2007). Escala de atitudes frente ao uso de drogas: evidências de validade fatorial e preditiva. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56 (1), 53-59.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Queiroga, F., Meira, M., & Jesus, G. R. (2005). Escala de atitudes frente ao uso de maconha: comprovação de sua validade de construto. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 54 (1), 5-12.
- Greif, J., Hewitt, W., & Armstrong, M. L. (1999). Tattooing and body piercing: body art practices among college students. *Clinical Nursing Research*, 8 (4), 368-385.
- Grumet, G. W. (1983). Psychodynamic implications of tattoo. *American Journal of Orthopsychiatry*, 53 (3), 482-492.
- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004). Factor retention decisions in exploratory factor analysis: a tutorial on parallel analysis. *Organizational Research Methods*, 7 (2), 191-205.
- Hawkes, D., Senn, C. Y., & Thorn, C. (2004). Factors that influence attitudes toward women with tattoos. *Sex Roles*, 50 (9/10), 593-604.
- Houghton, S., Durkin, K., Parry, E., Turbett, Y., & Odgers, P. (1996). Amateur tattooing practices and beliefs among high school adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 19 (6), 20-425.
- Huxley, C., & Grogan, S. (2005). Tattooing, piercing, healthy behaviours and health value. *Journal Health Psychology*, 10 (6), 831-841.
- Irwin, K. (2000). Negotiating the tattoo. In P. Adler & P. Adler (Eds.), *Constructions of deviance* (pp.459-470). Belmont, CA: Wadsworth.
- Kent, D. (1997). Decorative bodies: the significance of convicts' tattoos. *Journal of Australian Studies*, 53 (1), 78-88.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2004a). Correlations of religious belief and practice with college student's tattoo-related behavior. *Psychological Reports*, 94 (2), 425-430.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2004b). Religious belief and practice in attitudes toward individuals with body piercing. *Psychological Reports*, 95 (2), 583-586.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2005). College students, tattoos, and sexual activity. *Psychological Reports*, 97 (3), 887-890.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2007). Frequencies and relations of body piercing and sexual experience in college students. *Psychological Reports*, 101 (1), 159-162.
- Lick, S. D., Edoize, S. N., Woodside, K. J., & Conti, V. R. (2005). Streptococcus viridans endocarditis from tongue piercing. *Journal of Emergency Medicine*, 29 (1), 57-59.
- Mayers, L. B., Judelson, D. A., Moriarty, B. W., & Rundell, K. W. (2002). Prevalence of body art (body piercing and tattooing) in university undergraduates and incidence of medical complications. *Mayo Clinic Proceedings*, 77 (1), 29-34.
- Millner, V. H., & Eichold II, B. H. (2001). Body piercing e tattooing perspective. *Clinical Nursing Research*, 10 (4), 424-441.
- Myers, J. (1997). Nonmainstream body modification. In P. Adler & P. Adler (Eds.), *Constructions of deviance* (pp.516-532). New York: Wadsworth.
- Nedden D. N., Wicke, K., Knapp, R., Seidler, K., Wilfing, H., Weber, G., et al. (1994). New findings on the Tyrolean "Ice Man": archaeological and CT-Body analysis suggest personal disaster before death. *Journal of Archaeological Science*, 21 (6), 809-818.
- Nunnally, J. C. (1991). *Teoría psicométrica*. México, DF: Trilhas.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicométricos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP.

- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamento social*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Putnins, A. (2002). Young offenders, tattoo and recidivism. *Psychiatry, Psychology and Law*, 9 (1), 62-68.
- Santos, W. S. (2008). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Satchithananda, D. K., Walsh, J., & Schofield, P. M. (2001). Bacterial endocarditis following repeated tattooing. *Heart*, 85 (1), 11-12.
- Schorzman, C. M., Gold, M. A., Downs, J. S., & Murray, P. M. (2006). Body art: attitudes and practices regarding body piercing among urban undergraduates. *Journal of the American Osteopathic Association*, 107 (10), 432-438.
- Shebani, S. O., Miles, H. F. J., Simmons, P., & De Giovanni, J. V. (2007). Awareness of the risk of endocarditis associated with tattooing and body piercing among patients with congenital heart disease and pediatric cardiologists in the United Kingdom. *Archives of Disease in Childhood*, 92 (11), 1013-1014.
- Stuppy, D. J., Armstrong, M. L., & Casals-Ariet, C. (1998). Attitudes of health care providers and students towards tattooed people. *Journal Advanced Nursing*, 27 (6), 1165-1170.
- Tabachnick, B., & Fidell, L. S. (2006). *Using multivariate statistics* (5<sup>th</sup> ed.). New York: Harper Collins.
- Vail, A. (1999). Tattoos are like potato chips ... you can't have just one: the process of becoming a tattoo collector. *Deviant Behavior*, 20 (2), 253-273.
- Van de Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Recebido em: 5/3/2009  
Versão final reapresentada em: 27/5/2009  
Aprovado em: 26/6/2009

# Eficácia terapêutica de intervenção em grupo psicoeducacional: um estudo exploratório em oncologia<sup>1</sup>

## *Therapeutic effectiveness of a psychoeducational group intervention: an exploratory study in oncology*

Juciléia Rezende **SOUZA**<sup>2,3</sup>

Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de **ARAÚJO**<sup>4</sup>

### Resumo

Este estudo avaliou a eficácia de uma intervenção psicoeducacional em grupo destinada a promover habilidades adaptativas de enfrentamento, minimizar o *distress* e melhorar a qualidade de vida entre pacientes oncológicos em início de quimioterapia. Da intervenção, composta por seis encontros, participaram três mulheres, que foram avaliadas antes, logo após e três meses depois da participação, utilizando-se a Escala de Modos de Enfrentamento, o questionário WHOQOL-bref e a *Psychological Screening Tool for Cancer Patients*. Uma outra paciente, que não participou do grupo, teve seus resultados comparados aos das demais. Imediatamente após, houve melhora significativa para as integrantes do grupo: aumento de estratégias focalizadas no problema, busca de suporte social e qualidade de vida, bem como redução de ansiedade e depressão. A paciente que não participou da intervenção grupal obteve indicadores menos favoráveis. Nas reavaliações, os resultados se mantiveram, indicando que o grupo psicoeducacional atingiu seus objetivos terapêuticos.

**Unitermos:** Coping. *Distress*. Oncologia. Psicologia educacional. Qualidade de Vida.

### Abstract

*The following study evaluated the effectiveness of a psychoeducational group intervention designed to promote adaptive coping abilities, minimize distress and improve quality of life in oncology patients during the initial phase of chemotherapy. Three women made up the intervention group, organized into six weekly meetings and they were evaluated before, immediately following and three months after the intervention. The Ways of Coping Scale; WHOQOL-BREF and the Psychological Screening Tool for Cancer Patients were used as evaluation instruments. Another patient, who did not attend the group, had her results compared to the others. Immediately after the intervention, a significant improvement was observed in the group members: increase in problem-focused coping strategies, search for social support and quality of life, as well as a reduction in symptoms of anxiety and depression. The patient who did not participate in the intervention group obtained less favorable results. In the reevaluations, these results were maintained, indicating that the psychoeducational group intervention achieved its therapeutic goals.*

**Uniterms:** Coping. *Distress*. Oncology. Educational Psychology. Quality of Life.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da dissertação de J.R. SOUZA, intitulada "Estudo sobre avaliação de eficácia terapêutica em oncologia: grupo psicoeducacional aprendendo a enfrentar". Universidade de Brasília, 2009.

<sup>2</sup> Hospital Universitário de Brasília, Serviço de Psicologia Oncológica. SGAN, Av. L2 Norte, Quadra 604/605, 70840-050, Brasília, DF, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: J.R. SOUZA. E-mails: <jujucileia@gmail.com>; <araujotc@unb.br>.

<sup>3</sup> Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Curso de Formação em Psicologia da Saúde Aplicada ao Hospital. Brasília, DF, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Laboratório de Saúde e Desenvolvimento Humano. Brasília, DF, Brasil.

O diagnóstico de câncer força uma reestruturação das expectativas e da vida diária. Podem ocorrer mudanças físicas e nos relacionamentos interpessoais, assim como na percepção que o indivíduo tem de si mesmo. O paciente passa a experimentar o medo da dor, da mutilação corporal, do futuro e da morte e seu equilíbrio psicológico passa a ser ameaçado pelas mudanças que serão necessárias no decorrer da doença e dos tratamentos (Gaviria, Vinaccia, Riveros & Quiceno, 2007; Ridder & Schreurs, 2001; Todd, Roberts & Black, 2002).

A maioria dos pacientes se adaptará gradualmente a essa situação de crise, enquanto outros apresentarão dificuldades para se ajustar. A adaptação ou ajuste psicossocial ao câncer é um processo no qual cada pessoa procura manejar seus sofrimentos, solucionar problemas específicos e obter algum controle sobre acontecimentos desencadeados pela doença. A adaptação eficiente ocorre quando, por meio de seus pensamentos e comportamentos, os pacientes conseguem reduzir ao mínimo os transtornos de funcionamento em suas vidas, regulam o sofrimento emocional e continuam participando das atividades que julgam importantes (National Cancer Institute, 2008; Stanton, Revenson & Tennen, 2007).

Para o alcance dessas metas pessoais, a literatura especializada recomenda intervenções psicossociais que desenvolvam: (a) atitudes e crenças individuais quanto à capacidade de mudar aspectos desfavoráveis; (b) estratégias para lidar com as limitações funcionais; (c) habilidades para estabelecer e manter uma rede de suporte social satisfatória; (d) percepções positivas, resignificação de pensamentos negativos e focalização em habilidades remanescentes, objetivos realistas e planos para o futuro (Livneh, 2000). Em outras palavras, tais intervenções psicossociais buscam aprimorar o enfrentamento, diminuir o *distress* e assegurar a Qualidade de Vida (QV) entre pacientes oncológicos.

## Enfrentamento

Segundo Cerqueira, 2000, enfrentamento corresponde ao conjunto de “esforços cognitivos e comportamentais que mudam constantemente, para manejar (enfrentar) exigências extremas e/ou externas específicas, que ameaçam ou ultrapassam os recursos do indivíduo” (p.281). As estratégias de enfrentamento

podem ser consideradas efetivas quando amenizam sensações desconfortáveis e sentimentos desagradáveis associados a ameaças ou a perdas. São avaliadas como disfuncionais quando são pouco efetivas, ou insuficientes, para garantir a qualidade de vida, o bem-estar físico, emocional e social, ou quando acabam por comprometer o equilíbrio psiconeuroendocrinológico dos pacientes (Peçanha, 2008). Para o modelo transacional de enfrentamento, uma estratégia não é melhor ou pior do que outra, pois para julgar é preciso analisar o contexto em que se encontra o indivíduo (Gimenes, 1997).

Nesse sentido, em uma revisão da literatura sobre ajustamento psicológico às doenças crônicas, Stanton et al. (2007) enfatizam que: (a) o uso de estratégias de evitação está associado a níveis de *distress* elevados e prediz dificuldades de ajustamento a longo prazo, na maioria dos estudos; mas, em outros, é estimado como eficaz, o que aponta necessidade de melhor avaliação de sua funcionalidade no contexto das exigências da doença; (b) minimizar a ameaça pode ser útil para reduzir o *distress* nas fases críticas da enfermidade; (c) estratégias focalizadas no problema são fortemente associadas a indicadores de bom ajustamento; (d) o uso de relaxamento e de estratégias ativas para reduzir a dor contribuem para minimizá-la e para a melhora do humor do paciente; (e) intervenções que encorajam o uso de estratégias de aproximação, tal como resolução de problemas, mostram-se úteis para promover a adaptação; (f) a combinação de estratégias de evitação com a baixa disponibilidade de suporte social constitui fator de risco para *distress*.

## Distress

Lipp (2004) define *stress* como um conjunto de reações do organismo, de ordem física e/ou psicológica, que ocorre diante de situações que de alguma forma provoquem irritação, medo, excitação ou mesmo uma imensa felicidade, produzindo uma quebra da homeostase interna do indivíduo, que é forçado a enfrentar situações que ultrapassam suas habilidades de enfrentamento. Nesse sentido, a função das respostas de enfrentamento é a adaptação do indivíduo à nova situação, gerada pelo estímulo desafiador. Quando a capacidade de atender às exigências do momento é

falha ou insuficiente, ocorrem sintomas de estresse. Então, a resistência aos desafios é influenciada pelas estratégias de enfrentamento, disponíveis no repertório comportamental do indivíduo, e pelas exigências da situação.

De acordo com Sparrenberger, Santos e Lima (2003), *distress* é a incapacidade do indivíduo para superar a vivência de experiências estressantes, levando ao desgaste e/ou à ruptura do bem-estar individual. Por ser mais aceitável e menos estigmatizante do que outras expressões - e por poder ser medido através de autorrelatos - o termo *distress* vem sendo largamente utilizado em oncologia. De fato, as diretrizes propostas pela *National Comprehensive Cancer Network* (NCCN) para o manejo do *distress* especificam que se trata de uma experiência emocional desagradável e multifatorial, de natureza psicológica (cognitiva, comportamental e emocional), social e/ou espiritual, que pode interferir com a habilidade de enfrentar efetivamente o câncer, seus sintomas físicos e seus tratamentos. Cabe esclarecer que as respostas que caracterizam o *distress* se estendem ao longo de um contínuo, indo das "normalmente" desencadeadas pela necessidade de enfrentar o câncer e seus tratamentos, até sintomas incapacitantes e intensos que alcançam critérios para desordem psicológica, causando graves problemas sociais e/ou familiares (National Comprehensive Cancer Network, 2008).

### Qualidade de vida

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera Qualidade de Vida (QV) como "a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (Fleck, 2008, p.25). De modo geral, a avaliação da QV difere das tradicionais medidas de prejuízos causados por doenças, pois incorpora um maior número de dimensões, além de incluir a perspectiva do paciente e não somente aquela elaborada pelos profissionais de saúde. Assim, os diversos instrumentos de avaliação existentes visam fornecer informações sobre o impacto físico e psicossocial das enfermidades e a adaptação do indivíduo ao longo das diferentes fases do tratamento, permitindo que a equipe de saúde identifique os aspectos que devem receber mais atenção (Cella, 1998; Franzi & Silva, 2003; Terol et al., 2000).

Muitos fatores psicológicos são reconhecidos como mediadores da qualidade de vida e importantes indicadores para a formulação de intervenções: aspectos físicos, autoimagem anterior à doença, percepção da rede de suporte social, adaptação à doença, locus de controle e estratégias de enfrentamento (Costa Neto & Araujo, 2008; Gaviria et al., 2007). No caso de pacientes com câncer, alguns estudos evidenciam que uma pior QV nas fases iniciais e a presença de mais sintomas depressivos associam-se a um pior prognóstico para o enfrentamento da experiência oncológica (Gouveia Sobrinho, Carvalho & Franzi, 2001). Em uma pesquisa brasileira envolvendo 190 pacientes, constatou-se perda da QV na fase diagnóstica. Mais especificamente, as dimensões psicológica (22,6%), relações familiares e sociais (16,6%), sintomas (19,8%), e QV global (23,4%) revelaram forte impacto, e as estratégias de enfrentamento variaram antes e depois do tratamento cirúrgico (Costa Neto & Araujo, 2005).

### Intervenções psicoeducacionais em oncologia

Intervenções psicossociais são definidas como intervenções não farmacológicas, caracterizadas pelo estabelecimento de focos de atenção bastante heterogêneos e que propõem uma combinação de técnicas utilizadas individualmente ou em grupo, em uma ou múltiplas sessões semanais (National Cancer Institute, 2008).

Dentre as intervenções que têm obtido resultados no auxílio aos pacientes oncológicos, destacam-se as intervenções psicoeducacionais, as quais costumam incluir técnicas cognitivo-comportamentais, comportamentais, treino em habilidades de enfrentamento, treino em resolução de problemas, treino em relaxamento, uso de material educativo, manejo de sintomas, suporte emocional, informação/educação em saúde e intervenção suportivo-expressiva (Baum & Andersen, 2001; National Cancer Institute, 2008).

De acordo com a literatura especializada, as intervenções psicoeducacionais podem ajudar o paciente: (a) aumentando seu conhecimento sobre a doença e seus tratamentos; (b) facilitando sua adesão e satisfação com o tratamento; (c) favorecendo habilidades de enfrentamento adaptativas e melhorando a QV; (d) minimizando o *distress*, ansiedade, sentimento de isola-

mento e outros sintomas; (e) incrementando a percepção de autoeficácia; (f) ampliando a sobrevida e limitando as possibilidades de recidiva (Baum & Andersen 2001; Cain, Kohorn, Quinlan, Latimer & Schwartz, 1986; Greer et al., 1992; C. F. Telch & M. L. Telch, 1986; Trask, Paterson, Griffith, Riba & Schwartz, 2003).

Considerando, portanto, o interesse clínico e científico da temática para a área, realizou-se um estudo exploratório visando avaliar a eficácia de um programa de intervenção em grupo psicoeducacional para promover estratégias de enfrentamento adaptativas, minimizar o *distress* e melhorar a QV de pacientes em início de quimioterapia.

## Método

### Participantes

Foram identificados 22 pacientes com primeira consulta agendada no Serviço de Oncologia do Hospital Universitário de Brasília (HUB), que iniciariam tratamento quimioterápico por ocasião da proposta de intervenção. Desses, 14 não se enquadravam nos critérios de inclusão (idade entre 18 e 65 anos; sem tratamento quimioterápico ou radioterápico anterior; conhecedores do seu diagnóstico; com disponibilidade para vir uma vez por semana ao HUB por seis semanas). Assim, oito pacientes foram convidados a participar da intervenção, mas um paciente se recusou e outra paciente não pode aceitar, pois compareceria apenas para o tratamento médico, já que residia em cidade distante do hospital. No total, seis pacientes aceitaram participar da intervenção, porém houve duas desistências e um óbito.

Dessa forma, participaram efetivamente do estudo quatro mulheres com idade entre 51 e 60 anos: três pacientes integraram o grupo de intervenção (S1, S2 e S3) e uma paciente foi apenas avaliada (S4-C). Para essa última, foi disponibilizado atendimento psicológico individual nos dias da quimioterapia, caracterizado por intervenções breves e focais. As pacientes tinham diagnóstico de câncer de etiologia e estádios diferentes.

### Instrumentos

- Escala de Modos de Enfrentamento (EMEP): adotou-se a versão autoaplicável do instrumento inicialmente proposto por Vitaliano, Russo, Carr, Maiuro e

Becker em 1985, adaptado para o português por Gimes e Queiroz (1997) e cuja análise fatorial foi realizada por Seidl, Tróccoli e Zannon (2001).

- Questionário WHOQOL-bref: validado para a população brasileira por Fleck (2008) para avaliação da qualidade de vida.

- *Psychological Screening Tool for Cancer Patients* (PSCAN): realizou-se a tradução e adaptação para o português do instrumento desenvolvido por Linden, Yi, Barroetavena, MacKenzie e Doll (2005) com o objetivo de avaliar *distress* entre os pacientes do presente estudo. O instrumento possui 21 itens, divididos em seis domínios: suporte social total, suporte social desejado, QV percebida, QV em dias, ansiedade e depressão.

### Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (protocolo nº 147/07) e foi organizado em três fases principais:

- Fase 1 - Linha de Base (LB): em atendimento individual, após esclarecimentos sobre o estudo, apresentação do cronograma de intervenção e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aplicaram-se os três instrumentos às quatro participantes.

- Fase 2 - intervenção em grupo: fundamentada no referencial teórico-metodológico da Psicologia da Saúde e da Análise Clínica do Comportamento. Denominada "Aprendendo a Enfrentar", abrangeu seis encontros semanais, com aproximadamente duas horas de duração e utilização de técnicas específicas para desenvolvimento do tema proposto em cada um (Quadro 1). Os seis encontros foram conduzidos em um ambiente acrítico, no qual as participantes eram constantemente estimuladas a trocar experiências e expressar suas emoções. Apesar de organizadas em torno de temas específicos, todas as sessões tiveram as seguintes metas de atendimento: (a) reduzir dificuldades relacionadas ao diagnóstico e à quimioterapia, principalmente em relação ao manejo dos efeitos colaterais do tratamento, favorecendo a recuperação após a aplicação de cada ciclo quimioterápico (ex: treino em solução de problemas); (b) auxiliar na tolerância ou adaptação ao contexto de doença e tratamento (ex: treino no manejo de estresse); (c) assegurar a manutenção do equilíbrio emo-

cional (ex: autoconhecimento e autocontrole); (d) desenvolver habilidades de comunicação para aprimoramento dos relacionamentos na rede de suporte social.

Após a intervenção, todas as participantes foram reavaliadas.

- Fase 3 - *follow up*: reavaliação executada três meses após a segunda avaliação.

Os dados foram analisados com auxílio do *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 16.0)*. Tanto as mudanças nos escores obtidos ao longo do estudo

quanto o seu nível de significância foram calculados por meio do *Wilcoxon Signed Ranks Test*. As associações entre as variáveis estudadas foram analisadas a partir da correlação bivariada de Pearson.

## Resultados

De acordo com os dados obtidos, verificou-se necessidade de intervenção para melhorar a QV e reduzir o nível de *distress*, medido a partir dos escores de

**Quadro 1.** Descrição dos encontros.

Sessão	Tema	Técnica
1	Compreendendo o câncer e seus tratamentos	Dinâmicas de apresentação e integração/Educação em saúde: palestra ministrada pelo médico residente/Discussão entre pares/Reestruturação cognitiva/Treino em relaxamento: visualização e respiração diafragmática
2	Reações emocionais e comportamentais ao câncer e seus tratamentos - I	Educação em saúde: palestra ministrada pela pesquisadora/Auto-observação e automonitoramento/Discussão entre pares/Reestruturação cognitiva/Tarefa de casa: diário de emoções e comportamentos/Treino em relaxamento muscular progressivo
3	Reações emocionais e comportamentais ao câncer e seus tratamentos - II	Auto-observação e automonitoramento/Discussão entre pares/Reestruturação cognitiva/Revisão da tarefa de casa: diário de emoções e comportamentos/Treino em habilidades de enfrentamento e resolução de problemas/Treino em relaxamento: visualização e respiração diafragmática
4	Comunicando preocupações e sentimentos	Discussão entre pares: levantamento de dificuldades/Reestruturação cognitiva/Treino em habilidades de enfrentamento/Treino em habilidades de comunicação/ Ensaio comportamental- <i>role playing</i> /Apresentação de imagens: sistema imunológico atacando uma célula de câncer/Treino em relaxamento: imaginação guiada
5	Manejando problemas emocionais e físicos - I	Discussão entre pares: revisão dos encontros anteriores/Reestruturação cognitiva/Intervenção suportivo-expressiva/Treino em relaxamento: imaginação guiada
6	Manejando problemas emocionais e físicos - II	Educação em saúde: palestra ministrada pela pesquisadora/Treino em habilidades de enfrentamento e resolução de problemas/Dinâmica para trabalhar o encerramento/Treino em relaxamento: imaginação guiada

**Tabela 1.** Escores por participante na linha de base. Brasília (DF), 2008.

Linha de base	Padrão	S1	S2	S3	S4-C
Enfrentamento focalizado no problema	>3,09	2,89 <sup>1</sup>	3,39	3,39	3,22
Enfrentamento focalizado na emoção	<2,86	2,47	1,27	2,73 <sup>1</sup>	1,87
Busca de suporte social	>2,95	3,20	3,20	3,40	3,00
Busca de práticas religiosas/pensamento fantasioso	>2,64	2,86	3,71	4,43	3,57
Qualidade de vida - domínio físico	>3,35	3,29 <sup>1</sup>	3,29 <sup>1</sup>	3,00 <sup>1</sup>	2,86 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - domínio psicológico	>3,63	3,00 <sup>1</sup>	3,17 <sup>1</sup>	3,00 <sup>1</sup>	3,17 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - relações sociais	>3,83	3,00 <sup>1</sup>	4,00	3,33 <sup>1</sup>	3,33 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - meio ambiente	>3,35	2,75 <sup>1</sup>	2,75 <sup>1</sup>	2,62 <sup>1</sup>	3,13 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - geral	-	3,00	3,15	2,92	3,07
Ansiedade	<1,60	2,40 <sup>1</sup>	1,80 <sup>1</sup>	3,20 <sup>1</sup>	1,60
Depressão	<1,60	3,00 <sup>1</sup>	2,00 <sup>1</sup>	1,80 <sup>1</sup>	2,20 <sup>1</sup>

<sup>1</sup>necessidade de intervenção.

ansiedade e depressão do PSCAN. Porém, não se constataram dificuldades de enfrentamento pela avaliação com a EMEP (Tabela 1).

Imediatamente após a intervenção, houve melhora significativa nos escores das participantes do grupo psicoeducacional, enquanto S4-C se manteve com as mesmas necessidades identificadas na LB (Tabela 2).

Os resultados indicam manutenção dos benefícios da intervenção. Dentre as integrantes do grupo psicoeducacional, apenas S1 ainda mostrou alguma necessidade de acompanhamento psicológico. Entretanto, essa paciente foi reavaliada por ocasião do comunicado de progressão da doença em vigência de quimioterapia. As demais pacientes (S2, S3 e S4-C) já haviam terminado a quimioterapia e aguardavam as consultas de reavaliação. É importante salientar que, no

follow-up, S4-C teve aumento significativo do escore para ansiedade - ao contrário das outras pacientes que reduziram seus escores - como também foi a paciente que mais utilizou estratégias focalizadas na emoção nessa fase (Tabela 3).

Visando aprofundar a compreensão dos resultados obtidos, nas três diferentes fases do estudo, durante a avaliação das quatro participantes, realizou-se a análise da correlação entre as variáveis estudadas (Tabela 4).

É possível, então, atestar que, nas fases 1 e 3, o uso de estratégias focalizadas no problema correlacionou-se negativamente com os escores para depressão. Na fase 1, o uso de estratégias focalizadas nas emoções correlacionou-se negativamente com a QV geral. Já na fase 2, o uso dessas estratégias correlacionou-se negativamente com o domínio físico da QV e positivamente com os escores de depressão, assim

**Tabela 2.** Escores por participante, durante a fase 2, e nível de significância em relação à linha de base. Brasília (DF), 2008.

Fase 2	Padrão	S1	S2	S3	S4-C
Enfrentamento focalizado no problema	>3,09	4,11**	3,56	3,89*	3,11
Enfrentamento focalizado na emoção	<2,86	2,53	1,33	1,33**	2,07
Busca de suporte social	>2,95	4,60*	3,00	4,00*	3,60
Busca de práticas religiosas/pensamento fantasioso	>2,64	4,29*	3,57	3,29*	3,43
Qualidade de vida - domínio físico	>3,35	4,14*	3,00 <sup>1</sup>	3,41 <sup>1</sup>	3,57
Qualidade de vida - domínio psicológico	>3,63	3,33 <sup>1</sup>	3,67*	3,50 <sup>1</sup>	3,17 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - relações sociais	>3,83	3,33 <sup>1</sup>	3,67	4,67*	3,00 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - meio ambiente	>3,35	3,63*	3,38*	3,12*	3,13 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - geral	-	3,62**	3,31**	3,42**	3,26
Ansiedade	<1,60	2,40 <sup>1</sup>	1,40	2,00 <sup>1</sup>	1,60
Depressão	<1,60	2,40 <sup>1</sup>	1,60	1,60	2,20 <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Necessidade de intervenção; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ .

**Tabela 3.** Escores por participante, durante a fase 3, e nível de significância em relação à linha de base, Brasília, (DF), 2008.

Fase 23	Padrão	S1	S2	S3	S4-C
Enfrentamento focalizado no problema	>3,09	3,78**	3,67**	4,00*	3,33
Enfrentamento focalizado na emoção	<2,86	2,07	1,40	1,53**	2,40
Busca de suporte social	>2,95	4,80*	4,00	3,80	3,40
Busca de práticas religiosas/pensamento fantasioso	>2,64	3,14	3,57	3,29*	3,86
Qualidade de vida - domínio físico	>3,35	4,14*	3,00 <sup>1</sup>	3,29 <sup>1</sup>	3,14 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - domínio psicológico	>3,63	3,50 <sup>1</sup>	3,83*	3,67*	3,33 <sup>1</sup>
Qualidade de vida - relações sociais	>3,83	3,67 <sup>1</sup>	4,33	4,67*	4,00
Qualidade de vida - meio ambiente	>3,35	3,38	3,75**	3,50**	3,38
Qualidade de vida - geral	-	3,65**	3,62**	3,58**	3,44
Ansiedade	<1,60	2,00 <sup>1</sup>	1,20*	1,60*	2,20**
Depressão	<1,60	1,40*	1,40*	1,20	2,00 <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Necessidade de intervenção; \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ .

**Tabela 4.** Coeficientes de correlações entre as variáveis estudadas (n=4). Brasília (DF), 2008.

Fase	Variáveis		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	1. FP	<i>p</i>	1										
	2. FE	<i>p</i>	-0,336	1									
	3. BPR/PF	<i>p</i>	0,889	0,132	1								
	4. BSS	<i>p</i>	0,289	0,541	0,543	1							
	5. QV - físico	<i>p</i>	-0,322	-0,216	-0,474	0,271	1						
	6. QV - psicológico	<i>p</i>	0,408	-0,912	0	-0,707	-0,197	1					
	7. QV - relações sociais	<i>p</i>	0,749	-0,817	0,382	0	0,213	0,688	1				
	8. QV - ambiente	<i>p</i>	-0,136	-0,383	-0,299	-0,943	-0,576	0,667	-0,076	1			
	9. QV - geral	<i>p</i>	0,183	<b>-0,987*</b>	-0,286	-0,623	0,266	0,889	0,723	0,435	1		
	10. Ansiedade	<i>p</i>	0,066	0,839	0,463	0,909	0,017	-0,884	-0,387	-0,776	-0,893	1	
	11. Depressão	<i>p</i>	<b>-0,986*</b>	0,203	-0,942	-0,310	0,451	-0,329	-0,630	0,110	-0,48	-0,150	1
2	1. FP	<i>p</i>	1										
	2. FE	<i>p</i>	0,164	1									
	3. BPR/PF	<i>p</i>	0,575	0,782	1								
	4. BSS	<i>p</i>	0,587	0,677	0,510	1							
	5. QV - físico	<i>p</i>	0,331	<b>-0,983*</b>	0,820	0,783	1						
	6. QV - psicológico	<i>p</i>	0,324	-0,749	-0,173	-0,557	-0,689	1					
	7. QV - relações sociais	<i>p</i>	0,471	-0,699	-0,449	0,035	-0,560	0,599	1				
	8. QV - ambiente	<i>p</i>	0,621	0,557	<b>0,950*</b>	0,285	0,601	0,132	-0,324	1			
	9. QV - geral	<i>p</i>	0,914	0,549	0,795	0,792	0,686	-0,048	0,124	0,735	1		
	10. Ansiedade	<i>p</i>	0,806	0,608	0,653	0,948	0,742	-0,297	0,137	0,506	0,942	1	
	11. Depressão	<i>p</i>	0,041	<b>0,992**</b>	0,702	0,635	<b>0,956*</b>	-0,818	-0,750	0,461	0,444	0,529	1
2	1. FP	<i>p</i>	1										
	2. FE	<i>p</i>	-0,661	1									
	3. BPR/PF	<i>p</i>	-0,933	0,349	1								
	4. BSS	<i>p</i>	0,693	-0,004	-0,843	1							
	5. QV - físico	<i>p</i>	0,478	0,328	-0,743	0,924	1						
	6. QV - psicológico	<i>p</i>	-0,887	0,240	<b>0,990*</b>	-0,908	-0,826	1					
	7. QV - relações sociais	<i>p</i>	0,207	-0,721	0,056	-0,560	-0,680	0,198	1				
	8. QV - ambiente	<i>p</i>	0,257	-0,844	0,097	-0,225	-0,581	0,173	0,540	1			
	9. QV - geral	<i>p</i>	0,673	-0,226	-0,699	0,909	0,699	-0,756	-0,491	0,155	1		
	10. Ansiedade	<i>p</i>	-0,496	<b>0,962*</b>	0,153	0,088	0,450	0,058	-0,641	<b>-0,958*</b>	-0,225	1	
	11. Depressão	<i>p</i>	<b>-0,966*</b>	0,812	0,825	-0,483	-0,241	0,745	-0,449	-0,414	-0,503	0,651	1

\* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; as correlações significativas foram destacadas em negrito; QV: qualidade de vida; FP: foco no problema; FE: foco na emoção; BPR/PF: busca de prática religiosa/pensamento fantasioso; BSS: busca de suporte social.

como a busca de práticas religiosas correlacionou-se positivamente com o domínio meio ambiente da QV, e o domínio físico correlacionou-se positivamente com os escores para depressão. Na fase 3, o foco na emoção correlacionou-se positivamente com os escores para ansiedade, e a busca de práticas religiosas com o domínio psicológico da avaliação de QV. Já a ansiedade correlacionou-se negativamente com o domínio meio ambiente da avaliação de QV.

## Discussão

Inicialmente, os resultados obtidos com a EMEP, na LB, levaram ao questionamento sobre o interesse

em se promoverem estratégias de enfrentamento por meio do grupo psicoeducacional, conforme recomenda a literatura especializada (Baum & Andersen, 2001; Newell, Sanson-Fisher & Savolainen, 2002; Ridder & Schreurs, 2001; Trask et al., 2003).

Contudo, como os dados acerca do *distress* e da QV corroboraram estudos anteriores (Caponero & Lage, 2008; Graviria et al., 2007; Iconomou, Koutras, Iconomou & Kalofonos, 2004; Pasquini & Biondi, 2007; Zainal, Hui, Hang & Bustam, 2007), deu-se prosseguimento à proposta de intervenção "Aprendendo a Enfrentar".

Após a intervenção, as estratégias focalizadas no problema mostraram melhora significativa e, a exemplo do estudo feito por Stanton et al. (2007), esti-

veram associadas a indicadores de bom ajustamento. Tal constatação reforça o interesse em se propor programas semelhantes para promover resultados mais adaptativos por parte dos pacientes oncológicos.

É relevante lembrar que estratégias focalizadas na emoção avaliadas pela EMEP vinculam-se a uma pior adaptação do paciente, e não à regulação emocional, pois seus itens envolvem autculpa, culpabilização de outros, emoções negativas, esquiva e pensamento fantasioso (Cerqueira, 2000; Stanton et al., 2007; Trask et al., 2003). Portanto, quanto maior o escore, maior a necessidade de intervenção. Durante este estudo, apenas as participantes da intervenção mantiveram ou mostraram queda dessas estratégias, o que sugere que o grupo psicoeducacional foi eficaz para o controle de estratégias negativas focalizadas na emoção.

Também houve melhora significativa para duas participantes da intervenção quanto à busca de suporte social. É preciso ponderar, entretanto, que, na linha de base, não se verificou necessidade de intervenção nessa esfera para nenhuma das pacientes. Segundo Terol et al. (2000), essa estratégia pode ajudar na resolução de problemas, redefinição do evento estressor, prover distração, como também pode fornecer meios para expressar ou aliviar as emoções.

Especificamente em relação à busca de práticas religiosas/pensamento fantasioso, é relevante ressaltar a variedade de resultados: aumento significativo para S1, que apresentava o menor escore nessa estratégia na LB; mas queda significativa para S3, que apresentava o maior escore na linha de base. Já S4-C obteve escore maior do que as demais pacientes. A busca de práticas religiosas ou pensamento fantasioso também teve correlação positiva com os domínios psicológico (fase 2) e meio ambiente (fase 3) da avaliação de qualidade de vida, o que confirma sua natureza adaptativa de enfrentamento. Uma vez mais, confirmaram-se investigações relatadas na literatura que incentivam estratégias de regulação emocional e a religiosidade/espiritualidade (Jim, Richardson, Golden-Kreutz & Andersen, 2006; Peçanha, 2008; Stanton et al., 2007).

Quanto ao domínio físico avaliado pelo WHOQOL-bref, todas as pacientes iniciaram o estudo com escores abaixo do padrão, denotando prejuízos físicos decorrentes da doença. Apenas S1 teve significativa melhora nesse domínio, o que pode ser melhor

compreendido em função da quimioterapia mais tardia, início do controle de sintomas e menor incidência de efeitos colaterais.

O domínio físico correlacionou-se positivamente com os escores para depressão. Porém, era esperado que a piora na condição física aumentasse os escores de depressão, por ser considerada forte preditora de má adaptação (Terol et al., 2000). Tal resultado pode sinalizar que as pacientes que participaram do grupo reavaliaram positivamente alguns aspectos da sua vida após a doença e mostraram significativa melhora em seus escores para depressão, o que não ocorreu com S4-C (Tabela 4).

Quanto ao domínio psicológico, na LB, todas as participantes indicaram necessidade de intervenção. Após a participação no grupo, verificou-se melhora nos escores das pacientes: para S2 e S3, os dados foram significativos. Já S4-C mostrou estabilidade em seus escores e manteve a necessidade de intervenção.

Na fase de *follow-up*, S1, S2 e S3 revelaram melhora significativa na QV geral, enquanto S4-C apresentou uma melhora não significativa. Como QV geral mostrou-se correlacionada negativamente com foco na emoção, pode-se cogitar que inibir esse tipo de estratégia contribuiu para melhorar a QV das participantes, resultado também destacado pela literatura (Graviria et al., 2007; Jim et al., 2006; Stanton et al., 2007).

Para avaliar o nível de *distress*, foram consideradas as variáveis ansiedade e depressão. As pacientes S2 e S3 tiveram significativa redução da ansiedade na fase 3; S1 manteve os mesmos escores e S4-C apresentou aumento significativo. Hipkins, Whitworth, Tarrier e Jayson (2004) informaram que, após a quimioterapia, o escore para ansiedade aumentou em 47% dos pacientes da investigação relatada. Terol et al. (2000) também identificaram que o impacto emocional e os escores para depressão e ansiedade são mais elevados nos últimos ciclos do tratamento quimioterápico.

Como anteriormente salientado, houve correlação positiva entre ansiedade e uso de estratégias focalizadas na emoção, indicando que pode haver relação entre a diminuição no uso dessas estratégias e a melhora nos escores para ansiedade.

Na fase de *follow-up*, todas as participantes da intervenção reduziram seus escores de depressão.

Apenas S4-C, apesar da leve redução, ainda manteve o escore acima do limite indicado. Retomando que a variável depressão foi negativamente associada ao foco no problema, pode-se considerar que a promoção de estratégias focalizadas no problema durante a intervenção psicoeducacional propiciou a redução dos escores para depressão.

## Considerações Finais

Os resultados obtidos sugerem que a intervenção "Aprendendo a Enfrentar" foi eficaz para: promover estratégias de enfrentamento adaptativas (foco no problema e busca de suporte social), diminuir o uso de estratégias focalizadas na emoção, reduzir nível de *distress* e melhorar a QV das participantes.

Sugerem-se trabalhos semelhantes com amostras mais extensas visando maior generalização desse estudo de natureza exploratória. Para aprofundamento das constatações feitas a respeito dos benefícios do grupo psicoeducacional, recomendam-se investigações comparativas junto a pacientes com diferentes neoplasias e submetidos a tratamentos radioterápico, cirúrgico e/ou imunoterápico. Também é indispensável melhor averiguar as técnicas aqui propostas e seus eventuais ajustes a condições específicas de atendimento.

## Referências

Baum, A., & Andersen, B. L. (2001). *Psychosocial interventions for cancer*. Washington: American Psychological Association.

Cain, E. N., Kohorn, E. I., Quinlan, D. M., Latimer, K., & Schwartz, P. E. (1986). Psychosocial benefits of a cancer support group. *Cancer*, 57 (1), 183-189.

Caponero, R., & Lage, L. M. (2008). Quimioterapia. In V. A. Carvalho, M. H. P. Franco, M. J. Kovács, R. P. Liberato, R. C. Macieira, M. T. Veit, et al. (Orgs.), *Temas em psico-oncologia* (pp.155-167). São Paulo: Summus.

Cella, D. (1998). Quality of life. In J. C. Holland (Org.), *Psycho-oncology* (pp.1135-1146). New York: Oxford University Press.

Cerqueira, A. T. A. R. (2000). O conceito e metodologia de *coping*: existe consenso e necessidade? In R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 5, pp.279-289). Santo André: Esetec.

Costa Neto, S. B., & Araujo, T. C. C. F. (2008). Qualidade de vida do enfermo oncológico: um panorama sobre o campo e suas formas de avaliação. In V. A. Carvalho, M. H.

P. Franco, M. J. Kovács, R. P. Liberato, R. C. Macieira, M. T., et al. (Orgs.), *Temas em psico-oncologia* (pp.195-208). São Paulo: Summus.

Costa Neto, S. B., & Araujo, T. C. C. F. (2005). Calidad de vida de los portadores de neoplasia de cabeza y de cuello en fase diagnosticada. *Revista Colombiana de Psicología*, (14), 53-72.

Fleck, M. P. A. (Org.). (2008). *A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed.

Franzi, S. A., & Silva, P. G. (2003). Avaliação da qualidade de vida em pacientes submetidos à quimioterapia ambulatorial no Hospital Heliópolis. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 49 (3), 153-158.

Gaviria, A. M., Vinaccia, S., Riveros, M. F., & Quiceno, J. M. (2007). Calidad de vida relacionada con la salud, afrontamiento del estrés y emociones negativas en pacientes con cáncer en tratamiento quimioterápico. *Psicología desde el Caribe*, (20), 50-75.

Gimenes, M. G. G. (1997). A teoria do enfrentamento e suas implicações para sucessos e insucessos em psiconcologia. In M. G. G. Gimenes & M. H. Fávero (Orgs.), *A mulher e o câncer* (pp.111-147). São Paulo: Editorial Psy.

Gimenes, M. G. G., & Queiroz, E. (1997). As diferentes fases de enfrentamento durante o primeiro ano após mastectomia. In M. G. G. Gimenes & M. H. Fávero (Orgs.), *A mulher e o câncer* (pp.173-195). São Paulo: Editorial Psy.

Gouveia Sobrinho, E. A., Carvalho, M. B., & Franzi, S. A. (2001). Aspectos e tendências de avaliação da qualidade de vida de pacientes com câncer de cabeça e pescoço. *Revista da Sociedade Brasileira de Cancerologia*, 4 (15), 10-18.

Greer, S., Moorey, S., Baruch, J. D., Watson, M., Robertson, B. M., Mason, A., et al. (1992). Adjuvant psychological therapy for patients with cancer. *British Medical Journal*, 304 (6828), 675-680.

Hipkins, J., Whitworth, M., Tarrier, N., & Jayson, G. (2004). Social support, anxiety and depression after chemotherapy for ovarian cancer: a prospective study. *British Journal of Health Psychology*, 9 (4), 569-581.

Iconomou, G., Koutras, V. M. A., Iconomou, A. V., & Kalofonos, H. P. (2004). Prospective assessment of emotional distress, cognitive function, and quality of life in patients with cancer treated with chemotherapy. *Cancer*, 101 (2), 404-411.

Jim, H. S., Richardson, S. A., Golden-Kreutz, D. M., & Andersen, B. L. (2006). Strategies used in coping with a cancer diagnosis predict meaning in life for survivors. *Health Psychology*, 25 (6), 753-761.

Linden, W., Yi, D., Barroetavena, M. C., MacKenzie, R., & Doll, R. (2005). Development and validation of a psychosocial screening instrument for cancer. *Health and Quality of Life Outcomes*, 3. Retrieved April 2, 2007, from <http://www.hqlo.com/content/3/1/54>

Lipp, M. E. N. (Org.). (2004). *O stress no Brasil: pesquisas avançadas*. Campinas: Papyrus.

Livneh, H. (2000). Psychosocial adaptation to cancer: the role of coping strategies. *Journal of Rehabilitation*, 66. Retrieved August 12, 2005, from <http://findarticles.com/>

p/articles/mi\_m0825/is\_/ai\_62980227?tag=artBody; col1

- National Cancer Institute. (2008). *PDQ supportive and palliative care editorial board*. Retrieved January 4, 2009, from <http://www.cancer.gov/cancertopics/pdq/supportivecare/adjustment/HealthProfessional/page1>
- National Comprehensive Cancer Network (2008). NCCN Clinical Practice Guidelines in Oncology: distress management (version 1) [Computer software]. Retrieved June 5, 2008, from [http://www.nccn.org/professionals/physician\\_gls/PDF/distress.pdf](http://www.nccn.org/professionals/physician_gls/PDF/distress.pdf)
- Newell, S. A., Sanson-Fisher, R. W., & Savolainen, N. J. (2002). Systematic review of psychological therapies for cancer patients: overview and recommendations for future research. *Journal of the National Cancer Institute*, 94 (8), 558-584.
- Pasquini, M., & Biondi, M. (2007). Depression in cancer patients: a critical review. *Clinical Practice and Epidemiology in Mental Health*, 3. Retrieved February 13, 2007, from <http://www.cpementalhealth.com/content/3/1/2>
- Peçanha, D. L. N. (2008). Câncer: recursos de enfrentamento na trajetória da doença. In V. A. Carvalho, M. H. P. Franco, M. J. Kovács, R. P. Liberato, R. C. Macieira, M. T. Veit, et al. (Orgs.), *Temas em psico-oncologia* (pp.209-217). São Paulo: Summus.
- Ridder, D. D., & Schreurs, K. (2001). Developing interventions for chronically ill patients: is coping a helpful concept? *Clinical Psychology Review*, 21 (2), 205-240.
- Seidl, E. M., Tróccoli, B. T., & Zannon, C. M. L. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (3), 225-234.
- Sparrenberger, F., Santos, I., & Lima, R. C. (2003). Epidemiologia do *distress* psicológico: estudo transversal de base populacional. *Revista Saúde Pública*, 37(4), 434-439.
- Stanton, A. L., Revenson, T. A., & Tennen, H. (2007). Health psychology: psychological adjustment to chronic disease. *Annual Review of Psychology*, 58, 565-592.
- Telch, C. F., & Telch, M. J. (1986). Group coping skills instruction and supportive group therapy for cancer patients: a comparison of strategies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54 (6), 802-808.
- Terol, M. C., Roig, S. L., Marín, J. R., Pastor, M. A., Giral, M. S. M., Aragón, M. M., et al. (2000). Diferencias en la calidad de vida: un estudio longitudinal de pacientes de cáncer recibiendo tratamiento de quimioterapia. *Anales de Psicología*, 16 (2), 111-122.
- Todd, K., Roberts, S., & Black, C. (2002). The living with cancer education programme. i. development of an Australian education and support programme for cancer patients and their family and friends. *European Journal of Cancer Care*, 11 (4), 271-279.
- Trask, P. C., Paterson, A. G., Griffith, K. A., Riba, M. B., & Schwartz, J. L. (2003). Cognitive-behavioral intervention for distress in patients with melanoma: comparison with standard medical care and impact on quality of life. *Cancer*, 98 (4), 854-864.
- Zainal, N., Hui, K., Hang, T., & Bustam, A. (2007). Prevalence of distress in cancer patients undergoing chemotherapy. *Asia-Pacific Journal of Clinical Oncology*, 3 (4), 219 -223.

Recebido em: 10/3/2009

Versão final reapresentada em: 8/2/2010

Aprovado em: 19/2/2010

# Crenças acerca do sistema de treinamento: a predição de variáveis pessoais e funcionais<sup>1</sup>

## *Beliefs concerning the system of training: the prediction of personal and job-related variables*

Jesiane Marins **LOPES**<sup>2</sup>

Luciana **MOURÃO**<sup>2</sup>

### Resumo

Pesquisas têm apontado as crenças sobre o Sistema de Treinamento, Desenvolvimento e Educação como importante variável preditora do impacto das ações de capacitação sobre o desempenho no trabalho. Porém, quais variáveis estão relacionadas às crenças sobre o sistema de Sistema de Treinamento, Desenvolvimento e Educação? O objetivo do presente estudo foi identificar quão positivas são as crenças sobre o sistema de treinamento e verificar se as características individuais influenciam essas crenças. A amostra de pesquisa foi de 220 sujeitos, que trabalham em sete empresas privadas do Estado do Rio de Janeiro. A escala utilizada na pesquisa havia sido previamente validada. Realizaram-se análises descritivas, correlações e regressões. Os resultados indicam que experiência prévia em Sistema de Treinamento, Desenvolvimento e Educação, idade, tempo de trabalho e salário são variáveis preditoras das crenças sobre o sistema de Sistema de Treinamento, Desenvolvimento e Educação. Foram discutidas implicações práticas dos resultados e sugerida uma agenda de pesquisa para a área.

**Unitermos:** Atitudes. Desempenho no trabalho. Diferenças individuais. Treinamento de pessoal.

### Abstract

*Research has shown beliefs in the System of Training, Development and Education to be an important, predictive variable of the impact of the actions of Training on performance at work. However, which variables are related to beliefs about the System of Training, Development and Education? The purpose of this study was to identify how good are the beliefs about the system of training and to ascertain if individual characteristics influence these beliefs. 220 individuals were included in the sample survey, working in seven private companies in Rio de Janeiro. The scale used in the survey had been previously validated. Descriptive analyses, correlations and regressions were conducted. The results indicate that previous experience in the System of Training, Development and Education, age, length of service and salary are determinants of beliefs concerning the System of Training, Development and Education. We discussed the practical implications of the results and suggested an agenda for research into this area.*

**Uniterms:** Attitudes. Job performance. Individual differences. Personnel training.

▼▼▼▼

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da dissertação de J.M. LOPES, intitulada "Avaliação de treinamento nos níveis de aprendizagem e reação: a influência da motivação para aprender e das crenças sobre o sistema de treinamento". Universidade Salgado de Oliveira, 2008.

<sup>2</sup> Universidade Salgado de Oliveira, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. R. Marechal Deodoro, 263, Centro, 24030-060, Niterói, RJ, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: L. MOURÃO. E-mail: <mourao.luciana@gmail.com>.

Um dos avanços nas pesquisas sobre Treinamento, Desenvolvimento e Educação (TD&E) diz respeito à identificação de fatores que afetam a sua eficácia. Os profissionais que atuam em gestão de pessoas necessitam conhecer melhor a forma como as pessoas lidam com as ações de capacitação e o que pode ser feito para aumentar seu efeito. A presente pesquisa objetivou conhecer as crenças sobre o sistema de treinamento e investigar quais variáveis individuais e funcionais são preditoras das crenças sobre TD&E.

Pesquisa desenvolvida por Freitas (2005) mostrou que as crenças sobre o sistema de treinamento influenciam no impacto das ações de capacitação. Ou seja, de acordo com a crença que o treinando tenha sobre o sistema, ele irá aplicar no trabalho com maior ou menor intensidade aquilo que aprendeu nos eventos de TD&E. Porém, ainda não se investigou que variáveis podem influenciar as crenças sobre o sistema de TD&E. Considerando o objetivo exposto, foi realizada a presente pesquisa com funcionários de sete empresas privadas do Rio de Janeiro.

Para Borges-Andrade (1996), treinamento corresponde ao conjunto de partes coordenadas entre si, que tem como referencial o modelo sistêmico de compreensão do fenômeno organizacional, com três componentes interdependentes: avaliação de necessidades de capacitação, planejamento e execução do treinamento e avaliação. Essa definição deixa clara a visão sistêmica do treinamento que demanda interação tanto dos componentes internos (avaliação de necessidades; planejamento e execução; e avaliação) como também com os componentes externos, que correspondem aos demais sistemas da área de gestão de pessoas (recrutamento e seleção, avaliação de desempenho, programas de ascensão funcional etc.).

Em relação ao conceito de Desenvolvimento, Nadler (1984) salienta que ele compreende a aprendizagem voltada para o crescimento individual, sem relação com um trabalho específico, envolvendo experiências organizadas de aprendizagem, em um período definido de tempo para aumentar a possibilidade de melhoria da *performance* no trabalho e do crescimento. Educação, por sua vez, é considerada conceitualmente como uma aprendizagem mais ampla que aquelas denominadas como Treinamento e Desenvolvimento. Pontual (1980, p.5) define Educação como “todos os

processos pelos quais as pessoas adquirem compreensão do mundo, bem como capacidade para lidar com seus problemas”. Porém, Borges-Andrade (2002) afirma que a separação dos conceitos Treinamento e Desenvolvimento está tênue, pois o aumento da demanda cognitiva nos postos de trabalho e a sofisticação das exigências de aprendizado têm levado à quase extinção das ações puramente de Treinamento.

Vários pesquisadores desenvolveram modelos teóricos e empíricos para avaliação dos resultados das ações de TD&E. Os principais modelos internacionais apontados pela literatura são: o de Kirkpatrick (1976), o de Hamblin (1978); e o Modelo Integrado de Avaliação e Efetividade de Treinamento (IMTEE), proposto por Alvarez, Salas e Garofano (2004). No Brasil, há dois modelos de pesquisa de TD&E preponderantes: o Modelo de Avaliação Integrado e Somativo (MAIS), criado por Borges-Andrade (1982) e o Modelo Integrado de Avaliação do Impacto do Treinamento no Trabalho (IMPACT), elaborado por Abbad (1999).

Tanto no modelo IMTEE, como no MAIS e no IMPACT há pressuposições de que características da clientela, que contêm informações demográficas, funcionais, motivacionais e atitudinais relativas aos participantes dos treinamentos, sejam preditoras dos resultados obtidos nas ações de capacitação. Esses modelos fortalecem, portanto, a necessidade de se investigar variáveis como as crenças sobre o sistema de TD&E e também outras variáveis de características da clientela como idade, tempo de empresa, experiência de trabalho, salário, motivação e autoeficácia. Borges-Andrade (1982) explica, inclusive, que os insumos referem-se aos fatores físicos, sociais e aos estados comportamentais e cognitivos, anteriores à instrução, que podem afetá-lo ou aos seus resultados. Portanto, o autor já previa que variáveis como nível socioeconômico dos treinandos; idade desses participantes; crenças de que são capazes de obter sucesso; uso de estratégias de autorregulação, entre outras, poderiam afetar os resultados dos treinamentos realizados. Diversas pesquisas no Brasil e no exterior confirmaram que as características da clientela são de fato importantes preditoras da aprendizagem, da reação e do impacto do treinamento no trabalho (Abbad, 1999; Alvarez et al., 2004; Pilati & Borges-Andrade, 2004; Salas & Cannon-Bowers, 2001; Tannenbaum & Yukl, 1992).

A análise das pesquisas aqui apresentadas mostra que não há resultados conclusivos sobre o poder de predição das variáveis crenças sobre o sistema de TD&E, embora as características da clientela estejam claramente ligadas aos resultados obtidos nessas ações de capacitação. Assim, definiu-se que tais variáveis dariam uma contribuição se incluídas no modelo de pesquisa.

### **Crenças sobre o sistema de TD&E**

Crenças são estruturas cognitivas básicas sobre as quais as atitudes se fundamentam (Ajzen & Fishbein, 1980). O conceito de crença adotado neste estudo tem como ponto de partida a concepção apresentada, (Krüger, 2004) segundo a qual crenças são concebidas como sendo quaisquer assertivas ou proposições aceitas por pelo menos uma pessoa. No conceito do autor, "as crenças são representações simbólicas, comumente baseadas em linguagens naturais, que têm sua origem na experiência pessoal e afirmam uma relação entre objetos concretos e abstratos, ou propriedades a eles atribuídas". Por conseguinte, esse conceito de crença diferencia-se da concepção encontrada no senso comum, que concebe as crenças como algo relacionado à fé religiosa ou à própria religião. Krüger (2004) explica que as crenças podem ser tanto pessoais (como a avaliação feita por uma pessoa a respeito de outra) quanto socialmente compartilhadas (como a opinião pública e os estereótipos sociais).

Independentemente do conceito adotado, o pressuposto básico no estudo das crenças é o da sua organização lógica, subjetiva, em sistemas ou conjuntos logicamente estruturados, sendo capazes de ativar motivações e, portanto, condutas sociais influenciando por essa via processos coletivos. Ou seja, os sistemas de crenças propiciam àqueles que os desenvolveram e aceitam uma interpretação relativamente estável e significativa da realidade física, social e cultural, tomada como referência. Nesse sentido, é possível supor que tais crenças influenciem comportamentos das pessoas, como no caso das crenças sobre o sistema de treinamento de uma organização.

Portanto, para os autores citados, as crenças variam de pessoa para pessoa, são mutáveis e estão relacionadas às experiências de cada indivíduo e ao

contexto sócio-cultural com o qual interagem. Assim, as crenças podem ser intuitivas e na maioria das vezes são implícitas. De forma simplificada, pode-se dizer que a fonte de todas as crenças é a experiência. As experiências ocorrem naturalmente na vida na medida em que as pessoas participam de interações sociais que se diversificam em termos de sua estrutura, duração e intensidade. Segundo Alencar (2005), a crença é originada por meio de um processo de construção social, incorporação de ideias de outras pessoas, com interferência de aspectos do ambiente e circunstâncias.

Um aspecto relevante ressaltado por Alencar (2005) é o de que as crenças selecionam as informações recebidas, moldam, combinam com outras informações, de forma a gerar crenças mais consistentes. Em outras palavras, as crenças tendem a ir se modificando, na medida em que as pessoas vão recebendo mais informações e passando por diferentes experiências ao longo da vida, gerando, inclusive, uma resistência à mudança, com o processo de consolidação das crenças. Porém, essa construção não é apenas individual. As crenças são formuladas em diferentes culturas ou grupos de pessoas a partir do momento em que as pessoas se inserem nas diversas instituições apresentadas pela sociedade, como escola, família, religião e organizações de trabalho.

Em resumo, as crenças tendem a ser organizadas, adquirindo formas de teoria, doutrinas, argumentos e sistemas de opinião e pensamento, cuja aceitação fica condicionada por fatores e critérios diversos, pessoais, objetivos e lógicos. Assim, crenças podem ser compreendidas como elementos de representação mental, abstratos, oriundos de experiências individuais e coletivas que, uma vez alcançando o formato e o suporte físico necessário à sua objetivação, oferecem-se à crítica.

O estudo da possível influência das variáveis demográficas e funcionais sobre crenças acerca do Sistema de Treinamento, Desenvolvimento e Educação apóia-se em algumas dessas concepções sobre as crenças: a) o fato de elas poderem ser compartilhadas; b) ganharem força na medida em que mais pessoas compartilham da mesma crença; e c) serem capazes de levar os indivíduos a mudanças. Portanto, é razoável supor que as crenças que uma pessoa tem sobre o sistema de Treinamento, Desenvolvimento e Educação

possam ser influenciadas pelo tempo de trabalho na empresa ou pelo fato de já ter trabalhado em outras organizações.

De acordo com Freitas (2005), as crenças são fundamentais para promover mudança de atitudes já estabelecidas. Para a autora, para formar novas atitudes ou para modificar atitudes já existentes, as intervenções passariam, necessariamente, pela aquisição de novas informações sobre o objeto, isto é, pela reconfiguração das crenças. Portanto, é de fundamental importância haver nas organizações instrumentos desenvolvidos e validados que possibilitem identificar as crenças existentes sobre determinado fenômeno, como é o caso do Sistema de Treinamento.

Nas organizações, quando novos funcionários são contratados, os próprios colegas de trabalho começam a conversar sobre suas crenças acerca do Sistema de TD&E daquela instituição, relatando, por exemplo, que o Treinamento é algo importante naquela empresa, que ajuda a desenvolver atividades na prática e que é considerado nas promoções ou outras crenças contrárias a estas. Quando essas crenças são compartilhadas com esses novos empregados, boa parte dos novatos tomará essas falas como verdades e passará a interpretar o Treinamento naquela instituição da forma como lhe foi relatada pelos funcionários antigos, resultando em uma crença coletiva em relação ao Treinamento. Com base nessa premissa, a presente pesquisa procurou investigar se as crenças sobre o Sistema de TD&E são influenciadas por características demográficas e funcionais.

Apesar do número reduzido de pesquisas realizadas sobre o assunto em questão, foram encontrados alguns resultados das investigações sobre crenças em relação ao treinamento e à aprendizagem. Freitas (2005) realizou uma pesquisa sobre o impacto de treinamento nos desempenhos do indivíduo e do grupo de trabalho e os relacionou com crenças sobre o sistema de treinamento e com o suporte à aprendizagem contínua. Para a construção da escala sobre crenças em relação ao sistema de treinamento, a autora utilizou três bases conceituais: as escalas de Cinismo Organizacional desenvolvidas por Tesluk, Faar, Mathieu e Vance (1995); as crenças sobre Treinamento indicadas por Freitas, (2005); e o Modelo MAIS de Borges-Andrade (1982) que contempla diversos componentes do Sistema de TD&E. A escala

elaborada por Freitas e Borges-Andrade (2004) foi dividida em três fatores: crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização; crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento; e crenças sobre os resultados e processos de treinamento. Os resultados encontrados por Freitas (2005) apontam que as crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização estão significativas e positivamente relacionadas ao impacto do treinamento no trabalho. A pesquisa sinaliza para a necessidade de maior atenção em relação às crenças dos funcionários sobre o Sistema de TD&E para que o impacto aconteça de forma mais positiva, indo ao encontro dos objetivos organizacionais.

Os resultados das pesquisas mostradas por Cheng e Ho (2001) indicaram que várias atitudes do treinando afetam o grau em que ele transfere para o contexto de trabalho o que aprendeu em treinamento. Segundo Freitas (2005), essas atitudes são decorrentes de crenças existentes em vários níveis. Crenças sobre a própria pessoa (auto-eficácia); sobre o trabalho (nível de envolvimento, planejamento de carreira, expectativas quanto aos benefícios do treinamento); e crenças sobre a empresa (cinismo organizacional - uma descrença generalizada sobre a capacidade de mudança na organização). Ou seja, Cheng e Ho (2001) também encontraram resultados de pesquisa que sinalizam para a importância e a influência das crenças relativas a TD&E.

Outro estudo realizado por Alencar (2005) teve como objetivo verificar as influências de crenças relacionadas ao trabalho no surgimento de sintomas na saúde dos trabalhadores e influências na produtividade no setor de frangos de corte, na região do Paraná. O autor relatou análises qualitativas que apontaram para associações entre as crenças: "o trabalho é ruim", "o trabalho não é prazeroso", "a empresa não é séria", "adoece-se facilmente no ambiente de trabalho", e "o trabalho não dá alegria" entre outros, e a incidência de sintomas relacionados à saúde. Os resultados obtidos indicaram ainda que os níveis de mortalidade das aves foram mais baixos nas granjas supervisionadas pelo profissional que tinha nível mais alto de satisfação no trabalho e crenças como "depende de mim o resultado do lote", "a empresa é séria", "os frangos sofrem durante a criação", e ainda "é preciso treinamento para criar frangos". Os resultados sinalizam que, em uma das granjas,

há descrença em relação à organização, talvez resultando em uma aprendizagem negativa ou na falta da mesma, devido à desmotivação em relação ao trabalho e à realização da tarefa. Os resultados também sugerem que a aprendizagem pode ser mais eficaz, quando os funcionários acreditam na importância e na necessidade do Treinamento.

Vale também destacar o estudo realizado por Gonçalves (2008) com o objetivo de investigar se as expectativas em relação ao treinamento são preditoras do impacto do treinamento no trabalho. As expectativas sobre o sistema de treinamento correspondem a um construto correlato às crenças sobre o sistema de TD&E e, portanto, importante para a compreensão dos resultados da pesquisa apresentada no presente artigo. A pesquisa de Gonçalves foi realizada em uma autarquia federal, com aplicação de 472 questionários antes do evento de capacitação para medição das expectativas em relação ao treinamento e 296 questionários cerca de quatro meses após o término do curso, para avaliação do impacto do treinamento no nível do comportamento no cargo. A autora validou uma escala de expectativas sobre ações de TD&E cuja estrutura final ficou com dois fatores: expectativa de utilidade e melhoria de performance e expectativa de melhoria além da performance. Gonçalves (2008) encontrou como preditores da expectativa em relação a treinamento quatro variáveis: gênero, escolaridade e cargo, sendo que as mulheres e os funcionários com escolaridade mais baixa e os ocupantes de cargos de nível mais baixo tendem a apresentar médias mais altas de expectativas. Além disso, as expectativas de melhoria além da performance também atuaram como preditoras do impacto do treinamento no trabalho, o que reforça os achados de Freitas e Borges-Andrade (2004).

Assim, considerando a revisão de literatura realizada, a hipótese central definida para a presente pesquisa foi: "Idade, tempo de empresa, experiência em treinamento em outras organizações e salário são preditores das crenças em relação às ações de TD&E". Assim, esperava-se que os mais velhos, os funcionários com menor tempo de empresa, as pessoas com mais experiência em treinamento e os que recebem maiores salários tivessem crenças mais positivas sobre o sistema de TD&E.

## Método

O delineamento metodológico foi de um estudo correlacional, de análise multivariada. A amostra foi composta por 220 funcionários de sete empresas privadas do Estado do Rio de Janeiro. Todos os respondentes foram voluntários e concordaram em participar da pesquisa, com direito a acesso aos resultados gerais da mesma. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira, protocolo nº 184/2007, em 29/11/2007, e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes de sua inclusão na amostra.

Em relação às organizações pesquisadas, duas tinham até 5 anos de atuação no mercado, uma tinha 10 anos de atuação no Brasil e quase 20 de atuação em outros países e as quatro outras organizações tinham mais de 25 anos de existência. Em relação à gestão, três eram de natureza familiar e quatro não. As cidades onde essas empresas foram pesquisadas foram: Rio de Janeiro, Rio das Ostras, Pádua, Campos dos Goytacazes, Niterói e Macaé. Em relação ao tipo de treinamento, dois tinham natureza claramente técnica, três referiam-se a atendimento a clientes e os outros tinham natureza mais comportamental. O tempo de duração dos treinamentos variou de 6 a 20 horas, tendo sido treinados ao todo entre 15 e 600 funcionários. Em relação aos instrutores que atuaram nesses cursos, em apenas dois foram instrutores internos, sendo os outros cinco ministrados por instrutores externos.

O perfil predominante dos participantes da pesquisa foi de homens (59,1%), com ensino médio (63,8%), experiência em treinamento em outras organizações (63,6%), mais de um ano de trabalho (51,8%), idade média de 31 anos (Desvio-Padrão - DP=8,97) e salário na faixa de 5 salários-mínimos.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a Escala de Crenças sobre o Sistema Treinamento, desenvolvida e validada por Freitas e Borges-Andrade (2004). A Escala de Crenças sobre o Sistema Treinamento possui 36 itens e para cada item os participantes atribuíram uma pontuação de 1 a 10, sendo 1 ancorado na afirmação "Não Acredito" e 10 na afirmação "Acredito Totalmente". A Escala de Crenças sobre o Sistema Treinamento foi originalmente testada por Freitas e Borges-

-Andrade (2004) em uma amostra de aproximadamente 385 funcionários do Banco do Brasil. Os autores identificaram a presença de três componentes ou fatores na escala: Fator 1) Crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização, Fator 2) Crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento e Fator 3) Crenças sobre os resultados e o processo de treinamento. Os coeficientes de fidedignidade (Alfa de Cronbach) reportados para esses fatores foram 0,94, 0,84 e 0,82, respectivamente. No presente estudo, foram utilizados os mesmos fatores sugeridos por Freitas e Borges-Andrade (2004). Os coeficientes de fidedignidade observados neste estudo para os três fatores foram adequados e semelhantes aos reportados nos estudos originais: 0,93, 0,85 e 0,87, respectivamente.

A coleta de dados desta pesquisa foi feita com aplicação pessoal, nas sete empresas, antes da realização de treinamentos, de um questionário com a escala de crenças sobre o Sistema de TD&E e com as perguntas relativas às variáveis sexo, idade, escolaridade, tempo de empresa, experiência de treinamento em outras organizações e salário.

Em relação à análise foi feita a limpeza do banco de dados com o objetivo de identificar possíveis valores incorretos na digitação dos dados, bem como a presença de dados omissos (*missing values*) e *outliers* univariados (*boxplot*) e multivariados (Distância Mahalanobis). Também foram avaliadas a normalidade, a homogeneidade de variância, a multicolinearidade e feita a análise de resíduos. Algumas variáveis tiveram que ser transformadas. O critério numérico utilizado para avaliar a necessidade de transformações foi ancorado na simetria. Variáveis foram transformadas sempre que o escore-Z para simetria (simetria/erro padrão de medida da simetria) foi maior que 1,96 (Tabachnick & Fidell, 1996). Foi necessário efetuar transformações nas seguintes variáveis: crenças sobre o sistema de TD&E - fatores 1 e 3. Essas transformações resolveram satisfatoriamente os problemas de simetria, de curtose e de heterogeneidade de variância. Após as transformações foram identificados nove casos de valores extremos univariados, os quais foram seletivamente excluídos das análises. As demais variáveis não apresentaram anomalias dignas de nota. As variáveis transformadas foram utilizadas em

todas as análises de correlação e regressão. Para clarificar a interpretação dos resultados, são apresentadas as médias e os desvios-padrão das variáveis antes da transformação (Tabachnick & Fidell, 1996).

## Resultados

Inicialmente, foram conduzidas análises, com o *software* GPower (Faul, Erdfelder, Lang & Buchner, 2007) para verificar se o tamanho da amostra seria suficiente para garantir potência estatística aos testes. Verificou-se que com um  $n \geq 197$  seria possível detectar correlações relativamente fracas (iguais ou superiores que 0,25) considerando os parâmetros normalmente recomendados na literatura ( $\alpha=0,05$ ,  $\beta=0,05$ ). Como os testes conduzidos envolveram amostras acima de 200 sujeitos, a potência das análises esteve acima de 0,95. Ainda sobre a adequação do tamanho da amostra, o mesmo atendeu às duas fórmulas (Tabachnick & Fidel, 1996) recomendadas para análises de regressão.

A análise dos escores da escala de crenças sobre o Sistema de Treinamento permitiu concluir que os treinandos possuem uma crença positiva em relação às ações educacionais. Foi possível observar esse resultado a partir da média obtida tanto nos escores da escala geral ( $M=7,9$ ), como nos escores dos três fatores: crenças sobre contribuições do treinamento, crenças sobre levantamento de necessidades e sobre resultados e crenças sobre os processos e os resultados do treinamento (Tabela 1).

Foram realizadas correlações de Pearson e de Spearman (para as variáveis não-paramétricas). As correlações bivariadas apontaram relações significativas para

**Tabela 1.** Escores da escala de crenças e de seus fatores.

Escala de Crenças Escala Tipo Likert (1 a 10)	Min	Max	M	DP
Crenças sobre o Sistema Treinamento (Escala completa)	2,4	9,8	7,9	1,2
Crenças sobre contribuições do treinamento (Fator 1)	2,3	10,0	8,2	1,2
Crenças sobre levantamento de necessidades (Fator 2)	2,5	10,0	7,2	1,6
Crenças sobre resultados (Fator 3)	2,7	10,0	8,0	1,3

Min: mínima; Max: máxima; M: média; DP: desvio-padrão.

todos os pares de variáveis, exceto para experiência prévia em TD&E e as crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização (Fator 1). As correlações foram baixas, variando de 0,15 a 0,31.

Finalmente, para concluir o teste da hipótese de pesquisa foram realizadas análises de regressão múltipla padrão. Foram realizadas três regressões, cada uma delas tendo como variável dependente um dos três fatores da escala de crenças sobre o sistema de TD&E. As variáveis independentes foram as mesmas para as três regressões: idade, tempo de serviço (variável *dummy*), experiência prévia em treinamento (variável *dummy*) e salário.

O Fator 1, Crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização, teve como preditores o salário ( $\beta=0,22$ ), a experiência prévia com ações de treinamento em outras organizações ( $\beta=0,17$ ) e o tempo de trabalho ( $\beta=0,19$ ), sendo que quanto maior o salário, quando há experiência prévia com treinamento e quanto maior o tempo de trabalho, mais favoráveis tendem a ser as crenças sobre as contribuições do treinamento. A variável idade não permaneceu no modelo. O poder explicativo do modelo foi relativamente baixo ( $R^2$ ajustado=0,15), (Tabela 2).

No que diz respeito ao Fator 2, Crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento, o modelo apontou como variáveis preditoras: salário ( $\beta=0,18$ ) e a experiência prévia com ações de treinamento em outras organizações ( $\beta=0,18$ ), sendo que quanto maior o salário e quando há experiência prévia com treinamento, mais favoráveis tendem a ser as crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento. As variáveis idade e tempo de trabalho não permaneceram neste modelo, cujo  $R^2$  ajustado também foi modesto (0,11). A Tabela 3 apresenta

**Tabela 2.** Regressão sobre as crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização.

Variáveis	B	$\beta$	sr <sup>2</sup>
Experiência prévia	0,146*	0,171	0,068
Tempo de trabalho	-0,016*	-0,191	0,008
Salário	0,000**	-0,218	0,000
Idade	-0,004	-0,088	0,004

Média=8,16; DP:1,18; F=7,33; R=0,42; R<sup>2</sup>=0,17; R<sup>2</sup> ajustado=0,15.  
\* $p<0,05$ ; \*\* $p<0,01$ .

os resultados da regressão linear sobre as crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento.

Finalmente, na regressão do Fator 3, Crenças sobre os resultados e o processo de treinamento, o modelo apontou o salário ( $\beta=0,21$ ) e a idade ( $\beta=0,20$ ) como variáveis preditoras, sendo que quanto maior o salário e a idade, mais favoráveis tendem a ser as crenças sobre os resultados e o processo de treinamento. As variáveis tempo de trabalho e experiência prévia em TD&E não permaneceram neste modelo, cujo  $R^2$  ajustado também foi modesto (0,10). A Tabela 4 apresenta os resultados da regressão linear sobre as crenças sobre os resultados e o processo de treinamento.

## Discussão

O presente estudo partia de uma hipótese de que idade, tempo de empresa, experiência em treinamento e faixa salarial seriam preditores das crenças em relação às ações de TD&E e da aprendizagem. A análise do conjunto desses resultados sinaliza que a hipótese que pressupunha as características da clientela como variáveis preditoras das crenças sobre o sistema de TD&E

**Tabela 3.** Regressão sobre as crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento.

Variáveis	B	$\beta$	sr <sup>2</sup>
Experiência prévia	0,547*	0,175	0,254
Tempo de trabalho	0,024	0,079	0,030
Salário	0,000*	0,181	0,000
Idade	0,023	0,148	0,015

Média=7,24; DP:1,56; F=5,54; R=0,37; R<sup>2</sup>=0,14; R<sup>2</sup> ajustado=0,11.  
\* $p<0,05$ ; \*\* $p<0,01$ .

**Tabela 4.** Regressão sobre as crenças sobre os resultados e o processo de treinamento.

Variáveis	B	$\beta$	sr <sup>2</sup>
Experiência prévia	0,094	0,099	0,077
Tempo de trabalho	-0,001	-0,015	0,009
Salário	0,000**	0,213	0,000
Idade	0,009*	0,199	0,005

Média=7,98; DP:1,31; F=5,10; R=0,36; R<sup>2</sup>=0,13; R<sup>2</sup> ajustado=0,10.  
\* $p<0,05$ ; \*\* $p<0,01$ .

foi parcialmente confirmada, pois nem todas as variáveis pessoais permaneceram como predictoras. A análise de regressão para as crenças sobre as contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização tiveram como preditores o salário ( $\beta=0,22$ ), a experiência prévia com ações de treinamento em outras organizações ( $\beta=0,17$ ) e o tempo de trabalho ( $\beta=0,19$ ). As crenças sobre o processo de levantamento de necessidades de treinamento tiveram como preditores o salário ( $\beta=0,18$ ) e a experiência em treinamento em outras organizações ( $\beta=0,18$ ), sendo que os que têm menos experiência e maiores salários apresentam crenças mais favoráveis. Já para as crenças sobre os resultados e o processo de treinamento, as variáveis predictoras foram salário ( $\beta=0,21$ ) e idade ( $\beta=0,20$ ). Em relação ao salário - única variável presente nos três modelos relativos a crenças sobre o sistema de treinamento - esse resultado pode ser explicado pelo maior grau de consciência que as pessoas com salários mais altos têm sobre a importância da aprendizagem no ambiente organizacional. Porém, o poder preditivo dos modelos foi baixo com  $R^2$  ajustado variando de 0,15; 0,11 e 0,10, respectivamente para os Fatores 1, 2 e 3 da Escala de Crenças sobre o Sistema de Treinamento.

No que se refere à influência da experiência prévia em TD&E sobre as crenças no sistema de treinamento, é importante sinalizar que as crenças são formadas não só na organização atual onde o indivíduo trabalha, mas por todas as possíveis experiências anteriores que ele tenha vivenciado. Assim, o fato de pessoas que tenham experiências prévias com treinamento terem crenças mais positivas acerca do processo de levantamento de necessidades de treinamento e das contribuições do treinamento para o indivíduo e para a organização é um indicador positivo para as organizações, pois sinaliza que as experiências de capacitação em outras organizações têm sido favoráveis. Porém, é preocupante o fato de que as crenças sobre os resultados e o processo de treinamento não apresentem diferenças significativas entre quem já participou de treinamentos em outras organizações e quem não participou. Esse resultado sugere que a participação em ações educacionais não tem levado a um aumento das crenças acerca dos resultados e do processo de treinamento.

Sobre as crenças sobre o sistema de TD&E não se encontrou na literatura nacional e estrangeira nenhum estudo que associasse o construto a variáveis de características de clientela. Entretanto, levando-se em conta a própria definição de crenças como representações mentais oriundas de experiências individuais e coletivas, era de esperar que as características da clientela explicassem os resultados de crenças. De fato, a experiência de trabalho influencia as crenças acerca do Sistema de TD&E e é possível que outras variáveis de características pessoais e funcionais não incluídas no presente estudo, tais como locus de controle, cargo ocupado, comprometimento organizacional e grau de escolaridade, também expliquem o construto.

Em relação ao salário, encontrou-se que, mesmo com baixo poder preditivo do modelo, essa variável está significativa e positivamente relacionada aos três fatores da escala de crenças. Esse resultado não surpreende uma vez que são exaustivos os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), correlacionando nível educacional e rendimentos salariais no Brasil. Portanto, o fato de quem está mais preparado em termos de qualificação para o trabalho ter acesso a maior renda proveniente deste suscita corrobora a hipótese de que o salário tenha algum poder de predição sobre as crenças acerca do sistema de treinamento das organizações.

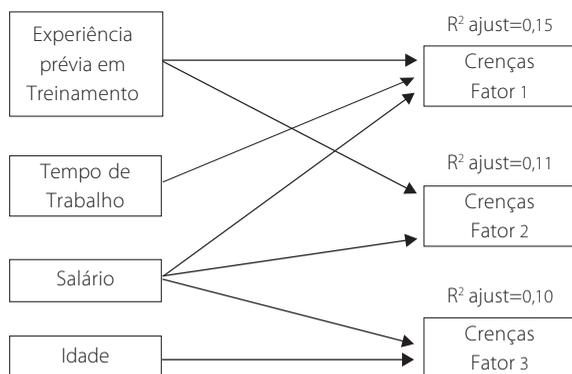
No que diz respeito à idade, os resultados da pesquisa apontam que as pessoas mais velhas e que têm mais experiência de trabalho tendem a ter crenças mais positivas sobre o sistema de treinamento. Isso indica que, além da experiência de trabalho, também a experiência de vida contribui para a percepção favorável das ações de capacitação oferecidas pelas organizações, sobretudo no que diz respeito às crenças relativas às contribuições para o indivíduo e para a organização (Fator 1) e sobre as crenças relativas ao levantamento de necessidades de treinamento (Fator 2). Contudo, vale ressaltar que Gonçalves (2008) não encontrou relações significativas ao tentar correlacionar idade com as expectativas que os treinandos têm antes de realizar um curso de treinamento. Ou seja, é possível que as pessoas mais velhas sejam mais otimistas em relação às crenças relativas ao sistema de treinamento, o que não significa que as mesmas terão sempre expectativas

mais favoráveis para todos os cursos que lhe forem oferecidos.

Quanto aos escores da escala de crenças sobre o Sistema de Treinamento, eles indicam crenças positivas dos trabalhadores das sete empresas em relação às ações educacionais. Resultado semelhante em termos de escores foi obtido por Freitas (2005), que, ao contrário da presente pesquisa, focou uma instituição de natureza pública.

Assim, os resultados encontrados sustentam a hipótese geral desta pesquisa, quando ela afirma que a experiência prévia em treinamento, o tempo de trabalho, a idade e o salário são preditores das crenças sobre o sistema de TD&E. O fato de os que já foram treinados em outras organizações e os que recebem maiores salários possuírem crenças mais positivas sobre o sistema de TD&E, confirma a hipótese do estudo. Assim, a experiência de trabalho, o salário, a idade e o tempo de trabalho têm influência nas crenças relativas aos Sistemas de Treinamento (Figura 1).

Um aspecto que precisa ser ressaltado é o fato de que variáveis contingenciais não controladas - tais como tipo de treinamento, qualidade do instrutor, tamanho da empresa, setor de atuação e cultura organizacional - podem exercer influência sobre os resultados encontrados na presente pesquisa sendo recomendável a inclusão desse tipo de variável em outros estudos a fim de que se possa aprimorar o modelo ora testado.



**Figura 1.** Modelo final para a variável crenças sobre o sistema de TD&E.

## Considerações Finais

Algumas crenças influenciam a atitude das pessoas em direção a um dado comportamento. Isso ocorre porque a pessoa acredita que a exibição daquele comportamento levará a certas consequências, que aquela pessoa avalia como importantes (teoria da expectativa). Por exemplo, acreditar que participar de treinamentos pode resultar na promoção no cargo ou no aumento de salário. Outro tipo de crença que também direciona o comportamento é a de natureza normativa, isto é, as pessoas esperam que determinado comportamento seja ou não exibido. Por exemplo, pode haver uma crença de que tudo que foi aprendido em treinamento será aplicado no trabalho. Alguns estudos, relacionam crenças mais positivas sobre o sistema de TD&E a um maior impacto das ações de treinamento sobre o desempenho no trabalho.

Para entender as variáveis que poderiam explicar crenças mais positivas ou mais negativas sobre o sistema de TD&E investigou-se o poder preditivo das variáveis idade, tempo de trabalho, experiência prévia em treinamento e salário. Os resultados permitem concluir que as quatro variáveis influenciam nas crenças sobre o sistema de treinamento, embora apenas o salário tenha permanecido nos três modelos estudados.

Entre as limitações deste trabalho encontra-se a amostra reduzida de organizações (sete empresas), a baixa variabilidade em termos de faixa etária e de tempo de trabalho na instituição. Em parte, tais aspectos se justificam pelo perfil de participante escolhido para essa pesquisa - os trabalhadores com mais baixa escolaridade - entre os quais há maior rotatividade e um perfil de sujeitos mais jovens.

Entre as contribuições está o fato de o estudo incluir profissionais com diferentes níveis de escolaridade, com significativa presença de trabalhadores com baixa escolaridade (ensino fundamental e médio), uma vez que a maioria das pesquisas brasileiras sobre o tema costuma ser realizada com participantes predominantemente de nível superior. Do ponto de vista conceitual, a pesquisa também contribui na medida em que aponta variáveis preditoras das crenças sobre o sistema de TD&E, permitindo aos profissionais que atuam em gestão de pessoas promoverem comunicações diferenciadas para aqueles que tendem a

apresentar crenças mais negativas sobre o sistema de TD&E, considerando que tais crenças costumam influenciar no impacto do treinamento no trabalho (Freitas, 2005).

Em relação a futuras pesquisas na área, sugere-se investigar se as crenças em relação à imagem do professor/instrutor e em relação à organização influenciam a motivação para aprender e a aprendizagem. Como o suporte do supervisor tem sido considerado um dos aspectos mais importantes para o impacto do treinamento no trabalho, poder-se-ia investigar se as crenças sobre o sistema de TD&E mediam ou moderam os efeitos desse suporte sobre os níveis de avaliação do Treinamento (reação, aprendizagem e impacto).

Por fim, os resultados da presente pesquisa podem suscitar alguns questionamentos nos profissionais que atuam na área, de forma a instigar que eles revejam as suas práticas, tanto as relativas ao sistema de TD&E como as afetas aos demais sistemas de gestão de pessoas.

## Referências

- Abbad, G. S. (1999). *Um modelo integrado de avaliação do impacto do treinamento no trabalho - IMPACT*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Brasília.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1980). *Understanding attitudes and predicting social behavior*. Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall.
- Alencar, M. D. C. D. (2005). *Associações entre crenças relacionadas ao trabalho e suas influências na Saúde dos trabalhadores e na produtividade, no setor de produção de frangos de corte: uma abordagem ergonômica*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Alvarez, K., Salas, E., & Garofano, C. M. (2004). An integrated model of training evaluation and effectiveness. *Human Resource Development Review*, 3 (4), 385-416.
- Borges-Andrade, J. E. (1982). Avaliação somativa de sistemas instrucionais: integração de três propostas. *Tecnologia Educacional*, 11 (46), 29-39.
- Borges-Andrade, J. E. (1996). Treinamento de pessoal: em busca de conhecimento e tecnologia relevantes para as organizações. In A. Tamayo, J. E. Borges-Andrade & Codo (Orgs.), *Trabalho, organizações e cultura* (pp.129-149). São Paulo: Cooperativa de Autores Associados.
- Borges-Andrade, J. E. (2002). Desenvolvimento de medidas em avaliação de treinamento. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7 (Número especial), 31-43.
- Cheng, E. W. K., & Ho, D. C. K. (2001). A review of transfer of training studies in the past decade. *Personnel Review*, 30 (1), 102-118.
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A. G., & Buchner, A. (2007). G\*Power 3: a flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39 (2), 175-191.
- Freitas, I. A. (2005). *Impacto de treinamento nos desempenhos do indivíduo e do grupo de trabalho: suas relações com crenças sobre o sistema de treinamento e suporte à aprendizagem contínua*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Brasília.
- Freitas, I. A., & Borges-Andrade, J. E. (2004). *Desenvolvimento e validação de escala de crenças sobre o sistema de treinamento*. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9 (3), 479-488.
- Gonçalves, A. I. P. (2008). *Avaliação de Treinamento: a expectativa e a reação do treinando como preditoras do impacto no trabalho*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói.
- Hamblin, A. C. (1978). *Avaliação e controle do treinamento*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Kirkpatrick, D. L. (1976). Evaluation of training. In R. L. Craig (Org.), *Training and development handbook* (2<sup>nd</sup> ed.). New York: McGraw-Hill.
- Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In M. O. Lima & M. E. Pereira. *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Brasil: EDUFBA.
- Nadler, L. (1984). *The handbook of human resources development*. New York: Wiley.
- Pilati, R., & Borges-Andrade, J. E. (2004). Estudo empírico dos antecedentes de medidas de impacto do treinamento no trabalho. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (1), 31-38.
- Pontual M. (1980). Evolução do treinamento empresarial. In G. G. Boog (Org.), *Manual de treinamento e desenvolvimento* (pp.5-11). São Paulo: McGraw-Hill.
- Salas, E., & Cannon-Bowers, J. (2001). The science of training: a decade of progress. *Annual Review Psychology*, 52, 471-499.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. New York: Harper Collins.
- Tannenbaum, S. I., & Yukl, G. (1992). Training and development in work organizations. *Annual Review of Psychology*, 43, 399-441.
- Tesluk, P. E., Farr, J. L., Mathieu, J. E. & Vance, R. J. (1995). Generalization of employee involvement training to the job setting: individual and situational effects. *Personnel Psychology*, 48, 607-632.

Recebido em: 5/11/2009

Versão final reapresentada em: 23/11/2009

Aprovado em: 7/1/2010

# Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida

## *Participation in programs for seniors: impact on cognition, mood and life satisfaction*

Mônica Sanches **YASSUDA**<sup>1</sup>

Henrique Salmazo da **SILVA**<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar a relação entre a participação em programas da terceira idade e os possíveis benefícios para o desempenho cognitivo, humor e satisfação com a vida. Vinte e nove idosos que tinham iniciado participação em quatro centros de convivência foram submetidos a duas avaliações: no início da participação e após seis meses de atividades no grupo. As avaliações foram compostas pelas escalas: Mini-exame do Estado Mental, Lista de Palavras do *Consortium to Establish a Registry of Alzheimer Disease*, Teste de Fluência Verbal Categoria Animais, Escala de Depressão Geriátrica e Escala de Satisfação com a Vida. Os resultados indicaram que a participação em programas sociais parece gerar benefícios: aumento significativo no resgate das palavras do *Consortium to Establish a Registry of Alzheimer Disease* e aumento, que se aproximou da significância estatística, da fluência verbal e satisfação com a vida em relação ao envolvimento social. Os efeitos do engajamento da população idosa nesses programas devem ser investigados.

**Unitermos:** Envelhecimento. Grupos de convivência. Idosos. Satisfação pessoal.

### Abstract

*The purpose of this research was to investigate the relationship between participation in social activities in senior citizens centers and the potential benefits for cognitive performance, mood and life satisfaction. Twenty-nine seniors, who had recently become members of four senior citizens centers, each completed two evaluations: one prior to participation and the other after six months of group activities. Assessment protocol included the following scales: Mini Mental Status Examination, Word List of the Consortium to Establish a Registry for Alzheimer's Disease, Verbal Fluency Test in the Animals Category, Geriatric Depression Scale, and the Life Satisfaction Scale. Results indicated that participation in social programs can generate benefits: a significant increase was detected in word recall and also an improvement, approaching statistical significance, in word fluency and life satisfaction in terms of social involvement. The impact of the involvement of the elderly in these programs needs to be investigated.*

**Uniterms:** Aging. Senior citizens centers. Elderly. Personal satisfaction.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Curso de Gerontologia. Av. Arlindo Bettio, 1000, Ermelino Matarazzo, 03828-000, São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.S. YASSUDA. E-mail: <yassuda@usp.br>.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento de Epidemiologia. São Paulo, SP, Brasil.

A criação de novos espaços e novas formas para envelhecer é uma realidade relativamente nova no contexto brasileiro. No início das décadas de 1960 e 1970, alguns teóricos e profissionais comprometidos com o processo de envelhecimento começaram a se questionar sobre a possibilidade de implementar programas de caráter sociocultural e lúdico para a população idosa. Tais programas propiciariam experiências enriquecedoras como forma de ocupação do tempo livre, redução do isolamento social, inserção do idoso na comunidade e ainda estruturação de grupos efetivos de apoio (Cachioni & Palma, 2006; Ferrigno, Leite & Abigailil, 2006; Salgado, 1982; Veras & Caldas, 2004).

Instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC) e, posteriormente, as Universidades Abertas para a Terceira Idade foram pioneiras na elaboração das primeiras iniciativas no Brasil, possibilitando que experiências desenvolvidas em países como a França pudessem ser transpostas para a realidade brasileira. Após cerca de 40 anos de atuação, as atividades desenvolvidas pelos centros de convivência, universidades abertas e escolas abertas passaram a ser difundidas entre os profissionais gerontólogos, pelos veículos de comunicação e pelas próprias pessoas que envelhecem como maneiras de alcançar a velhice bem-sucedida (Debert, 1999).

Apesar de a sociedade considerar que programas voltados à população idosa são justificáveis e relevantes, pesquisas científicas revelam achados controversos. Estudos recentes que investigaram o desempenho cognitivo em idosos vivendo na comunidade sugerem forte associação entre o engajamento em atividades mentais estimulantes e o desempenho cognitivo (Hultsch, Hertzog, Small, McDonald-Miszczak & Dixon, 1992; Hultsch, Hertzog, Small, & Dixon, 1999; Newson & Kemp, 2005; Lövdén, Ghisletta & Linderberger, 2005). No estudo de Lövdén et al. (2005), os autores acompanharam idosos vinculados ao *Berlin Aging Study* (BASE) e verificaram que as atividades sociais estavam associadas ao aumento na velocidade de processamento das informações. Em contrapartida, os resultados de Aarsten, Smits, van Tillrug, Knipscheer e Dag (2002), MacKinnon, Christensen, Hofer, Kater e John (2003) e Salthouse, Berish e Miles (2002) não encontraram associações significativas entre a realização de atividades e a mudança no desempenho cognitivo na velhice. No estudo de Mackinnon et al. (2003), foi observado que a

saúde é um grande preditivo de desempenho cognitivo na velhice e que um modelo eficaz para a investigação da causalidade e direcionalidade dos efeitos da atividade sobre a cognição no final da vida deve incluir o controle de variáveis de saúde, nível de atividade e estilo de vida.

Quanto ao impacto da participação nos programas sociais sobre variáveis psicossociais, estudos encontraram associação entre a não participação em atividades comunitárias e maiores índices de sintomas depressivos, sugerindo que a filiação em atividades sociais pode gerar a consolidação de redes de suporte social e aumentar a satisfação com a vida (Antonucci, Fuhrer & Dartigues, 1997; Antonucci, 2001; Blazer, 2005; Gazzale, Lima, Tavares & Hallal, 2004). Harlow e Cantor (1996) indicaram que a participação em vida social e em serviços comunitários é preditiva de satisfação com a vida, melhor controle da saúde, presença de maior suporte social e bem-estar subjetivo na velhice.

Em geral, a participação em programas e serviços comunitários está associada à redução dos indicadores de *stress*, aumento dos sentimentos e emoções positivas, controle da saúde, ampliação das ofertas de suporte social e exercício da habilidade de resolução de problemas (Borges, 2006; Cachioni & Palmas, 2006; Debert, 1999; Dets, 1993; Ferrigno et al., 2006; Harlow & Cantor, 1996; Lopes, 2006; Mercadante, 2002; Neri, 1993; Neri, 2003; Rocha, Gomes & Lima Filho, 2002). Nos estudos de Irigaray e Schneider (2008) e Loures e Gomes (2006), promovidos no contexto dos programas Universidade Aberta para a Terceira Idade, foi verificada redução significativa dos sintomas depressivos após participação nas atividades lúdicas e socioeducativas. Irigaray e Schneider (2008), ao avaliar 103 participantes idosas no intervalo de um ano, descobriram que, além da redução dos sintomas depressivos, houve aumento da qualidade de vida das participantes em relação aos domínios físico, psicológico e social. Assim, programas oferecidos aos idosos residentes na comunidade podem ter um papel relevante em medidas de prevenção na área de saúde mental (Gatz & Smyer, 2001; Ramos, 2003).

Profissionais e pesquisadores gerontólogos entendem que a participação em programas para a terceira idade gera benefícios psicológicos, sociais e de saúde. Poucos estudos, entretanto, tentaram quantificar o impacto da participação nessas atividades. O presente

estudo teve como objetivo investigar se a participação em programas voltados para a terceira idade gera benefícios para a cognição, humor e satisfação com a vida.

## Método

### Participantes

Foram entrevistados 29 idosos que haviam se inscrito em atividades sociais e lúdicas oferecidas em quatro centros de convivência em Ermelino Matarazzo, São Paulo. Dos participantes, 70% eram do gênero feminino e 30%, do masculino.

Os participantes foram reavaliados após seis meses de participação nas atividades. Na avaliação de segmento, 12 participantes deixaram de frequentar os programas e somente 17 participantes foram reentrevistados. Os principais motivos para a saída desses participantes foram: mudança para outras cidades ou retorno à cidade natal, engajamento em atividades remuneradas ou trabalho informal, tratamento médico e distância entre o local onde ocorriam as atividades e a residência.

O critério de seleção dos participantes foi: ter idade igual ou superior a 50 anos; residir na comunidade de Ermelino Matarazzo; não apresentar sinais sugestivos de demência nas avaliações do estudo; e ter iniciado as atividades nos grupos de convivência pesquisados entre abril e junho de 2005. Os 29 idosos inicialmente avaliados preencheram todos os critérios.

A média etária dos participantes foi de 66,84 anos, Desvio-Padrão (DP) de 8,24, variando entre 52 a 90 anos; 60,5% da amostra apresentavam idade igual ou inferior a 70 anos, o que indica que os participantes eram relativamente jovens. Quanto ao nível de escolaridade, a média de anos de estudo foi de 3,16 anos (DP=2,61) e 75,9% dos participantes sabiam ler e escrever, com grau de escolaridade entre zero e quatro anos. Quanto ao estado civil e etnia, 52,0% dos participantes eram viúvos e 48,0% referiram pertencer à etnia branca.

Em relação à renda, 37,9% dos pesquisados apresentavam rendimento mensal inferior a um salário-mínimo ao mês, e 42,0% recebiam entre um e dois salários. A maioria dos participantes - 89,7% - referiram ser

aposentados e apenas 10,3% obtinham rendimentos provenientes de trabalho informal. Quanto à região de origem, 11 idosos eram provenientes do meio rural e 18 do meio urbano.

O único fator que se diferenciou entre o grupo de participantes que permaneceu nos programas e os 12 participantes que saíram foi a variável idade. A média etária dos participantes que saíram foi de 59,5 anos (DP=5,38), enquanto a média etária dos participantes que permaneceram nos programas foi de 70,2 anos (DP=7,06). Não se detectou diferença significativa nas outras variáveis sociodemográficas entre os dois grupos.

Dos 12 equipamentos sociais disponíveis na região pesquisada, quatro centros de convivência para idosos foram selecionados, com base nos seguintes critérios: 1) desenvolver atividades em oficinas de artesanato (tricô, crochê e ponto cruz), dança, oficinas socioeducativas, oficinas de teatro, acompanhamento psicológico, jogos (baralho, dominó e bocha), programas de alfabetização, bingo, bazares, excursões e passeios, e aulas sobre saúde e envelhecimento; 2) oferecer atividades com periodicidade de, pelo menos, duas vezes por semana; 3) aprovar a realização da pesquisa e conceder uma sala para que as entrevistas fossem realizadas.

Para preservar o nome das entidades, as instituições foram caracterizadas como instituição A, B, C e D; sendo 15 participantes provenientes da instituição A, quatro da instituição B, quatro da C e seis da D.

### Procedimentos

Nesta pesquisa, foram aplicados testes de rastreio cognitivo e escalas que avaliam o humor e a satisfação com a vida referenciada aos domínios saúde, bem-estar físico, engajamento social e saúde mental, instrumentos já validados para a população brasileira. Os testes utilizados foram o Miniexame do Estado Mental (MEEM) (Bertolucci, Bruchy, Canipacci & Juliano, 1994; Brucki, Nitrini, Carameli, Bertolucci & Okamoto, 2003; M.F. Folstein, S.E. Folstein & McHugh, 1975), a Lista de Palavras do *Consortium to Establish a Registry of Alzheimer Disease* (CERAD) (Bertolucci, Okamoto, Brucki, Siveiro, Toniolo Neto & Ramos, 2001), Fluência Verbal Categoria Animais (Brucki & Rocha, 2004), a Escala de Depressão Geriátrica (O. Almeida & S.A. Almeida, 1999) e a Escala de Satisfação com a Vida (Neri, 1998). Esses instrumentos

encontram-se descritos a seguir e possuem níveis satisfatórios de sensibilidade e especificidade, isto é, boa capacidade para distinguir entre os possíveis casos e não casos de demência ou de sintomas depressivos, à exceção da Escala de Satisfação com a Vida, que não é um instrumento de rastreio.

O MEEM tem por objetivo rastrear sinais de declínio cognitivo através da avaliação de funções como memória, atenção, linguagem e praxia através de 20 questões. O instrumento foi criado por M. F. Folstein, S.E. Folstein e McHugh (1975) e teve sua aplicabilidade testada na população idosa brasileira em diversos estudos (Bertolucci et al., 1994; Brucki et al., 2003). Neste estudo, utilizou-se a pontuação total que varia de zero a 30 pontos. Como ponto de corte, que indicaria a exclusão de um determinado participante, foi utilizado um desvio-padrão abaixo das medianas apresentadas no estudo conduzido por Brucki et al. (2003) em idosos com diferentes níveis de escolaridade.

A lista de palavras da bateria CERAD é uma prova de memória episódica que avalia a memorização de dez palavras apresentadas três vezes consecutivamente. Utilizou-se a soma das palavras recordadas nos três resgates, variando de zero a 30 pontos, e o resgate tardio após dez minutos, que variou entre zero e 10 pontos.

No instrumento de Fluência Verbal (FV), foi solicitado ao idoso que falasse em um minuto todos os animais que conseguisse recordar (Brucki & Rocha, 2004). A prova de Fluência Verbal avalia as funções executivas e a linguagem, podendo ser utilizada para avaliar também a memória semântica.

A Escala de Depressão Geriátrica (EDG), validada para a população idosa brasileira por O. Almeida e S.A. Almeida (1999), tem 15 itens, foi adaptada da versão proposta por Yesavage et al. (1983) e avalia a frequência de sintomas depressivos na população idosa. O ponto de corte utilizado no presente estudo foi de seis pontos.

A Escala de Satisfação com a Vida (ESV) é composta por 12 questões e avalia o quanto o idoso está satisfeito com sua situação no domínio saúde física, mental, envolvimento social e satisfação global (Neri, 1998). Para avaliar a satisfação em cada domínio, a ESV apresenta questões sobre a satisfação do idoso em relação ao seu estado atual, em comparação com seu estado de dez anos atrás e em comparação com as pessoas da sua idade. As respostas são indicadas em

escalas Likert, variando entre 1 e 5 pontos: muito pouco satisfeito (1), pouco satisfeito (2), mais ou menos satisfeito (3), muito satisfeito (4), muitíssimo satisfeito (5). O cálculo das pontuações para os domínios saúde física, mental, envolvimento social e satisfação global foi realizado por meio do agrupamento dos resultados das questões referentes à satisfação atual, satisfação em relação a dez anos atrás e em comparação com as pessoas da mesma faixa etária.

O idoso foi convidado a participar da pesquisa ao se matricular nas instituições. Após o preenchimento do consentimento livre e esclarecido, elaborado com base na Resolução 196/96, o idoso completou a avaliação realizada individualmente em aproximadamente 60 minutos. O protocolo de pesquisa e o estudo fazem parte de um programa amplo de pesquisas sobre envelhecimento cognitivo, que foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP). Protocolo nº 005/08-CEPH-IP/07/02/2008

A variável independente no presente estudo foi o momento de avaliação (avaliação 1 x avaliação 2). As variáveis dependentes foram as medidas de desempenho cognitivo, a saber: status cognitivo global (MEEM), memória episódica (CERAD), funções executivas (Fluência Verbal), sintomas depressivos (EDG) e variáveis de satisfação com a vida referenciada a domínios (ESV).

De forma geral, a análise de dados buscou avaliar se houve diferença nas variáveis dependentes nos dois momentos de avaliação (no início da participação e após seis meses de frequência). O teste de Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para verificar se as variáveis seguiam distribuição normal. Os resultados indicaram que todas as variáveis seguiram distribuição normal, assim optou-se pelo uso de testes paramétricos. O teste t de Student foi utilizado para comparar o desempenho cognitivo dos idosos que deixaram os programas com os idosos que permaneceram. Por meio de ANOVA para medidas repetidas, avaliou-se o efeito do fator Tempo (Avaliação 1 x Avaliação 2). O valor de significância escolhido para essas análises foi de  $p < 0,05$ .

## Resultados

A Tabela 1 apresenta as médias e desvios-padrão para as variáveis cognitivas, de humor e de satisfação

com a vida para o grupo de participantes que permaneceu nas instituições até a reavaliação após seis meses e para a amostra que saiu dos programas. Comparações estatísticas realizadas através do teste *t* de Student sugeriram que os dois grupos eram equivalentes quanto ao desempenho cognitivo, ao número de sintomas depressivos e à satisfação com a vida.

Para analisar se houve mudança significativa entre a primeira e a segunda avaliação, as variáveis cognitivas (MEEM, palavras do CERAD e fluência verbal), de humor (EDG) e de satisfação com a vida foram submetidas a ANOVA para medidas repetidas (Fator Tempo: Avaliação 1 x Avaliação 2). Para algumas variáveis, não foram detectadas alterações significativas entre os dois momentos de avaliação, como, por exemplo, para o MEEM ( $F=0,074$ ,  $p=0,79$ ), palavras do CERAD resgate

tardio ( $F=0,65$ ,  $p=0,43$ ) e a EDG ( $F=2,13$ ,  $p=0,15$ ) (Tabela 2).

Para o CERAD total (soma dos três resgates imediatos), houve diferença significativa entre os dois momentos ( $F=20,37$ ,  $p=0,000$ ), com melhor desempenho na segunda avaliação. Para fluência verbal, a diferença entre os dois momentos aproximou-se da significância estatística ( $F=3,31$ ,  $p=0,088$ ), com melhor desempenho na segunda avaliação. Para as questões sobre satisfação com a vida, não foram detectadas diferenças entre os dois momentos para satisfação com a saúde ( $F=0,063$ ,  $p=0,81$ ), satisfação com a saúde física ( $F=0,92$ ,  $p=0,35$ ) e satisfação com a capacidade mental ( $F=0,15$ ,  $p=0,70$ ). Aproximou-se da significância estatística a diferença para a satisfação com o envolvimento social ( $F=4,18$ ,  $p=0,058$ ), com maior satisfação na segunda avaliação.

**Tabela 1.** Média e desvio-padrão do desempenho do grupo de participantes que permaneceu nos programas e do grupo de participantes que saíram. São Paulo (SP), 2005.

Teste	Idosos que permaneceram nos programas (n=17)		Idosos que saíram dos programas (n=12)	
	M	DP	M	DP
MEEM	23,60	4,55	23,41	4,40
CERAD 3 resgates	16,40	6,75	16,29	5,01
EDG	4,20	3,68	3,35	1,54
ESV1 - saúde	2,70	0,95	3,29	0,85
ESV4 - capacidade física	3,40	1,07	3,71	1,16
ESV7 - capacidade mental	3,20	0,79	3,65	0,93
ESV10 - envolvimento social	3,67	0,92	3,65	0,79
CERAD resgate tardio	6,00	2,54	5,24	2,73
Fluência verbal	12,59	2,00	11,06	3,67

MEEM: mini-exame do estado mental; EDG: escala de depressão geriátrica; ESV: escala de satisfação com a vida; M: média; DP: desvio-padrão.

**Tabela 2.** Média e desvio-padrão do desempenho no início da participação e após seis meses de frequência, em médias e desvios padrão (n=17). São Paulo (SP), 2005.

Teste	1ª avaliação		2ª avaliação		Significância Estatística ANOVA	
	M	DP	M	DP		
MEEM	23,41	4,40	23,59	3,34	$F=0,074$	$p=0,790$
CERAD 3 resgates	16,26	5,01	19,12	4,86	$F=20,37$	$p=0,000^{**}$
EDG	3,35	1,54	2,76	1,15	$F=2,130$	$p=0,150$
ESV1 - saúde	3,29	0,85	3,24	0,97	$F=0,063$	$p=0,810$
ESV4 - capacidade física	3,71	1,16	3,41	1,12	$F=0,920$	$p=0,350$
ESV7 - capacidade mental	3,65	0,93	3,76	0,97	$F=0,150$	$p=0,150$
ESV10 - envolvimento social	3,65	0,79	4,18	0,81	$F=4,180$	$p=0,058^*$
CERAD resgate tardio	5,24	2,73	5,74	2,83	$F=0,650$	$p=0,430$
Fluência verbal	11,06	3,67	12,35	4,21	$F=3,310$	$p=0,088^*$

\* Valor próximo ou igual a  $p \leq 0,05$ ; \*\* Valor igual a  $p \leq 0,005$ .

MEEM: mini-exame do estado mental; EDG: escala de depressão geriátrica; ESV: escala de satisfação com a vida; M: média; DP: desvio-padrão.

## Discussão

O presente estudo compreendeu uma tentativa de mapear os benefícios cognitivos e associados ao humor e à satisfação com a vida em idosos que se afiliam a centros de convivência e programas da terceira idade. Os dados apresentados sugerem que a participação nas atividades oferecidas pelos programas propiciou alteração no desempenho cognitivo e maior satisfação em relação ao envolvimento social. Houve aumento estatisticamente significativo no pós-teste para a tarefa de memória episódica e ganhos marginalmente significativos para o desempenho no teste de fluência verbal e para a satisfação com a vida referenciada ao domínio envolvimento social.

Os resultados obtidos estão em consonância com alguns achados disponíveis na literatura, sugerindo que a realização de atividades parece favorecer o desempenho cognitivo na velhice (Hultsch et al., 1992; Hultsch et al., 1999; Newson & Kemps, 2005; Lövdén, Ghisletta & Linderberger, 2005). Esses estudos revelam que possuir um estilo de vida saudável e participar de atividades sociais e lúdicas aumentam as oportunidades de atingir níveis mais elevados de desempenho cognitivo durante a velhice.

Em relação à satisfação com a vida, o aumento marginalmente significativo para a satisfação com a vida em relação ao envolvimento social confirma os dados de Deps (1993), Harlow e Cantor (1996), Mercadante (2002) e Petrini (1997), que indicam que a participação em grupos comunitários contribui para o maior oferecimento de suporte social. A estabilidade dos outros valores referentes à satisfação com a vida quanto aos domínios saúde, capacidade mental e capacidade física, no entanto, podem indicar que os programas contribuem para a estabilidade desses parâmetros em um período de curto prazo, ou que os programas não contribuem para o aumento desses domínios. Para testar essas hipóteses, deve-se construir análises longitudinais ou estudos de seguimento que permitiriam acompanhar os participantes por um intervalo maior de tempo.

Diferentemente dos estudos de Irigaray e Schneider (2008) e Loures e Gomes (2006), o índice de sintomas depressivos não diminuiu na avaliação de seguimento do presente estudo. Uma das razões para os sintomas depressivos permanecerem estáveis na reavaliação pode ser o intervalo de avaliação, que foi

reduzido. Poderia se esperar que, por intensificar os contatos sociais, os idosos apresentassem diminuição nos sintomas depressivos, assim como evidenciam Antonucci, Fuhrer e Dartigues (1997), Antonucci (2001) e Blazer (2005) em estudos desenvolvidos com idosos saudáveis e não institucionalizados.

Além dos fatores supracitados, vale mencionar que os resultados apresentados têm inúmeras limitações e devem ser interpretados com cautela. Por tratar-se de estudo exploratório sobre a temática, contou com a investigação de um grupo reduzido de participantes (29 na primeira avaliação e 17 na segunda), de instituições, e de uma amostra que se apresenta com um perfil socioeconômico específico, com baixa escolaridade e rendimento mensal muito próximo a um salário mínimo. Os resultados também não podem ser amplamente generalizados por não incluírem comparação com um grupo-controle, que não participou dos programas.

Em síntese, conclui-se que os centros de convivência e os programas da terceira idade parecem contribuir para o *status* cognitivo e para a satisfação com a vida dos participantes. Verifica-se que os aspectos cognitivos e psicossociais do envelhecimento revelam plasticidade e podem sofrer a modulação de intervenções socioculturais, como as desenvolvidas pelos centros de convivência. Ações e políticas públicas deveriam ser destinadas para a população idosa residente em regiões periféricas de grandes centros urbanos (Maia, Durante & Ramos, 2004; Ramos, 2003; Scafuzca et al., 2002), pois essas podem ser aliadas à atenção primária em saúde mental e colaborar para a qualidade de vida dos idosos que vivem nessas regiões.

Futuros estudos devem incluir grupo-controle para verificação dos efeitos de retestagem. Assim, deve-se avaliar se os participantes do estudo não tiveram melhor desempenho na segunda avaliação devido à experiência prévia com os testes de rastreio cognitivo na primeira avaliação. Vale destacar, nesse sentido, que os estudos que examinam o desempenho cognitivo dos idosos e os fatores que contribuem para preservação do *status* cognitivo são realizados, em geral, por períodos relativamente longos, em intervalos de três (Hultsch et al., 1992), cinco (Albert et al., 1995) e até dezesseis anos (Zelinski & Stewart, 1998). Assim, outros estudos devem incluir avaliações de seguimento após intervalos mais longos de participação nas atividades.

## Referências

- Aarsten, M. J., Smits, C. H., van Tilburg, T., Knipscheer, K. C. P., & Deeg, J. H. (2002). Activity in older adults: cause or consequence of cognitive functioning? A longitudinal study on everyday activities and cognitive performance in older adults. *The Journals of Gerontology*, 57B (2), 153-162.
- Albert, M. S., Jones, K., Savage, C. R., Berkman, L., Seeman, T., Blazer, D., et al. (1995). Predictors of cognitive change in older persons: MacArthur studies of successful aging. *Psychology and Aging*, 10 (4), 578-589.
- Almeida, O., & Almeida, S. A. (1999). Reability of the Brazilian version of the geriatric scale (GDS) short form. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 57 (B), 421-426.
- Antonucci, T. C. (2001). Social relations: an examination of social networks, social support, and sense of control. In J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (5<sup>th</sup> ed., pp.427-448). San Diego, CA: Academic Press.
- Antonucci, T. C., Fuhrer, R., & Dartigues, J-F. (1997). Social relations and depressive symptomatology in a sample of community: dwelling french older adults. *Psychology and Aging*, 12 (1), 189-195.
- Bertolucci, P. H. C., Okamoto, I. H., Brucki, S. M. D., Siveiro, M. O., Toniolo Neto, J., & Ramos, L. R. (2001). Applicability of the CERAD neuropsychological battery of the Brazilian Elderly. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 59 (3A), 532-536.
- Bertolucci, P. H. C.; Brucky, S. M. D.; Campacci, S. R., & Juliano, I. (1994). O Mini exame do estado mental em uma população geral: impacto da escolaridade. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 52, 1-7.
- Blazer, D. (2005). Depression and social support in late life: a clear but not obvious relationship. *Aging & Mental Health*, 9 (6), 497-499
- Borges, L. C. (2006). Os grupos de convivência na terceira idade: suporte social e afetivo. In D. V. S. Falcão & C. M. S. B. Dias (Orgs.), *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas*, (Vol.1, pp.151-165). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brucki, S. M. D., Nitrini, R., Carameli, P., Bertolucci, P. H. F., & Okamoto, I. H. (2003). Sugestões para o uso do mini-exame do estado mental no Brasil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 61 (3B), 777-781.
- Brucki, S. M. D., & Rocha, M. S. G. (2004). Category fluency test: effects of age, gender and education on total scores, clustering and switching in Brazilian Portuguese-speaking subjects. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 37 (12), 1771-1777.
- Cachioni, M., & Palma, L. S. (2006). Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e idoso. In E. L. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll, M. L. Gorzoni & S. M. Rocha (Eds.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (2<sup>a</sup> ed., pp.1456-1465). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: sociabilização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp.
- Deps, V. L. (1993). Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In A. L. Neri (Org.), *Qualidade de vida e idade madura* (pp.57-82). Campinas: Papyrus.
- Ferrigno, J. C., Leite, M. L. C. B., & Abigail, A. (2006). Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista ao lazer ao direito do exercício da cidadania. In E. L. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll, M. L. Gorzoni & S. M. Rocha (Eds.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (2<sup>a</sup> ed., pp.1436-1443). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Folstein, M. F., Folstein, S. E., & Mchugh, P. R. (1975). A practical method for grading the cognitive state of patient for clinician. *Journal of Psychiatric Research*, 12, 189-198.
- Gazzale, F. K., Lima, M. S., Tavares, B. F., & Hallal, P. C. (2004). Sintomas depressivos e fatores associados em população idosa no Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 38 (3), 365-371.
- Gatz, M., & Smyer, M. A. (2001). Mental health and aging at the outset of the twenty-first century In J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (5<sup>th</sup> ed., pp.523-538). San Diego, CA: Academic Press.
- Harlow, R. E., & Cantor, N. (1996). Still participating after all these years: a study of life task participation in later life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (6), 1235-1249.
- Hultsch, D. F., Hertzog, C., Small, B. J., McDonald-Miszczak, L., & Dixon, R. A. (1992). Short-term longitudinal change in cognitive performance in later life. *Psychology and Aging*, 7 (4), 571-584.
- Hultsch, D. F., Hertzog, C., Small, B. J., & Dixon, R. A. (1999). Use it or lose it: engaged lifestyle as a buffer of cognitive decline in aging? *Psychology and Aging*, 14 (2), 245-263.
- Irigaray, T. Q., & Schneider, R. H. (2008). Impacto na qualidade de vida e no estado depressivo de idosas participantes de uma universidade da terceira idade. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25 (4), 517-525.
- Lopes, A. (2006). *Trabalho voluntário e envelhecimento: um estudo comparativo entre idosos americanos e brasileiros*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas.
- Lövdén, M., Ghisletta, P., & Linderberger, U. (2005). Social participation attenuates decline in perceptual speed in old and very old age. *Psychology and Aging*, 20 (3), 423-434.
- Loures, M. C., & Gomes, L. (2006). Prevalência de depressão entre alunos da universidade aberta à terceira idade, Universidade Católica de Goiás no início e no término de seu curso. In V. P. Faleiros & A. M. Loureiro (Eds.), *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz* (pp.134-158). Brasília: Universa.
- Mackinnon, A., Christensen, H., Hofer, S. M., Korten, A. E., & Jorm, A. F. (2003). Use it and still lose it? The association between activity and cognitive performance established using latent growth techniques in a community sample. *Aging Neuropsychology and Cognition*, 10 (3), 215-229.
- Maia, L. C., Durante, A. M. G., & Ramos, L. R. (2004) Prevalência de transtornos mentais em área urbana no norte de Minas Gerais, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 38 (5), 650-656.

- Mercadante, E. (2002). Comunidade como um novo arranjo social. *Revista Kairós*, 5 (2), 17-34.
- Neri, A. L. (1993). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: A. L. Neri (Org.), *Qualidade de vida e idade madura* (pp.7-55). Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. (1998) Escala para avaliação de satisfação na vida referenciada a domínios. Manuscrito não-publicado, Universidade Estadual de Campinas.
- Neri, A. L. (2003). Qualidade de vida na velhice. In J. R. Rebelatto & J. R. S. Morelli (Orgs.), *Fisioterapia geriátrica* (pp.9-34). São Paulo: Manole.
- Newson, R. S., & Kemps, E. B. (2005). General lifestyle activities as a predictor of current cognition and cognitive change in older adults: a cross-sectional and longitudinal examination. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 60B (3), P113-P120.
- Petrini, J. K. (1997). Experiência com grupo da 3ª idade: um estudo psicológico. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Ramos, L. R. (2003). Fatores Determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: projeto epidioso, São Paulo. *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (3), 793-798.
- Rocha, M., Gomes, M. G. C., & Lima Filho, J. B. (2002). O protagonismo social da pessoa idosa: emancipação e subjetividade no envelhecimento. In E. L. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni & S. M. Rocha (Eds.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (Cap. 123, pp.1030-1036). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Salgado, M. A. (1982). *Velhice, uma nova questão social* (2ª ed.). São Paulo: SESC-CETI.
- Salthouse, T. A., Berish, D. E., & Miles, J. D. (2002). The role of cognitive stimulation on the relations between age and cognitive functioning. *Psychology and Aging*, 14, 483-506.
- Scazufo, M., Cerqueira, A. T. A. R., Menezes, P. R., Prince, M., Vallada, H. P., Miyazaki, M. C. O. S., et al. (2002). Investigações epidemiológicas sobre demência nos países em desenvolvimento. *Revista de Saúde Pública*, 36 (6), 773-8.
- Veras, R. P., & Caldas, C. P. (2004). Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (2), 423-432.
- Yesavage, J. A., Brink, T. L., Rose, T. L., Lum, O., Huang, V., Adey, M. B., et al. (1983). Development and validation of a depression screening scale: a preliminary report. *Journal of Psychiatric Research*, 17 (1), 37-49.
- Zelinski, E. M., & Stewart, S. T. (1998). Individual differences in 16-year memory changes. *Psychology of Aging*, 13 (4), 622-630.

Recebido em: 19/9/2008

Versão final reapresentada em: 1/10/2009

Aprovado em: 29/1/2010

Interesses profissionais de jovens de ensino médio: estudo correlacional entre a escala de aconselhamento profissional e o *self-directed search career explorer*

*Professional interests of high school students: a correlational study between the escala de aconselhamento and self-directed search career explorer*

Fernanda Argenti **SARTORI**<sup>1</sup>  
Ana Paula Porto **NORONHA**<sup>1</sup>  
Silvia **GODOY**<sup>2</sup>  
Rodolfo Augusto Matteo **AMBIEL**<sup>3</sup>

## Resumo

O estudo de instrumentos de avaliação psicológica no contexto de orientação profissional é de fundamental importância, pois favorece maior confiabilidade e enriquecimento da interpretação dos resultados. A presente pesquisa objetivou explorar as correlações entre as dimensões da Escala de Aconselhamento Profissional e as seções Competências, Carreiras e Habilidades do *Self-Directed Search Career Explorer*. A Escala de Aconselhamento Profissional é um instrumento que avalia as preferências por atividades profissionais e o *Self-Directed Search Career Explorer* traça o perfil tipológico dos interesses dos indivíduos. Participaram do estudo 132 estudantes (54,5% mulheres), com idade média de 15,9 anos, que cursavam o ensino médio de escolas particulares do interior paulista. Os resultados apresentaram correlações significativas ( $p \leq 0,05$ ) entre alguns tipos do *Self-Directed Search Career Explorer* e dimensões da Escala de Aconselhamento Profissional teoricamente relacionadas, tais como tipo Artístico com a dimensão Artes e Comunicação. Outras pesquisas devem ser desenvolvidas a fim de contribuir com estudos de outros instrumentos.

**Unitermos:** Avaliação psicológica. Interesse profissional. Orientação ocupacional.

## Abstract

*The study of instruments of psychological assessment in the context of vocational guidance is of fundamental importance, since it provides a greater reliability and enriches the interpretation of the results obtained. This research explored the correlation between the dimensions of*

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Universidade São Francisco, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia. R. Alexandre Rodrigues Barbosa, 45, Centro, 13251-900, Itatiba, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: A.P.P. NORONHA. E-mail: <ana.noronha@saofrancisco.edu.br>.

<sup>2</sup> Doutoranda, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Distúrbios do Desenvolvimento. São Paulo, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade São Francisco, Curso de Psicologia. Itatiba, SP, Brasil.

the escala de aconselhamento profissional and the sections Skills, Careers and Abilities of the Self-Directed Search Career Explorer. The Vocational Advice Scale is an instrument that evaluates the preferences for vocational activities and the Self-Directed Search Career Explorer draws the typological profile of the individuals' interests. The participants included 132 students (54.5% were women), with average age of 15.9 years, attending private High Schools in São Paulo state. The results demonstrated significant correlations ( $p \leq 0.05$ ) between some types of Self-Directed Search Career Explorer and the escala de aconselhamento profissional dimensions. Further research should be developed in order to contribute to studies on new or existing instruments.

**Uniterms:** Psychological assessment. Occupational interests. Occupational guidance.

A escolha de uma profissão, de acordo com Silva (1999), tende a relacionar-se com diversos fatores, tais como a internalização do meio social no qual o jovem se desenvolveu e a imposição, por parte da sociedade, de que ele deva consolidar uma identidade profissional na adolescência, ainda que em muitos casos isso aconteça numa fase mais tardia do desenvolvimento. A Orientação Profissional (OP), sob essa perspectiva, tem por finalidade acolher os indivíduos em suas inquietações no que se refere à carreira profissional, avaliando as características do sujeito e auxiliando-o a traduzir essas características em boas escolhas profissionais, comparando-as com informações sobre as diferentes áreas. Em acréscimo, a OP incentiva a exploração das possibilidades de escolhas, tal como preconizado por Holland (1977) e Savickas (1999).

Segundo Sparta (2003), a atuação em OP é resguardada, no Brasil, para psicólogos e pedagogos, embora não haja qualquer lei que regulamente e normatize os conteúdos básicos ensinados em cursos de formação. Em consequência disso, a autora ressalta que o não reconhecimento da área como especialidade do psicólogo (Resolução 014/00 do Conselho Federal de Psicologia) favorece que profissionais atuem sem formação específica. Em que pesem tais considerações, no contexto brasileiro, a OP vem sofrendo algumas transformações a fim de apresentar um campo teórico mais fortalecido e uma área de aplicação mais consistente (Noronha & Ambiel, 2006).

Como ponderam Teixeira e Lassance (2006), processos de OP têm sido considerados relevantes diante das dificuldades de decisão profissional quando realizados de forma consistente, com métodos e técnicas científicas. Para tanto, a utilização de testes psicológicos validados e precisos, construídos ou adaptados para populações em situações específicas, tais como a OP, se faz necessária na medida em que os resultados e a eficácia da intervenção podem, assim, ser avaliados com relação aos objetivos propostos.

Os instrumentos de avaliação psicológica têm como premissa a existência de diferenças individuais e, nesse particular, Anastasi e Urbina (2000) destacam que tais diferenças contribuem, por exemplo, para a construção de inventários que explorem os interesses dos indivíduos, sendo possível investigar a relação dos interesses de alguns indivíduos aos de pessoas que têm sucesso em determinadas ocupações, bem como relacionar os interesses com outros construtos psicológicos. Para as autoras, pessoas dedicadas às mesmas ocupações caracterizam-se por interesses comuns que as diferenciam das pessoas de outras ocupações, de tal forma que as diferenças de interesse estendem-se não apenas a questões diretamente ligadas a ocupações profissionais, como também a matérias escolares, passatempos, esportes e literatura em geral.

Dentre os construtos psicológicos investigados nos processos de orientação profissional, destaque deve ser dado aos interesses profissionais. Noronha e Ambiel (2006), ao estudarem a literatura científica brasileira, encontraram dados que indicaram a predominância de estudos relacionados aos interesses em relação a outros construtos, tais como personalidade e inteligência. No contexto estrangeiro, Guindon e Richmond (2005) encontraram dados que apontaram na mesma direção, reafirmando o maior número de pesquisas com esse construto.

Quanto ao estudo teórico do interesse, Leitão e Miguel (2001) relatam que alguns autores dedicados ao tema partiram de abordagens empíricas, centradas em definições conducentes à identificação de aspectos básicos de interesses a serem avaliados. Sob essa perspectiva, organiza-se um conjunto de itens que se agrupam em escalas para discriminar algumas categorias básicas de interesse profissional entre determinados grupos, baseando-se em critérios estatísticos de comparação profissionais. Em contrapartida, há um menor número de autores que optaram por uma abordagem *a priori*, partindo de uma teoria existente para a constru-

ção de itens que, de acordo com conceitos determinados e agrupados, permitem testar os pressupostos teóricos em questão.

Quanto à definição dos interesses, Leitão e Miguel (2004) afirmam que ainda há muita controvérsia por não haver uma concordância teórica a esse respeito. Santos (1997) assinala que na base dos interesses encontram-se diversos fatores, tais como necessidade de realização, reconhecimento social, motivos econômicos, autoestima, sugestões e valores do grupo social e familiar, dentre outros. Para o autor, um processo de OP, levando em conta os interesses dos participantes, tende a promover o desenvolvimento humano por meio de uma estratégia conjunta de desafio e apoio, constituindo, assim, um avanço no plano teórico e nas implicações para a intervenção.

Pelletier, Bujold e Noiseux (1985) sugerem que o interesse por uma profissão relaciona-se com o processo de construção da identidade e que quando um jovem não tem clareza disso, questiona-se, frequentemente, sobre sua competência para a escolha. Nesse sentido, quando a identidade não está estruturada, os autores acreditam que os interesses tendam a se diversificar e que a escolha por uma profissão se torne ainda mais angustiante. Ao lado disso, outra situação pode estar presente: a ausência de interesses que se destaquem e que funcionem como facilitadores do processo de decisão.

De acordo com Leitão e Miguel (2004), a teoria que melhor integra as ideias concernentes ao construto interesse é a de Savickas (1999). Nessa definição, o interesse é uma tendência para a satisfação de necessidades e valores pessoais, razão pela qual o último autor descreve esse conceito como sendo a prontidão de resposta a estímulos ambientais específicos (objetos, atividades, pessoas ou experiências).

Savickas (1999) afirma que os interesses são fruto de um processamento cognitivo acompanhado de emoções que se transformam em volição, a qual determina a ação com intuito de promover interações sujeito-ambiente, integrando, numa relação vital, sujeito, objeto e comportamento. Dessa forma, manifesta-se em ações que satisfazem necessidades e valores que promoverão o desenvolvimento pessoal, aumentando a adaptação ao contexto e a consolidação da identidade. Em suma, de acordo com esse autor, compreende-se interesse

como o resultado de um processamento cognitivo gerador de emoções e volição, que constituem os determinantes das interações sujeito-ambiente.

No Brasil, Noronha, Sisto e Santos (2007) corroboraram a visão do autor supracitado e, baseando-se em suas definições, desenvolveram a Escala de Aconselhamento Profissional (EAP). Os autores do instrumento propuseram-se a pesquisar a caracterização das preferências dos estudantes por determinadas atividades profissionais, buscando evidência de validade de construto por meio da investigação da estrutura interna. Participaram dessa pesquisa, 762 estudantes universitários (59% mulheres) na faixa etária entre 17 e 73 anos, com média de 24,14. Os resultados da análise fatorial sugeriram uma solução de sete dimensões, a saber: Ciências Exatas, Artes e Comunicação, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Agrárias e Ambientais, Atividades Burocráticas, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Entretenimento, com índices de saturação superiores a 0,30 e variância explicada de 57,3%, que permitiram rastrear as atividades prioritariamente escolhidas pelos participantes da amostra do estudo.

No mesmo estudo, os autores realizaram análises que atribuíram evidências de validade de critério ao instrumento ao comparar as médias dos participantes em cada dimensão com as médias de seus respectivos cursos. Assim, buscou-se perceber em que medida as atividades profissionais listadas como preferidas pelos estudantes se relacionavam às médias obtidas, em cada dimensão da EAP, pelo seu curso. De forma geral, os cursos se destacaram em dimensões relacionadas às suas atividades, ainda que carreiras diferentes tenham se aproximado em algumas dimensões não tão próximas quanto às atividades típicas. Com relação à precisão, os valores de alfa de Cronbach ficaram entre 0,79 e 0,94 e os de Spearman-Brown e Guttman entre 0,75 e 0,91, atestando uma boa consistência interna.

Outra abordagem dos interesses profissionais, utilizada e estudada em todo o mundo, é a de Holland (1963), que afirma que as pessoas procuram ambientes profissionais congruentes com suas orientações pessoais. Em trabalho posterior, Holland, Fritzsche & Powell (1994) propuseram que as pessoas aprendem a gostar mais de certas atividades do que de outras, o que pode ser explicado pelas tendências motivacionais.

A proposta teórica de Holland (1963) consiste na apresentação de seis tipos de personalidade e ambientes laborais, tendo cada um características próprias de interesses, habilidades e competências. Gati (1991) destaca que os tipos de personalidade indicados por Holland são representados visualmente em um hexágono, sendo um dos mais conhecidos e respeitados no contexto da orientação às carreiras profissionais. Vale ressaltar que a disposição dos tipos foi estabelecida a partir de estudos correlacionais entre os respectivos escores e a posição ocupada, sugerindo a maior proximidade das características mais comuns.

Os seis tipos propostos por Holland (1996) são descritos a seguir. O Realista (R) descreve pessoas mais voltadas para realizações observáveis e concretas, tendendo a ser pouco sociáveis, com boa coordenação motora e rapidez, com valores políticos e econômicos convencionais, além de se perceberem como agressivos. O Investigativo (I) é mais introvertido e voltado à exploração intelectual, optando por pensar a agir; prefere profissões como química, botânica, zoologia, medicina, entre outras. O Artístico (A) tende a ser mais associativo, como o tipo Investigativo, porém mais emotivo e envolvido com atividades que favoreçam a expressão individual; prefere trabalhar como ator, músico, poeta, escritor e artista. O Social (S) descreve pessoas mais extrovertidas e dependentes que gostam de atividades de ajuda, ensino, tratamento e que têm maior necessidade de atenção; tendem a possuir capacidade verbal e interpessoal e preferem as profissões como psicólogo, professor, pedagogo e orientador.

Por sua vez, o Empreendedor (E) descreve pessoas mais oralmente agressivas, cuja preferência é voltada às atividades nas quais possam dominar, persuadir e liderar os outros. Os indivíduos empreendedores preferem trabalhar como administrador, acionista, vendedor e comerciante. Por fim, o Convencional (C) descreve pessoas mais conformistas e controladas, que se destacam em atividades estruturadas que envolvam obediência às ordens e às regras; identificam-se com o poder, valorizando os bens materiais e a posição social. Preferem profissões como economista, contador, estatístico, caixa e policial.

Conforme a concepção teórica apresentada e com a finalidade de avaliar os interesses profissionais, Holland (1977) construiu o *Self-Directed Search Career*

*Explorer* (SDS), dividido em quatro seções - Atividades, Competências, Carreiras e Habilidades - compostas por itens representativos da tipologia de Holland. Como o instrumento foi construído para viabilizar uma autoavaliação, o próprio sujeito pode contar suas respostas, chegando ao chamado Código de Holland, que corresponde aos dois tipos com maiores pontuações.

Nesse ensejo, vale destacar o estudo de validação do SDS realizado por Mansão (2005), do qual participaram 1 162 estudantes do ensino médio. A autora correlacionou os tipos do SDS com as áreas do teste Levantamento de Interesses Profissionais (LIP), e obteve resultados com correlações significativas. No tipo Realista, as correlações foram significativas com relação às áreas das Ciências Físicas (CF) e do Cálculo (C), enquanto o tipo Investigativo correlacionou-se com as áreas Ciências Biológicas (CB) e Ciências Físicas (CF). No que toca ao tipo Artístico, as correlações mais significativas foram com as áreas Artística (A), Linguística (L) e Social (S) e o tipo Social apresentou correlação significativa com a área de interesses Ciências Biológicas (CB). O tipo Empreendedor obteve correlações negativas com a área Ciências Biológicas (CB) e positivas com Burocrática Administrativa (BA) e Persuasiva (P). Por fim, o tipo Convencional correlacionou-se com as áreas Burocrática Administrativa e Cálculo.

Com relação à validade, a análise fatorial indicou a existência de seis fatores teoricamente compatíveis com os tipos profissionais de Holland. No que toca à precisão, a consistência interna das escalas foi boa, variando entre 0,87 e 0,90 e o teste-reteste demonstrou que o instrumento apresenta boa estabilidade temporal, com bons índices de correlação, variando entre 0,82 e 0,91.

Numa outra pesquisa com amostra brasileira, Primi, Moggi e Casellato (2004) buscaram correlações da versão brasileira do *Self Directed Search* (SDS) com o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP), a partir da aplicação dos instrumentos em 81 adolescentes, dos quais 78% eram mulheres. Os participantes tinham idade entre 16 e 17 anos e participavam de um programa de OP oferecido por uma universidade do interior paulista. Os resultados apresentaram correlações significativas entre os traços de personalidade do IFP com os tipos de Holland: o Realista com o traço Heterossexualidade; os tipos Social e Artístico com Assistência e Desejabilidade;

o Empreendedor com os traços Dominância, Desempenho, Exibição, Agressão, Autonomia, Heterossexualidade e Ordem e, por fim, o tipo Convencional, com o traço Persistência.

Vale ressaltar, ainda, o estudo de Nunes (2007) - com 289 estudantes da primeira à terceira série do ensino médio (56,0% do sexo feminino), com média de 16 e desvio-padrão de 0,9 anos -, que teve como um dos objetivos investigar algumas características do SDS. Quanto à frequência em que as tipologias do SDS tiveram médias mais altas, observou-se que os tipos com escores mais elevados foram o Empreendedor (28,7%), seguido pelo Social (21,1%), e os que obtiveram escores gerais mais baixos foram o Realista (8,0%) e o Convencional (9,0%). A autora encontrou diferenças de média em função da variável gênero para os tipos Realista, Social e Convencional, obtendo os homens médias mais altas para o Realista e as mulheres para Social e Convencional.

Outros estudos buscaram pesquisar os interesses profissionais em relação a diferentes construtos. Bueno, Lemos e Tomé (2004) objetivaram avaliar as relações entre interesses, personalidade e inteligência em estudantes de psicologia por meio dos instrumentos Levantamento de Interesses Profissionais, 16 PF e Matrizes Progressivas de Raven - Escala Geral. Os autores revelaram que os interesses mais significativos apontados pelo grupo foram pela área social, ciências biológicas e literatura. Notaram, também, a ocorrência de baixos índices de interesse por atividades relacionadas às ciências físicas e ao cálculo. Os resultados indicaram que os sujeitos se diferenciam quanto aos construtos e o perfil de cada subgrupo gerado pelas análises mostrou relação entre as características avaliadas e a escolha por determinadas áreas de atuação da psicologia, permitindo inferir que embora a escolha pelo curso tenha sido a mesma, tais áreas exigem características distintas.

Melo-Silva, Noce e Andrade (2003) buscaram caracterizar a clientela de um programa de orientação profissional quanto às suas inclinações profissionais. Composta por 136 adolescentes (71% mulheres), com idades entre 16 e 20 anos, a amostra foi submetida ao Teste de Fotos de Profissões (BBT) em suas versões masculina e feminina. O grupo feminino apresentou interesses prioritariamente caracterizados pelo cuidado com o outro, ajuda, valorização da intuição e imagi-

nação criadora, comunicação e nutrição. Já o grupo masculino caracterizou-se, principalmente, por interesses que envolvem o senso social, pesquisa, dinamismo, atividades exatas e que exijam precisão.

Tendo em vista a necessidade de produção de estudos que qualifiquem instrumentos de avaliação psicológica no âmbito da OP e visando fornecer um refinamento de suas interpretações para diferentes amostras, o presente estudo visou explorar, a partir de respostas de estudantes do ensino médio, as correlações das dimensões da Escala de Aconselhamento Profissional com três das quatro seções do SDS: Competências, Carreiras e Habilidades.

## Método

### Participantes

Participaram da pesquisa 132 estudantes (54,5% mulheres) de ensino médio, com idade média de 15,9 anos e desvio-padrão de 1,0. Os participantes eram provenientes de três diferentes escolas particulares de uma cidade do interior de São Paulo, sendo 47,0% do primeiro ano, 36,4% do segundo e 15,9% do terceiro. Um participante (0,8%) omitiu tal informação.

### Instrumentos

*Escala de Aconselhamento Profissional* (EAP) (Noronha et al., 2007): avalia as preferências por atividades profissionais. Em um primeiro momento, a EAP foi construída a partir de 220 itens elaborados por meio das descrições de várias profissões, tomando-se como referência diferentes guias profissionais e descrições, disponíveis na Internet, dos perfis fornecidos por universidades brasileiras. Após essa etapa, procedeu-se à análise heurística dos itens pelos três autores do instrumento, que separaram os itens presentes em mais de uma profissão. O critério para a manutenção do item foi sua repetição em várias profissões. Houve, ainda, o cuidado de verificar se todas as áreas profissionais estavam representadas. Com essa redução, chegou-se a uma escala de 61 itens que mais representavam várias possibilidades profissionais e atendiam, de maneira geral, todas as áreas. Dessa forma, pretendeu-se abranger uma gama ampla de atividades. O formato da escala é Likert e as respostas vão de frequentemente (5) a nunca (1), de

acordo com o interesse do avaliando em desenvolver cada atividade. Os estudos psicométricos constantes no manual do instrumento foram descritos na introdução do presente trabalho.

*Self-Directed Search Career Explorer - SDS* (Holland, 1963; Holland et al., 1994): desenvolvido com o objetivo de apoiar a identificação de características da personalidade do indivíduo, leva em conta a delimitação do ambiente ocupacional congruente com a personalidade, em função dos interesses e capacidades. É um instrumento embasado no modelo hexagonal de Holland quanto às características dos seis tipos e à natureza das interações pessoa-ambiente, sendo aplicável a populações de ensino médio e ensino superior. É estruturado em quatro seções: Atividades, Competências, Carreiras e Habilidades. Cada dimensão é composta por itens propostos por Holland, a saber: Realista (R), Investigativo (I), Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E) e Convencional (C).

As seções Atividades e Competências são compostas por 66 itens cada uma (11 por tipo); a seção Carreira tem o total de 72 itens (12 por tipo) e a Habilidades, 12 (dois por tipo). À medida que o estudante responde às seções do instrumento, ele define, por meio dos resultados, as duas primeiras áreas com um maior escore de pontos que representam seu perfil de interesses.

No que se refere à verificação dos parâmetros psicométricos com amostras brasileiras, destacam-se os estudos de Mansão (2005), antes apresentados.

## Procedimentos

Após aprovação do Comitê de Ética da Universidade São Francisco (Protocolo nº 209/02), foi realizado contato com as escolas a fim de explicar os objetivos

da pesquisa e estabelecer datas para a coleta de dados. Os participantes responderam aos testes coletivamente, em sala de aula, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos seus respectivos responsáveis. Aplicou-se primeiro a EAP e, em seguida, o SDS.

## Resultados e Discussão

Nesta seção, serão descritas e discutidas as estatísticas descritivas dos instrumentos utilizados em termos da frequência, pontuações mínimas e máximas, média, desvio-padrão e médias ponderadas. Também serão descritas as análises de correlação de Pearson, bem como o nível de significância de cada correlação. Vale destacar que, devido ao número desigual de itens por fator, foi necessário realizar a ponderação das médias, dividindo-se esse valor pela quantidade de itens de cada fator, sendo assim possível realizar uma comparação entre elas.

Na EAP, as maiores médias ponderadas foram encontradas nos fatores Atividades Burocráticas e Ciências Agrárias e Ambientais, sendo as menores médias ponderadas encontradas nos fatores Ciências Biológicas e da Saúde e Ciências Exatas (Tabelas 1 e 2).

A seção Competências teve o tipo Social com a maior média ponderada, seguida pelo tipo Empreendedor. Na seção Carreiras, o tipo Empreendedor teve a maior média, seguido por Artístico. E, por fim, na seção Habilidades, os tipos Investigativo e Artístico tiveram as maiores médias ponderadas. Esses resultados parecem não corroborar os de Nunes (2007) no que diz respeito aos achados da última seção, uma vez que os tipos Empreendedor e Social apresentaram escores mais elevados em sua pesquisa (Tabela 2).

**Tabela 1.** Estatísticas descritivas da escala de preferências profissionais.

Dimensões	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão	Média ponderada
Ciências Exatas	131	14	69	32,65	12,44	2,33
Artes e Comunicação	132	15	70	37,47	13,18	2,68
Ciências Biológicas e da Saúde	132	8	44	21,78	9,49	2,42
Ciências Agrárias e Ambientais	132	13	58	35,15	11,83	2,70
Atividades Burocráticas	132	13	59	35,33	9,88	2,72
Ciências Humanas e Sociais	132	10	44	25,74	7,41	2,57
Entretenimento	132	6	30	16,12	6,42	2,69

**Tabela 2.** Estatísticas descritivas do *Self-Directed Search Career Explorer*.

Secções	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão	Média ponderada
Competência realista	132	0	15	3,82	3,22	0,35
Competência investigativa	130	0	11	5,36	3,48	0,49
Competência artística	130	0	11	4,96	3,18	0,45
Competência social	129	0	21	7,82	2,99	0,71
Competência empreendedora	130	0	11	7,11	2,78	0,65
Competência convencional	129	0	11	3,59	2,80	0,33
Carreira realista	129	0	7	1,89	1,99	0,16
Carreira investigativa	127	0	12	3,57	2,68	0,30
Carreira artística	130	0	50	4,04	5,23	0,34
Carreira social	131	0	10	2,91	2,70	0,24
Carreira empreendedora	129	0	12	4,27	3,32	0,36
Carreira convencional	130	0	11	2,21	2,67	0,18
Habilidade realista	131	1	7	3,17	1,77	0,26
Habilidade investigativa	132	1	7	3,96	1,79	0,33
Habilidade artística	132	1	7	3,96	1,94	0,33
Habilidade social	132	1	7	3,85	1,64	0,32
Habilidade empreendedora	132	1	7	3,89	1,78	0,32
Habilidade convencional		1	7	3,13	1,76	0,26

**Tabela 3.** Correlações entre os escores da seção Competências do SDS com EAP.

Dimensões		R	I	A	S	E	C
Ciências Exatas	<i>r</i>	<b>0,37</b>	<b>0,54</b>	-0,02	-0,02	0,03	<b>0,17</b>
	<i>p</i>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,82	0,84	0,69	<b>0,05</b>
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129
Artes e Comunicação	<i>r</i>	0,13	0,03	<b>0,54</b>	<b>0,21</b>	0,16	0,06
	<i>p</i>	0,13	0,73	<b>0,00</b>	<b>0,02</b>	0,07	0,49
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129
Ciências Biológicas e da Saúde	<i>r</i>	-0,04	0,35	0,03	0,24	-0,03	-0,07
	<i>p</i>	0,66	0,00	0,74	0,00	0,69	0,42
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129
Ciências Agrárias e Ambientais	<i>r</i>	0,04	0,32	0,14	<b>0,32</b>	0,13	0,06
	<i>p</i>	0,66	0,00	0,10	<b>0,00</b>	0,15	0,49
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129
Atividades Burocráticas	<i>r</i>	0,17	0,20	-0,01	0,01	<b>0,29</b>	<b>0,41</b>
	<i>p</i>	0,06	0,02	0,89	0,91	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129
Ciências Humanas e Sociais	<i>r</i>	-0,02	0,24	<b>0,32</b>	<b>0,43</b>	0,21	<b>0,28</b>
	<i>p</i>	0,77	0,00	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,02	<b>0,00</b>
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129
Entretenimento	<i>r</i>	0,00	-0,00	<b>0,23</b>	<b>0,25</b>	<b>0,25</b>	0,11
	<i>p</i>	0,98	0,97	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,23
	<i>n</i>	131	130	130	129	130	129

*r*: coeficiente de correlação de Pearson; *p*: nível de significância.

R: realista; I: investigativo; A: artístico; S: social; E: empreendedor; C: convencional; SDS: self-directed search carrier explorer; EAP: escala de aconselhamento profissional.

As correlações com  $p \leq 0,05$  estão destacadas em negrito.

Considerando o objetivo de estabelecer correlações entre os instrumentos, a Tabela 3 apresenta os coeficientes de correlação entre os escores da seção Competências do SDS e os escores das dimensões da EAP. As correlações foram obtidas utilizando-se o programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 11, e para a interpretação dos valores de  $r$ , utilizou-se a indicação de Sisto (2007). Esse autor considera que os valores de  $r$ , tanto positivos quanto negativos, entre 0 e 0,20 indicam correlações nulas; entre 0,20 e 0,40, correlações baixas; entre 0,40 e 0,60, moderadas; entre 0,60 e 0,80, altas; e, por fim, valores entre 0,80 e 1 indicam correlações muito altas.

Pode-se perceber que duas correlações se destacaram: a do tipo Investigativo com a dimensão Ciências Exatas, e a do tipo Artístico com a dimensão Artes e Comunicação, ambas com coeficiente de correlação e nível de significância iguais. Além dessas, vale ressaltar também as correlações do tipo Social com a dimensão Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ( $r=0,43$ ,  $p<0,001$ ) e do tipo Convencional com a dimensão

Atividades Burocráticas ( $r=0,41$ ,  $p<0,001$ ). Tais resultados encontram-se, de modo geral, em consonância com os achados de Mansão (2005) ao correlacionar os tipos do SDS com o LIP, em que o tipo Investigativo (I) correlacionou-se com a área de Ciências Físicas, o tipo Artístico (A) com as áreas Artística, Linguística e Social e o tipo Convencional (C) com as áreas Burocrática Administrativa e Cálculo.

Nessa mesma direção, os resultados são coerentes quando analisados à luz da EAP; quando da análise das dimensões, os cursos de pedagogia, jornalismo, psicologia e direito foram os que obtiveram as médias maiores. Ao lado disso, nas atividades burocráticas da EAP, destacaram-se direito e administração. As correlações significativas moderadas ( $r>0,40$ ) de acordo com Sisto (2007) foram mais numerosas entre a seção Carreiras e as dimensões da EAP (Tabela 4).

O tipo Realista correlacionou-se com Ciências Exatas de forma moderada, embora seja diferente do encontrado na seção Competências, já que naquela a

**Tabela 4.** Correlações entre os escores da seção Carreiras do SDS com EAP (n=132).

Dimensões		R	I	A	S	E	C
Ciências Exatas	<i>r</i>	<b>0,42</b>	<b>0,37</b>	-0,02	-0,10	<b>0,19</b>	<b>0,24</b>
	<i>p</i>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,85	0,23	<b>0,03</b>	<b>0,01</b>
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130
Artes e Comunicação	<i>r</i>	0,01	<b>0,19</b>	<b>0,62</b>	<b>0,30</b>	0,11	-0,14
	<i>p</i>	0,89	<b>0,03</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,22	0,10
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130
Ciências Biológicas e da Saúde	<i>r</i>	0,05	<b>0,53</b>	0,01	<b>0,22</b>	-0,08	-0,11
	<i>p</i>	0,58	<b>0,00</b>	0,89	<b>0,01</b>	0,35	0,20
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130
Ciências Agrárias e Ambientais	<i>r</i>	0,13	<b>0,48</b>	0,14	<b>0,31</b>	0,04	-0,10
	<i>p</i>	0,14	<b>0,00</b>	0,12	<b>0,00</b>	0,67	0,25
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130
Atividades Burocráticas	<i>r</i>	0,16	0,01	-0,03	0,07	<b>0,45</b>	<b>0,50</b>
	<i>p</i>	0,06	0,92	0,74	0,43	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130
Ciências Humanas e Sociais	<i>r</i>	-0,06	<b>0,40</b>	<b>0,42</b>	<b>0,49</b>	0,14	0,00
	<i>p</i>	0,46	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,10	0,97
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130
Entretenimento	<i>r</i>	0,06	0,11	<b>0,25</b>	<b>0,43</b>	<b>0,33</b>	0,14
	<i>p</i>	0,52	0,20	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,10
	<i>n</i>	129	127	130	131	129	130

*r*: coeficiente de correlação de Pearson; *p*: nível de significância.

R: realista; I: investigativo; A: artístico; S: social; E: empreendedor; C: convencional; SDS: self-directed search carrier explorer; EAP: escala de aconselhamento profissional.

As correlações com  $p\leq 0,05$  estão destacadas em negrito.

correlação foi baixa e os achados encontram-se em consonância com os pressupostos do SDS. Por sua vez, o tipo Investigativo foi o que apresentou o maior número de correlações significativas com Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Agrárias e Ambientais e com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O tipo Artístico apresentou a única correlação alta ( $r=0,62$ ), que se deu com a dimensão Artes e Comunicação, além de uma moderada ( $r=0,42$ ) com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

No que toca ao tipo Social, duas correlações moderadas foram encontradas, com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Entretenimento. Por fim, os dois últimos tipos se correlacionaram com coeficientes acima de 0,40: Empreendedor (0,45) e Convencional (0,50), ambos com Atividades Burocráticas. Noronha et al. (2007) e Mansão (2005) encontraram resultados consoantes, nos quais ficaram evidenciadas as relações entre os instrumentos e os cursos profissionais no caso

da EAP, e a relação entre os tipos do SDS e áreas profissionais (Tabela 5).

A seção Habilidades foi a que apresentou o menor número de correlações significativas, tal como esperado, já que dentre as seções do SDS, essa é a que mais se distancia dos pressupostos da EAP. Dentre os coeficientes significativos, merecem destaque as correlações com o tipo Artístico e a dimensão Artes e Comunicação, Social com Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e, a exemplo do que ocorreu com a seção Carreiras, tanto Empreendedor quanto Convencional se correlacionaram com Atividades Burocráticas. Vale destacar que, apesar de essa seção apresentar menos correlações significativas, o estudo mostra-se coerente com as observações de Mansão (2005), segundo as quais o tipo Artístico (A) do SDS correlacionou-se com as áreas Artística, Linguística e Social e o tipo Social (S) com a área de Ciências Biológicas do LIP, uma vez que essa associação é encontrada em atividades profissionais que se relacionam com a ajuda ao próximo.

**Tabela 5.** Correlações entre os escores da seção Habilidades do SDS com EAP (n=132)

Dimensões		R	I	A	S	E	C
Ciências Exatas	<i>r</i>	<b>0,31</b>	<b>0,38</b>	-0,08	-0,12	0,02	0,16
	<i>p</i>	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>	0,34	0,17	0,80	0,07
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132
Artes e Comunicação	<i>r</i>	<b>0,19</b>	-0,15	<b>0,46</b>	0,13	-0,06	-0,02
	<i>p</i>	<b>0,03</b>	0,09	<b>0,00</b>	0,13	0,46	0,78
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132
Ciências Biológicas e da Saúde	<i>r</i>	0,05	<b>0,30</b>	-0,03	<b>0,22</b>	-0,08	-0,03
	<i>p</i>	0,56	<b>0,00</b>	0,74	<b>0,01</b>	0,34	0,76
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132
Ciências Agrárias e Ambientais	<i>r</i>	0,05	0,12	-0,07	<b>0,22</b>	0,02	-0,03
	<i>p</i>	0,57	0,16	0,39	<b>0,01</b>	0,85	0,71
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132
Atividades Burocráticas	<i>r</i>	0,11	0,03	-0,06	-0,06	<b>0,40</b>	<b>0,48</b>
	<i>p</i>	0,21	0,73	0,50	0,52	<b>0,00</b>	<b>0,00</b>
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132
Ciências Humanas e Sociais	<i>r</i>	-0,11	0,02	0,14	<b>0,43</b>	0,00	0,11
	<i>p</i>	0,21	0,79	0,12	<b>0,00</b>	0,97	0,21
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132
Entretenimento	<i>r</i>	0,09	-0,13	0,11	<b>0,21</b>	<b>0,24</b>	<b>0,17</b>
	<i>p</i>	0,33	0,14	0,20	<b>0,02</b>	<b>0,00</b>	<b>0,05</b>
	<i>n</i>	131	132	132	132	132	132

*r*: coeficiente de correlação de Pearson; *p*: nível de significância.

R: realista; I: investigativo; A: artístico; S: social; E: empreendedor; C: convencional; SDS: self-directed search carrier explorer; EAP: escala de aconselhamento profissional.

As correlações com  $p \leq 0,05$  estão destacadas em negrito.

## Considerações Finais

O estudo de instrumentos de avaliação psicológica no contexto de OP é de fundamental importância para atribuir a eles, por meio de dados empíricos, maior confiabilidade, enriquecendo assim a compreensão e a interpretação dos resultados. Além disso, ao se estudarem as relações de diferentes instrumentos, podem-se mapear as semelhanças e lacunas que seus dados indicam, proporcionando, assim, uma visão mais ampla do processo de avaliação e um planejamento mais detalhado. Nesse sentido, vale destacar a importância dos estudos com os instrumentos analisados no presente trabalho, que, em alguma medida, tendem a contribuir para a oferta de instrumentos voltados para área de OP.

O presente estudo destinou-se a analisar a relação entre dois instrumentos de avaliação de interesses profissionais: um que compreende o construto como a preferência por determinadas atividades laborais em detrimento de outras (EAP), e o segundo, em razão da relação entre interesses e características de personalidade (SDS). Embora os dois construtos sejam concordes, eles possuem suas divergências, o que, de alguma forma, ficou revelado pelos nossos achados. As correlações encontradas revelaram a comunalidade entre os construtos, apesar de suas particularidades terem ficado reservadas.

Sendo a avaliação de interesses profissionais ainda tão incipiente no Brasil, uma pesquisa com dois instrumentos que visam medir esse construto, além de contribuir para o aprimoramento teórico na realidade nacional, auxilia também o conhecimento de características da população adolescente brasileira que, historicamente, tem sido a principal interessada em OP. Embora a amostra estudada não seja representativa a ponto de se poder generalizar seus resultados, o presente trabalho fornece dados para comparação com outros coletados em diferentes amostras, em outras regiões do Brasil. Pode-se destacar, portanto, como uma limitação do presente estudo, o fato de somente estudantes de escolas particulares terem sido pesquisados, sendo essa uma importante lacuna a ser preenchida em futuros estudos.

Outras pesquisas devem ser levadas a cabo futuramente, com esses e outros instrumentos indicados para OP. Nesse sentido, não só os interesses profissionais devem compôr o arcabouço teórico fundamental para

os psicólogos que trabalham com OP, mas sua abrangência deve cobrir outros construtos também importantes para o processo de escolha, tais como: indecisão profissional, maturidade para escolha, autoeficácia e aspectos da personalidade e habilidades.

## Referências

- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bueno, J. M. H., Lemos, C. G., & Tomé, F. A. M. F. (2004). Interesses profissionais de um grupo de estudantes de psicologia e suas relações com inteligência e personalidade. *Psicologia em Estudo*, 9 (2), 271-278.
- Gati, I. (1991). The structural of vocational interests. *Psychological Bulletin*, 109 (2), 309-324.
- Guindon, M. H., & Richmond, L. J. (2005). Practice and research in career counseling and development - 2004. *The Career Development Quarterly*, 54 (2), 90-137.
- Holland, J. L. (1963). Explorations of a theory of vocational choice and achievement: II. A four-year prediction study. *Psychological Reports*, 12, 547-594.
- Holland, J. L. (1977). Vocational indecision: more evidence and speculation. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 404-414.
- Holland, J. L. (1996). Exploring careers with a typology: what we have learned and some new directions. *American Psychologist*, 51 (4), 397-406.
- Holland, J. L., Fritzsche, B. A., & Powell, A. B. (1994). *SDS- Self-Directed Search*. Los Angeles, California: PAR- Psychological Assessment Resources.
- Leitão, L. M., & Miguel, J. P. (2001). Os interesses revisitados. *Psychologica*, 26, 79-104.
- Leitão, L. M., & Miguel, J. P. (2004). Avaliação dos Interesses. In L. M. Leitão (Org.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp.179-262). Coimbra: Quarteto.
- Mansão, C. S. M. (2005). *Interesses profissionais: validação do Self-Directed Search Career Explorer SDS*. Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Melo-Silva, L. L., Noce, M. A., & Andrade, P. P. (2003). Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. *Psic*, 4 (2), 06-17.
- Noronha, A. P. P., & Ambiel, R. A. M. (2006). Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. *Psico-USF*, 11 (1) 75-84.
- Noronha, A. P., Sisto, F., & Santos, A. A. A. (2007). *Escala de aconselhamento profissional EAP - manual técnico* (Brasil). Itatiba: Vetor Editora.
- Nunes, M. F. O. (2007). *Escala de fontes de eficácia percebida: aplicação com jovens em escolha profissional*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade São Francisco, Itatiba.

- Pelletier, D., Bujold, C., & Noiseux, G. (1985). *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal: enfoque operatório*. Petrópolis: Vozes.
- Primi, R., Moggi, M. A., & Casellato, E. O. (2004). Estudo correlacional do inventário de busca autodirigida (Self-Directed Search) com o IFP. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8 (1), 47-54.
- Santos, P. J. (1997). *Adolescência e indecisão vocacional*. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Psicologia, Universidade do Porto, Portugal.
- Savickas, M. L. (1999). Examining the personal meaning of inventoried interests during career counseling. *Journal of Career Assessment*, 3, 188-201.
- Silva, M. B. (1999). A Formação do orientador profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 3 (1), 161-165.
- Sisto, F. F. (2007). Delineamento correlacional. In M. N. Baptista & D. C. Campos. *Metodologia de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC.
- Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4, 1-11.
- Teixeira, M. A. P. & Lassance, M. C. P. (2006). Para refletir sobre a avaliação psicológica na orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7 (2), 115-117.

Recebido em: 13/2/2008

Versão final reapresentada em: 27/5/2009

Aprovado em: 26/6/2009

# A resiliência em trabalhadores da área da enfermagem<sup>1</sup>

## *The resilience of workers in nursing*

Maria de Fátima **BELANCIERI**<sup>2</sup>

Marli Luiz **BELUCI**<sup>3</sup>

Daniela Vitti Ribeiro da **SILVA**<sup>4</sup>

Ederli Aparecida **GASPARELO**<sup>5</sup>

### Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar o nível de resiliência dos trabalhadores de enfermagem, visando ao conhecimento das fraquezas e fortalezas desse profissional diante das adversidades a que está submetido. Participaram enfermeiros e auxiliares de enfermagem da rede pública de saúde. Para a coleta de dados, utilizaram-se ficha de dados sociodemográficos e o Questionário do Coeficiente de Resiliência, com metodologia quantitativa. A maioria dos participantes, em relação ao fator regulação de emoções, está abaixo da média, demonstrando que a capacidade de resiliência nesse fator encontra-se enfraquecida. No fator controle de impulsos, a maioria está acima da média. Nos outros fatores (otimismo, análise causal, empatia, autoeficácia e exposição), a maioria se apresenta na média. O excessivo controle de impulsos e a dificuldade na regulação das emoções acarretam grande dispêndio de energia por parte do trabalhador, uma vez que ele não pode exteriorizar suas emoções, especialmente no ambiente de trabalho, justificando o alto índice de estresse entre os enfermeiros.

**Unitermos:** Enfermagem. Psicologia. Resiliência, psicológica.

### Abstract

*This study aimed to investigate the resilience level of nursing workers, in order to find out the strengths and weaknesses of the worker in the face of the adversities that may present themselves. Nurses and auxiliary nurses in the Public Health Service participated. To collect data, socio-demographic data records and the coefficient Resilience Questionnaire were employed, using quantitative methodology. With regard to the Regulation of Emotions factor, most participants are below average, demonstrating that the capacity for resilience, in this factor, is weakened. With the Control of Impulses factor, most are above average. For the other factors (Optimism, Causal Analysis, Empathy, Self-efficacy and Exhibition) the majority are average. The excessive Control of Impulses and the difficulty in regulating the emotions involve a large expenditure of energy on the part of the worker since they cannot be externalized, especially in the workplace, thereby explaining the high rate of stress among nurses.*

**Uniterms:** Nursing. Psychology. Resilience, psychological.

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Estudo vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Hospitalar. Universidade Sagrado Coração. Colaboraram no estudo: Verônica Lima dos Reis, Ana Beatriz Sacomano Montassier, Ana Vera Niquerito, Nilseia Meneguel Coltro, Marcella Carvalho Martins.

<sup>2</sup> Universidade Sagrado Coração, Curso de Psicologia, Programa de Pós-Graduação. R. Ir. Arminda, 10-50, 17011-160, Bauru, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.F. BELANCIERI. E-mail: <mfbelancieri@grupoguidiotrujillo.com>.

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais. Bauru, SP, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Sagrado Coração, Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Hospitalar. Bauru, SP, Brasil.

<sup>5</sup> Universidade Sagrado Coração, Curso de Psicologia. Bauru, SP, Brasil.

A enfermagem é parte integrante e fundamental nas equipes de saúde e constitui-se o maior grupo de trabalhadores na área. É responsável por 60% das ações, prestando assistência 24 horas por dia, implementando e cuidando da saúde da população, visando à promoção, à prevenção, à manutenção e à recuperação da saúde. É a categoria que mais contato tem com o ambiente de saúde e com os doentes, num clima de dor e sofrimento que geralmente emerge nesse contexto (Bulhões, 1994).

Belancieri (2003; 2005; 2007) ressalta em seus estudos que o ambiente de trabalho da enfermagem constitui-se de inúmeros elementos estressores, o que pode comprometer a saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores. No setor público, Stacciarini e Tróccoli (2001) afirmam que a enfermagem é classificada pela *Health Education Authority* como a quarta profissão mais estressante.

Estudo realizado por Belancieri (2003; 2005) com 300 trabalhadores da área da enfermagem, visando à identificação dos fatores e dos níveis de *stress*, bem como dos transtornos psicossomáticos autoatribuídos, evidenciou os seguintes resultados: 100% dos trabalhadores participantes do estudo apresentavam estresse em algum nível; em relação aos fatores desencadeadores de estresse, observou-se o controle excessivo por parte da instituição; dificuldades nas relações interpessoais; inobservância da ética pelos colegas; atividades rotineiras e repetitivas; excessivo número de pacientes; clima de sofrimento e morte; salários insuficientes; falta de lazer; falta de apoio e reconhecimento pela instituição, entre outros. Os sintomas psicossomáticos predominantes foram cansaço, tensão muscular, nervosismo, irritabilidade, dor lombar, ansiedade, tensão pré-menstrual, cefaleias, problemas de memória, depressão, entre outros.

Diante desses estudos, observamos que os trabalhadores da área da enfermagem sofrem forte impacto de estressores internos e externos, podendo comprometer sua saúde e sua qualidade de vida, bem como afetar seu desempenho profissional, colocando em risco a assistência aos usuários do sistema de saúde. Nesse sentido, torna-se relevante a investigação do nível de resiliência, visando ao conhecimento das fraquezas e fortalezas do trabalhador diante das adversidades a que está submetido. Desse modo, será possível implementar programas que visem a fortalecer as estratégias de

enfrentamento diante das adversidades que experienciam em seu cotidiano pessoal ou profissional.

### **Resiliência entre os trabalhadores da área da enfermagem**

Resiliência é um termo relativamente novo na área da saúde. Historicamente, surge associado aos estudos da Física e da Engenharia, referindo-se à capacidade que um material tem de absorver energia sem sofrer deformações permanentes (Yunes & Szimanski, 2001). No sentido original, pressupõe uma resistência do material que, ao sofrer um impacto ou choque com outros materiais, não perde suas propriedades.

As autoras revelam que o termo resiliência aparece em contraposição aos termos invencibilidade e invulnerabilidade que apresentam características de resistência absoluta ao estresse. Yunes (2001) ressalta que a resiliência consiste na habilidade de superar as adversidades, o que não significa que o indivíduo saia da crise ileso, como sugere os termos invulnerabilidade e invencibilidade.

Para Pereira (2001), a resiliência consiste na capacidade universal que permite ao indivíduo, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou ultrapassar as marcas ou efeitos das adversidades.

A noção de resiliência pertence à estrutura do desenvolvimento psicológico, segundo Ralha-Simões (2001), podendo ser traduzida como a capacidade pessoal de enfrentar a adversidade, não no sentido de resistir, mas de ultrapassá-la e superá-la com êxito.

Moraes e Rabinovich (1996) revelam que esse processo ocorre em um determinado tempo devido a certas combinações benéficas de atributos individuais, familiares, ambientais, sociais e culturais. Especificamente, as relações que são constituídas nos diversos ambientes são grandes preditores de resiliência (Polleto & Koller, 2008).

Lindstron (2001) complementa, levando em consideração três aspectos: 1) as características individuais, como a genética, a fase de desenvolvimento, o gênero, a constituição e a experiência e histórico de vida; 2) o contexto, como o suporte social, a classe social, a cultura e o ambiente; 3) a quantidade e qualidade dos eventos de vida, como o desejável, o controlável, a sua

magnitude, a duração no tempo e efeitos a longo prazo.

A presença de fatores de risco não prediz psicopatologias, no entanto a presença de fatores de proteção é preditiva de resiliência. Assim, “os fatores de proteção promovem, no indivíduo, ganho de controle sobre sua vida e incentivo ao bem-estar, à saúde psicológica, ainda que frente aos fatores de risco” (Trombetta & Guzzo, 2002, p.32).

Para que o sujeito seja considerado resiliente, é necessário que exista um equilíbrio, ou uma combinação entre os fatores de risco e de proteção. De acordo com as autoras, os fatores de proteção estão associados às condições do próprio indivíduo (autoestima positiva, temperamento fácil e maleável, ou seja, flexibilidade diante das adversidades), às condições familiares (ambiente familiar onde predominem coesão, estabilidade, flexibilidade, adaptabilidade, valores, crenças, etc.; e pais amorosos, competentes, interessados, com participação na vida escolar dos filhos, expectativas positivas em relação ao futuro dos filhos, elogiando seus esforços etc.) e às condições ambientais (comunicação aberta, limites definidos e realistas, tolerância aos conflitos, respeito, reconhecimento e aceitação, receptividade a novas ideias etc.).

Com relação ao polo oposto aos fatores de proteção, ou seja, aos fatores de risco, estão pobreza crônica, temperamento difícil (mau humor, baixa tolerância à frustração, passividade, comportamento destrutivo, autoestima negativa, cinismo e hostilidade, habilidade de comunicação pobre, depressão, tentativa de suicídio e abuso de álcool e drogas), exposição a eventos estressantes ou traumáticos de vida e características ambientais (estruturas rigidamente organizadas ou muito desorganizadas).

Apesar de os fatores de proteção e risco apresentarem características bem definidas e claras, o sujeito que convive com fatores de risco não deixa de ser resiliente, mas a maneira como convive com tais riscos é que orienta a proteção e a possibilidade de ser resiliente diante das adversidades.

Junqueira e Deslandes (2003) ressaltam que essa capacidade pode ser desenvolvida a partir das relações que estabelecem vínculos afetivos e de confiança. Entretanto, desenvolver a resiliência não significa a pessoa superar todas as experiências traumáticas, podendo ser resiliente em algumas situações e não em outras.

Diversos autores descrevem as principais características do sujeito resiliente (Flach, 1997; Grotberg, 2005; Nelson, 1997; Polk, 1997; Reivich & Shatté, 2002; S.J. Wolin & S. Wolin, 1993). Nossas análises e discussões, no entanto, estarão fundamentadas especificamente em Reivich e Shatté (2002), autores do instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo.

Ao construir o Questionário do Coeficiente de Resiliência (RQ-Test), Reivich e Shatté (2002) organizam a resiliência em sete fatores: Regulação das Emoções; Controle de Impulsos; Otimismo; Análise Causal; Empatia; Autoeficácia e Exposição.

Acredita-se que a resiliência possa ser desenvolvida ao longo da existência, quando o sujeito apropria-se de sua realidade e a transforma, transformando, conseqüentemente, a si mesmo num movimento dialético (Belancieri, 2007). Assim, conhecer os níveis de resiliência propostos por Reivich e Shatté (2002) poderá auxiliar na elaboração de programas que visem à redução do estresse e à promoção da Resiliência, em que o trabalhador possa construir novos sentidos e ações, buscando a superação e a transformação das condições atuais de saúde e de trabalho a que estão submetidos, visando melhorar sua qualidade de vida.

## Método

Este estudo foi realizado na Rede Básica de Saúde, Serviços de Urgência e Emergência e Unidades e Serviços Especializados, na Região Centro-Oeste do Estado de São Paulo. Participaram do estudo trabalhadores da área da enfermagem (enfermeiros e auxiliares de enfermagem) da rede pública de saúde, contratados por meio de concurso público municipal.

Os instrumentos utilizados foram: ficha de dados sociodemográficos, que visou à coleta dos dados pessoais e profissionais, e o Questionário do Coeficiente de Resiliência-RQ-Test (Reivich & Shatté, 2002), visando a avaliar os níveis de resiliência.

Para a viabilização do projeto, primeiramente, foi solicitado à Secretaria de Saúde do Município autorização para realização do estudo, bem como o envio ao Comitê de Ética em Pesquisa. Assim, este estudo está em conformidade com as resoluções do Conselho

Nacional de Saúde (CNS 196/96), que dispõem sobre a realização de investigações com seres humanos, sendo aprovado em 20/3/2007, sob o protocolo nº 11/07.

Posteriormente, foi solicitado à Secretaria Municipal de Saúde, um levantamento dos trabalhadores da área da enfermagem contratados na rede municipal de saúde. Foi realizado um primeiro contato com as respectivas unidades, visando discutir os objetivos do projeto e agendar data e horário para a aplicação dos instrumentos de pesquisa, feita individualmente ou em pequenos grupos, conforme as condições do momento.

A avaliação e a interpretação dos dados foram realizadas por meio de procedimentos recomendados pelos autores do instrumento (Reivich & Shatté, 2002), seguindo uma metodologia quantitativa.

## Resultados e Discussão

Dos 430 trabalhadores da área da enfermagem da rede pública de saúde, 229 responderam aos instrumentos de coleta de dados, ou seja, 53,2%, sendo 207 do gênero feminino e 22 do gênero masculino, representando, respectivamente, 90,4% e 9,6% da população estudada.

A maioria dos participantes trabalha 40 horas semanais, representando 76,0%. É preocupante o fato de 13,5% trabalharem mais de 70 horas semanais. Resultados semelhantes foram encontrados por Belancieri (2003) em estudo com trabalhadores da enfermagem de um hospital universitário.

Há que se discutir, ainda, a questão do duplo vínculo empregatício, pois 25,8% dos participantes mantêm dois ou mais empregos, visando a complementar a renda familiar. De acordo com Belancieri (2003), isso pode comprometer a saúde e, conseqüentemente, a qualidade de vida do trabalhador da área da enfermagem.

Outro dado importante é a diferença salarial entre os gêneros. A remuneração das mulheres está numa faixa de R\$600,00 a R\$1.000,00 e a dos homens de R\$1.100,00 a R\$1.500,00. Esse dado é confirmado por Medeiros (2000), ressaltando que os salários das mulheres enfermeiras são 20% menores em relação aos homens enfermeiros.

A título de síntese, observa-se um encadeamento coerente dos dados no perfil sociodemográfico dos sujeitos em estudo, ou seja, a maioria está numa faixa etária mais madura (65% entre 31 e 50 anos), é casada, com casa própria, com filhos, católica e com nível médio/técnico de escolaridade. A maioria é auxiliar de enfermagem e trabalha, no período diurno, há mais de 17 anos na enfermagem, com carga de 40 horas semanais, e apresenta um salário concentrado na faixa de R\$600,00 a R\$1.500,00.

### Níveis de resiliência dos trabalhadores da área da enfermagem

Neste bloco de resultados são apresentados os níveis de resiliência, constituídos de sete fatores: regulação das emoções, controle dos impulsos, otimismo, análise causal, empatia, autoeficácia e exposição, em seus aspectos positivos e negativos.

De acordo com os resultados, a maioria dos participantes, em relação ao fator regulação de emoções, encontra-se abaixo da média (56,8%), demonstrando que a capacidade de resiliência, nesse fator, encontra-se enfraquecida. No fator controle de impulsos, a maioria está acima da média (83,0%). E nos fatores otimismo (79,5%), análise causal (77,8%), empatia (66,8%), autoeficácia (47,2%) e exposição (51,5%), a maioria encontra-se na média (Tabela 1).

Reivich e Shatté (2002), autores do RQ-Test, utilizado nesta investigação, revelam que sujeitos a quem falta a habilidade de regular suas emoções apresentam dificuldades de construir e manter relacionamentos, especialmente, amizades. Existem provavelmente muitas razões para que isso ocorra. Delas, a mais básica é a negatividade. Quanto mais se associa à raiva, ao mau humor e à ansiedade, mais raivoso, mal-humorado e ansioso se torna o sujeito. Para ser resiliente, as emoções precisam ser expressas de maneira adequada, sejam elas positivas ou negativas.

O fator regulação das emoções pode estar relacionado às três categorias citadas por Trombeta e Guzzo (2002): condições do próprio indivíduo, condições familiares e condições relacionadas ao apoio/suporte do meio ambiente. No caso dos trabalhadores da área da enfermagem, embora não descartemos as características próprias do sujeito, o ambiente de trabalho, de

**Tabela 1.** Resultado geral para os sete fatores de resiliência (n=229). Bauru (SP), 2008.

Fatores	Abaixo da média		Média		Acima da média	
	n	%	n	%	n	%
Regulação emoções	130	56,8	93	40,6	6	2,6
Controle impulsos	1	0,4	38	16,6	190	83,0
Otimismo	20	8,7	182	79,5	27	11,8
Análise causal	17	7,4	178	77,8	34	14,8
Empatia	71	31,0	153	66,8	5	2,2
Autoeficácia	78	34,0	108	47,2	43	18,8
Exposição	73	31,9	118	51,5	38	16,6

acordo com Vila (2005), parece ser a principal categoria relacionada ao estresse da profissão.

Para Reivich e Shatté (2002), resiliência não é apenas a capacidade de ultrapassar as adversidades, mas também capacitar-se a enfrentá-las e superá-las, melhorando os aspectos positivos da vida. Assim, a resiliência é a fonte para se alcançar os objetivos propostos.

A regulação das emoções e o controle dos impulsos estão intimamente relacionados; assim, os sujeitos que são fortes no fator controle dos impulsos tendem a ter alta regulação das emoções. Os autores ressaltam que esses dois fatores estão embasados em sistemas de crenças similares. Assim, quando o controle dos impulsos se apresenta abaixo da média, o sujeito aceita sua primeira crença impulsiva como verdadeira, e age de acordo com ela, produzindo, com frequência, consequências negativas que bloqueiam sua resiliência.

Diante das condições estressantes a que estão submetidos os trabalhadores da área da enfermagem, aliadas à dificuldade na regulação das emoções e do excessivo controle dos impulsos, pode-se ter como resultado uma redução da capacidade resiliente.

Dependendo da visão que o indivíduo tem da situação, de sua interpretação do evento gerador do estresse e do sentido a ele atribuído, que haverá ou não a condição de estresse. Acredita-se que há necessidade de discutir a resiliência não somente com os trabalhadores, mas também nas instituições, nos grupos e, especialmente, nos ambientes de saúde, visando a uma amplitude na atenção à saúde e às condições de trabalho.

Para Reivich e Shatté (2002), os sujeitos considerados resilientes são otimistas, uma vez que acreditam que as coisas podem sempre melhorar. Assumem o

controle e a direção de suas vidas e têm esperança no futuro. Conforme centenas de estudos controlados, os otimistas são fisicamente mais saudáveis, têm menos probabilidade de sofrer de depressão e são mais produtivos no trabalho que os pessimistas.

Os autores demonstram em seus estudos que o otimismo e a autoeficácia, geralmente, caminham juntos, resultando na motivação para a busca de soluções às suas dificuldades. No trabalho, sujeitos otimistas, que acreditam em sua capacidade de resolver problemas, emergem como líderes.

O fator análise causal, segundo Reivich e Shatté (2002), refere-se à flexibilidade cognitiva das pessoas para identificar as causas de seus problemas. São realistas e não culpam outras pessoas por seus erros, visando preservar sua autoestima, bem como não gastam suas reservas ruminando sobre eventos ou circunstâncias que estão fora de seu controle.

Com fator empatia, Reivich e Shatté (2002) referem-se ao quanto uma pessoa é capaz de ler os indícios de estados emocionais de outras pessoas através da interpretação da linguagem não verbal (expressões faciais, tom de voz, linguagem corporal). Já outras pessoas que não desenvolveram essas habilidades são incapazes de se colocar no lugar dos outros. Essa incapacidade de ler as dicas não verbais pode dificultar as funções de gerenciamento, cujo trabalho compreende tanto a identificação de técnicas para motivação dos colaboradores como a valorização do outro.

No estudo realizado, a capacidade empática encontra-se na média, demonstrando que os trabalhadores da área da enfermagem são capazes de ler os indícios não verbais das outras pessoas, referentes a seus estados emocionais.

O fator exposição refere-se à capacidade de expor-se, explorando seus verdadeiros limites, na busca de atenção e *feedback* de outras pessoas (Reivich & Shatté, 2002); neste estudo, os sujeitos encontram-se dentro da média em relação a esse fator.

É interessante ressaltar que resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos. Embora somente o estudo de Belancieri (2007) tenha sido realizado com enfermeiras, considera-se importante citar também os estudos de Affonso (2007), desenvolvidos com educadores e adolescentes em liberdade assistida, a investigação de Barbosa (2006), com professores do ensino fundamental, e o estudo de Belancieri e Catharin (2007), com idosos do programa Universidade Aberta à Terceira Idade.

Belancieri e Cappo Bianco (2004), assim como Sória (2006), sugerem como estratégia para melhorar a capacidade resiliente dos trabalhadores da área da enfermagem, a reflexão do processo saúde-doença desde sua formação, expandindo para especialização e aprimoramentos, desenvolvendo, assim, suas habilidades internas necessárias para o fortalecimento da resiliência. Bianchini e Dell'aglio (2006) defendem mudanças nessas características internas e também nas externas, com o objetivo de incentivar o desenvolvimento de novas estratégias, mais eficazes, de enfrentamento das situações estressantes, através da promoção da resiliência no contexto da saúde.

Investigando sobre a resiliência na enfermagem e em outras áreas, Sória (2006) cita que estudos recentes demonstram uma lacuna em relação à utilização do conceito de resiliência na área da enfermagem na América Latina, fato que agrega valor à sua abordagem neste estudo.

A mesma autora demonstra ser interessante a instrumentalização das enfermeiras para a capacitação e formação de equipes a fim de que se possa identificar fatores de resiliência na clientela assistida de modo a colaborar na adesão ao plano de cuidados de enfermagem. No mundo contemporâneo, o conhecimento sistemático da resiliência é um instrumento válido e eficaz para todos os que se propõem a aperfeiçoar seu campo profissional, favorecendo o enfrentamento da situação adversa.

Para finalizar, Belancieri e Cappo Bianco (2004) justificam essa necessidade ressaltando que o incentivo à promoção da resiliência e da saúde do profissional poderá contribuir para melhorar sua qualidade de vida, bem como reverter em melhor qualidade da assistência à saúde da população.

## Considerações Finais

De acordo com os resultados obtidos nesse estudo, é possível tecer algumas considerações:

- A maioria dos trabalhadores da área da enfermagem é constituída de mulheres (90,4%), corroborando o perfil em nosso País.

- Em relação aos níveis de resiliência, a maioria dos participantes apresenta uma discrepância entre os fatores regulação de emoções, que se encontra abaixo da média (56,8%), e controle de impulsos, que está acima da média (83,0%), o que pode resultar em elevado consumo de energia, prejudicando as atividades laborais. Nos fatores otimismo (79,5%), análise causal (77,8%), empatia (66,8%), autoeficácia (47,2%) e exposição (51,5%), a maioria encontra-se dentro da média.

- Esses resultados podem estar associados ao perfil sociodemográfico, especialmente no que se refere à carga horária de trabalho e aos salários, sendo urgente o engajamento da categoria em movimentos, visando à aprovação do Projeto de Lei 2.295/2000, que tramita no congresso, a fim de aprovar e regulamentar a jornada de 30 horas semanais de trabalho na área da enfermagem.

- Outro aspecto que pode ser julgado interessante destacar é a resistência encontrada entre os trabalhadores da área da enfermagem em responder aos instrumentos de pesquisa, inclusive por parte dos responsáveis pela equipe. Embora se compreenda a rotina intensa de trabalho e a grande demanda de pacientes, entende-se que tal condição sugere o não envolvimento coletivo para a construção de uma categoria profissional mais forte, engajada nos novos rumos que a área profissional está tomando. Um aspecto que se acredita estar relacionado à melhoria das condições de trabalho e de saúde é o compromisso com o caráter acadêmico-científico na produção de conhecimentos que subsidiem a prática.

- Nesse aspecto, discutir o caráter social e político da prática dos trabalhadores da área da enfermagem e refletir sobre a importância de sua participação nos rumos da própria profissão poderão minimizar o estado de alienação observado, uma vez que o papel desse profissional não se resume ao saber técnico, mas apresenta também uma função social e política.

- Essas medidas, com certeza, serão revertidas na melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores da área da enfermagem, bem como na melhoria da assistência à saúde dos usuários da Rede Municipal de Saúde.

## Referências

- Affonso, C. (2007). *A liberdade assistida de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e seus fatores de proteção: uma análise sob o olhar da psicologia sócio-histórica*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Barbosa, G. S. (2006). *Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série: validação e aplicação do "Questionário do índice de Resiliência-adultos-Reivich-Shatté/Barbosa*. Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Balancieri, M. F. (2003). *Estresse e repercussões psicossomáticas em trabalhadores da enfermagem de um hospital universitário*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade do Sagrado Coração. Bauru.
- Balancieri, M. F. (2005). *Enfermagem: estresse e repercussões psicossomáticas*. Bauru: EDUSC.
- Balancieri, M. F. (2007). *Promoção do processo de resiliência em enfermeiras: uma possibilidade*. Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Balancieri, M. F., & Cappo Bianco, M. H. B. (2004). Estresse e repercussões psicossomáticas em trabalhadores da área da enfermagem. *Revista Texto e Contexto de Enfermagem*, 13 (1), 124-131.
- Balancieri, M. F., & Catharin, L. C. (2007). Resiliência e saúde na terceira idade. *Anais do Fórum de Iniciação Científica da Universidade do Sagrado Coração*. Bauru.
- Bianchini, D. C. S., & Dell'aglio, D. D. (2006). Processos de resiliência no contexto de hospitalização: um estudo de caso. *Paidéia*, 16 (35), 427-436.
- Bulhões, I. (1994). *Riscos do trabalho de enfermagem*. Rio de Janeiro: Júlio C. Reis Livraria.
- Flach, F. (1997). *Resiliência: a arte de ser flexível*. São Paulo: Saraiva.
- Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência. In A. Mellilo & E. N. Suárez-Ojeda (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (pp.15-22). Porto Alegre: Artmed.
- Junqueira, M. F. P. S., & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (1) 227-235.
- Lindstron, B. (2001). O Significado de resiliência. *Revista Adolescente Latinoamericana*, 3 (2), Porto Alegre.
- Medeiros, S. M. (2000). *As novas formas de organização do trabalho na terceira revolução industrial e a força de trabalho em saúde: estudo em Natal-RN*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo.
- Moraes, M. C. L., & Rabinovich, E. P. (1996). Resiliência: uma discussão introdutória. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 6 (1/2), 10-13.
- Nelson, R. (1997). *Bounce back! Creating resilience from adversity*. Toronto: Words Worth Professional Communications.
- Pereira, A. M. S. (2001). Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In J. Tavares. *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 25 (3). Recuperado em abril 2008, disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=&nrm=iso)
- Polk, L. V. (1997). Toward a middle-range theory of resilience. *ANS. Advances in Nursing Science*, 19 (3), 1-13.
- Ralha-Simões, H. (2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal. In J. Tavares (Org.), *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.
- Reivich, K., & Shatté, A. (2002). *The resilience factor: 7 essential skills for overcoming life's inevitable obstacles*. New York: Broadway Books-Random House.
- Sória, D. A. C. (2006). *A resiliência dos profissionais de enfermagem na unidade de terapia intensiva*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Stacciarini, J. M. R., & Tróccoli, B. T. (2001). O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 9 (2), 17-25.
- Trombetta, L. H. A. P., & Guzzo, R. S. L. (2002). *Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes*. Campinas: Alínea.
- Vila, S. G. (2005). *Qualidade de vida em enfermeiros de Bauru*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade do Sagrado Coração, Bauru.
- Wollin, S. J., & Wollin, S. (1993). *The resilient self: how survivors of troubled families rise above adversity*. New York: Villard Books.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Yunes, M. A. M., & Szimanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.), *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.

Recebido em: 27/4/2009

Versão final reapresentada em: 23/11/2009

Aprovado em: 19/2/2010

# Hipnose e subjetividade: utilização da experiência religiosa em psicoterapia

## *Hypnosis and subjectivity: the use of religious experiences in psychotherapy*

Maurício da Silva **NEUBERN**<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho destaca algumas possibilidades de atuação da psicoterapia junto a clientes que possuem demandas de experiência religiosa. Partindo de um breve estudo de caso de uma cliente, busca-se atingir dois objetivos: demonstrar como é possível ao psicoterapeuta compreender as experiências sagradas do sujeito sem dissolvê-las em categorias prévias e consagradas de seu aporte teórico e destacar a relevância da técnica hipnótica como um importante instrumento para demandas dessa natureza, isto é, uma técnica que procura utilizar as experiências religiosas do sujeito a favor de seu processo terapêutico. O artigo conclui que as possibilidades de atuação do psicoterapeuta diante de tais demandas passam necessariamente pela questão dos sentidos próprios produzidos pelo cliente, pelo contexto de diálogos e potencialidades e pela postura de mimetismo para interação com o mundo religioso do sujeito.

**Unitermos:** Experiência religiosa. Hipnose. Psicoterapia. Subjetividade.

### Abstract

*This article highlights the possible effects of psychotherapy on clients who live under a regime which involves religious demands. It is based on a brief case study of a client and has two objectives. Firstly, to demonstrate that it is possible for psychotherapists to understand the inviolate experiences of their clients without breaking them down into previously established theories. Secondly, it emphasizes the use of hypnotic techniques as relevant and important tools for demands of this nature, that is, they are techniques that can incorporate religious experiences of the subjects into the process of therapy in a positive way. The article concludes that psychotherapists faced with such demands must examine the individual feelings generated by their client, the context of their dialogues and capabilities, and the postural mimicry they adopt when interacting in their religious dominion.*

**Uniterms:** Religious experience. Hypnosis. Psychotherapy. Subjectivity.

O interesse pelo tema religião por parte de psicólogos e psicoterapeutas não consiste em algo recente, pois desde o início do projeto moderno de ciência da psicologia, importantes nomes focaram suas pesquisas em torno do assunto (Carroy, 1991; Ellenberger,

1970; Neubern, 2009). No entanto, apesar de interesse tão antigo, a relação entre psicologia e religião é marcada por alguns problemas epistemológicos que se configuram como verdadeiros obstáculos para a relação clínica, principalmente devido à tendência, muito

▼▼▼▼

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, 70910-900, Brasília, DF, Brasil.

frequente nas ciências humanas, de reduzir o fenômeno religioso a outro campo já colonizado pelas pretensões modernas de ciência (Carvalho, 1994). Tal fenômeno pode ser interpretado, assim, como um processo psicopatológico ou ainda como um elemento importante da configuração social de poder entre as pessoas que o presenciam, sem uma compreensão que abarque as construções e experiências singulares dos sujeitos. É comum que se imponha na relação terapêutica uma necessidade de tradução da experiência religiosa em termos teóricos já conhecidos, de maneira que o psicoterapeuta parece sentir mais necessidade de ter sua teoria confirmada diante de um fenômeno complexo do que acessar a experiência do sujeito, conhecendo suas particularidades.

Desse modo, quando o psicoterapeuta se vê diante de um cliente em conflito com alguma temática religiosa ele pode se deparar com as consequências de semelhantes obstáculos. É possível que se perceba despreparado para lidar com o tema, seja por não possuir conhecimentos sobre ele (Paiva, 2002; Pargament & Saunders, 2007), seja por não conseguir delimitar os limites de seu papel a ponto de poder ser confundido com algum papel religioso (Aponte, 1996; Plante, 2007). Pode também ceder à tentação de enquadrar a experiência religiosa do cliente em algum conceito teórico que lhe seja familiar, mas que não condiga com as construções singulares de sentido do sujeito, seja uma categoria teórica de conteúdos universais, seja uma teoria de relações e papéis sociais ou ainda um quadro psicopatológico (Nathan, 1999). Tais operações cognitivas levam à criação de um considerável distanciamento na relação terapêutica, pois o cliente não se sente compreendido e acaba se vendo na necessidade de ocultar importantes momentos de sua experiência cotidiana (McVittie & Tiliopoulos, 2007).

Por outro lado, existem contribuições significativas que apontam para uma postura e compreensão que priorizam o próprio cenário do sujeito. Certos autores enfatizam a necessidade de compreender as construções de sentido do sujeito na singularidade de

sua subjetividade e relações sociais (Hycner, 1995; Neubern, 2004), o que vem ao encontro das perspectivas de James (1987), para quem a experiência religiosa consiste nos sentimentos que o sujeito constrói na relação com aquilo que ele considera divino. Existe, no caso, a perspectiva de que o psicoterapeuta crie um contexto de aceitação na relação com o cliente de maneira a mergulhar em seu universo subjetivo e daí estabelecer um conhecimento mais legítimo sobre sua experiência. Por outro lado, outros autores propõem diferentes intervenções técnicas que priorizam a experiência religiosa dos sujeitos, seja por meio da utilização de recursos técnicos já disponíveis nas redes sociais e simbólicas do sujeito, seja aproveitando experiências religiosas já trazidas por ele (Akstein, 1972; Nathan, 1999; Richeport, 1994). Em tais casos, o psicoterapeuta acolhe, no *setting* terapêutico, determinadas práticas espirituais familiares ao sujeito para que, a partir desse acolhimento, torne-se possível a reconstrução de sentidos e novas formas de inserção em sua rede social. Em tais propostas, em vez de um processo de imposição narrativa (Gergen & Kaye, 1998), a psicoterapia se torna um espaço de legitimação do sistema de crenças do cliente, um espaço no qual ele pode, dentro de certos limites, estabelecer novas relações com tal sistema de maneira a construir, com e a partir dele, novas configurações de sentido.

Desse modo, numa perspectiva semelhante, o presente artigo procura esboçar, por meio de um breve estudo de caso, algumas possibilidades de atuação do psicoterapeuta diante de pessoas que possuem demandas religiosas ligadas ao sagrado<sup>2</sup>, utilizando, para tanto, técnicas hipnóticas. Buscou-se atingir aqui dois objetivos fundamentais, intimamente ligados. Primeiramente, houve o intento de ilustrar como é possível ao psicoterapeuta compreender as construções de sentido religioso do sujeito em sua singularidade em vez de enquadrá-las em categorias teóricas consagradas. Nessa perspectiva, compreende-se que a experiência religiosa cria, junto aos sujeitos, realidades subjetivas na forma de sentidos, significados e emoções (Gonzalez Rey, 2005; 2007; Otto, 1907/2007) e é importante que o psicote-

▼▼▼▼▼  
<sup>2</sup> O termo religião remete a uma complexidade de processos que se entrecruzam nas práticas dos sujeitos, como processos sociais, institucionais, sagrados, culturais etc. Para este trabalho, o termo experiência religiosa ou simplesmente sagrada será ligado a um tipo de experiência subjetiva que o sujeito considera como divina e transcendente (James, 1902/1987).

rapeuta estabeleça um contexto acolhedor no qual as construções do sujeito sejam qualificadas em suas próprias particularidades.

Em segundo lugar, procurou-se demonstrar a relevância da técnica hipnótica aqui trazida (Erickson, 1958; Erickson & Rossi, 1979; Zeig, 2006) devido a suas possibilidades técnicas e relacionais que permitem ao psicoterapeuta utilizar a experiência religiosa do sujeito a favor de seu próprio processo em intervenções relativamente breves. Em outras palavras, em vez de ser a hipnose usada como uma forma de colonização do pensamento religioso, como muitas vezes aconteceu, (Carroy, 1991; Ellenberger, 1970), demonstra-se aqui que ela também possui possibilidades de acolher e propiciar o uso das experiências religiosas do sujeito a favor de seu processo terapêutico. Em suma, ambos os objetivos acima descritos ilustram as alternativas da construção de um processo terapêutico com demandas religiosas tanto em termos de uma qualidade da relação, em que há aceitação da singularidade dos sentidos cotidianos, como de intervenções técnicas que se utilizam da própria experiência do sujeito.

## O Caso de Joana

Joana Duarte, viúva, 55 anos, funcionária pública, era mãe de três filhos e uma pessoa muito devotada ao catolicismo, principalmente à Nossa Senhora das Graças. Padecia de várias dores pelo corpo, mas duas delas a incomodavam mais: a do joelho esquerdo, que já durava 40 dias devido a uma artrose, e a da região superior da coluna próxima à nuca, bem mais antiga. Uma de suas principais preocupações se dava quanto à possibilidade de concluir seu novo curso superior, pois os médicos lhe pediam repouso absoluto e isso poderia atrapalhar o cumprimento das tarefas do curso. A indicação médica também se baseava na preocupação com uma trombose que já acometia há alguns meses e inspirava cuidados, pois sua perna costumava ficar inchada com frequência. Joana também se preocupava muito com sua família, já que era ela quem assumia o cuidado de seus filhos, de sua mãe, já idosa, e de parentes, em termos financeiros e pessoais. A carga desse compromisso entrava em conflito com seu novo projeto - o de mudar de cidade para se casar novamente com seu atual namorado, o que proporcionaria a dis-

tância física de seus familiares. Desse modo, ela solicitou ajuda ao pesquisador para que suas dores pudessem ser aliviadas por meio da hipnose, que foi realizada em seis sessões.

É interessante notar que, em termos de configurações de sentido (Gonzalez Rey, 2005; 2007), uma forte contradição impunha-se a Joana. Suas atividades de cuidado dos outros, ao mesmo tempo marcadas pelo prazer e por uma missão familiar, entravam em profundo conflito com sua condição atual de saúde, de muitas limitações físicas, que a impedia de ter as mesmas possibilidades de estar próxima dos outros. Ao mesmo tempo, sempre tendo sido uma mulher ativa, essas mesmas limitações de saúde a impediam de cumprir importantes projetos pessoais, como sua formatura e seu novo casamento, o que lhe trazia sentimentos de medo, ansiedade e sofrimento. Daí seu semblante, segundo pessoas de sua família, estava pesado e sem brilho e as dores eram muito frequentes. Embora dissesse não ter esmorecido em sua fé, esse elemento ainda não havia entrado nessas configurações como algo que pudesse lhe trazer uma solução para tais dilemas.

Foram realizadas oito sessões hipnóticas com Joana no enfoque de Erickson (Erickson & Rossi, 1979), segundo o qual o transe hipnótico se caracteriza por um estado em que os processos inconscientes, geralmente inacessíveis na vigília, afloram e podem ser usados em termos terapêuticos. É assim que o sujeito pode acessar percepções, recursos e aprendizados de sua própria subjetividade que dizem respeito a seu mundo interno e não à realidade consensualmente partilhada. As técnicas terapêuticas utilizadas nesse estado, como as descritas a seguir, demandam um processo estético de criação do terapeuta que envolve metáforas, paradoxos e dramatização, que possuem estreita relação com os sentidos singulares vividos pelo sujeito naquele instante (Zeig & Geary, 2000).

## Utilização e ancoragem

Logo ao início da sessão, Joana desenvolveu um estado de transe e pôs-se a chorar, alegando sentir muitas dores, o que foi seguido do seguinte diálogo:

*"J) Estou sentindo uma dor horrível nos ombros, muito intensa, muito forte..."*

*P) Uma dor horrível nos ombros... e como é essa dor?"*

J) Parece que estou carregando um pacote enorme nas costas ... bem pesado nos ombros... .

P) e o que tem nesse pacote?

J) minha mãe, que já é bem idosa... meus irmãos... meus filhos...

P) Ah, então, você precisa de ajuda pra poder carregar esses pacotes. Vou pedir a você que pegue essa medalhinha e aperte-a bem (Medalha de Nossa Senhora das Graças, bela e em ouro). Isso ... respire e aperte sua medalhinha ... e peça ajuda pra santa ... e a sensação de estar no altar, diante da santa de devoção é algo muito especial para quem crê ... e a pessoa pode sentir até no próprio corpo esse contato... como se o corpo fosse tocado por algo ... e você sente alguma coisa?

J) Sim, uma paz muito grande entrando pela minha cabeça ... .

P) uma paz muito grande ... e ela vai entrando pela sua cabeça ... e o que ela faz com seu corpo?

J) ela entra pela minha cabeça e desce até os ombros ... é uma paz muito grande ... .

P) OK, ela entra pela sua cabeça e desce até seus ombros... eles estão melhorando ... e talvez você possa deixá-los mais soltos, mais livres... e continuar aproveitando a sua respiração..."

Nessa passagem, a cliente apresentou uma metáfora bastante significativa como forma de expressão de sua dor. Seus ombros, que não tinham anomalia ou lesão orgânica conhecida, concentraram uma dor muito intensa de maneira a significar para ela a carga do cuidado de seus familiares. Tratava-se de um pacote pesado e de difícil manuseio por ser ligado a uma herança familiar de obrigação quanto aos outros, o que aponta para o caráter fortemente social de sua dor. É possível que, por tal herança familiar, Joana assumisse uma postura radical de cuidado do outro que a colocasse numa posição, por vezes, de submissão, mesmo que isso trouxesse sofrimento para ela. Sendo pego de surpresa com tal manifestação de dor da cliente, o pesquisador cortou sua sequência de pensamento e olhou fixamente para ela, buscando alguma informação que pudesse ser utilizada para ajudá-la a dar algum tipo de encaminhamento para essa dor. Deparando-se com uma brilhante medalha de ouro de Nossa Senhora das Graças, pediu que ela a segurasse, pedisse ajuda para a santa e descreveu as sensações físicas que um devoto sente diante do altar. Indagou ainda o que percebia em seu

corpo nessa experiência. Tratava-se da técnica da ancoragem, que consiste em sugestões de intensificação da percepção do sujeito quanto às emoções experimentadas em seu próprio corpo.

Esse momento, em que obteve êxito inicial no alívio de sua dor, foi perpassado pela presença de uma figura sagrada para a cliente a santa. Essa figura, familiar à experiência de Joana, representava um poder cuja influência ia além das palavras e das limitações e capacidades humanas, capaz de transcender os obstáculos do tempo e do espaço humanos (Otto, 1917/2007). Tratava-se da própria mãe de Deus, que também assumia um papel materno com a cliente, cuidando dela com seu poder e sua presença desde sua infância. Concedendo o considerável impacto na crença de Joana, o pesquisador se utilizou de três estratégias terapêuticas intimamente entrelaçadas. A princípio, houve o acolhimento da figura sagrada trazida pela cliente quando o pesquisador incluiu sua participação ativa no *setting* terapêutico. Dito de outro modo, a grande dor de carregar os outros obteve um cuidado desse ser especial, cujo poder e sabedoria transcendem as possibilidades humanas. Isso foi particularmente importante, pois Joana tinha muita dificuldade em delegar suas funções para outras pessoas (profissionais, familiares ou amigas), o que lhe valia críticas acentuadas de seus próprios familiares. Logo, não lhe sendo possível entregar o pacote aos homens, naquele momento havia a possibilidade de entregá-lo a uma figura sagrada que sempre esteve presente em sua vida e em diferentes ocasiões demonstrou seu poder.

Em segundo lugar, a repetição, por meio do transe, de um cenário bastante familiar para ela, ou seja, o de estar diante da imagem da santa no altar, propiciou uma sugestão semelhante à experiência de muitos crentes: a de que saem do momento de oração como tendo recebido alguma dádiva que é percebida em seu próprio corpo. Desse modo, Joana traduziu tais sugestões de forma cinestésica, referindo-se a uma paz entrando pela sua cabeça e descendo até seus ombros de maneira a reduzir consideravelmente a dor nessa região. É o momento em que o pesquisador aproveita para lhe propor a ancoragem dessas emoções de paz não só como forma de aliviar a dor, mas também como forma de lhe ratificar uma conquista a partir de seus recursos.

Em terceiro lugar, o pesquisador se utilizou de um recurso de linguagem muito sutil para facilitar o processo ao usar a palavra “pacote”, trazida pela cliente no plural - “pacotes”. Tal sugestão foi proposta porque, para a cliente, tratava-se de uma carga grande e seria difícil para ela deixá-la de uma vez, mesmo que aos pés de sua santa de devoção. Porém, com a carga dividida, era-lhe oferecida a possibilidade de deixá-la em partes, de maneira que ela mesma poderia escolher quais partes seriam deixadas, e em que ordem, no altar. Essa forma de sugestão, comumente metafórica, também é conhecida por Erickson (1985) como “dividir para reinar” e é de grande importância para o alívio da experiência dolorosa, já que oferece a possibilidade de ação do sujeito em pequenas partes da experiência dolorosa e não na experiência em sua totalidade. Porém, uma vez que uma parte da experiência é influenciada e modificada, há uma transformação nas configurações gerais da dor.

## Visualização

Em um dos momentos da sessão, Joana pôs-se a chorar novamente ao relatar estar diante da presença de seu pai, que havia morrido há alguns anos. Relatou o modo como ocorreu sua morte no hospital, que ela era a única pessoa que lhe prestava cuidados e que no exato momento da morte ela não estava presente, embora tivesse recebido uma intuição espiritual de que sua morte ocorreria naquele dia. O seguinte trecho ilustrou o uso das próprias construções da cliente sobre a situação em forma de visualização, ou seja, um processo em que o sujeito produz imagens em estado de transe sob sugestões ou espontaneamente (Erickson & Erickson, 1962).

J) *“Vejo meu pai (choros) ... lembro-me que ele me disse que nem ele nem minha mãe estariam vivos no momento da formatura.*

P) *“Nem ele, nem sua mãe estariam vivos em sua formatura. E o que ele diz agora?”*

J) *“Nada, ele apenas me olha sem dizer nada ... eu queria tanto que eles estivessem aqui ... ele já foi e, agora, minha mãe vai também ...” (choros).*

P) *“Bom, ele está olhando pra você agora, não é?”*

J) *“É”*

P) *“Você consegue perceber o cabelo dele, a roupa dele, como ele está vestido?”*

J) *“Sim, consigo vê-lo bem”.*

P) *“Consegue perceber o semblante dele?”*

J) *“Sim”.*

P) *“Então, chegue mais perto dele e me diga o que ele fará...”*

J) *“Ele está me dando um beijo ... e me disse que ele não tem poder de saber de nada sobre a hora das pessoas irem ... que ele não tem esse poder...”*

P) *“E o que você sente agora?”*

J) *“Uma paz ... uma paz grande ... e uma saudade muito grande...”*

É interessante notar como a figura do pai aparece marcada por considerável sofrimento. Isso porque, ao mesmo tempo em que Joana relatava amá-lo profundamente, os sentidos sobre ele estavam marcados pela fúnebre profecia que havia feito antes de morrer - a de que nem sua esposa nem ele estaria vivo na formatura de Joana. Tendo-se em vista a importância dessa formatura, a perspectiva de estar sem a mãe configurava-se como algo muito dolorido para a cliente. É importante destacar que essa aparição do pai não era vivida por ela como um processo imaginativo, mas como uma autêntica comunicação espiritual, onde havia uma pendência emocional entre ela, ainda no mundo terreno, e seu pai, já no mundo espiritual. Percebendo que Joana tinha muita facilidade de visualização, o pesquisador propôs colocá-la para interagir com a imagem do pai de maneira a buscar novas possibilidades de interação e resolução desses conflitos inerentes à história da relação entre ambos.

Desse modo, ocorreu uma série de sugestões que ressaltavam o aspecto visual da cliente, com ênfase em verbos que transmitem uma mensagem de comunicação visual, como “perceber, olhar e ver”. Como Joana havia construído configurações contraditórias quanto a seu pai e encontrava dificuldade em construir novos sentidos, buscou-se utilizar esses verbos como metáforas que a auxiliassem a contemplar o problema de outra maneira ao encará-lo diretamente. Considerando o histórico de sua relação, marcada por experiências e sentidos positivos, o desenvolvimento de uma nova postura poderia facilitar a construção de novos sentidos para seu pai, tirando-o da posição de alguém que

anuncia a morte de sua mãe em um momento importante de sua vida. Assim, aproveitando sua facilidade de visualização, o pesquisador procedeu a uma aproximação gradativa entre Joana e a figura de seu pai: a princípio, ele não diz nada; depois, pede que ela perceba certos detalhes da aparência de seu pai - roupa, semblante, cabelos - e, em seguida, que se aproxime dele para ouvir o que ele poderia lhe dizer. A resposta final foi bastante significativa para o andamento do trabalho, pois a própria figura do pai apresentava um argumento lógico e dentro de suas crenças - só Deus possui o poder de dizer quando as pessoas morrerão - para desfazer a profecia mórbida feita havia alguns anos.

### Regressão de idade

Na sequência da sessão, o pesquisador optou por um processo de regressão de idade, uma técnica em que o sujeito tem acesso, em estado hipnótico, a suas experiências passadas (Erickson & Kubie, 1941), conforme ilustra o trecho abaixo.

*"P)... e também é muito agradável a experiência de deitar-se aos pés da santa ... e ficar ali, sentir que ela toca seu cabelo, que a coloca em seu colo ... e você pode descansar ... enquanto sua respiração flui e algumas partes de seu corpo se soltam, e outras se soltam menos ... e uma das coisas mais impressionantes que podemos ver é quando uma criança faz uma prece ... elas não entendem ainda o que é uma prece, nem sempre o mundo delas tem muita lógica pra nós ... mas a prece das crianças é feita com o que existe de mais bonito e poderoso ... é feita com pureza de coração ... e o que elas pedem, elas pedem com muita pureza de coração ... um pedido que vem de lá de dentro, ... com toda devoção ... mesmo que não entendam direito o que querem ... e esse pedido acaba sendo atendido de alguma forma ... com toda a pureza ... com toda devoção ... esse pedido ... é feito ...".*

Essa técnica foi utilizada visando alguns objetivos específicos, a começar pela tentativa de ressaltar e dar maior visibilidade a experiências e potencialidades presentes na própria história de Joana. A regressão foi particularmente útil pelo fato de a cliente estar num momento difícil de vida, com dilemas que conscientemente ainda não havia conseguido resolver. Desse modo, estando diante de duas opções incompatíveis - a de cuidar de si e dos outros - Joana poderia retornar a sua história e resgatar experiências que pudessem

destacar novas possibilidades diante das situações paralisantes em que se encontrava. De modo semelhante ao que se busca na terapia narrativa (Anderson, 1997; White & Epston, 1993), tais experiências podem favorecer a reconstrução de novos sentidos do sujeito sobre si e os outros, rompendo a sensação de paralisia típica desses dilemas.

Essa retomada da própria história, porém, era feita ali no próprio altar visualizado pela cliente, num espaço marcado pelo sagrado. Note-se também que o pesquisador fez uso do termo "pureza de coração", que, nesse contexto, apontou para uma série de possibilidades para as reconstruções de sentido de Joana. Por um lado, trata-se de uma expressão familiar para o cristianismo, retratada em diferentes passagens bíblicas como uma condição para a ascensão ou relação com o mundo espiritual e, por outro, de uma característica atribuída com frequência a Joana por sua família: a de não guardar mágoas de outras pessoas.

Assim, diante da figura sagrada de Nossa Senhora, Joana relatou ter-se visto ainda criança, aprendendo a fazer suas preces de maneira a sentir uma paz muito grande no peito e nas costas, como a se lembrar do primeiro momento em que sentiu estar conversando com a santa. Para ela, esse momento era significativo porque representava o início de uma relação especial com a santa, que a acompanharia ao longo de sua vida, dando-lhe apoio e consolo, principalmente nos momentos mais difíceis, como esse pelo qual ela estava passando. Tratou-se da inclusão de um novo e especial elemento que estava fora das narrativas de incapacidade que havia desenvolvido nos últimos meses; essa forma de relação próxima e afetuosa com a santa já existia em sua subjetividade, mas ainda não havia sido reconhecida por ela nesse contexto específico. De fato, é correto dizer que, para Joana, a solução ainda não havia se delineado, mas, naquele momento, retomar uma relação de muitos anos com o sagrado consistia, sem dúvida, na possibilidade de vivenciar a situação de outra maneira.

### Distorção do tempo

Outro procedimento utilizado com a cliente em transe foi a técnica da distorção do tempo, na qual o sujeito tem a sensação de reviver vários acontecimentos

num curto intervalo de tempo ou alargar consideravelmente a experiência de alguns segundos (Cooper & Erickson, 1950), como ilustra a seguinte passagem:

*“E vou pedir a você que se prepare para que seu inconsciente faça algo importante agora. Mas antes vou lhe contar outra coisa... há momentos na vida em que podemos viver o tempo de forma bem diferente. Os segundos dos sinais de trânsito podem parecer uma eternidade quando estamos com pressa... quando estamos num bom filme ou exposição de arte, as horas podem passar como se fossem minutos... os segundos do elevador que esperamos podem ser horas, se precisamos rápido dele... e podem ser segundos se não estamos apressados... e há situações em que as pessoas relatam passar um filme da vida diante dos olhos... como se toda a vida passasse em alguns segundos... e eu fico imaginando que filme passaria em sua mente, se você estivesse agora no seu altar diante de Nossa Senhora... que cenas, pessoas, acontecimentos... isso tudo em alguns segundos... de coisas significativas, importantes pra você... e você pode deixar isso acontecer agora... suavemente... olhando como se fosse um filme... olhando de fora pra esse filme...”*

Nesse trecho, verifica-se que o pesquisador antecipa sua sugestão de revisão de vida, utilizando-se de exemplos cotidianos de distorção de tempo, ou seja, experiências em que o tempo subjetivo pode se alargar ou apressar independentemente do tempo cronológico. Tal técnica reproduz o que ocorre, não raro, com sujeitos que, ao se encontrarem em situações críticas de vida, relatam ver toda a vida passando em alguns segundos e também nos momentos de mudança radical de vida, como as conversões religiosas. Ela pode ser útil na psicoterapia, pois o sujeito se desembaraça de um ponto doloroso do presente ou do passado, transportando-se entre as diferentes experiências de sua vida, possibilitando a produção de novas configurações sobre sua história e seu porvir (Erickson & Rossi, 1979).

No caso de Joana, a distorção do tempo foi pertinente por se tratar de um momento crucial de sua vida, pois seus problemas médicos, que causavam suas dores, poderiam impedir importantes projetos de sua realização pessoal. Aquele momento era o de tomada de importantes decisões que deveriam se traduzir em medidas concretas, pois, do contrário, sua trajetória de vida poderia ser marcada por um sofrimento nada desprezível. Isso justificava a necessidade de lidar com seus

recursos, principalmente os ligados ao sagrado, que implicavam, para ela, ao mesmo tempo, segurança, confiança e possibilidade de transformação. Assim, partindo de situações cotidianas, o pesquisador enfatizou a dimensão visual, que consistia em um canal de comunicação muito familiar para Joana, em que as pessoas enxergam situações já vividas por elas num tempo muito curto, como se assistissem a um filme.

Nesse sentido, essa sugestão para Joana implicou duas condições importantes para o momento. A primeira foi que tal revisão ocorria diante da figura sagrada, cujo poder poderia lhe levar a novas considerações até então não percebidas por ela. Sob a inspiração da figura sagrada, havia uma maior possibilidade de entrega de maneira que pudesse lidar com experiências de sofrimento, mas sob a perspectiva de que alguma solução também fosse desenvolvida. Em segundo lugar, como enfatizado nas sugestões, ela veria a revisão de fora, “como se assistisse a um filme”, o que pode consistir num recurso dissociativo de grande valia para pessoas que se sentem paralisadas, pois olhar-se de fora proporciona ao sujeito um modo de se transportar de modo confortável e seguro para fora da situação paralisante, de maneira a poder analisar suas outras facetas e daí visualizar novas possibilidades.

### Algumas mudanças alcançadas

Os relatos de melhora sobre a dor foram explícitos e numerosos, tanto por parte de Joana como de seus familiares, que se diziam surpresos com suas novas expressões e vitalidade. Também foi possível verificar mudanças físicas, como seu semblante descontraído, e na forma de caminhar, com menos dificuldade, e a retomada de algumas atividades importantes, como hidroginástica, antes interrompida devido às dores. Dentro do enfoque aqui discutido, algumas mudanças significativas puderam ser verificadas nas construções sobre a experiência de dor (Erickson & Rossi, 1979) de Joana, profundamente marcada pelas formas com as quais ela lidava consigo e com os outros. Sorrindo para o pesquisador, acrescentou:

*“Agora estou com uma nova postura ... fico quase que o tempo todo de repouso, como o médico disse pra fazer. Só venho pro estágio e pro trabalho final porque tenho que me formar... Segui o conselho que você me deu de*

*falar o que gostaria de escrever num gravador e pagar pra alguém digitá-la para mim... a secretária de um amigo estava precisando de grana e vai ser bom pra ela também. Meu trabalho já está no segundo capítulo e eu estou conseguindo repousar como o médico disse. Sempre faço a auto-hipnose que me ajuda muito. Estou muito feliz com isso”.*

Esse trecho é significativo por ilustrar a construção de uma solução que anteriormente parecia impossível, já que cumprir com seus projetos se mostrava algo incompatível com os cuidados com sua própria saúde. Seguindo as sugestões do pesquisador, ela conseguia se organizar de maneira a cuidar de si mesma e continuar com seus projetos pessoais, cuja importância era grande para ela. Chama-se a atenção aqui para um ponto de vista configuracional (Gonzalez Rey, 2005): a inclusão do cuidado de si como um elemento importante em suas construções de sentido. O cuidado de si sai de um significado de algo oposto a seus projetos para o de uma condição para sua realização, ao mesmo tempo em que passa do significado de uma insistência externa dos médicos e familiares para uma conquista pessoal que ela própria poderia produzir e ter satisfação com isso.

É possível cogitar que sua relação com o sagrado tenha contribuído significativamente nesse processo, pois a figura que o representava - Nossa Senhora - era chamada a favorecer algum tipo de solução para o problema, como no caso dos pacotes, que representavam seus parentes, colocados ao pé do altar. Outro ponto que merece destaque são as mudanças de sentido quanto à figura de seu pai, marcada, inicialmente, pela contradição - uma história de afeto e boas experiências com a filha, de um lado, e a terrível previsão, feita antes de morrer, de que sua mãe também não estaria mais viva em sua formatura, de outro.

Após o momento inicial aqui descrito, no qual se criou um contexto interativo com essa figura, o pai passou a aparecer de outras formas: com um sorriso no rosto; em lugares floridos e de paisagens; e sempre demonstrando afeto pela cliente. Mas o que talvez seja mais interessante é o fato de que, após o primeiro diálogo, seu pai geralmente apareceu acompanhado de Nossa Senhora, o que permite considerar sua ligação com o elemento sagrado da experiência de Joana. É possível considerar que essa associação tenha sido um

dos elementos significativos de uma série de mudanças subjetivas quanto à figura de seu pai. Joana não mais relata sua visualização com expressões de sofrimento e dor, mas refere-se a ele com expressões de carinho e apoio, como alguém que surge para cuidar dela e de seu sofrimento. Acresce-se ainda que ele não surge mais como um entrave a seus planos de formatura, mas como alguém que busca ajudá-la em sua concretização.

Por fim, vale destacar que Joana apresentou uma mudança significativa na forma de recontar sua história, o que ocorreu principalmente devido aos trabalhos de distorção do tempo e regressão de idade que se tornaram comuns nos momentos da hipnose e nos processos autoinduzidos pela própria cliente em sua casa. As técnicas de reconstrução narrativa (Anderson, 1997; White & Epston, 1993) ressaltam a importância de que determinadas experiências, que fogem à lógica paralisante de uma narrativa, ganhem visibilidade para o sujeito de maneira a lhe oferecer novas possibilidades de reconstrução de sentido. Entretanto, no caso de Joana, esse processo de revisão ocorria na presença do sagrado, o que lhe conferia um potencial de transformação considerável, seja na forma de construir sentidos sobre determinados temas, seja no que se refere a processos emocionais das quais ela mesma não tinha consciência.

Joana relatava que era Nossa Senhora quem lhe mostrava as sequências de seus momentos de vida: a infância; a rivalidade com a irmã pelo amor do pai; o desenvolvimento da obesidade; a mocidade; o casamento; a vinda dos filhos; as situações de saúde em que quase perdeu a vida e seu momento atual. O fato de ser a santa a lhe mostrar tal sequência trazia-lhe uma intensa e viva sensação de que sempre esteve acompanhada, o que ainda não havia ocorrido até o começo das sessões, quando parecia viver uma situação insolúvel.

Joana alegava perceber as razões que a levaram à obesidade: como não havia mais necessidade de chamar a atenção de seu pai, de modo quase repentino, perdeu seis quilos em apenas um mês. Porém, essa aproximação intensa com o sagrado, que se configurou como a construção de um recurso de autoproteção, permitiu-lhe ainda algo muito específico: reconhecimento de mágoas muito profundas quanto a sua irmã, o que era particularmente difícil para alguém que, em nome de sua missão familiar, dizia jamais guardar mágoas. O momento de transe em que pôde verificar

por si mesma que se sentia magoada com várias atitudes da irmã foi marcado por intensas explosões emocionais, que não lhe trouxeram maiores problemas por estar se sentindo segura sob a proteção do contexto acolhedor e da figura da santa que a acompanhava. Após esse momento, Joana relatou ter dado, pela primeira vez, um abraço legítimo em sua irmã, o que permite compreender que essa legitimidade derivou de uma percepção mais amadurecida desse relacionamento, em que se tornou possível aceitar aspectos positivos e negativos da relação com pessoas significativas de sua rede.

## Considerações Finais

Diante do caso clínico aqui discutido, é importante ressaltar algumas considerações sobre limites e potencialidades do papel do psicoterapeuta para que o diálogo entre psicoterapia e religião seja possível. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que o caso de Joana aconteceu na forma aqui descrita por se tratar, primeiramente, de uma experiência que era própria à cliente e que foi profundamente aceita e acolhida no *setting* psicoterápico. Isso leva a considerar que é possível que muitos outros casos não pudessem atingir mudanças tão significativas, já que nem todas as demandas perpassadas pelo tema religião possuem relação com o sagrado (James, 1902/1987; Otto, 1917/2007). Daí a importância de que o psicoterapeuta aprenda a reconhecer o que caracteriza a experiência sagrada, pois, apesar de suas interfaces com processos sociais, institucionais e culturais, ela não se esgota em qualquer um deles e consiste numa dimensão particular. Acompanhando-se o raciocínio de James (1902/1987), existe sempre o risco de que um cliente se refira ao termo “religião” e que suas demandas não estejam ligadas ao sagrado, mas a processos sociais comuns, como disputas de poder no seio de uma família, grupo ou instituição.

É necessário que o psicoterapeuta se invista, em sua própria subjetividade, de uma sensibilidade para compreender a importância e o impacto que a experiência religiosa possui para os sujeitos. Não se trata de um diagnóstico frio, distante e calcado em critérios externos, mas de uma condição humana de compreensão empática daquilo que constitui a subjetividade do

outro em suas experiências mais íntimas e profundas. Caso o pesquisador não reconhecesse e manifestasse interesse e respeito pelas figuras da santa e do pai de Joana no sentido espiritual que ela lhes atribuiu, possivelmente a terapia não se estenderia sobre momentos significativos de sua subjetividade. Tais figuras ocupavam uma posição central em sua subjetividade, fosse em termos de sua história, fosse nas tramas atuais ligadas a sua dor e que, portanto, não poderiam ser excluídas ou descaracterizadas para poderem participar ativamente do processo terapêutico.

Nessa mesma linha de reflexão, vale destacar que o pesquisador se utilizou de uma vivência já trazida pelo sujeito em vez de procurar induzi-la a construir uma. É importante que o interesse que o psicoterapeuta possui sobre um tema como a religião não se transforme numa “themata” (Morin, 1990), isto é, um conjunto de ideias que se caracterizam pela obsessão de pensamento que se impõe em qualquer situação clínica, mesmo que esteja distante das construções cotidianas do sujeito. Assim, tanto a negação quanto a supervalorização do tema podem implicar, num processo psicoterápico, o distanciamento relacional e a exclusão dos sentidos singulares construídos pelo sujeito. No caso de Joana, sua experiência com o sagrado foi escolhida como recurso terapêutico devido à importância central que ocupava em sua vida, e, como já levantado, esse não foi o único tema abordado pelo pesquisador.

Porém, embora não seja novidade a proposta de acolhimento das questões religiosas do cliente, é importante destacar também o que o papel do psicoterapeuta permite quando há demandas dessa natureza. Não sendo o terapeuta um mestre do oculto ou sacerdote, seu papel está muito mais ligado às possibilidades de reconstrução de sentido, o que abrange basicamente três aspectos intimamente ligados. Em primeiro lugar, cabe destacar que, embora a psicoterapia seja um procedimento laico que remete à solidão do homem ocidental (Nathan, 1999), que está num mundo desprovido de deuses ou demônios, num mundo onde se encontra sozinho, o psicoterapeuta deve conceber as expressões e as figuras religiosas nos sentidos que os sujeitos produzem sobre elas. O caso de Joana é bastante ilustrativo nesse ponto, principalmente devido ao tipo de construção que o contexto terapêutico lhe proporcionou. De modo geral, o contexto que envolveu o

pesquisador e sua cliente acolheu com bastante aceitação as crenças de Joana para mostrar interesse por elas, e colocá-las ativamente a favor da psicoterapia. Vale lembrar que é o próprio pesquisador quem, ao visualizar a medalha de ouro brilhando, incitou a cliente a evocar suas relações com sua santa de devoção, que, para ela, não consistia num processo imaginativo ou mítico, mas em sua santa de devoção.

Em segundo lugar, cabe destacar a importância do diálogo e da relação terapêutica. O psicoterapeuta, nesse sentido, não possui uma fórmula para eliminar suas concepções prévias, mas possui condições para se colocar francamente disponível para o outro, mostrando um interesse genuíno pelo cliente, suas expressões e narrativas. Mas tal interesse não exclui as vozes internas do próprio terapeuta, principalmente suas teorias que, em vez de consistirem em representantes fidedignos da realidade, o auxiliam a se posicionar diante de seu cliente de maneira que, escutando a si mesmo, ele possa também escutar a pessoa com quem se relaciona naquele momento (Anderson & Goolishian, 1988; 1998; Anderson, 1997). Em meio a tal aceitação, o sujeito também pode se colocar num processo reflexivo de maneira a se repensar e se reconstruir em importantes momentos de sua subjetividade. No caso específico de Joana, ela relatou “se sentir em casa”, principalmente por poder trazer as figuras ao mesmo tempo tão sobrenaturais e significativas para um espaço onde fosse possível com elas interagir e tecer novas formas de relação. Assim, ela pôde mergulhar num processo reflexivo de maneira a repensar e reconstruir sua própria história em momentos bastante significativos de sua subjetividade.

Por fim, existe aquilo que se pode considerar uma postura de mimetismo (Nathan, 1999) adotada pelo pesquisador, em que ele, para mergulhar no mundo subjetivo do sujeito, adota uma postura de diálogo com as forças desse mundo tal como fosse um mestre do oculto ou sacerdote.

No caso aqui discutido, o foco foi sempre a transformação de sentidos e relações e, para tanto, seguindo a hipnose de Erickson (1958), utilizou-se de uma linguagem geral que aproveitava as situações trazidas pela cliente e a auxiliava a estabelecer novas relações entre os diferentes personagens e elementos presentes em suas configurações. Desse modo, não existiu uma im-

posição de sentidos e narrativas nem uma desqualificação por parte do pesquisador, mas um processo em que ele auxiliou a cliente a alterar suas relações de tempo, corpo, espaço e pessoas, que consistem em elementos fundamentais de suas crenças religiosas, para que pudesse lidar com seu próprio sofrimento. Tal situação é comparável a um jogo de tabuleiro com várias peças trazidas pela cliente, em que o pesquisador a auxiliou, dentro das regras da psicoterapia, a rearranjá-las em configurações mais terapêuticas e interessantes que promoveram novas possibilidades de construção de sentido sobre si e suas relações, como ainda um alívio considerável de suas dores físicas.

## Referências

- Akstein, D. (1972). *Hipnologia*. Rio de Janeiro: Hypnos.
- Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities*. New York: Basic Books.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1988). Human systems as a linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27 (4), 371-393.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1998). O Cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não saber. In S. McNamme & K. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp.34-50). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aponte, H. (1996). El sesgo político, los valores Morales y la espiritualidad en la formación de los psicoterapeutas. *Sistemas Familiares*, 4, 9-19.
- Carroy, J. (1991). *Hypnose, suggestion et psychologi: l'invention du sujet*. Paris: Puf.
- Carvalho, J. J. (1994). O Encontro de novas e velhas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In A. Moreira & R. Zicman (Orgs.), *Misticismo e novas religiões* (pp.67-98). Petrópolis: Vozes.
- Cooper, L., & Erickson, M. (1950). Time distortion in hypnosis. *The Bulletin Georgetown University Medical Center*, 4, 50-68.
- Ellenberger, H. (1970). *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books.
- Erickson, M. H. (1958). Naturalistic techniques of hypnosis. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 1, 3-8.
- Erickson, M., & Kubie, L. (1941). The successful treatment of a case of acute hysterical depression by a return under hypnosis to a critical phase of childhood. *Psychoanalytic Quarterly*, 4 (10), 122-142.
- Erickson, M., & Erickson, E. M. (1962). Observations concerning alterations in hypnosis of visual perceptions. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 5, 131-134.
- Erickson, M., & Rossi, E. (1979). *Hypnotherapy: an exploratory casebook*. New York: Irvington.

- Erickson, M. (1985). An introduction to the study and application of hypnosis in pain control. In E. Rossi (Org.), *Healing in hypnosis* (pp.217-278). New York: Irvington.
- Gergen, K., & Kaye, J. (1998). Além da narrativa na negociação do sentido terapêutico. In S. McNamee & K. Gergen (Org.), *A terapia como construção social* (pp.201-222). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gonzalez Rey, F. (2005). *O Social na psicologia e a psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Gonzalez Rey, F. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade*. São Paulo: Thomson.
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus.
- James, W. (1987). The varieties of religious experience. In B. Kuklick. *William James: writings 1902-1910* (pp.1-477). New York: Literary Classics of the United States. (Original work published 1902).
- McVittie, C., & Tiliopoulos, N. (2007). When 2-3% really matters: the (un)importance of religiosity in psychotherapy. *Mental Health, Religion & Culture*, 10 (5), 515-526.
- Morin, E. (1990). *Science avec conscience*. Paris: Seuil.
- Nathan, T. (1999). Manifeste pour une psychopathologie scientifique. In T. Nathan & I. Stengers. *Médecins et sorciers* (pp.9-113). Paris: Synthelabo.
- Neubern, M. (2004). *Complexidade e psicologia clínica: desafios epistemológicos*. Brasília: Plano.
- Neubern, M. (2009). *Psicologia, hipnose e subjetividade: revisitando a história*. Belo Horizonte: Diamante.
- Otto, R. (2007). *O sagrado: aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1917).
- Paiva, G. (2002). Perder e recuperar a alma: tendências recentes na psicologia social da religião norte-americana e europeia. *Psicologia: Teoria & Pesquisa*, 18 (2), 173-178.
- Pargament, K., & Saunders, S. (2007). Introduction to special issue on spirituality and psychotherapy. *Journal of Clinical Psychology*, 63 (10), 903-907.
- Plante, T. (2007). Integrating Spirituality and Psychotherapy: ethical issues and principles to consider. *Journal of Clinical Psychology*, 63 (9), 891-902.
- Richeport, M. (1994). Erickson's approach to multiple personality: a cross-cultural perspective. In J. Zeig (Org.), *Ericksonian methods* (pp.415-432). Levittown: Brunner/Mazel.
- White, M., & Epston, D. (1993). *Medios narrativos para fines terapêuticos*. Barcelona: Paidós.
- Zeig, J., & Geary, B. (2000). *The letters of Milton H. Erickson*. Phoenix: Zeig, Tucker & Theisen.
- Zeig, J. (2006). The virtues of our faults: a key concept of ericksonian therapy. In J. Zeig (Org.), *Confluence: the selected papers of Jeffrey K. Zeig* (pp.71-94). Phoenix: Zeig, Tucker & Theisen.

Recebido em: 27/1/2009

Versão final reapresentada em: 22/6/2009

Aprovado em: 26/6/2009

# Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise<sup>1</sup>

## *A hermeneutical approach to the methodology of theoretical research in psychoanalysis*

Érico Bruno Viana **CAMPOS**<sup>2</sup>

Nelson Ernesto **COELHO JR**<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo traz uma breve revisão das principais abordagens hermenêuticas envolvidas na interpretação de textos e discursos a fim de delimitar a incidência dessa problemática no campo da pesquisa teórica em psicanálise. Define as diferentes formas de pesquisa em psicanálise e indica como as mudanças na compreensão da hermenêutica incidem também sobre a compreensão do estatuto epistemológico do saber psicanalítico. Apresenta e discute as propostas de metodologia de investigação teórica de Laplanche e Figueiredo. Ao concluir, indica a aproximação do método psicanalítico aplicado a textos e discursos com as perspectivas contemporâneas da hermenêutica e propõe uma abordagem própria para pesquisas de cunho histórico-conceitual e epistemológico em psicanálise.

**Unitermos:** Hermenêutica. Métodos de pesquisa em psicanálise. Psicanálise.

### Abstract

*This article aims to briefly review the major hermeneutic approaches involved with the interpretation of texts and speeches in order to establish the boundaries of the incidence of this subject on the field of psychoanalytical, theoretical research. It defines the different forms of psychoanalysis research and shows how developments in hermeneutics change the comprehension of the epistemological status of the psychoanalytical field of knowledge. It presents and discusses the methodological designs on theoretical research proposed by Laplanche and Figueiredo. Its conclusion demonstrates the approximation of the psychoanalytical method applied to texts and speeches with contemporary perspectives in hermeneutics. It also proposes a specific approach for historical-conceptual and epistemological research in the field of psychoanalysis.*

**Uniterms:** Hermeneutics. Psychoanalysis research methods. Psychoanalysis.

A questão metodológica em pesquisas de caráter estritamente teórico costuma ser, em geral, subdimensionada. Enquanto os relatórios de pesquisa empírica necessitam de parâmetros determinados e de

uma apresentação de seu delineamento, as pesquisas teóricas parecem prescindir de um instrumental de leitura. É notória a síntese do método envolvida na pesquisa teórico-conceitual em frases como "leitura

▼▼▼▼

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da pesquisa de doutorado em andamento, autoria de E.B.V. CAMPOS, sob orientação de N.E. COELHO JR. Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Experimental. Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco C, Cidade Universitária, 5508-030, São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: E.B.V CAMPOS. E-mail: <ericobvcampos@uol.com.br>.

crítica de textos, acompanhada de comentadores”, na qual normalmente se privilegia a descrição dos textos a serem consultados e não os pressupostos da leitura a ser efetuada. É nesse sentido que se constata a presença de certa ingenuidade metodológica na interpretação dos textos, que nada mais é do que a assunção sem crítica de um referencial hermenêutico e epistemológico baseado no senso comum.

Este artigo discute questões gerais envolvidas no trabalho com a leitura de textos e discursos na pesquisa psicanalítica. O objetivo é esclarecer a problemática envolvida nesse tipo de trabalho e poder derivar uma metodologia de leitura para orientar a pesquisa histórico-conceitual em pesquisas psicanalíticas de cunho teórico. Para tanto, faz-se necessário não apenas uma problematização do que está em jogo na interpretação de textos em geral, mas também uma discussão preliminar sobre a particularidade da construção do saber em psicanálise.

Como se sabe, a discussão sobre a referência do saber psicanalítico simultaneamente ao campo da hermenêutica e ao das ciências naturais é bastante antiga. Em geral, essa polarização entre força e sentido foi utilizada para uma série de discussões sobre o fundamento epistemológico do saber psicanalítico, seja em termos de seu objeto, o inconsciente, seja em termos da especificidade de seu método.

A discussão, em geral, foi tematizada em torno da oposição estabelecida por Dilthey entre ciências explicativas e ciências compreensivas (Figueiredo, 1995). Algumas posições naturalistas foram tomadas pela psicologia do ego (Rapaport, 1982), enquanto outras, a partir da crítica pioneira da fenomenologia existencial (Binswanger, 1975; Politzer, 1998), caíram em uma perspectiva mais historicista (Schafer, 1976; Spence, 1982) ou mesmo existencialista, como a psicanálise intersubjetivista ou relacional americana (Gomes, 2007; Storolow, Orange & Atwood, 2001). Outras, contudo, procuraram manter a distância entre o campo da psicanálise e o da hermenêutica, ou mesmo das ciências humanas em geral. O argumento, muitas vezes, é de que o método psicanalítico é mais do que a hermenêutica. O próprio Ricoeur (1977), em seu clássico ensaio, mostrou como, embora a dimensão do sentido fosse constitutiva do campo psicanalítico, o sentido não podia prescindir de uma dimensão de força, própria ao campo dos afetos e

da pulsão. Esse tipo de posicionamento acabou sendo preponderante de tal forma que atualmente se considera ultrapassada a tentativa de articulação entre hermenêutica e psicanálise.

Os autores desse artigo, contudo, partem de uma perspectiva diferente com relação à hermenêutica, além de terem um objetivo distinto. Nosso recurso à discussão hermenêutica está relacionado à grande inflexão linguístico-pragmática que sofreu a filosofia contemporânea (Oliveira, 1996), deixando a problemática epistemológica em segundo plano, passando a discutir as racionalidades regionais constituídas por cada campo de saber (Mezan, 2002), além de suas perspectivas éticas (Figueiredo, 1996). Nesse sentido, como veremos, a contribuição hermenêutica poderá ser tomada em uma perspectiva renovada.

Quanto ao objetivo, a intenção do presente artigo não está em defender o recurso à hermenêutica como forma alternativa de abordagem do objeto psicanalítico, mas sim em utilizá-la para fundamentar um método de interpretação de textos de temática psicanalítica. Por isso, inclusive, trata-se de uma proposta referente somente às *pesquisas teóricas em psicanálise*, como definiremos a seguir.

### Modos de pesquisa no campo psicanalítico

O campo psicanalítico possui aspectos em comum com o conhecimento científico, como coesão interna, comunicabilidade, verificabilidade e cumulatividade. Essas noções, contudo, devem ser entendidas na particularidade da produção de conhecimento em psicanálise, em especial na configuração do campo psicanalítico como um espaço necessariamente dispersivo em que as formações teóricas não são *reduzíveis entre si*, o que coloca empecilhos a uma redução da psicanálise a noções epistemológicas como a de paradigma (Mezan, 1998).

A pesquisa em psicanálise se efetiva em diversos níveis de investigação. Devem-se levar em consideração algumas distinções clássicas sobre o campo de pesquisa em psicanálise, de forma que se possa inserir a presente discussão nesse contexto.

A produção de conhecimento em psicanálise pressupõe sua operacionalização no âmbito de um *setting* transferencial, onde o inconsciente pode emergir.

Dessa forma, a verdadeira pesquisa em psicanálise é aquela que emerge da clínica psicanalítica. Essa posição clássica é a defendida, em sua versão mais ortodoxa, por Freud nas suas propostas de ensino de psicanálise na universidade, segundo as quais este deveria ser concebido com o intuito de divulgação das proposições psicanalíticas e de forma dogmático-crítica (Mezan, 1998).

Evidentemente, o saber psicanalítico não é uma mônada fechada sobre si mesma e articulações muito proíficas foram estabelecidas entre a psicanálise e as demais ciências. Em particular, muito já foi discutido sobre as diferenças e especificidades da forma de produção de conhecimento que é específica do método psicanalítico em relação aos modos tradicionais da pesquisa acadêmica. De qualquer forma, a especificidade da pesquisa que emerge da clínica é o ponto essencial da teorização psicanalítica. Nesse sentido, podemos definir um primeiro tipo de pesquisa psicanalítica, a qual pode ser propriamente denominada de *pesquisa em psicanálise* (Garcia-Roza, 1994) ou de *pesquisa clínica* (Mezan, 1994). Nessa perspectiva, a teoria em psicanálise é, fundamentalmente, um trabalho de pensamento, abstração e elaboração que ocorre depois da escuta analítica e a partir dela, constituindo o cerne do saber psicanalítico.

Em contraposição a essa primeira vertente de investigação dos processos psíquicos por meio do método psicanalítico, encontram-se as pesquisas sobre psicanálise (Garcia-Roza, 1994). É nessa proposta que se inserem as pesquisas propriamente acadêmicas. Dizem respeito à investigação da história das ideias psicanalíticas, quer seja no plano exclusivamente histórico-conceitual - as articulações e desenvolvimentos conceituais de uma teoria psicanalítica -, quer seja no plano mais epistemológico - a inserção de teorias psicanalíticas no contexto da produção de conhecimento em geral (Mezan, 1994).

Mezan diferencia, ainda, a pesquisa de caráter aplicado, que diz respeito à articulação da compreensão psicanalítica com a cultura. Essa ideia de uma "aplicação" da teoria psicanalítica, contudo, não deve ser entendida nos mesmos moldes da distinção entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, já que a teorização em psicanálise emerge do seu próprio método e nele se efetiva. Outro ponto é que há algumas distinções entre as posições

desses dois autores. Garcia-Roza é mais restritivo, considerando o lugar da pesquisa eminentemente como o de uma pesquisa em psicanálise, enquanto a leitura sistemática caberia aos comentadores e se inseriria no âmbito de uma pesquisa epistemológica e não psicanalítica. Já Mezan é mais flexível, reconhecendo o lugar de uma pesquisa teórica de caráter-histórico conceitual e mesmo epistemológico como complemento à indagação do campo clínico.

Considerando essa breve demarcação do que poderíamos chamar de delineamentos de pesquisa no campo da psicanálise, cabe agora considerar as especificidades da forma de pesquisa teórica em psicanálise a partir do recurso à hermenêutica.

### Hermenêutica como recurso metodológico

Pode-se esquematizar o campo da hermenêutica como constituído por duas polaridades ideais: a da interpretação reprodutiva e a da interpretação criativa, ou seja, aquela que procura resgatar um suposto sentido intrínseco da obra e aquela que é a produção de um sentido novo a partir da subjetividade do leitor (Figueiredo, 1994). O primeiro polo é o mais clássico, tomando como pressuposto e critério de validade a manutenção do distanciamento entre o sujeito e o objeto de leitura, enquanto o segundo é mais atual e se aproximará das perspectivas contemporâneas de compreensão da racionalidade intrínseca aos campos de saber. Faremos um breve retrospecto dessa discussão no campo restrito da hermenêutica para, posteriormente, relacionarmos essas posições ao campo da psicanálise.

A vertente da interpretação reprodutiva originou-se na hermenêutica moderna com Scheleiermacher (1999) e Dilthey (2003), com derivações para os trabalhos de Hirsh Jr. (1967), Betti (1992) e Eco (1993).

A metodologia hermenêutica de interpretação de textos de Schleiermacher (1999) estava claramente orientada pelo ideal exegético de reconstrução do sentido original do texto, fundamentando-a em um conceito geral de compreensão. Sua proposta é elaborar uma teoria da compreensão que possa fornecer, ao mesmo tempo, as regras de procedimento interpretativo e as razões desses procedimentos. A problemática da compreensão surge da ideia de que a tarefa hermenêutica se dá a partir do estranhamento diante de um

texto, ou seja, de que a necessidade de interpretar surge de uma distância entre o texto e o leitor, em que aquele não é plenamente compreensível e assimilável, mas, também, não é radicalmente outro.

A questão da interpretação dos sentidos ganha maior abrangência a partir de Dilthey (2003). Esse autor afirmou a separação entre o campo das Ciências do Espírito/Humanas e o das Ciências Naturais, baseada na distinção entre o compreender e o explicar. Assim, a compreensão passou a desempenhar o papel de atributo essencial para as ciências humanas de tal modo que a hermenêutica passa de mero método para fundamento epistemológico.

A hermenêutica moderna traz consigo o projeto de instrumentar a reconstrução da intenção autoral por meio de uma metodologia assentada em uma série de pressupostos, tais como a identidade atemporal de uma intenção autoral, a não contradição entre a intenção do autor e do texto e assim por diante. Por mais que sejam admitidas as dificuldades da situação hermenêutica - sua contingência histórica, a inevitabilidade do círculo hermenêutico etc. -, há a crença na identidade da intenção autoral subjacente e independente dessas dificuldades. Essa concepção constituirá o polo mais tradicional da discussão sobre a hermenêutica.

Nessa vertente, Betti (1992) preocupa-se em traçar uma metodologia antirrelativista a partir do pressuposto da universalidade antropológica do espírito e de suas formas representativas como modo de superação do psicologismo, entendendo a verdade da interpretação como a correspondência entre a representação alcançada e o modelo ideal de significação. O conhecimento interpretativo, por sua vez, é entendido como a reconstrução objetiva da subjetividade por meio do caminho inverso da criação original. Trata-se de traçar, através de um metodologismo e tecnicismo hermenêuticos, os parâmetros e as condições de reconstrução do sentido original através de cânones interpretativos (Betti, 1992). O que distingue a proposta desse autor é seu enfoque transcendental: o método hermenêutico não encontra a intenção subjetiva do autor, mas sua forma significativa ideal, que é universal. O que está em jogo é a reconstrução da forma significativa transcendental comum à experiência.

Hirsh Jr. (1967) se insere na mesma tradição da hermenêutica como interpretação reprodutiva. Distin-

gue entre o nível empírico ou vivencial do texto - sua significância - e o nível transcendental da intenção autoral - seu sentido objetivo. O sentido é entendido como uma intenção transcendente do autor, referida a um campo de objetos intencionais também transcendentais. O caráter intersubjetivo no compartilhamento de sentido é o que permite a possibilidade de um acesso ao nível transcendental da intenção autoral. O autor distingue uma pluralidade de horizontes referidos à obra como princípios para a interpretação objetiva: 1) *horizontes externos à obra*: é o contexto de recepção alheio à intenção autoral; 2) *horizontes internos da obra*: é o nível intratextual, pautado pela coerência e identidade; 3) *horizontes externos da obra*: é o contexto de objetos intencionais a que a obra está ligado. A atividade interpretativa deve distinguir esses planos de abertura.

A posição de Eco (1993) sobre os limites da interpretação e o perigo da superinterpretação também se encaixa nessa perspectiva. Sua preocupação é o perigo do pleno subjetivismo, cuja expressão mais radical é de que a obra será nova a cada leitura, não havendo o que se possa chamar de um sentido original ou mesmo compartilhado. Seu argumento é apoiado em três conceitos: 1 a intenção do autor; 2 a intenção da obra; 3 a intenção do intérprete (Eco, 1993). O autor define a intenção da obra como uma "estratégia semiótica" (Eco, 1993, p.76), desempenhando o papel de uma fonte de significados que não se resume à intenção subjetiva do autor, mas que restringe a liberdade de uma intenção qualquer do intérprete. Em acordo com a tradição contemporânea, rejeita a validade do propósito empírico do autor como critério de validade de uma interpretação. Coloca-se, ainda, contra o subjetivismo do autor e do intérprete. Defende uma dialética entre o texto e seu leitor, uma vez que a intenção textual só pode ser inferida a partir de sua atualização na leitura do intérprete. Contudo, o leitor empírico não é o verdadeiro objeto intencional do texto. O texto é um dispositivo que visa à produção de seu leitor-modelo através da sua atualização na leitura do intérprete. Por sua vez, a intencionalidade do intérprete deve visar à construção de um autor-modelo ideal que acabaria por coincidir com a intenção da obra. É nessa dialética de aproximações sucessivas de objetos ideais que se desenrolaria o processo interpretativo.

As concepções dos autores acima discutidos dizem respeito ao eixo mais tradicional da problemática hermenêutica, aquele que considera a interpretação como reprodução do sentido. Embora tenhamos diferenças significativas entre eles, pode-se notar a manutenção de um pressuposto ideal na definição do sentido atribuído ao objeto em sua apreensão pela atividade do intérprete. O método interpretativo consistiria na depuração das ambiguidades e aspectos contingentes, eliminando a diferença, a ruptura, o conflito e a subjetividade como obstáculos à compreensão. Quer seja em uma perspectiva mais psicológica, quer seja em um transcendentalismo apriorístico ou mesmo na configuração de contextos intersubjetivos ideais, o que está presente é a ideia de um reencontro do intérprete com o objeto, que é apreendido e concebido por meio de parâmetros como totalidade, unidade, coerência, harmonia e assim por diante.

Passemos, agora, para a ideia da interpretação como criação de sentido. O problema nessa perspectiva é como, reconhecendo a prevalência da subjetividade, garantir certo rigor na interpretação. Essa empreitada passa, necessariamente, por uma concepção da interpretação a partir de um fundo do qual emerge a figura da obra, ou seja, da interpretação como uma atividade de construção e desconstrução de contextos. Os contextos, nesse caso, são tanto externos - inserção histórico-cultural - quanto internos - a própria rede de articulação teórico-conceitual - e estão interrelacionados. É importante ressaltar que esses contextos não são passíveis de reconstrução ideal, mas são sempre dinâmicos e contingentes. Tem-se, assim, a concepção de uma interpretação que responda à obra a partir da experiência que esta propicia ao leitor. Nesse sentido, a interpretação eficaz se dá não pela sua capacidade de conservação, mas, sobretudo, pela emergência de novas configurações que propiciam, conforme o termo utilizado por Figueiredo, a "fabricação do estranho" (Figueiredo, 1994, p.21).

Uma primeira concepção de interpretação como procedimento de construção/reconstrução de contextos é a de extração fenomenológica-existencial defendida por Gadamer (1997) a partir da ampliação do campo da hermenêutica efetuada pela ontologia de Heidegger.

Partindo do problema hermenêutico subjacente ao conhecimento, Gadamer (1997) afirma a necessidade

de reconhecimento da positividade das características históricas do objeto das ciências do espírito. Assim, os contextos e a tradição precisam ser afirmados como condição e não obstáculos ao conhecimento. Nesse sentido, a compreensão histórica do mundo necessariamente se dá em um horizonte. É preciso, portanto, reconhecer os significados e preconceitos envolvidos na compreensão prévia do mundo, ou seja, a alteridade e a tradição precisam ser reconhecidas no processo interpretativo. A situação hermenêutica constitui-se como a imersão na tradição que se deseja compreender. Esses pressupostos devem ser entendidos em seu duplo caráter de condição de possibilidade (preconceitos legítimos) e barreiras (preconceitos arbitrários). A compreensão é invariavelmente mediada por esses horizontes tradicionais, os quais atuam antecipando o sentido e como suposição de saber em seu contato com o texto. Tanto o intérprete como a tradição estão inseridos em seus próprios horizontes. A condição e a tarefa da interpretação estão no alargamento do horizonte próprio na integração do outro. Essa fusão de horizontes (Bleicher, 1992) é a ideia reguladora do processo interpretativo, entendida como um processo constante, uma vez que ambos os horizontes se configuram no tempo histórico.

A compreensão, portanto, deve ser entendida na e pela historicidade. Seu caráter é dialógico no sentido de que o processo de fusão de horizontes obedece a uma lógica de perguntas e respostas endereçadas do intérprete ao texto e vice-versa. O texto é entendido como um substrato que é atualizado na compreensão, o que implica uma concepção de interpretação como criação e coautoria. É preciso deixar-se contrariar e transformar pelo texto, ao mesmo tempo em que sua tradição é atualizada. Essa atividade de interpretação seria, necessariamente, interminável, uma vez que a alteridade do texto e do intérprete não é passível de equacionamento. Sua validade seria dada de forma teleológica por meio da ideia reguladora de fusão de horizontes entre texto e leitor. Assim, mais do que a submissão à autoridade de uma verdade já dada, o que se observa é a afirmação da dimensão ética subjacente ao processo interpretativo, na qual o fundamental é a alteridade entre autor e intérprete como motor da cocriação de sentido. O problema hermenêutico, assim, passa a ser, primeiramente, com relação ao conhecimento.

Concepções como essas abrem espaço para a afirmação da necessidade de reconhecimento das questões iniciais do intérprete como condição e ponto de partida para uma interpretação. Esse ponto é essencial para um trabalho de pesquisa teórica: o sentido não está dado em si no texto ou no passado de sua tradição, mas será função, também, da configuração de seu domínio de pesquisa atual. Essa constatação certamente coloca em novas bases a ideia de uma revisão de literatura, pois reconhece a dimensão histórica e contextual na produção do conhecimento.

A crítica a uma epistemologia fundacionista pode ser encontrada também no neopragmatismo de Rorty (1993). Esse autor está inserido na tradição do pragmatismo americano (Peirce, James e Dewey) e alinhado às concepções de Wittgenstein sobre os jogos de linguagem. Em linguística e semiótica, a pragmática diz respeito à dimensão de uso da linguagem, ao sentido implícito dos discursos e seus efeitos na comunicação. Dessa abordagem, deriva-se uma teoria dos atos de linguagem. A linguagem não comunica representações para além de si, mas é, ela mesma, um ato expressivo e constitutivo de sentido. A palavra não é veículo de um significado transcendente, mas o próprio ato de significação. Não há, assim, nada para além da linguagem; não há um fundamento ontológico ou metafísico subjacente. A linguagem é a ferramenta com a qual e por meio da qual se desdobra a experiência humana: o sujeito é constituído na e pela linguagem. A ideia de uma "verdade" passa a ser remetida a sua eficácia ou efeito.

As teses pragmáticas têm aspectos antiessencialistas comuns ao pensamento heideggeriano-gadameriano. A diferença é que em Heidegger a crítica ao essencialismo recai em uma analítica do existir - Dasein -, enquanto no pragmatismo ela constitui uma teoria da linguagem como instrumento e ato. Nesse sentido, acaba por implicar, em suas interpretações mais ras-teiras, uma ideologia relativística em que as teorias são pensadas como ferramentas para o uso indiscriminado, desde que tragam as finalidades desejadas.

A ideia central na concepção de Rorty (1993) é que interpretar textos nada mais é do que usá-los, ou seja, as descrições de um texto são função de seu uso instrumental a serviço de objetivos, desconsiderando a fidelidade ao objeto descrito. Nessa perspectiva, a leitura

e a escrita são usos de linguagem, com finalidades persuasivas, em função de um conjunto de outros textos e leituras. Assim, concepções como intenção do autor e sentido objetivo da obra não passariam de ficção, havendo apenas a intenção do intérprete. O interpretar, assim, não é nada além de contextualizar sem que se conceba o resultado pautado por parâmetros externos aos propósitos do sujeito.

Apesar de seu antiessencialismo e da crítica às dualidades metafísicas em geral, nota-se uma patente anulação da alteridade nas concepções neopragmáticas. O texto, nessa perspectiva, não é outro para o intérprete; não cria tensões e transformações. Pelo contrário, a ideia de uso com finalidades persuasivas do intérprete simplesmente exclui a ideia de alteridade. No máximo, o intérprete usa o texto para ampliar seu sistema de crenças - seu contexto - e transformar a si mesmo, mas "não 'sai de si' na direção de um 'além de si'" (Figueiredo, 1999, p.14).

Apesar das diferenças apontadas, tanto na concepção pragmática quanto na gadameriana, percebe-se a recusa de uma validade transcendental. Possuem como ponto comum a definição da validade a partir da regulação entre contexto e texto, quer seja de forma mais defensiva ao sistema de crenças (pragmática), quer seja de forma mais dialógica (gadameriana). Há, ainda, a manutenção do lugar do ideal, apesar de sua reformulação em uma dimensão contextual. Assim, por mais que os avanços de Gadamer e Rorty resignifiquem o problema hermenêutico, percebe-se, ainda, certa filiação a uma ontologia da unidade. Apesar de essas concepções não tomarem as "teses" de um texto como transcendentais e atemporais, mas reavaliáveis em função dos contextos históricos contemporâneos à sua produção ou leitura, há lugar para a unidade do sentido. Essa unidade se impõe sobre a diferença, mesmo que vários sentidos possam ser reconstruídos em diferentes leituras e que esse sentido não seja referido a uma intenção autoral.

Esse tipo de concepção de interpretação implica aquilo que Figueiredo (1999) denominou de leituras sistemáticas e próximas em oposição a leituras próximas e desconstrutivas. Nas primeiras, o contingente e o acidental não são necessariamente ignorados, mas interpretados a partir de um suposto movimento intrínseco à obra ou à sua contextualização em uma tradição. O

ambíguo aqui revela uma contradição de teses ou um ponto de inflexão que é redimensionado em função da evolução das teses da obra ou do seu horizonte externo. Sua validade é dada não só por uma concepção pragmática estrita, mas pela sua fecundidade heurística e pelo rigor de uma verdade consensual. Nesse sentido, uma boa leitura sistemática não deve se fechar ao espanto nem à passividade inerentes à sua interpretação, muito menos recair em ilusões totalizantes ou dogmatizantes.

Uma leitura próxima desconstrutiva (Figueiredo, 1999), por sua vez, parte de um patamar mais radical. Trata-se de pensar uma leitura que seja próxima sem se fechar (close) em uma suposta unidade. Para tanto, é necessário admitir um fato até então ignorado ou subdimensionado na tradição hermenêutica, a saber, de que o texto seja outro para si mesmo. Até então, o que se observa é a consideração da alteridade entre os horizontes do autor e do intérprete, ou da obra em relação à sua tradição, mas sempre se pressupôs uma unidade ideal de sentido, mesmo que entendida em uma relatividade histórica. A metodologia desconstrutiva, desenvolvida, entre outros, por Derrida (2001), vai afirmar a alteridade radical no seio do próprio horizonte interno da obra.

A leitura desconstrutiva constitui-se, assim, na terceira concepção hermenêutica, que parte de procedimentos de construção e reconstrução de contextos. É, também, a mais radical delas. Seu fundamento é a afirmação da precedência e prevalência da marca diferencial sobre a essência. Entende a diferença como fator constituinte dos sentidos; a identidade se constituindo sobre esse campo descentrado, ambíguo e móvel. Em suma, o lugar do ideal é aqui abolido: em vez de uma ontologia essencialista, o que se tem é uma ontologia da diferença.

Essa perspectiva se alimenta do retórico e do contingente para evidenciar os limites das teses centrais, procurando o movimento atético do texto, evidenciando as ilusões dogmatizantes de uma identidade de sentido, em uma incessante transgressão. A desconstrução não intenciona qualquer transcendência, mas a própria heterogeneidade dos elementos do texto, implodindo-o para evidenciar seus próprios sentidos marginais.

O procedimento desconstrutivo é bastante metódico uma vez que está preocupado com as articu-

lações internas do texto. Compartilha com as tradições contextualizantes a crítica à linguagem referencial e a uma historicidade linear, mas, contudo, insiste no “compromisso com a obra literária” como aspecto ético fundamental da leitura desconstrutivista (Miller, 1995) no sentido de que volta sua atenção para a trama intratextual. Percebe-se que, a partir do momento em que a coerência do horizonte interno da obra perde sua certeza, o problema das articulações internas do texto ganha um novo estatuto. O procedimento desconstrutivo, assim, é um mergulho no texto, porém pautado por uma lógica não-identitária ou suplementar.

A concepção de complementaridade diz respeito ao caráter diferencial das teses de um texto ou dos conceitos de uma teoria. As perspectivas essencialistas, ao afirmarem a precedência da essência sobre a diferença, entendem que uma tese se constitui como um em si, para depois vir a se contrapor a sua antítese. Esse é o campo dos dualismos, em que impera a contraposição entre teses opostas e distintas, as quais, no máximo, podem ser entendidas como complementares. Essa complementaridade, por sua vez, tenderia a ser compreendida em uma temporalidade dialética em que a oposição dirige-se à anulação da diferença em uma nova síntese. A ambiguidade, aqui, é produtora de tensões, mas o ideal identitário é o objetivo final.

A ideia de um suplemento de origem, por sua vez, transcende a lógica identitária. A lógica suplementar age entrelaçando os sentidos e mostrando como suas condições de possibilidade remetem ao seu outro irreduzível, a sua própria impossibilidade. Nesse sentido, a ambiguidade não é pacificada ou contida, mas sustentada, mostrando como o que é representado se articula ao que está na sombra.

Ao tomar o horizonte interno do texto como campo privilegiado de investigação de ambiguidades inalienáveis, a leitura desconstrutiva redimensiona o problema da intertextualidade. A ideia é que o texto é outro para si mesmo, nutrindo-se dos fios que ligam suas polaridades intrínsecas e os enxertos de elementos externos. É dessa trama discursiva em que o outro se insere como elemento ao mesmo tempo hostil e positivo, na qual o texto é simultaneamente hóspede e hospedeiro (Miller, 1995), que emergem os movimentos de significação.

A metodologia desconstrutiva traz de novidade a ideia de que o texto é constituído de ambiguidades suplementares, desdobrando-se sobre uma série de articulações intra e intertextuais criadoras de tensão. Um texto, nessa perspectiva, não é um horizonte instrínseco fechado e unidimensional, mas a verdadeira arena em que as tradições da obra e do leitor se digladiam. Assim, a desconstrução é o recurso por excelência de investigação da dimensão de alteridade que resiste à sistematização, uma verdadeira tática de guerrilha ao desejo totalizante de conhecimento. Nesse sentido, coloca-se na amplitude extrema dos movimentos de um processo de teorização.

Se a leitura próxima nos alerta para o movimento dialógico do texto com a sua tradição, a desconstrução traz esse diálogo para o âmbito do próprio movimento constitutivo das teses e antíteses de um texto. Mais que isso, alerta para a necessária articulação suplementar que une um conceito ao seu negativo. Assim, uma leitura sistemática e uma desconstrutiva estarão unidas entre si pela suplementaridade, como hospedeiro e parasita. Essa constatação é importante para um trabalho de leitura sistemática dos conceitos de um autor e alerta para a atenção à ambiguidade como fator constitutivo dos movimentos do pensamento e para a ilusão de uma unidade de teses em uma obra.

### **Incidência da hermenêutica na epistemologia da psicanálise**

Como indicamos na introdução deste artigo, a hermenêutica não constitui apenas um referencial metodológico para a interpretação de textos e discursos. O desenvolvimento da problemática hermenêutica tem um impacto importante no campo da filosofia contemporânea, além de ter implicações diretas para o estatuto do saber psicanalítico. Evidentemente, apresentar toda essa discussão foge aos propósitos deste artigo. Além das indicações gerais de nossa introdução, sugerimos ao leitor que consulte as referências para conhecer melhor o alcance da virada linguístico-pragmática na compreensão contemporânea da constituição dos campos de saber.

A discussão sobre as perspectivas hermenêuticas e sua incidência no campo psicanalítico é bem resumida em um artigo de Phillips (1991), motivo pelo qual o uti-

lizaremos como referência para nossa própria discussão. Partindo do debate contemporâneo sobre a concepção da psicanálise como uma atividade estritamente narrativa ou de criação de sentidos (Storolow et al., 2001), o autor propõe a esquematização do campo hermenêutico em duas perspectivas - a tradicional, ou hermenêutica 1, e a reformulada, ou hermenêutica 2 (Phillips, 1991). Como vimos, essa posição, que acompanha a discussão da epistemologia da psicanálise desde o seu início, parte da ambiguidade entre a pretensão científica da metapsicologia em oposição ao seu método, que seria hermenêutico e implicaria uma dimensão existencial.

O autor retoma o argumento de vários autores dessa tradição com o intuito de esclarecer dois pontos. O primeiro deles é que os autores oriundos do campo das ciências humanas e da hermenêutica reconhecem que a psicanálise não pode ser reduzida apenas a sua dimensão hermenêutica, já que a noção de um campo de forças está igualmente presente, o que justificaria um modelo "misto" de psicanálise: parte hermenêutica, parte ciência natural (Phillips, 1991). Esse argumento remonta ao trabalho de Ricoeur, que defende não só a dimensão hermenêutica - que cobriria a compreensão do sentido dos sintomas -, mas, também, uma dimensão de força - que cobriria a compreensão dos fenômenos de distorção e resistência - na construção do desejo (Ricoeur, 1977).

O segundo aspecto, também fundamental, é que essa oposição se insere na problemática que emerge da hermenêutica tradicional. Ou seja, trata-se da hermenêutica entendida como a busca de compreensão do sentido da expressão, clarificando-o por meio de um método. É essa compreensão que polariza o debate epistemológico na oposição entre um método hermenêutico e um empírico, tal como exemplificado em Dilthey. Assim, a contraposição entre força e sentido como essências que não se misturam, subsumidas a abordagens epistemológicas distintas e opostas, só se sustenta a partir de uma visão moderna de filosofia da ciência e em uma concepção estritamente metodológica de hermenêutica, denominada por Phillips (1991) hermenêutica 1.

Uma visão renovada da hermenêutica tem origem no deslocamento da problemática hermenêutica do método para a ontologia, o que está em estreita

ligação com os avanços contemporâneos na filosofia da ciência e na epistemologia. Essa mudança de concepção do problema hermenêutico tem origem na ontologia heideggeriana e no trabalho de Gadamer. A essa tradição filosófica de cunho fenomenológico-existencial, vieram se somar os enfoques neopragmáticos e as abordagens desconstrutivistas.

São os avanços teóricos trazidos por essas perspectivas que configuram a hermenêutica 2. A hermenêutica é entendida como aquilo que emerge da falha do projeto da modernidade. Em seu sentido ampliado, surge como um discurso que transita no conflito da incomensurabilidade dos discursos, o solo de onde parte a compreensão após a derrocada da crença em um único referencial epistemológico (Phillips, 1991). Nesse sentido, transcende as distinções clássicas, próprias da hermenêutica 1, entre ciências da natureza e ciências humanas. Ou seja, para além das dicotomias entre força e sentido ou explicação e compreensão, a hermenêutica 2 circunscreveria o próprio meio de construção de conhecimentos por meio de uma compreensão renovada de verdade. Em outras palavras, a segunda hermenêutica diz respeito ao contexto que emerge a partir do que autores têm chamando de virada linguístico-pragmática na filosofia contemporânea (Oliveira, 1996).

Em um texto recente sobre a epistemologia da psicanálise, Mezan (2002) retoma a problemática da especificidade do saber psicanalítico em sua discussão com a epistemologia. Em consonância com as perspectivas epistemológicas mais contemporâneas, notadamente a epistemologia francesa de Bachelard e Lebrun, afirma que “uma disciplina se emancipa e se torna autônoma quando define seu campo, seus métodos, sua problemática própria” (Mezan, 2002, p.437), de tal modo que cada ciência é responsável pela construção de sua própria racionalidade. Esse ponto é fundamental, pois recoloca o problema da epistemologia para além de sua concepção unívoca de verdade. Em maior consonância com a virada linguístico-pragmática, essa concepção epistemológica “fraca” lida com a ideia de racionalidades regionais, próprias de cada campo de saber. Assim, uma investigação epistemológica passa pela descrição e pela análise do sistema de enunciados de um determinado campo de saber, mostrando como ele funciona e como constrói seu horizonte de conheci-

mento. Nesse sentido, não se trata mais de referir o saber da psicanálise - ou de qualquer outro conhecimento - a um determinado crivo epistemológico que garanta a verdade de um método ou de um enunciado teórico.

Nesse sentido renovado, a epistemologia passa a ser um instrumento de análise da coerência interna de um campo de saber mais próximo dos expedientes hermenêuticos de análise. Essa abordagem coloca em um novo patamar a discussão sobre o lugar da metapsicologia no saber psicanalítico, uma vez que a retira da posição de uma pretensa sistematização teórica de caráter cientificista, além de recolocar em novas bases dicotomias clássicas, como a oposição entre força e sentido. Do mesmo modo, permite uma articulação mais consistente entre a hermenêutica e um método de leitura e escuta propriamente psicanalíticos.

### Por uma hermenêutica psicanalítica

A discussão precedente sobre as perspectivas hermenêuticas não é interessante apenas pelo seu auxílio em compreender a inserção da metapsicologia no debate “epistemológico” contemporâneo. É, também, essencial para compreendermos a derivação de um instrumental de leitura de textos e suas relações com a especificidade do saber psicanalítico.

Diante disso, propomos marcar a aproximação entre a metodologia desconstrutiva e alguns aspectos da formação de conceitos em psicanálise.

A perspectiva desconstrutiva traz derivações importantes para o trabalho de pesquisa com textos psicanalíticos. Isso se dá não apenas pela afirmação de que uma teorização necessariamente se desenvolve sobre seus suplementos de origem, o que certamente traz uma nova perspectiva para as pretensões lineares de leitura, mas, também, pela aproximação da lógica da suplementaridade na formação de conceitos com a própria noção de inconsciente. Alguns autores encontrarão no modo de teorização psicanalítica uma aproximação com a lógica desconstrutiva, uma vez que o texto freudiano está marcado pelo movimento retórico do “não apenas, mas em vez disso” (Miller, 1995, p.69), o que denotaria a remissão dos conceitos - no caso a ideia de construção - a contrapontos suplementares sem que um centro identitário possa ser, de fato, isolado.

Leituras desconstrutivas de textos psicanalíticos têm sido efetivadas por diferentes autores contemporâneos. O movimento da desconstrução tem origem na crítica literária e propõe a análise da alteridade interna do texto. Seu principal propagador na psicanálise é o francês Derrida (2001), encontrando ressonâncias tanto no meio psicanalítico anglo-saxão (Bass, 1996) quanto no meio brasileiro, além da própria psicanálise francesa. Nesse aspecto, o trabalho já citado e comentado de Figueiredo (1999) sobre a intertextualidade entre Freud e Ferenczi na elaboração do conceito de pulsão de morte constitui um verdadeiro modelo de aplicação desse tipo de estratégia de leitura na literatura nacional.

Já a caracterização de uma metodologia especificamente psicanalítica de leitura foi preconizada por Laplanche (1988; 1998). Seus trabalhos iniciais de interpretação de textos freudianos tinham uma perspectiva mais dialógica e desconstrutiva, expressa em sua concepção de “fazer o texto trabalhar” por meio da “utilização de conceitos analíticos como chave de uma nova hermenêutica” (Laplanche, 1998, p.10). É essa perspectiva de leitura histórica, interpretativa e problematizante do texto freudiano que nos interessará em particular. Essa concepção hermenêutica afirma a possibilidade de ler os escritos psicanalíticos por um método psicanalítico. Isso significa não uma interpretação das fantasias de seus autores, mas a utilização do próprio método psicanalítico como instrumento de leitura.

Esse método está baseado em um princípio de análise igualitária, que é o aplainamento ou desmantelamento dos enunciados textuais a partir de uma atenção igualmente flutuante. Com isso, crescem de importância a absurdidade dos detalhes, os esquecimentos e deslocamentos de um texto. A ideia é destituir os “remanejamentos egoicos” (Laplanche, 1988) da doutrina freudiana, desmontando os conceitos da obra. Nessa abordagem, a noção de desenvolvimento histórico é problematizada. Em vez de um desenvolvimento linear, observam-se as contingências da articulação de uma problemática cuja temporalidade está próxima daquela própria da psicanálise: repetição, retorno do recalcado, resignificação a posteriori etc. A ideia de uma estrutura do pensamento freudiano, assim, só pode ser entendida no sentido de um equilíbrio dinâmico entre polaridades.

A ideia fundamental de percorrer a obra em todos os sentidos, sem nada omitir ou privilegiar a priori,

possibilitando a emergência de uma problemática que não se resolve linearmente e que, pelo contrário, constrói um campo intermediário de exigências teóricas (Laplanche, 1998) é um procedimento hermenêutico bastante interessante para a interpretação de textos psicanalíticos. Podemos afirmar que esse tipo de estratégia está em consonância com a discussão contemporânea sobre a incidência da hermenêutica para a compreensão da construção dos saberes.

A metodologia desconstrutiva, por sua vez, em sua ênfase na ambiguidade e alteridade intrínsecas ao texto, aproxima-se da perspectiva psicanalítica. O método psicanalítico caracteriza-se pela escuta diferenciada ao estranho, identificando, no que é acessório, a irrupção dos sentidos inconscientes da trama de símbolos trazida pelo paciente por meio da atenção flutuante. Aproxima-se ainda mais da perspectiva laplanchiana, que possibilita justamente a transposição dessa estratégia para a interpretação de textos e a compreensão histórico-conceitual e epistemológica da psicanálise.

Embora essas propostas sejam interessantes e permitam aproximações, é necessário, contudo, marcar algumas diferenças. Enquanto a análise desconstrutiva não visa nenhum fim para além de si mesmo e toma esse tipo de compromisso teleológico como uma ilusão essencialista, uma hermenêutica psicanalítica como a de Laplanche guarda lugar para um sentido final no movimento do pensamento do autor. A noção de uma exigência de teorização que emerge das contradições e ambiguidades de um texto recoloca o lugar de um ideal regulador. É evidente que estamos aqui longe da concepção de um sentido inequívoco latente no texto. Trata-se de uma temporalidade em espiral e, ao mesmo tempo, polarizada em opostos suplementares. Essas tensões criam linhas de força que possibilitam a concatenação de um desenvolvimento teórico que, contudo, não pode ter a pretensão de verdade absoluta, uma vez que essa é histórica e contextualizada.

De qualquer forma, a aproximação entre as perspectivas desconstrutiva e laplanchiana para a pesquisa teórica em psicanálise, tanto de cunho histórico-conceitual quanto epistemológico, mostra-se uma estratégia interessante e consistente de investigação que tem sido, inclusive, desenvolvida em algumas publicações recentes no meio psicanalítico nacional (Campos, 2004; 2006; Ribeiro, 2000).

## Considerações Finais

Com a indicação dos desdobramentos da problemática hermenêutica para o campo da psicanálise, chegamos ao final deste artigo. Esperamos ter deixado claro como os movimentos inerentes ao campo da hermenêutica contribuíram para uma fundamentação epistemológica em que cabem a especificidade do conhecimento psicanalítico e procedimentos inerentes ao seu método. Esse percurso, por sua vez, possibilitou também delimitar uma abordagem metodológica de investigação de textos psicanalíticos apoiada nas concepções desconstrucionistas e laplancheanas. Dessa forma, pudemos, a partir da discussão sobre a incidência da hermenêutica na compreensão da psicanálise como campo de saber, apresentar um método de pesquisa próprio para investigações teóricas em psicanálise.

## Referências

- Bass, A. (1996). A história de um erro de tradução e o movimento psicanalítico. In P. Ottoni (Org.), *A prática da diferença* (pp.55-90). Campinas: Unicamp.
- Betti, E. (1992). A hermenêutica como metodologia geral das *Geisteswissenschaften*. In J. Bleicher (Org.), *Hermenêutica contemporânea* (pp.77-131). Lisboa: Edições 70.
- Binswanger, L. (1975). *Being-in-the-world: collected papers of Ludwig Binswanger*. London: Souvenir Press.
- Bleicher, J. (Org.) (1992). *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Edições 70.
- Campos, E. B. V. (2004). *Figuras da representação na emergência da primeira tópica freudiana*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo.
- Campos, E. B. V. (2006). O jogo das alteridades: a ética em Freud. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão*, São Paulo. Recuperado em fevereiro 6, 2008, disponível em <http://www.cienciaeprofissao.com.br/anais/detalhe.cfm?idTrabalho=1698>
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Dilthey, W. (2003). O Surgimento da hermenêutica. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 7 (2): 11-32.
- Eco, U. (1993). *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Figueiredo, L. C. (1994). A fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica "negativa". *Boletim de Novidades da Pulsional*, 57, 17-22.
- Figueiredo, L. C. (1995). *Matrizes do pensamento psicológico* (3ª ed.) Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, L. C. (1996) *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, L. C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Gadamer, H.-G. (1997). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes.
- Garcia-Roza, L. A. (1994). Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e Universidade*, 1, 9-32.
- Gomes, P. (2007). Psicanálise relacional contemporânea: uma nova maneira de trabalhar em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (4): 113-123.
- Hirsh Jr., E. D. (1967). *Validity in interpretation*. New Haven: Yale University Press.
- Laplanche, J. (1988). Interpretar com Freud. In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (pp.21-32). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1998). *Problemáticas I: a angústia* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (1994). Pesquisa teórica em psicanálise. *Psicanálise e Universidade*, 2, p.51-76.
- Mezan, R. (1998). O que significa pesquisa em psicanálise? In R. Mezan. *A sombra de Dom Juan e outros ensaios* (pp.85-118). São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2002). Sobre a epistemologia da psicanálise. In R. Mezan. *Interfaces da psicanálise* (pp.436-519). São Paulo: Companhia das Letras.
- Miller, J. H. (1995). *A ética da leitura: ensaios 1979-1989*. Rio de Janeiro: Imago.
- Oliveira, M. A. (1996). *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola.
- Phillips, J. (1991). Hermeneutics in psychoanalysis: review and reconsideration. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 14 (3): 371-424.
- Poltzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Unimep.
- Rapaport, D. (1982). *A estrutura da teoria psicanalítica: uma tentativa de sistematização*. São Paulo: Perspectiva.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rorty, R. (1993). A trajetória do pragmatista. In U. Eco (Org.), *Interpretação e superinterpretação* (pp.105-128). São Paulo: Martins Fontes.
- Schafer, R. (1976). *A new language for psychoanalysis*. New Haven: Yale University Press.
- Schleiermacher, F. D. E. (1999). *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Spence, D. (1982). *Narrative truth and historical truth: meaning and interpretation in psychoanalysis*. New York: Norton.
- Storolow, R. D., Orange, D. M., & Atwood, G. E. (2001). Horizontes do mundo da experiência: uma alternativa pós-cartesiana ao inconsciente freudiano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35 (1), 45-61.

Recebido em: 14/4/2008

Versão final reapresentada em: 6/3/2009

Aprovado em: 1/4/2009

# Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica<sup>1</sup>

## *Notes on qualitative research and empirical phenomenological research*

Celana Cardoso **ANDRADE**<sup>2</sup>

Adriano Furtado **HOLANDA**<sup>3</sup>

### Resumo

Este estudo visa apresentar, numa perspectiva teórica, a pesquisa qualitativa e o método fenomenológico, tomando por base o modelo empírico-compreensivo de Amedeo Giorgi. Na busca por minimizar as dificuldades encontradas na aplicação do método fenomenológico, no que concerne à grande variedade de interpretações, e explicitar como se constituem os resultados dessa prática de pesquisa, foi necessário esclarecer a natureza qualitativa da realidade investigada, o modelo de relação entre investigador-investigado e o modo como se obtiveram o conhecimento do problema e os aspectos intrinsecamente relacionados. Com o intuito de abranger esse conteúdo, o artigo dividiu-se em três partes. Foi feita, inicialmente, uma introdução sobre a pesquisa qualitativa; posteriormente, propôs-se discutir a fenomenologia e seus principais conceitos, e, na terceira parte deste artigo, foi estudado o método fenomenológico, em especial o modelo desenvolvido por Giorgi.

**Unitermos:** Fenomenologia. Métodos empíricos. Pesquisa qualitativa.

### Abstract

*This study addressed, from a theoretical perspective, qualitative research and the phenomenological method based on the empirical-comprehensive model of Amedeo Giorgi. In an effort to minimize the difficulties found when applying the phenomenological method, in terms of the great variety of interpretations and also in explaining the manner in which the results of this kind of research are constituted, it was necessary to clarify the qualitative nature of the situation under investigation, the investigator/investigatee relationship model and the way in which an awareness of the problem has been created, as well as the related, intrinsic aspects. With the aim of embracing all this content, this paper was divided into three parts. Firstly, an introduction into qualitative research was carried out. The second part proposed a discussion on Phenomenology and its main concepts and, in the third part of this paper, with regard to qualitative research, the phenomenological method was studied, in particular the model developed by Giorgi.*

**Uniterms:** Phenomenology. Empirical methods. Qualitative research.

▼▼▼▼

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da dissertação de C.C. ANDRADE, intitulada "A vivência do cliente no processo psicoterapêutico: um estudo fenomenológico na Gestalt-Terapia". Universidade Católica de Goiás, 2007.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia. R. 1138, 212, Setor Marista, 74180-170, Goiânia, GO, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: C.C. ANDRADE. E-mail: <celana@terra.com.br>.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Paraná, Departamento de Psicologia. Paraná, PR, Brasil.

O final da década de 1970 foi marcado por uma ampla discussão dos limites e possibilidades das diferentes posições assumidas ante o conhecimento psicológico. A emergência de novos problemas em sua construção e a ostensiva perda da influência do paradigma positivista contribuíram para uma reflexão crescente do processo de construção do conhecimento em psicologia. Propôs-se, então, a epistemologia qualitativa: uma teoria que busca a produção do conhecimento e a inteligibilidade do real (González Rey, 2003).

A proposta deste artigo é apresentar uma discussão sobre o sentido da pesquisa qualitativa a partir do olhar fenomenológico. Com o intuito de abarcar esse conteúdo, o artigo divide-se em três partes: uma introdução sobre a pesquisa qualitativa, que defende uma compreensão particular e, ao mesmo tempo, complexa do fenômeno estudado; uma discussão sobre a fenomenologia e seus principais conceitos numa perspectiva de entrelaçamento com a pesquisa qualitativa; e uma discussão sobre o método fenomenológico, tomando por base uma análise do modelo empírico-compreensivo proposto por Amedeo Giorgi.

### O contexto epistêmico da pesquisa qualitativa

Holanda (2002) assinala que a pesquisa qualitativa constituiu um significativo avanço para as ciências humanas e preencheu espaços que o modelo quantitativo não alcançava: “o espaço da interlocução com o humano, o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, o espaço de reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais” (p.156).

Os lugares ocupados pela pesquisa qualitativa permitem a busca da subjetividade, que se apresenta como um conjunto de processos “os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto” (González Rey, 2002, p. 51).

O trabalho com questões complexas não permite ao pesquisador uma definição exata e *a priori* dos caminhos da pesquisa. A flexibilidade no processo de condução é uma das características da pesquisa qualitativa. González Rey (2005) enfatiza: “tomar o novo como uma nova forma de saber preexistente é castrá-lo no

que tem de novidade” (p.18). Assim, o percurso da pesquisa depende do contexto em que está inserida, sem esquecer que o pesquisador exerce influência sobre a situação da pesquisa e é por ela também influenciado.

Essa complexidade também é marcada pela mútua influência entre pesquisador e pesquisado, pois ambos produzem pensamentos com base na sua posição diante do outro e de si mesmo, o que influencia o processo da pesquisa. Buber (1965; 1979; 1982) sustenta a ideia da influência mútua ao destacar, em grande parte de sua obra, que o humano se estabelece na relação ou, conforme sua própria terminologia, na esfera do *inter-humano*. Esse posicionamento corrobora as características da pesquisa qualitativa, em que se destaca a parceria pesquisador-pesquisado: uma singularidade que influencia o outro em um contexto específico.

Diante da participação ativa do pesquisador - característica da pesquisa qualitativa -, sua história e seu contexto cultural devem ser entendidos como elementos de grande significado na pesquisa, pois “marcam uma singularidade que é a expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo” (González Rey, 2002).

Outra característica fundamental da pesquisa qualitativa é, segundo Martins e Bicudo (2005), o fato de que a pesquisa qualitativa busca uma *compreensão* particular daquilo que estuda, já que o foco de sua atenção é dirigido para o específico, o individual, aspirando à compreensão dos fenômenos estudados que somente surgem quando situados.

Ao destacar essas características da pesquisa qualitativa, observa-se que são qualidades comuns a outros modelos de pesquisa em ciências humanas. Moustakas (1994) destaca o foco na experiência de totalidade, a busca de significados e essências da experiência - alcançados com base nas descrições da experiência singular do sujeito pesquisado - e o comprometimento do pesquisador e do pesquisado na expectativa de atingir a totalidade do fenômeno.

Nas várias modalidades de pesquisa qualitativa, pesquisador e sujeito são produtores de pensamento. A especificidade desse tipo de pesquisa refere-se à busca dos aspectos da realidade do sujeito, considerando que esses aspectos são apreendidos por *sujeitos* pesquisadores.

Essas características estão explicitadas nas considerações de González Rey (2002; 2005), que adverte que

o pesquisador deve estar aberto a mudar suas próprias ideias para facilitar a produção de conhecimentos, visto que a produção de teorias é um processo essencialmente qualitativo, pois o momento da pesquisa é considerado um momento de confrontação e desenvolvimento de novas teorias. Isso é corroborado pela literatura que aponta a pesquisa qualitativa como voltada para a descoberta e para a constituição de novos espaços de leitura de fenômenos da realidade (Bruns & Holanda, 2003; Gomes, 1998, Holanda, 2002; 2006; Martins & Bicudo, 2005).

A pesquisa busca manter uma relação constante entre quatro diretrizes: a teoria, o momento empírico, os instrumentos e o processo de construção e interpretação de informações com a produção de conhecimentos, em um desenvolvimento contínuo, estabelecido tanto pelo pesquisador como pelo pesquisado. Assim, a pesquisa qualitativa não corresponde somente a uma definição instrumental, ela é epistemológica e teórica e apoia-se em processos singulares de construção de conhecimento. O pesquisador que, em geral, focaliza simplesmente a diferença metodológica, distingue o qualitativo e o quantitativo somente no plano das técnicas (Amatuzzi, 1996; Bruns & Holanda, 2003; González Rey, 2002; Holanda, 2002; 2003a; 2006).

Ao buscar uma informação singular, o pesquisador retira a teoria de foco, aceitando o empírico como via de produção do conhecimento e possibilidade de construção de novas teorias, sobretudo em razão de a teoria representar um processo vivo em desenvolvimento e construção (Amatuzzi, 1996; 2003; Gomes, 1998; Holanda, 2002; 2006).

### A fenomenologia e a pesquisa qualitativa

A fenomenologia foi um dos movimentos filosóficos que, desde sua constituição, guardou relações de grande proximidade e interesse pela recém-criada psicologia (Dartigues, 2003; Forghieri, 1993; Holanda, 2002; Husserl, 1965; 1985; 1992; Moreira, 2002; Spiegelberg, 1972).

No contexto das discussões sobre a queda dos grandes sistemas filosóficos tradicionais na época (Dartigues, 2003), a fenomenologia buscou preencher o espaço deixado vazio pela filosofia especulativa, baseando-se nas ideias de Franz Brentano, que já propunha a

especificidade da conduta humana como fonte da subjetivação (Holanda, 2002; Maciel, 2003; Ramón, 2006). A perspectiva de Husserl ultrapassa a psicologia descritiva de Brentano quando, ao analisar a doutrina da intencionalidade, parte para sua investigação “na vivência de consciência como tal, e chega a uma análise profunda do conhecimento que ultrapassa os limites da Psicologia” (Forghieri, 1993, p.14).

Petrelli (2004) explicita que a fenomenologia é a ciência que se aplica ao estudo dos fenômenos: dos objetos, dos eventos e dos fatos da realidade. De acordo com o autor, ela oferece “uma verdade, em partes e em momentos, e nunca na sua transparência total, pois é a dúvida, e não a certeza, que nos motiva à busca incessante da verdade” (p.12). Faz-se necessário lembrar que “a verdade é um movimento em constituição, não um estado” (Moreira, 2004, p.449). A fenomenologia busca o retorno aos dados primordiais da experiência (Dartigues, 2003; Moustakas, 1994). Uma vez que os fenômenos são sempre anteriores às teorias e aos conceitos, o que é *dado* na percepção de uma coisa é sua aparência e as aparências são sempre aparência de alguma coisa. Conclui-se, portanto, que os fenômenos são primários e têm natureza própria.

Qualquer ciência que descreva aparências ou aparições faz fenomenologia (Abbagnano, 2003; Dartigues, 2003). De acordo com Cappi (2004, p.8), a fenomenologia “é um rigoroso olhar metodológico a respeito do real, é uma opção radical de percepção” a fim de desvelar significados, criar valores e assumir responsabilidades. Tudo que se oferece ao conhecimento humano pode ser chamado de realidade fenomênica. Com base nesses pressupostos, Merleau-Ponty (1999) define a fenomenologia como o estudo das essências e acrescenta que ela é uma filosofia que recoloca as essências na existência, reconstituindo a relação entre homem e mundo. É ainda uma “filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural” (p.1).

Convém discutirmos alguns conceitos fundamentais da fenomenologia para uma melhor compreensão do método fenomenológico na pesquisa.

### O retorno às coisas mesmas e a intencionalidade

A fenomenologia busca o conhecimento das essências. Para alcançar tal objetivo, Husserl (1965) pro-

põe retornar a um ponto de partida que seja, verdadeiramente, o primeiro, ou seja, um retorno às origens, à *coisa mesma*, tendo como dado a própria realidade. A máxima da fenomenologia de ir às *coisas mesmas* provoca uma nova experiência e um novo conhecimento.

Segundo Merleau-Ponty (1999), retornar às *coisas mesmas* é retornar ao mundo tal qual ele surge, anteriormente à consciência. Husserl (1992) assinala que a relação entre consciência e mundo é sempre intencional, havendo entre ambos uma correlação essencial. A consciência intencional possibilita que o mundo apareça como fenômeno, como significação, evidenciando que a saída de si para um mundo tem uma significação para ele (Bicudo, 2000; Dartigues, 2003; Forghieri, 1993; Holanda, 2002; Martins & Bicudo, 2005; Merleau-Ponty, 1999).

Nessa perspectiva, Giorgi (1978) faz uma reflexão sobre o que é consciência para o pesquisador na tradição fenomenológica; ele indica, inicialmente, que a consciência deva ser considerada sempre associada, em geral, aos conceitos de intencionalidade, sentido e existência, e define o termo consciência indo além da relação cognitiva de sujeito e objeto, como uma relação existencial do sujeito com o seu mundo, sendo "existência" o modo pelo qual o sujeito se posiciona diante da vida. A exploração do campo de consciência e dos modos de relação com o objeto delimita o que se tornará o campo de análise da fenomenologia de Husserl.

### **A redução fenomenológica e a intuição das essências**

A redução é o recurso usado pela fenomenologia para chegar à essência do fenômeno, tornando-o compreensível e legitimando-o cientificamente. O primeiro passo para que isso aconteça é a mudança da "atitude natural" para a "atitude fenomenológica". Como explicita Forghieri (1993), essa mudança de atitude permite visualizar o mundo do sujeito como fenômeno "ou como constituinte de uma totalidade, no seio da qual o mundo e o sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações" (p.15). O pesquisador somente alcança o fenômeno em si se consegue *pôr fora de circuito* o conhecimento do mundo (Husserl, 1985).

Nessa perspectiva, o pesquisador fenomenólogo coloca-se em posição orientada para a descoberta, ou

seja, põe-se aberto para qualquer tipo de conteúdo ou tema que venha a emergir na sua pesquisa. Em decorrência disso, é comum a pesquisa fenomenológica alcançar resultados novos, totalmente imprevisíveis, pois está aberta ao novo e às possibilidades criativas de compreensão do objeto de estudo.

A redução fenomenológica consiste, então, "numa profunda reflexão que nos revele os preconceitos em nós estabelecidos e nos leve a transformar este condicionamento consciente, sem jamais negar a sua existência" (Merleau-Ponty, 1973, p.22). No entanto Merleau-Ponty (1999) esclarece: "O maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa" (p.10). Como na redução, que nunca se completa, o pesquisador também não consegue, no absoluto, deixar de lado suas hipóteses ao pesquisar o fenômeno. Como assinala Moreira (2004), nos resultados, o pesquisador *sai do parêntese* e volta a olhar para a sua *hipótese*, assume-se integralmente como pesquisador mundano, dialogando com os resultados da pesquisa e, sobretudo, posicionando-se diante dos resultados.

De forma semelhante, Forghieri (1993) faz uma reflexão importante sobre a redução fenomenológica no campo da psicologia ao propor dois momentos inter-relacionados e reversíveis da redução: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo. A autora sintetiza que a redução "inicia-se com o retorno do pesquisador à vivência e sua penetração na mesma; prossegue com o distanciamento reflexivo que consiste na reflexão sobre a vivência e na enunciação de seu significado para a pessoa que a experiência" (p.60).

Com base na redução fenomenológica, Husserl (2000) orienta sua pesquisa para as essências, pois a fenomenologia tem como tarefa elucidar as essências. É pela redução fenomenológica que se chega às essências *invariantes*, constitutivas da realidade. Petrelli (2004) resgata que a redução fenomenológica é "conduzida pela consciência com um instrumento que Husserl indica com o termo de 'intencionalidade', caracterizando, assim, a essência da própria consciência" (p.19).

Husserl (2000) aponta que as essências representam as unidades básicas do entendimento comum de qualquer fenômeno, aquilo sem o qual o próprio fenômeno não pode ser concebido. Essência é aquilo

que é inerente ao fenômeno. A intuição da essência é “a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo” (Dartigues, 2003, p.15). A essência permite identificar o fenômeno.

Merleau-Ponty (1999) dá um passo adiante ao esclarecer que a fenomenologia busca as essências na existência, visto que o mundo está sempre *aí*, antes da reflexão. Não se pode pensar a essência desvinculada do mundo.

Em virtude da constante busca de vinculação entre essência e mundo, Creswell (1998) mostra que é tarefa dos pesquisadores buscar a essência da experiência e enfatizar a intencionalidade da consciência. A análise fenomenológica dos dados realiza-se por intermédio da metodologia da redução, da análise de afirmações e temas específicos e da busca de todos os significados possíveis. Para tanto, o pesquisador deve suspender seus *a priori* e se apoiar no que surgirá da experiência pesquisador-pesquisado.

### **O mundo-da-vida**

O método fenomenológico é a *descrição das experiências vividas* pelos sujeitos pesquisados sobre um determinado fenômeno com o objetivo de buscar sua estrutura essencial (Creswell, 1998). E todo o universo da ciência está construído sobre o *mundo-da-vida* - o *Lebenswelt*, na denominação husserliana -, sendo a ciência uma expressão segunda, ao passo que a experiência do mundo é a sua expressão primeira.

Gadamer (1998) retrata o conceito fenomenológico de mundo-da-vida, desenvolvido por Husserl, como aquele em que o homem adentra simplesmente por viver a atitude natural e que significa o solo prévio de toda experiência. O mundo-da-vida é mais originário que a ciência, estando essencialmente vinculado à subjetividade. É um conceito que se deixa formular com sentido na experiência histórica, pois parte da vasta progressão dos mundos humano-históricos, e não de um *mundo que é*. O mundo-da-vida é, enfim, a totalidade em que o homem vive como ser histórico, é um mundo pessoal que se fundamenta na copresença de outros mundos.

Para Martins e Bicudo (2005), a pesquisa fenomenológica está relacionada diretamente à ideia do

*mundo-da-vida*, que é o mundo do pré-reflexivo. Os autores confirmam que o sustentáculo de qualquer relação de vivido é o *estar-no-mundo*, sendo o mundo em que se está, esse mundo real, o mundo do pré-reflexivo.

A experiência do *vivido* somente pode ser alcançada pelo próprio sujeito de forma imediata, pois o sentido é particular para quem o vive e está ligado à forma da pessoa existir no mundo (Forghieri, 1993). Esse é o motivo pelo qual o *mundo-da-vida* precisa ser percebido e descrito em vez de ser interpretado ou julgado. A descrição possibilita resgatar o vivido com base no retorno da sua percepção ao momento imediato. O vivido, uma vez vivido, somente retorna pela memória - por meio de uma resignificação ou resgate -, que é viver novamente no presente (Holanda, 2002; 2003a; 2003b).

O mundo vivido, portanto, propicia ao pesquisador ir além do conteúdo meramente intelectual e alcançar o conteúdo afetivo-emocional, que é específico para uma determinada pessoa ou grupo. Amatuzzi (2006) esclarece, nesse ponto, a diferença entre a ciência que se refere a um conhecimento objetivo - cercada de todas as garantias de segurança e isenta de qualquer subjetividade - e a que intenciona a consciência da experiência, que é o conhecimento de um saber. Na ciência, todo o campo de conhecimento é preenchido pelo objeto; na consciência, é enfatizada a relação pesquisador-pesquisado, ambos presentes no campo e capazes de alterá-lo. A fenomenologia administra o *em-si* e o *para-si* da relação sujeito-objeto e o *para-outrem*.

Gomes (1997) ressalta que a pesquisa fenomenológica estuda a vivência como experiência consciente. O autor constata que a experiência consciente do mundo vivido se esclarece tendo em vista a significação dos acontecimentos que a constituem, pois contém os entrelaçamentos inextrincáveis do eu com o outro e com o mundo. “A experiência consciente é um ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente. A mensagem que expressa traz a peculiaridade de um mundo vivido”, declara Gomes (1997, p.320).

### **O método fenomenológico em pesquisa**

Amatuzzi (1996) afirma que a pesquisa fenomenológica é uma forma de pesquisa qualitativa que “designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou

qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência” (p.5).

O método fenomenológico, segundo Holanda (2002; 2003b), deve buscar acessar a essência do fenômeno estudado, o que pode ser alcançado a partir dos três elementos fundamentais da fenomenologia. O primeiro elemento é a *redução fenomenológica*, que possibilita acessar a verdade do sujeito. O segundo elemento é a *intersubjetividade*, que é a relação estabelecida entre o *sujeito-pesquisador* e o *sujeito-pesquisado* - duas histórias próprias que se encontram para compreender um fenômeno. O terceiro elemento é o *retorno ao vivido*, no qual o sujeito-pesquisado retoma sua história.

O interesse das investigações é captar o mundo vivido que não é, necessariamente, *sabido* de antemão, mas que no ato da relação pessoal, dada a oportunidade de expressão, é acessado (Amatuzzi, 2003).

O método fenomenológico apresenta-se à psicologia como um recurso apropriado para pesquisar o mundo vivido do sujeito com a finalidade de investigar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinada situação, com o intuito de buscar a estrutura essencial ou invariante do fenômeno. Segundo Amatuzzi (2003), o método fenomenológico pretende apreender o que acontece por meio do clareamento do fenômeno, construindo, assim, a compreensão de algo.

O pensamento fenomenológico, entretanto, enfrenta muitas dificuldades em sua comunicação e interpretação. Uma delas é que, ao longo da obra de Husserl (1965; 1985; 1992; 2000), as ideias foram evoluindo e ganhando novos contornos. Um segundo problema está no fato de podermos delimitar diversos modos de pensar a fenomenologia ou, até mesmo, segundo alguns autores (Giorgi, 1985; 2006; Holanda, 2002), falar de diversas “fenomenologias” com ênfases específicas. Para isso, basta notarmos que, historicamente, vários grupos foram se formando ao redor de Husserl e alguns desses grupos ganharam independência do mentor, como foi o caso do grupo de Göttingen, que não seguiu a linha do idealismo transcendental das *Ideen* ou mesmo do desenvolvimento de filosofias autônomas, como encontramos em Scheler ou Merleau-Ponty (Giorgi, 1985, 2006; Holanda, 2002; Mohanty, 1996; Morujão, 1990).

Creswell (1998) segue uma trajetória semelhante ao afirmar que o uso do método fenomenológico pode ser desafiador. Além de o pesquisador precisar de uma

consistente base - no tocante aos princípios filosóficos da fenomenologia -, os colaboradores no estudo necessitam ser cuidadosamente escolhidos por serem indivíduos que experienciam o fenômeno. Outro desafio é o pesquisador suspender as experiências pessoais, um objetivo sempre presente e nunca alcançado em sua plenitude. Um quarto desafio é a decisão sobre a forma como suas experiências pessoais serão introduzidas no estudo.

Ao mesmo tempo em que o método fenomenológico enfrenta dificuldades e desafios, ele propicia um caminho coerente e sólido tão importante na pesquisa em psicologia. Martins e Bicudo (2005) referem-se ao método fenomenológico como uma descrição exaustiva do fenômeno. Pode-se comparar o trabalho do fenomenólogo ao de um jornalista que investiga a natureza de um fenômeno, interrogando-o (Martins & Bicudo, 2005).

A premissa que consiste em interrogar o fenômeno como se ele estivesse sendo observado pela primeira vez direciona a maneira pela qual o pesquisador irá inserir-se na pesquisa. Para chegar à experiência vivida do sujeito, é necessário que o pesquisador procure colocar “entre parênteses” os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre o objeto investigado. É por isso que o método fenomenológico não prescinde das hipóteses; embora a pesquisa necessite ter uma direção, ela não se deixa conduzir por um caminho já conhecido, pois se trata de direções rígidas e previamente fixadas.

A tentação do pesquisador de dirigir suas análises com bases em hipóteses rígidas pode levá-lo ao grande perigo de a pesquisa não produzir nenhum conhecimento significativo. As metas pré-fixadas e as expectativas do pesquisador podem direcionar o andamento da pesquisa (González Rey, 2005; Petrelli, 2004). Qual pesquisador não se sente gratificado quando, ao final da pesquisa, os resultados confirmam as hipóteses, mesmo que suspensas? Na concepção de Petrelli (2004), o método fenomenológico não rejeita hipóteses, mas as suspende num primeiro momento e as recupera *a posteriori*, numa postura dialética.

A suspensão dos conceitos é o primeiro momento do processo. Essa redução chamada *teorética* consiste em eliminar qualquer construto conceitual, ou seja, reter o *saber acumulado* (Petrelli, 2004). A *redução teorética* é necessária, pois a fenomenologia deve garantir à ciência sua própria pureza ao buscar a dimensão ética, não manipuladora da realidade.

Um dos recursos amplamente utilizados para alcançar a compreensão do fenômeno, da realidade estudada, é a entrevista, na qual o pesquisador pode explorar a experiência vivida e o sentido que o mundo vivido tem para o entrevistado ou entrevistados, e perceber como diferentes sujeitos experienciam certa condição comum a eles.

Os sujeitos são chamados por AmatuZZi (2003) de *colaboradores*, pois o autor entende que a pesquisa fenomenológica não lida com sujeitos que forneçam informações, mas colaboradores que, juntos, tratam do assunto. Parte-se do pressuposto metodológico de que o colaborador é quem melhor sabe de sua experiência, ao passo que o pesquisador se propõe a aprender com quem já vivenciou ou vivencia a experiência sobre a qual ele quer aprimorar seus conhecimentos (Moreira, 2004). Nessa troca, ambos saem transformados.

O comprometimento de ambas as partes, segundo González Rey (2005), é fundamental para alcançar o objetivo da pesquisa, mas algumas dificuldades podem surgir: o medo de a pessoa entrar em contato com feridas ainda abertas, o temor de conversar sobre intimidades, o confronto de seus valores, a não confiança no pesquisador, o desinteresse pela pesquisa, dentre outros. Qualquer impasse na entrevista precisa ser esclarecido para que o processo de conhecimento continue, sob pena de se perderem o compromisso e a cumplicidade.

O método fenomenológico de pesquisa em psicologia é apresentado no singular, apesar de ele não se constituir de um só modelo e de haver aspectos que são comuns a qualquer método fenomenológico. Moreira (2004), no entanto, destaca que existem características e nuances específicas da fenomenologia de cada uma das grandes vertentes desse movimento. Essas diferenças advêm da sua própria diversidade.

Por existirem várias e não uma única forma de apreensão da fenomenologia (como se pode exemplificar, na Filosofia, por intermédio dos pensamentos de Sartre, Merleau-Ponty, Scheler e outros), a metodologia fenomenológica de pesquisa em psicologia sofre variações de acordo com o pensamento filosófico que a sustenta, apesar de todas terem um eixo comum: a busca do significado da experiência. Neste estudo, a fenomenologia tem sido abordada de acordo com os fundamentos de Edmund Husserl e alguns seguidores.

Gomes (1997), um dos grandes estudiosos brasileiros da fenomenologia, faz uma breve exposição do

método fenomenológico e revela que se baseou em estudos de Kockelmans e de Husserl. Para o uso do método fenomenológico, Gomes (1997) estabelece três passos reflexivos que permitem o estudo da experiência consciente por meio do estudo e transcrição de entrevistas: *descrição fenomenológica, redução fenomenológica e interpretação fenomenológica*.

O primeiro passo do método fenomenológico de Gomes (1997) sugere a descrição do objeto da experiência com base no material empírico colhido na entrevista. A descrição deve ser feita como se o pesquisador tivesse acesso ao fenômeno pela primeira vez. Para tanto, suspende-se o que já é conhecido pelo pesquisador e interroga-se o objeto como se absolutamente nada se soubesse a seu respeito. No entanto, da mesma forma que não é possível colocar a experiência entre parênteses por completo, a descrição também não é completa (Dias & Gomes, 1999; Gomes, 1997; Merleau-Ponty, 1999).

Concluída a descrição, passa-se ao segundo passo: a exploração exaustiva do material descrito. É um retorno à descrição para questioná-la, especificando suas partes temáticas, evidenciando o que é essencial à identificação do objeto. Uma vez identificado o essencial, retorna-se às entrevistas para localizar novos subsídios que confirmem, ou não, a relevância da parte escolhida. Conclui-se o segundo passo com a preparação de uma nova descrição, que acaba sendo uma nova consciência do objeto da experiência. Nessa fase, define-se o objeto e fazem-se as distinções entre o essencial e o não essencial (Dias & Gomes, 1999; Gomes, 1997).

No terceiro passo, revela-se a intencionalidade da consciência para aquele determinado objeto da experiência, ou seja, o sentido que aquele objeto assume para a consciência. Husserl procurava nesse último passo do seu método um eu submerso na experiência. A investigação chega ao fim com o reconhecimento da intencionalidade do outro. A interpretação caracteriza-se como indicação de possibilidades e não como generalização de achados do fenômeno investigado (Dias & Gomes, 1999; Gomes, 1997).

Cada passo inclui os demais. Gomes (1997) exemplifica essa afirmação ao esclarecer: “a redação da descrição, primeira etapa do método, é composta da redução e da interpretação porque envolve necessariamente escolhas do pesquisador” (p. 328). O autor, de forma muito clara, resume as etapas do método fenomenológico:

Inicialmente, têm-se os dados brutos constituídos pelos protocolos de entrevista. Neste momento, este conjunto de protocolos funciona como uma descrição bruta. A tarefa de questionamento destes protocolos e a organização deste material em unidades compreensivas é, então, a redução. A redação de um texto final é a interpretação (p.328).

Para Gomes (1997), esses três passos são tecnicamente realizados com as entrevistas, as transcrições, as definições de unidades mínimas de sentido, a elaboração de sínteses descritivas de cada entrevista e a definição das grandes categorias, passos semelhantes aos descritos por Giorgi (1985).

Petrelli (2004) sugere um quarto passo ou momento desse itinerário investigativo, quando o pesquisador articula os dados relativos ao fenômeno em estudo, os dados da eidética universal e os da eidética individualizante e determinante do objeto. Nesse momento, o fenomenólogo compara o novo conhecimento com os conhecimentos antecedentes concomitantes. Teorias caem, teorias mantêm-se e novas teorias podem surgir. Forghieri (1993) assinala que “os cientistas em geral almejam com suas investigações conseguir captar e enunciar o verdadeiro significado da realidade” (p.57).

Apresentaremos sucintamente a perspectiva de Giorgi (1985), que tem sido muito utilizada por pesquisadores qualitativos e que proporciona uma sistemática transparente de trabalho, pois sua proposta indica e contextualiza as escolhas do pesquisador. Na psicologia, Amedeo Giorgi tem sido considerado um importante representante do método fenomenológico (Gomes, 1997; Holanda, 2002; Moreira, 2002).

### Um modelo fenomenológico: Amedeo Giorgi

Amedeo Giorgi coordenou, durante muito tempo, na *University of Duquesne*, um grupo de pesquisas de orientação fenomenológica e elaborou passos bem detalhados para um trabalho fenomenológico. Seu modelo é comumente descrito como uma *fenomenologia empírica* ou *fenomenologia experimental*, e constitui o desdobramento dos estudos pioneiros de Adrian Van Kaam, na década de 1950, com a “pesquisa empírico-fenomenológica” (Amatuzzi, 1996; Gomes, 1998; Holanda, 2002; 2003a; Moustakas, 1994).

O modelo da “fenomenologia empírica” em psicologia costuma estar associado ao pioneirismo de Adrian van Kaam, a partir de seu trabalho intitulado

*Phenomenal Analysis: Exemplified by a Study of the Experience of 'Really Feeling Understood'*, publicado em 1959 (van Kaam, 1959). Posteriormente, outros pesquisadores depuraram esse modelo, desenvolvendo novas perspectivas, como encontramos em Colaizzi (1978), Sanders (1982) ou Davidson (1992). Todavia quem melhor elaborou esse modelo foi Amedeo Giorgi.

A proposta de Giorgi (1985) lida com as descrições de depoimentos, relatos ou entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno segundo quatro passos, que serão discutidos a seguir.

*O sentido do todo*, primeiro passo apresentado por Giorgi (1985), corresponde à leitura de toda a descrição a fim de alcançar o sentido geral do todo. Para tanto, é necessário compreender a linguagem de quem descreve sem qualquer tentativa de identificar as unidades significativas. O senso geral obtido é a base para o passo seguinte.

O segundo passo é a *discriminação de unidades significativas com base em uma perspectiva psicológica e focada no fenômeno que é pesquisado*. Após ter sido apreendido o sentido do todo, o pesquisador faz a releitura do texto - tantas vezes quanto necessárias - com o objetivo de discriminar as unidades significativas na perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado. Esse passo é necessário, pois não se pode analisar um texto inteiro simultaneamente, devendo-se quebrá-lo em unidades significativas, que emergem sempre que se percebe uma mudança psicologicamente sensível de significado da situação para o sujeito. As discriminações são espontaneamente percebidas dentre as descrições do sujeito e são alcançadas quando o pesquisador assume uma atitude psicológica em relação à descrição concreta. Nesse passo, a linguagem do sujeito quase não é mudada. É essencial para o método que as discriminações ocorram primeiro para serem interrogadas mais adiante - no próximo passo -, e que elas sejam feitas espontaneamente, mesmo sendo uma espontaneidade disciplinada.

As unidades de significado não existem soltas, mas em relação à perspectiva adotada pelo pesquisador (Holanda, 2002). Essas unidades são constitutivas do texto e não apenas elementos isolados. A realidade psicológica não está pronta no mundo, ela precisa ser constituída pelo psicólogo, sempre lembrando que o mundo cotidiano é mais rico e mais complexo do que a perspectiva psicológica, tanto que vários pesquisadores podem analisar de maneira diferente o mesmo conjunto de dados.

O contexto da descoberta da pesquisa é constituído na relação. Assim, as unidades significativas não existem no texto como tais, mas apenas em relação a atitudes e cenários do pesquisador, e, por esse motivo, o que se destaca depende muito da perspectiva do pesquisador.

O terceiro passo é configurado pela *transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica com ênfase no fenômeno que está sendo investigado*. Uma vez que as *unidades significativas* foram delineadas, o pesquisador, então, passa por todas elas e expressa o *sentido psicológico* nelas contido. É a transformação da linguagem do dia a dia do sujeito em linguagem psicológica apropriada, com ênfase no fenômeno em estudo.

É possível alcançar esse objetivo por meio de uma ampla interrogação do texto, com o intuito de verificar o que exatamente o narrador quis expressar com seus termos. Giorgi (1985) alerta que o maior obstáculo para esse processo é ainda não existir uma linguagem psicológica consensual estabelecida. Diante dessa dispersão, a melhor alternativa é usar a linguagem do senso comum, esclarecida pela perspectiva fenomenológica. Esse passo tem o propósito de chegar às categorias, passando por expressões concretas.

O último passo do método fenomenológico apresentado por Giorgi (1985) busca a *síntese das unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado*. Finalmente, o pesquisador propõe que se sintetizem todas as unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da significação psicológica dos fenômenos observados em relação à experiência do sujeito e denomina essa síntese de *estrutura da experiência*.

Para realizar tal tarefa, o pesquisador deve reagrupar os constitutivos relevantes para chegar a uma análise da estrutura do fenômeno. Todas as unidades de significado transformadas devem ser consideradas. O critério aconselhável a ser seguido é o de que todas as unidades transformadas estejam, pelo menos implicitamente, contidas na descrição geral. A estrutura da experiência deve, então, ser comunicada a outros pesquisadores com o propósito de confirmação ou de crítica.

O modelo de Giorgi expressa muito bem as possibilidades que o método fenomenológico tem de acesso ao mundo vivido. Pretende-se, com isso, apontar para o fato de que a fenomenologia, como fundamento

teórico e metodológico, mostra-se um modelo adequado às ciências humanas, sociais e da saúde quando elas tomam o sujeito em seu contexto de vivência e o homem como protagonista.

## Considerações Finais

Um dos objetivos desse trabalho foi apresentar o modelo de pesquisa qualitativa como possibilidade de acesso e leitura científica da realidade psicológica. Dentro dessa perspectiva, o modelo empírico-fenomenológico surge como uma alternativa viável por aliar a objetividade na coleta e análise de dados à apreensão da realidade subjetiva tanto da parte do pesquisador quanto da do colaborador.

A pesquisa qualitativa vem sendo cada vez mais utilizada no contexto acadêmico e representa o resgate dos processos de subjetivação no âmbito da ciência. No esteio das propostas de constituição das “ciências do espírito”, o desenvolvimento das modernas ciências humanas e sociais - que incluem, fundamentalmente, a antropologia, a sociologia e a psicologia - demanda sucessivas revisões de seus campos epistemológicos e igualmente de suas estruturas de pesquisa, compatíveis com os modos de subjetivação. Nesse contexto se enquadra o modo de se fazer pesquisa dito “qualitativo”, e, no processo de construção desses novos modos de pesquisa - a realidade subjetiva -, a proposta da fenomenologia surge como uma excepcional perspectiva de olhar o fenômeno humano no sentido da descoberta e desvelamento desse particular fenômeno da realidade.

## Referências

- Abbagnano, N. (2003). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 13 (1), 5-10.
- Amatuzzi, M. M. (2003). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In M. A. Toledo Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp.17-16). Campinas: Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, 93-97.
- Bicudo, M. A. (2000). *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez.
- Bruns, M. A. T., & Holanda, A. F. (2003) (Orgs.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea.

- Buber, M. (1965). *Between man and man*. New York: MacMillan Paperbacks.
- Buber, M. (1979). *Eu e tu*. São Paulo: Moraes.
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- Cappi, A. (2004). Apresentação. In R. Petrelli. *Fenomenologia: teoria, método e prática* (pp.7-8). Goiânia: Editora UCG.
- Colaizzi, P. F. (1978). Psychological research as the phenomenologist views it. In R. S. Valle & M. King (Eds.), *Existential phenomenological alternatives for psychology* (pp.48-71). New York: Oxford University Press.
- Creswell, J. (1998). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand Oaks: Sage.
- Dartigues, A. (2003). *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Centauro.
- Davidson, L. (1992). Developing an empirical-phenomenological approach to schizophrenia research. *Journal of Phenomenological Psychology*, 23 (1), 3-15.
- Dias, A. C., & Gomes, W. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 4 (1), 79-106.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia fenomenológica*. São Paulo: Pioneira
- Gadamer, H-G. (1998). *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes.
- Giorgi, A. (1978). *Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Org.), *Phenomenology and psychological research* (pp.8-22). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. (2006). Difficulties encountered in the application of the phenomenological method in the social sciences. *Análise Psicológica*, 24(3), 353-361. Recuperado em agosto 20, 2007, disponível em [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300009&lng=pt&nrm=iso)
- Gomes, W. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8 (2), 305-336.
- Gomes, W. (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: UFRGS.
- González Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- González Rey, F. (2003). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo: Thomson.
- Holanda, A. (2002). *O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia*. Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Holanda, A. (2003a). Fundamentação fenomenológica da pesquisa no vivido. In I. Costa, A. F. Holanda, F. Martins & M. I. Tafuri (Orgs.), *Ética, linguagem e sofrimento* (pp.171-183). Brasília: Abrafipp.
- Holanda, A. (2003b). Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In M. A. Toledo Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp.35-56). Campinas: Alínea.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24 (3), 363-372.
- Husserl, E. (1965). *A filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: Atlântida.
- Husserl, E. (1985). *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures*. Paris: Gallimard.
- Husserl, E. (1992). *Conferências de Paris*. Lisboa: Edições 70.
- Husserl, E. (2000). *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Maciel, J. C. (2003). Franz Clemens Brentano e a psicologia. In A. F. Holanda & M. A. T. Bruns (Orgs.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp.27-39). Campinas: Alínea.
- Martins, J., & Bicudo, M. (2005). *A pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Centauro.
- Merleau-Ponty, M. (1973). *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mohanty, J. N. (1996). The development of Husserl's thought. In B. Smith & D. W. Smith. *The Cambridge companion to Husserl* (pp.45-77). Cambridge: Cambridge University Press.
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira-Thomson.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 447-456.
- Morujão, A. F. (1990). Escola fenomenológica. In *Logos: -enciclopédia luso-brasileira de filosofia*. Lisboa: Verbo.
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Petrelli, R. (2004). *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: UCG.
- Ramón, S. P. (2006). A importância da act-psychology de Franz Brentano. *Psicología, Reflexão e Crítica* 19 (2), 340-345, Retrieve in Aug 19, 2007, available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722006000200021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200021&lng=pt&nrm=iso)
- Sanders, P. (1982). Phenomenology: a new way of viewing organizational research. *Academy of Management Review*, 7 (3), 353-360.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry: a historical introduction*. Evanston: Northwestern University Press.
- van Kaam, A. L. (1959). Phenomenal analysis: exemplified by a study of the experience of 'really feeling understood'. *Journal of Individual Psychology*, 15 (1), 66-72.

Recebido em 4/12/2007

Versão final reapresentada em 31/10/2008

Aprovado em: 27/11/2008

# Resenha

## Leitura oral<sup>1</sup>

### *Oral reading*

Geraldina Porto **WITTER**<sup>2</sup>

A leitura oral é possivelmente a mais antiga forma de ensino e de avaliação da leitura, mas pouco se aperfeiçoou ao longo dos séculos. Todavia, com os avanços ocorridos na área nos últimos vinte anos do século passado, surgiram várias estratégias de leitura em voz alta que atendem a objetivos distintos do processo ensino-aprendizagem. Hoje há uma ampla variedade de estratégias - tanto para trabalhar com a língua materna como com uma segunda língua - testadas quanto à eficiência e à validade em várias circunstâncias, mas que permanecem quase ignoradas em muitos países, como o Brasil, onde deveriam ser adaptadas e pesquisadas nas realidades educacionais disponíveis.

O livro de Hickman e Pollard-Duradola é muito útil para difundir estratégias cientificamente testadas para o desenvolvimento de competências de linguagem e leitura no ensino fundamental. Peggy Hickman leciona na Arcádia *University* em Glenside (Pensilvânia, USA), tem dois mestrados na área (*University of Vermont* e *University of Texas*) e doutorado em educação multicultural na *University of Texas* (Austin, USA). Sharyn Pollard-Duradola trabalha na *Texas A.&M. University*, fez um mestrado na *Columbia University* e outro na *City University of New York*, e doutorado na última universidade. Também leciona na *Texas A. & M. University*.

A obra compreende um prefácio, cinco capítulos e um apêndice. No prefácio, são apresentados os objetivos de levar aos docentes estratégias cientificamente testadas e que promovam o desenvolvimento da linguagem e da leitura em alunos do ensino primário - conforme denominação usada no país -, preocupação de grande relevância uma vez que há uma grande variação cultural e de origens linguísticas no país: 32 milhões de estrangeiros vivem legalmente nos USA. As tecnologias apresentadas são decorrentes de pesquisas experimentais realizadas pelas autoras, com síntese e adendos acrescidos no apêndice.

O primeiro capítulo faz uma síntese das pesquisas que abordam as necessidades de alunos do primário que aprendem inglês como segunda língua. O enfoque busca estabelecer relações culturais e aproximar as experiências do ler no lar e na escola. Destaca-se a importância de avaliar e desenvolver a proficiência em linguagem. Para as estratégias de leitura oral, são definidos três eixos que requerem procedimentos específicos de leitura oral no ensino fundamental: pré-produção, produção inicial e fluência intermediária e avançada. Além dos textos referidos, ao final de cada capítulo o leitor encontra sugestões de leituras complementares.

O capítulo seguinte enfoca o planejamento do uso das estratégias de leitura, o que requer a formação

▼▼▼▼▼

<sup>1</sup> Hickman, P., & Pollard-Durodola, S. D. (2009). *Dynamic read-aloud strategies for English learners*. Newark, DE: IRA.

<sup>2</sup> Unicastelo, Pró-Reitoria de Pós-Graduação. R. Carolina Fonseca, 584, 08230-230, Itaquera, SP, Brasil. E-mail: <gwitter@uol.com.br>.

de grupos, seleção de textos e definição do conteúdo a ser conhecido. As boas estratégias requerem o planejamento para grupos pequenos, escolha cuidadosa de texto significativo e um nível adequado de complexidade, escolha criteriosa do vocabulário, uso apropriado da entonação como técnica de ensino, incorporação de imagens de vários tipos, técnicas para encorajar os alunos e oferecimento de oportunidades para participação ativa nas conversações.

O capítulo seguinte apresenta estratégias de envolvimento ativo do aluno com o vocabulário. São trabalhados os aspectos implícitos e explícitos dos vocábulos; a exposição sistemática e acidental; a participação em discurso sobre o vocábulo; a repetição de seu significado; o envolvimento ativo em atividades que promovam o uso de vocábulos de forma significativa; o ensino explícito e implícito de novas palavras; as repetições de leitura oral de histórias; as repetidas e múltiplas exposições às palavras em contextos diferentes e a antecipação do ensino do vocábulo antes da leitura oral.

Em seguida, as autoras tratam do ouvir como uma estratégia de mediação na ocorrência da compreensão e descrevem quatro tipos de compreensão via ouvir: *discriminativa*, cujo propósito é distinguir os sons (inclui consciência fonêmica, ritmo dos vocábulos, reconhecer diferenças e semelhanças e movimentação de língua e lábios); *estética*, que têm por alvo o ouvir - história e poema - por prazer e satisfação; *eferente*, que tem por meta ouvir e compreender a mensagem e *crítica*, que avalia as mensagens.

O último capítulo é uma orientação para juntar em uma só atividade todos os aspectos considerados anteriormente. Para tanto, é necessário considerar no planejamento estratégias específicas, não esquecer as várias sequências e objetivos recomendados ao longo do livro. Apresentam sínteses de planejamentos diários, exemplo de lições com alunos e de trabalhos integrados com a família.

Em todos os capítulos, há quadros ilustrativos que fazem síntese do exposto no texto e de exemplos que enriquecem a matéria. O discurso é claro e cuidadoso nas suas proposições. A bibliografia é marcadamente atual e tem por suporte predominante os periódicos. Como há a citação de várias obras literárias, optou-se por apresentar em separado suas referências. Um índice de autores e conteúdos auxilia na consulta remissiva ao texto. Trata-se de obra útil e sugestiva quanto ao ensino-aprendizagem e à pesquisa na área. Seria particularmente útil pesquisar a matéria no contexto educacional brasileiro. São propostas validadas que permanecem desconhecidas no Brasil e não constam da formação de seus professores.

Trata-se de texto de grande valia para psicólogos escolares, para pesquisadores e docentes que assumem a tarefa de ensinar e de desenvolver as competências em leitura. Vale destacar que o livro tem sugestões ricas de tópicos carentes de pesquisa no Brasil que poderiam resultar em dissertações e teses com potencial para mudanças reais no ensino da leitura.

Recebido em: 4/8/2009

# Instruções aos Autores

Estudos de Psicologia é uma revista trimestral do programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Fundada em 1983, é classificada na lista Qualis como A2 e está indexada nas bases de dados nacionais e internacionais SciELO, Lilacs, Latindex, Scopus, Clase, PsycINFO e Index Psi.

## Tipos de trabalhos aceitos pela revista Estudos de Psicologia

Estudos de Psicologia incentiva contribuições da comunidade científica nacional e internacional, e é distribuída a leitores de todo o Brasil e de vários outros países. Para garantir a abrangência nacional e internacional dos trabalhos, objetiva-se que o número de artigos de autores de instituições do estado de São Paulo corresponda até 40% do total, e o restante destine-se preferencialmente aos trabalhos de autores de outros estados e regiões do país ou do exterior.

Aceita-se trabalhos originais de todos os tipos de pesquisas, em qualquer área da Psicologia, com objetivo de promover e divulgar o conhecimento científico e técnico nas áreas da Psicologia bem como discutir o significado de práticas tanto no campo profissional como no da pesquisa através de publicações de originais nas seguintes categorias:

- Relato de pesquisa: artigos originais baseados em dados empíricos, com no máximo vinte laudas, incluindo tabelas, figuras, quadros e referências;
- Artigo de revisão: revisão crítica da literatura sobre temas pertinentes à psicologia, levando ao questionamento de modelos existentes e à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas, com no máximo vinte laudas, incluindo tabelas, figuras, quadros e referências;
- Artigo clínico, estudo de caso: artigos interessantes e que apresentem alguma originalidade. Deverão mostrar aspectos clínicos, laboratoriais e evolutivos de interesse, com no máximo quinze laudas, incluindo tabelas, figuras, quadros e referências.
- Comunicação: texto breve relatando pesquisa de forma sintética e opinião sobre assuntos relevantes, com no máximo dez laudas;
- Resenha: apresentação e análise crítica de livro publicado na área há, no máximo, dois anos, com o limite máximo de cinco laudas;
- Informativo: informações sobre eventos científicos, pesquisas em andamento, defesas de dissertações e teses, cursos e outros.

## Responsabilidade profissional

Os autores assumem inteira responsabilidade por suas contribuições, obrigando-se ao seguimento das recomendações do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Nacional de Saúde.

## Parecer do Comitê de Ética

Artigos resultantes de pesquisas envolvendo seres humanos deverão ser acompanhados de cópia do parecer do Comitê de Ética da Instituição de origem, ou outro credenciado junto ao Conselho

Nacional de Saúde. Além disso, deverá constar, no último parágrafo do item Método, uma clara afirmação do cumprimento dos princípios éticos.

## Apreciação pelo Conselho Editorial

Os originais serão aceitos para avaliação desde que não tenham sido publicados anteriormente e que venham acompanhados de carta de encaminhamento, assinada pelos autores do trabalho, solicitando publicação na revista. O processo editorial só terá início se os manuscritos encaminhados obedecerem às condições das instruções. Caso contrário, serão devolvidos para adequação às normas, inclusão de carta ou outros documentos, antes mesmo de serem submetidos à avaliação de mérito do trabalho.

## 1. Avaliação de manuscritos

Os originais serão encaminhados, sem o(s) nome(s) do(s) autor(es), a dois membros do Conselho Editorial da revista Estudos de Psicologia, ou para dois consultores *ad hoc* dentre especialistas na matéria em julgamento. São necessários dois pareceres favoráveis para a aceitação final da publicação. Caso ocorra um desacordo, o original será enviado para mais um consultor, para nova avaliação.

No caso de identificação de conflito de interesses por parte dos revisores, o Comitê Editorial encaminhará o manuscrito a outro revisor *ad hoc*.

Os nomes dos autores dos pareceres emitidos serão mantidos em absoluto sigilo. Aos autores será comunicada a decisão de aceitação ou recusa do trabalho. Os trabalhos que receberem sugestões para alterações serão encaminhados aos autores para as devidas correções, com os pareceres emitidos, devendo ser devolvidos no prazo máximo de vinte dias.

A decisão final sobre a publicação ou não do manuscrito é sempre dos editores. Pequenas alterações no texto poderão ser feitas pelo Conselho Editorial da revista, de acordo com critérios e normas operacionais internas.

**Provas:** serão enviadas provas tipográficas aos autores para a correção de erros de impressão. As provas devem retornar ao Núcleo de Editoração na data estipulada. Outras mudanças no manuscrito original não serão aceitas nesta fase.

## 2. Forma de apresentação dos originais

Estudos de Psicologia adota as normas de publicação da *American Psychological Association* – APA (5ª edição, 2002). Os originais deverão ser redigidos em português, inglês, francês ou espanhol. Todos os originais deverão incluir título e resumo em português e inglês.

Todo e qualquer encaminhamento inicial à revista deverá vir acompanhado de carta assinada por todos os autores, autorizando a publicação e indicando a aceitação das normas da revista. Na declaração, deverá constar que o trabalho não foi apresentado, na íntegra, em outro veículo de informação, bem como a autorização e/ou direitos concedidos por terceiros, caso se transcreva figuras, tabelas ou trechos (mais de 200 vocábulos) editados por outros autores. Também deverá haver menção a quaisquer ligações ou acor-

dos de financiamento entre os autores e instituições que possam ter interesse na publicação do original.

Para submeter o artigo para avaliação pelo Conselho Editorial da Estudos de Psicologia, os autores deverão enviar os manuscritos impressos (em papel) para o Núcleo de Editoração da revista, em quatro vias, digitados em espaço duplo, acompanhados de cópia em disquete ou CD-ROM. O arquivo deverá ser gravado em editor de texto similar ou superior à versão 97-2003 do *Word* (*Windows*). Os nomes do autor e do arquivo deverão estar indicados no rótulo do disquete ou CD-ROM.

Das quatro cópias impressa descritas no item anterior, três deverão vir sem nenhuma identificação dos autores, para que a avaliação possa ser realizada com sigilo; porém, deverão ser completas e idênticas ao original, omitindo-se apenas esta informação. É fundamental que o artigo *não contenha qualquer forma de identificação da autoria*, o que inclui referência a trabalhos anteriores do(s) autor(es), da instituição de origem etc.

O texto deverá ter de 10 a 20 laudas, em fonte Arial, tamanho 11. As folhas deverão ser numeradas a partir da página de rosto, que deverá apresentar o número 1. O papel deverá ser de tamanho A4, com formatação de margens superior e inferior (no mínimo 2,5cm), esquerda e direita (no mínimo 3cm).

#### - Versão reformulada

A versão reformulada deverá ser encaminhada em três cópias completas, em papel e em disquete ou CD-ROM etiquetado, indicando o número do protocolo, o número da versão, o nome dos autores e o nome do arquivo.

As modificações deverão ser destacadas em azul, juntamente com uma carta ao editor, reiterando o interesse em publicar nesta revista e informando quais alterações foram processadas no manuscrito. Se houver discordância quanto a recomendações da consultoria, o(s) autor(es) deverão apresentar os argumentos que justificam sua posição. O título e o código do manuscrito deverão ser especificados. Se o trabalho for de autoria múltipla, a carta deverá ser assinada por todos os autores. Deverá ser encaminhada, também, uma autorização para a publicação dos resumos em inglês e português, e do trabalho na íntegra para a versão *on-line* da revista Estudos de Psicologia.

### 3. Os trabalhos deverão apresentar os seguintes elementos, respeitando-se a ordem aqui sugerida

#### - Folha de rosto com identificação dos autores, contendo

- Título completo em português: Deverá ser conciso e evitar palavras desnecessárias e/ou redundantes, como "avaliação do..." "considerações acerca de..." "Um estudo exploratório sobre...";
- Sugestão de título abreviado para cabeçalho, não excedendo cinco palavras;
- Título completo em inglês, compatível com o título em português;
- Nome de cada autor, por extenso, seguido por filiação institucional. Não abreviar os prenomes;
- Todos os dados da titulação e filiação deverão ser apresentados por extenso, sem nenhuma sigla;
- Indicação dos endereços completos de todas as universidades às quais estão vinculados todos os autores;
- Indicação de endereço para correspondência com o editor para a tramitação do original, incluindo fax, telefone e endereço eletrônico;
- Se necessário, apresentar indicação de atualização de filiação institucional;

- Incluir nota de rodapé contendo apoio financeiro, agradecimentos pela colaboração de colegas e técnicos, em parágrafo não superior a três linhas. Este parágrafo deverá informar, também, sobre a origem do trabalho e outras informações que forem consideradas relevantes, por exemplo, se o trabalho foi anteriormente apresentado em evento, se é derivado de tese ou dissertação, coleta de dados efetuada em instituição distinta daquela informada como sendo a instituição de origem dos autores etc.

#### - Folha à parte contendo resumo em português

O resumo deverá conter o mínimo de 100 e o máximo de 150 palavras, ou seja, de cinco a dez linhas. Não é permitido o uso de siglas e citações. Deverá conter, ao final, de três a cinco palavras-chave, que descrevam exatamente o conteúdo do trabalho, de acordo com o Thesaurus da APA, a fim de facilitar a indexação do mesmo. Tais palavras deverão ser grafadas com letras maiúsculas e separadas com ponto. O resumo deverá incluir breve referência ao problema investigado, características da amostra, método usado para a coleta de dados, resultados e conclusões. Apenas a resenha dispensa resumo.

#### - Folha à parte contendo *abstract* em inglês

O *abstract* deverá ser compatível com o texto do resumo. Deverá seguir as mesmas normas, e vir acompanhado de *key words* compatíveis com as palavras-chave.

#### - Organização do trabalho

O texto de todo trabalho submetido à publicação deverá ter uma organização clara e títulos e subtítulos que facilitem a leitura. Para os relatos de pesquisa, o texto deverá, obrigatoriamente, apresentar introdução, metodologia, resultados e discussão.

#### - Ilustrações

Tabelas, quadros e figuras deverão ser limitados a cinco, no conjunto, e numerados consecutiva e independentemente, com algarismos arábicos, de acordo com a ordem de menção dos dados. Deverão vir em folhas individuais e separadas, com indicação de sua localização no texto. A cada um se deverá atribuir um título breve.

O autor se responsabiliza pela qualidade das figuras (desenhos, ilustrações e gráficos), que deverão permitir redução sem perda de definição, para os tamanhos de uma ou duas colunas (7 e 15cm, respectivamente), pois, não é permitido o formato paisagem. Figuras digitalizadas deverão ter extensão jpeg e resolução mínima de 300 Dpi.

As palavras **Figura, Tabela, Anexo** que aparecerem no texto deverão ser escritas com a primeira letra maiúscula e acompanhadas do número (Figuras, Tabelas e Anexos) a que se referirem. Os locais sugeridos para inserção de figuras e tabelas deverão ser indicados no texto. Os títulos deverão ser concisos. Informar o local do estudo e o ano.

A publicação de imagens coloridas será custeada pelo(s) autor(es).

Em caso de manifestação de interesse por parte do(s) autor(es), Estudos de Psicologia providenciará um orçamento dos custos envolvidos, que poderão variar de acordo com o número de imagens, sua distribuição em páginas diferentes e a publicação concomitante de material em cores por parte de outro(s) autor(es).

Uma vez apresentado ao(s) autor(es) o orçamento dos custos correspondentes ao material de seu interesse, este(s) deverá(ão) efetuar depósito bancário. As informações para o depósito serão fornecidas oportunamente.

## - Referências e citações no texto

Os artigos deverão ter em torno de trinta referências, exceto no caso de artigos de revisão, que poderão apresentar em torno de cinquenta. Elas deverão ser indicadas em ordem alfabética do último sobrenome do autor principal.

Trabalhos com um único autor deverão vir antes dos trabalhos de autoria múltipla, quando o sobrenome é o mesmo. Em caso de trabalhos em que o primeiro autor seja o mesmo, mas os co-autores sejam diferentes, deverá ser assumida como critério a ordem alfabética dos sobrenomes dos co-autores.

Trabalhos com os mesmos autores deverão ser ordenados por data, vindo em primeiro lugar o mais antigo. Trabalhos com a mesma autoria e a mesma data deverão ser ordenados pelo ordem alfabética do título.

A formatação das referências deverá facilitar a tarefa de revisão e de editoração; para tal, além de espaço 1,5 entre linhas e tamanho de fonte 11, o parágrafo deverá ser normal, sem recuo e sem deslocamento das margens.

Os títulos dos periódicos deverão ser escritos por extenso. **Não serão aceitas** citações/referências de **monografias** de conclusão de curso de graduação, **de resumos** de Congressos, Simpósios, Workshops, Encontros, entre outros. Os **textos não publicados** (exemplos, aulas, entre outros deverão ser evitados). Os grifos deverão ser indicados por fonte itálica. No corpo do texto, as indicações deverão ser feitas do seguinte modo: (sobrenome(s) do(s) autor(es), ano de publicação), devendo ser estas informações coerentes com o que consta nas referências.

Nos casos em que os trabalhos citados não foram consultados na fonte (citação secundária), deverá ser citado, no corpo do texto, da seguinte maneira: (sobrenome do autor original, *apud* sobrenome do autor lido, data). Nas referências, citar apenas a obra consultada e a sua data.

Em caso de citações antigas, com novas edições da obra, a citação deverá incluir as duas datas, a original e a data da edição lida pelo autor.

As citações de artigos de autoria múltipla deverão ser feitas da seguinte forma:

- Artigo com dois autores: citar os dois autores sempre que o artigo for referido;

- Artigo com três a cinco autores: citar todos os autores na primeira aparição no texto; da segunda aparição em diante, utilizar sobrenome do primeiro autor seguido de *et al.* (e da data, caso seja a primeira citação no parágrafo);

- Artigos com seis autores ou mais: citar o sobrenome do primeiro autor seguido de *et al.* e do ano, desde a primeira aparição no texto.

No caso de **citação literal**, o trecho deverá aparecer entre aspas, com indicação, logo após o sobrenome do autor e a data, da(s) página(s) de onde foi retirado. Trechos com mais de 40 palavras deverão ser colocados em bloco separado, sem aspas e sem itálico, com recuo de cinco espaços com relação à margem esquerda.

A exatidão e a adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são de responsabilidade do autor, do mesmo modo que o conteúdo dos trabalhos é de sua exclusiva responsabilidade. Todos os autores cujos trabalhos forem citados no texto deverão ser seguidos da data de publicação e listados na seção de Referências. As citações e referências deverão ser feitas de acordo com as normas da APA.

Apresentamos exemplos de casos mais comuns, para orientação:

## Artigo de revista científica

Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28 (2), 212-241.

## Artigo de revista científica no prelo

Indicar, no lugar da data, que o artigo está no prelo. Incluir o nome do periódico após o título do artigo. Não referir data e números do volume, fascículo ou páginas, até que o artigo seja publicado. No texto, citar o artigo indicando que está no prelo.

Sampaio, M. I. C., & Peixoto, M. L. (no prelo). Periódicos brasileiros de psicologia indexados nas bases de dados LILACS e PsycInfo. *Boletim de Psicologia*.

## Livros

Rodrigues, M. C. P., & Azzi, R. G. (2007). *Psicologia do esporte: trilhando caminhos em busca de iniciação na área*. Taubaté: Cabral.

## Capítulos de livros

Schmidt, M. (2004). *Stress e religiosidade cristã*. In M. E. N. Lipp (Org.), *O stress no Brasil: pesquisas avançadas* (pp.177-186). Campinas: Papirus.

## Obra antiga e reeditada em data muito posterior

Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society* (2nd ed.). New York: Norton. (Originalmente publicado em 1950)

## Citação secundária

Se o original não foi lido, citar os autores da seguinte forma: "Selye (1936, *apud* Lipp, 2001) ...". Na seção de referências, citar apenas a obra consultada (no caso, Lipp, 2001).

## Teses ou dissertações não publicadas

Cusatis Neto, R. (2007). *Construção e validação da escala de estressores ocupacionais das linhas de produção*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

## Autoria institucional

World Health Organization. (2006). *WHO rapid advice guidelines on pharmacological management of humans infected with avian influenza A (H5N1) virus*. Washington, DC: Author.

## Trabalho apresentado em congresso publicado em anais

Malabrís, L. E. (2006). A terapia cognitivo-comportamental frente ao stress ocupacional e a síndrome de burnout. *Anais do VI Congresso Latinoamericano de Psicoterapias Cognitivas* (Vol 1). Buenos Aires.

## Material eletrônico

### Artigos de periódicos

Candiotto, C. (2007). Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. *Kriterio*, 48 (115). Recuperado em janeiro 16, 2008, disponível em <http://www.scielo.br> doi: 10.1590/S0100-512X2007000100012.

### Texto

Instituto Nacional de Câncer. (2003b). *Câncer no Brasil: dados dos registros de base populacional*. Recuperado em fevereiro 22, 2006, disponível em <http://www.inca.gov.br/registro>

## Comunicação pessoal (carta, e-mail, conversa)

Citar apenas no texto, dando as iniciais e o sobrenome da fonte e a data. Evite. Seu uso deve ser esporádico e não ser incluído nas referências e sim em nota de rodapé.

### - Anexos

**Evite.** Só poderão ser introduzidos quando contiverem informação indispensável para a compreensão dos textos.

### - Direitos autorais da revista Estudos de Psicologia

Todos os direitos editoriais são reservados. Nenhuma parte das publicações pode ser reproduzida, estocada por qualquer sistema ou transmitida por quaisquer meios ou formas existentes ou que venham a ser criados, sem prévia permissão por escrito do editor chefe, ou sem constar o crédito de referência, de acordo com as leis de direitos autorais vigentes no Brasil. A aceitação do trabalho para a publicação implica na transferência de direitos do autor para a revista, sendo assegurada a mais ampla disseminação da informação.

### - Reprodução parcial de outras publicações

Os artigos submetidos à publicação deverão evitar citações muito grandes extraídas de publicações de outros autores. Recomenda-se evitar a reprodução de tabelas, quadros ou desenhos. Quando isso acontecer, deverá vir acompanhada de permissão dos autores que detenham os direitos autorais.

## LISTA DE CHECAGEM

- Declarações de responsabilidade e de transferência de direitos autorais assinadas por cada autor;
- Enviar ao editor quatro vias do original (um original e três cópias) e um disquete ou CD, etiquetado, com as seguintes informações: nomes dos autores e nome do arquivo. Na reapresentação, incluir o número do protocolo;
- Incluir título do original, em português e inglês;
- Verificar se o texto, incluindo resumos, tabelas e referências, está reproduzido com letra *Arial*, tamanho 11 e espaço duplo, e com formatação de margens superior e inferior (no mínimo 2,5cm), esquerda e direita (no mínimo 3cm);
- Incluir título abreviado, não excedendo cinco palavras, para fins de legenda em todas as páginas impressas;
- Incluir as palavras-chave;
- Incluir resumos com até 150 palavras nos dois idiomas, português e inglês, ou em francês ou espanhol nos casos em que se aplique, com termos de indexação;
- Página de rosto com as informações solicitadas;

- Incluir nome de agências financiadoras e o número do processo;
- Indicar se o artigo é baseado em tese/dissertação, colocando o título, o nome da instituição, ano de defesa e número de páginas;
- Verificar se as referências estão normalizadas segundo o estilo da APA – 5a. ed.;
- Incluir permissão de editores para reprodução de figuras ou tabelas publicadas.

## DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE E TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS

Cada autor deve ler e assinar os documentos: 1) Declaração de Responsabilidade e 2) Transferência de Direitos Autorais.

- Título do manuscrito;
- Nome por extenso dos autores (na mesma ordem em que aparecem no manuscrito).
- Autor responsável pelas negociações:

### 1. Declaração de responsabilidade

Certifico que:

- Participei da concepção do trabalho e torno pública minha responsabilidade pelo seu conteúdo;
- Não omiti quaisquer ligações ou acordos de financiamento entre os autores e companhias que possam ter interesse na publicação deste artigo;
- Trata-se de artigo original e o trabalho, em parte ou na íntegra, ou qualquer outro trabalho com conteúdo substancialmente similar, de minha autoria, não foi enviado a outra revista, e não o será enquanto sua publicação estiver sendo considerada pela Estudos de Psicologia, quer seja no formato impresso ou no eletrônico.

Assinatura do(s) autores(s) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 2. Transferência de Direitos Autorais

Declaro que, em caso de aceitação do artigo, a revista Estudos de Psicologia passa a ter os direitos autorais a ele referentes, que se tornarão propriedade exclusiva da revista, sendo vedada qualquer reprodução, total ou parcial, em qualquer outra parte ou meio de divulgação, impressa ou eletrônica, sem que a prévia e necessária autorização seja solicitada e, se obtida, farei constar o competente agradecimento à revista.

Assinatura do(s) autores(s) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Toda correspondência deve ser enviada à Revista de Estudos de Psicologia no endereço abaixo**

Núcleo de Editoração SBI/CCV - Campus II

Av. John Boyd Dunlop, s/n. - Prédio de Odontologia - Jd. Ipaussurama - 13060-904 Campinas, SP, Brasil.

Fone/Fax: +55-19-3343-6875

E-mail: [ccv.revistas@puc-campinas.edu.br](mailto:ccv.revistas@puc-campinas.edu.br)

Web: <http://www.scielo.br/estpsi>

# Instructions to Authors

*Estudos de Psicologia* (Studies in Psychology) is a quarterly journal published by the Post-Graduation Psychology program of the Life Sciences Center at the Catholic University of Campinas (Pontifícia Universidade Católica de Campinas). Founded in 1983, it is classified as A2 in the Qualis list and is indexed in the national and international databases SciELO, Lilacs, Latindex, Scopus, Clase, PsycINFO and Index Psi.

## Types of work accepted for publication in *Estudos de Psicologia*

*Estudos de Psicologia* invites contributions from the national and international scientific community and is distributed to readers all over Brazil and also in several other countries. To ensure that the studies receive both national and international coverage, the aim is for the number of articles from authors in institutions in the state of São Paulo to correspond to 40% of the total, with the remainder preferably earmarked for the works of authors in other states and regions of the country, or from overseas.

Original work is accepted covering all types of research, in any field of Psychology, which aim to encourage and disseminate scientific and technical knowledge in the areas of psychology as well as to discuss the significance of practices employed in both the professional and research fields, by means of the publication of original material in the following categories:

- Research report: original articles based on empirical data, comprising a maximum of twenty pages, including tables, figures, charts and references;
- Review article: critical review of literature dealing with themes pertinent to psychology, leading to the challenging of existing models and to the construction of hypotheses for future research, comprising a maximum of twenty pages, including tables, figures, charts and references;
- Clinical article, case study: articles of interest which introduce an element of originality. They should illustrate clinical, laboratory and evolutionary aspects of interest, comprising a maximum of fifteen pages, including tables, figures, charts and references.
- Communication: brief text synthetically listing the research along with an opinion about any relevant matters, comprising a maximum of ten pages;
- Book Reviews: critical analysis and interpretation of books published in the last two years in Psychology, with a maximum limit of five pages;
- Information Bulletin: information concerning scientific events, research in progress, dissertation and thesis defenses.

## Professional responsibility

Authors shall accept full responsibility for their contributions, and must observe the recommendations of the Federal Council of Psychology and the National Health Council.

## Opinions by the Ethics Committee

Articles resulting from research involving human beings must be accompanied by a copy of the opinion issued by the Ethics Committee of the originating institution, or other entity accredited by the National Health Council. In addition, in the final paragraph of the Method section, a clear statement of compliance with ethical principles must be included.

## Consideration by the Editorial Council

The original documentation will be accepted for evaluation provided that it has not previously been published and that it is accompanied by a cover letter signed by the study's authors, requesting it to be published in the journal. The editorial process will only begin if the submitted manuscripts comply with the conditions of these instructions. Otherwise, they shall be returned for compliance with the criteria, inclusion of the letter or other documents, prior to being submitted for any evaluation as to the merits of the study.

## 1. Evaluation of manuscripts

The original material shall be submitted, without the name(s) of the author(s), to two members of the Editorial Council of the journal *Estudos de Psicologia*, or to two *ad hoc* consultants among specialists in the respective subject matter. Two favorable opinions are required for final acceptance for publication. In the event of any disagreement, the original documents shall be sent to an additional consultant for further evaluation.

Should any conflict of interest arise on the part of the reviewers, the Editorial Committee shall pass the manuscript to another *ad hoc* reviewer.

The identity of the authors of the opinions shall be kept in strictest confidence. A decision on whether the study is to be accepted or refused will be communicated to the authors. Work receiving recommendations for alteration shall be passed back to the authors for the appropriate corrections to be made, together with any opinions issued, and should be returned within a maximum period of twenty days.

The editors shall always have the final decision whether or not to publish the manuscript. Minor alterations to the text may be made by the journal's Editorial Council, in accordance with internal operating criteria and standards.

**Copies:** typographical copies will be sent to the others for correction of printing errors. The copies should return to the Núcleo de Editoração on the stipulated deadline. Other changes in the original manuscript will not be accepted during this phase.

## 2. Form of presentation of the original documents

*Estudos de Psicologia* adopts the standards of publication employed by the American Psychological Association – APA (5th edition, 2002). The originals shall be typed in Portuguese, English, French or Spanish. All original documents must include the title and abstract in both Portuguese and English.

Every initial submission to the journal should be accompanied by a letter signed by all the authors, authorizing publication and indicating acceptance of the journal's guidelines.

The declaration should contain a statement that the study has not been presented, in its entirety, in any other media, as well as the authorization and/or rights granted by third parties, where figures, tables or passages (more than 200 words) produced by other authors, are transcribed. Mention should also be made of any funding connections or agreements between the authors and institutions which may have a vested interest in the original documents being published.

In order to submit the article for evaluation by the Editorial Council of *Estudos de Psicologia*, the authors should send four paper copies of the printed manuscripts to the journal's Publishing Center, double spaced, and accompanied by a copy on diskette or CD-ROM. The file should be typed using a text editor similar or superior to *Word (Windows)* version 97-2003. The name of the author and filename should be marked on the label of the diskette or CD-ROM.

Of the four copies mentioned in the previous paragraph, three should not include the identity of the authors, so that the evaluation may be conducted in confidentiality; but for this detail, however, they must be complete and identical to the original. It is essential that the article *does not contain any means of identifying the authorship*, including any reference to previous studies by the same author(s), the institution of origin etc.

The text should comprise 10 to 20 pages, in Arial font, size 11. The sheets should be numbered starting with the cover page, which should display page number 1. The size of the paper must be A4, with formatted top and bottom margins (at least 2.5cm), and left and right margins (at least 3cm).

#### - Reformulated version

Three complete copies of the reformulated version should be submitted, in paper form, and on labeled diskette or CD-ROM, showing the submission reference number, version number, names of the authors and the filename.

Modifications should be highlighted in blue, along with a letter to the editor, repeating their interest in having the work published in this journal and advising of the alterations processed on the manuscript. If there is any disagreement with the consultants' recommendations, the author(s) should present the arguments justifying their position. The manuscript's title and code must be specified. If the study is a joint collaboration, the letter should be signed by all the authors. An authorization should also be sent for the publication of the abstracts in English and Portuguese, and also for the whole study for the online version of the *Estudos de Psicologia* journal.

### 3. The study should contain the following elements, observing the order suggested below:

#### - Cover page identifying the authors, containing:

- Full title in Portuguese: It should be concise and avoid the use of superfluous and/or redundant verbiage, such as "evaluation of..." "considerations in respect of..." "An exploratory study of...";
- Suggestion for an abbreviated title for the header, not exceeding five words;
- Full title in English, consistent with the Portuguese title;
- Name of each author, in full, followed by their institutional affiliation. Do not abbreviate the given names;
- All data in respect of title and affiliation should appear in full, and not in the form of an acronym;
- Note of the full addresses of all universities with which the authors are associated;

- Note of addresses for correspondence with the editor for the processing of the originals, including fax, telephone and email address;

- If necessary, provide a note on any updates to institutional affiliation;

- Include a footnote containing details of financial support, acknowledgments for the collaboration of colleagues and experts, in a paragraph not exceeding three lines. This paragraph should also provide information on the origins of the study and other information considered to be relevant, such as, if the work has previously been presented at an event, if it originates from a thesis or dissertation, if data collection was conducted in an institution different from that recorded as being the authors' institution of origin etc.

#### - Separate sheet containing the abstract in Portuguese

The abstract should contain a minimum of 100 and a maximum of 150 words, that is, between five and ten lines. It is expressly forbidden to use acronyms and citations. At the end, it should list between three and five keywords, which precisely describe the contents of the study, in accordance with the APA Thesaurus, in order to facilitate its indexation. These words should be composed in uppercase and separated by a period. The abstract should include a brief reference to the problem under investigation, sample attributes, data collection methodology, results and conclusions. Only digests may dispense with abstracts.

#### - Separate sheet containing the abstract in English

The abstract should be compatible with the text in the Portuguese synopsis. It should follow the same criteria, and be accompanied by keywords which are consistent with the Portuguese keywords.

#### - Organization of the work

The text of any work submitted for publication should be clearly organized with titles and subtitles which facilitate its reading. For the research reports, the text must comprise introduction, methodology, results and discussion.

#### - Illustrations

Tables, charts and figures should be limited to five, in total, and should be numbered consecutively and independently, in Arabic numerals, according to the order in which the data is mentioned. They should appear on individual, separate sheets of paper, with an indication as to their location within the text. A brief title should be assigned to each.

The author shall be responsible for the quality of the figures (drawings, illustrations and graphs), which should be capable of reduction without loss of definition, to a size of one or two columns (7cm and 15cm, respectively). Landscape format is not allowed. Digital figures should contain the file extension jpeg and have a minimum resolution of 300 dpi.

The words **Figure**, **Table**, **Appendix** appearing in the text should be written with the first letter in uppercase and be accompanied by the number (Figures, Tables and Appendices) to which they refer. The suggested location for the insertion of figures and tables should be indicated in the text. The titles should be concise. Provide information of the physical location and year of the study.

The cost of publishing any color images shall be borne by the author(s).

Should the author(s) demonstrate an interest, *Estudos de Psicologia* will arrange for a quotation of the costs involved, which

may vary according to the number of images, their distribution across different pages and the accompanying publication of color material by the other author(s).

Once the author(s) receive(s) the quotation for the corresponding cost of materials in which he/they may be interested, he/they should make a bank deposit. Account information will be provided at the appropriate juncture.

## - References and citations in the text

The articles should contain around thirty references, except in the case of review articles, which may include approximately fifty. They should be shown in alphabetical order, according to the main author's last name.

Where the last name is identical, work created by individual authors should precede the works of multiple authors. In the case of works where the first-named author is the same, but the co-authors are different, the co-authors' last names constitute the criteria for the alphabetical order. Works by the same authors should appear in date order, starting with the earliest work.

Works by the same authors and with the same date should be listed by the alphabetical order of their title.

The formatting of the references should facilitate the task of reviewing and editing; for this purpose, in addition to having a spacing of 1.5 between lines and a font size of 11, the paragraph should be normal, without indent and without offset margins.

The titles of periodicals should be reproduced in full. Citations/ references from end of graduate course **treatises, abstracts** from, *inter alia*, Congresses, Symposiums, Workshops, Meetings **will not be accepted. Unpublished texts** (examples, classes, *inter alia*), should be avoided. Italic font should be used for emphasis. In the body of the text, denotations should be made as follows: (surname of author(s), year of publication), and should be consistent with information contained in the references.

In cases where the cited works were not consulted at source (secondary citation), this should be mentioned in the body of the text in the following manner: (surname of original author, *apud* surname of author read, date). In the references, only cite the work which was consulted, together with the date.

In the case of earlier citations, which have been superseded by newer editions, the citation should include the two dates, namely that of the original work and that of the edition read by the author.

The citation of articles by multiple authors should be treated as follows:

- Article with two authors: cite both authors whenever the article is referred to;
- Article with between three and five authors: cite all the authors upon the first appearance in the text; from the second mention onwards, use the surname of the first author followed by *et al.* (and the date, if it is the first citation in the paragraph);
- Articles with six or more authors: cite the surname of the first author followed by *et al.* and the year, as from the first appearance in the text.

In the case of a **literal citation**, the passage should appear between quotation marks with, immediately after the author's surname and date, an indication of the page(s) from which it was taken. Passages consisting of more than 40 words should be placed in a separate block, without quotation marks and not italicized, with an offset of five spaces in relation to the left margin.

The accuracy and propriety of references to works which have been consulted and cited in the text of the article are entirely the responsibility of the author, in the same way in which the content of the study is their exclusive responsibility. All the authors whose works are cited in the text should be followed by the date of publication and listed in the References section. The citations and references should be made in accordance with APA criteria.

For guidance purposes, we are presenting below some examples of the most common cases:

### Articles from scientific journals

Simons, L. G., & Conger, R. D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28 (2), 212-241.

### Articles from scientific journals in press

Note, in place of the date, that the article is in press. Include the name of the periodical after the article's title. Do not refer to the date and volume numbers, fascicle or pages until the article is published. In the text, cite the article indicating that it is in press.

Sampaio, M. I. C., & Peixoto, M. L. (no prelo). Periódicos brasileiros de psicologia indexados nas bases de dados LILACS e PsycInfo. *Boletim de Psicologia*.

### Books

Rodrigues, M. C. P., & Azzi, R. G. (2007). *Psicologia do esporte: trilhando caminhos em busca de iniciação na área*. Taubaté: Cabral.

### Book chapters

Schmidt, M. (2004). *Stress e religiosidade cristã*. In M. E. N. Lipp (Org.), *O stress no Brasil: pesquisas avançadas* (pp.177-186). Campinas: Papyrus.

### Old works republished at a much later date

Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society* (2nd ed.). New York: Norton. (Originally published in 1950)

### Secondary citation

If the original was not read, cite the authors in the following manner: "Selye (1936, *apud* Lipp, 2001) ...". In the reference section, cite only the work consulted (in this instance, Lipp, 2001).

### Unpublished theses or dissertations

Cusatis Neto, R. (2007). *Construção e validação da escala de estressores ocupacionais das linhas de produção*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

### Corporate authorship

World Health Organization. (2006). *WHO rapid advice guidelines on pharmacological management of humans infected with avian influenza A (H5N1) virus*. Washington, DC: Author.

### Work presented in congress published in annals

Malagris, L. E. (2006). A terapia cognitivo-comportamental frente ao stress ocupacional e a síndrome de burnout. *Annals of the VI Latin American Congress of Cognitive Psychotherapy* (Vol. 1). Buenos Aires.

## Electronic material

### Articles from journals

Candiotto, C. (2007). Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. *Kriterio*, 48 (115). Recuperado em janeiro 16, 2008, disponível em <http://www.scielo.br/doi:10.1590/S0100-512X2007000100012>.

### Text

National Cancer Institute. (2003b). *Câncer no Brasil: dados dos registros de base populacional*. Retrieved February 22, 2006, from <http://www.inca.gov.br/regpop>

### Personal contact (letter, email, conversation)

Cite the text only, providing the initials and surname of the source, plus the date. Avoid this usage. Its use should be sporadic and should be included in the footnote, not the references.

### - Appendices

Avoid. They may be included when they contain information which is integral to the understanding of the text.

### - Copyright of the journal *Estudos de Psicologia*

All editorial rights are reserved. No part of the publications may be reproduced, stored by any system or transmitted by any means or forms which currently exist or which may come to exist, without the prior written permission of the editor in chief, or without inclusion of the credits, in accordance with prevailing Brazilian copyright law. The acceptance of the study for publication implies the transfer of copyright to the journal, thereby guaranteeing the widest possible dissemination of the information.

### - Partial reproduction of other publications

Articles submitted for publication should avoid very large citations extracted from publications by other authors. It is recommended that the reproduction of tables, charts or drawings be avoided. When necessary, they should be accompanied by the permission of the authors holding the copyright.

## CHECKLIST

- Declarations of responsibility and transfer of copyright signed by each author;
- Send the editor four copies of the original (one original and three copies) and a diskette or CD-ROM labeled with the following information: names of authors and filename. On representation, include the submission reference number;
- Include title of original, in both Portuguese and English;
- Check if the text, along with tables and references, is reproduced in *Arial* font, size 11 and double spaced, with formatted top and bottom margins (at least 2.5cm), and left and right margins (at least 3cm).

- Include abbreviated title, not to exceed five words, to be included in the header of every page printed;

- Include keywords;

- Include abstracts with up to 150 words in the two languages, Portuguese and English, or in French or Spanish where applicable, along with indexation terms;

- Cover page with requested information;

- Include name of funding agencies and the process number;

- Indicate if the article is based on a thesis / dissertation, and note the title, name of establishment, year of the defense and number of pages;

- Check if the references are standardized according to the APA parlance – 5th edition;

- Include permission of editors for the reproduction of published figures or tables.

## DECLARATION OF RESPONSIBILITY AND TRANSFER OF COPYRIGHT

Each author must read and sign the documents: 1) Declaration of Responsibility and 2) Transfer of Copyright.

- Title of the manuscript;

- Name of the authors must be consecutively according to the orders in which they were mentioned in the text.

- Author responsible for the negotiations:

### 1. Declaration of responsibility

I hereby certify that:

- I have participated in the conception of the study and make public my responsibility for the content;

- I have not omitted any funding ties or agreements between the authors and companies which may have an interest in the publication of this article;

- This is an original article, and the work, either in part or in its entirety, or any other work of my authorship which contains substantially similar content, has not been sent to any other journal, and shall not be sent as long as its publication is under consideration by *Estudos de Psicologia*, either in printed or electronic form.

Signature of the author(s)      Date \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 2. Transfer of copyright

I hereby declare that, in the event of this article being accepted for publication, its copyright shall pass to the journal *Estudos de Psicologia*, and shall become the exclusive property of the journal, with any reproduction, either in full or in part, being forbidden in any other form or means of printed or electronic communication, without the request for prior necessary authorization and, if obtained, I shall attribute the appropriate acknowledgment to the journal.

Signature of author(s)      Date \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**All correspondence should be sent to Revista de Estudo de Psicologia at the address below**

Núcleo de Editoração SBI/CCV - Campus II

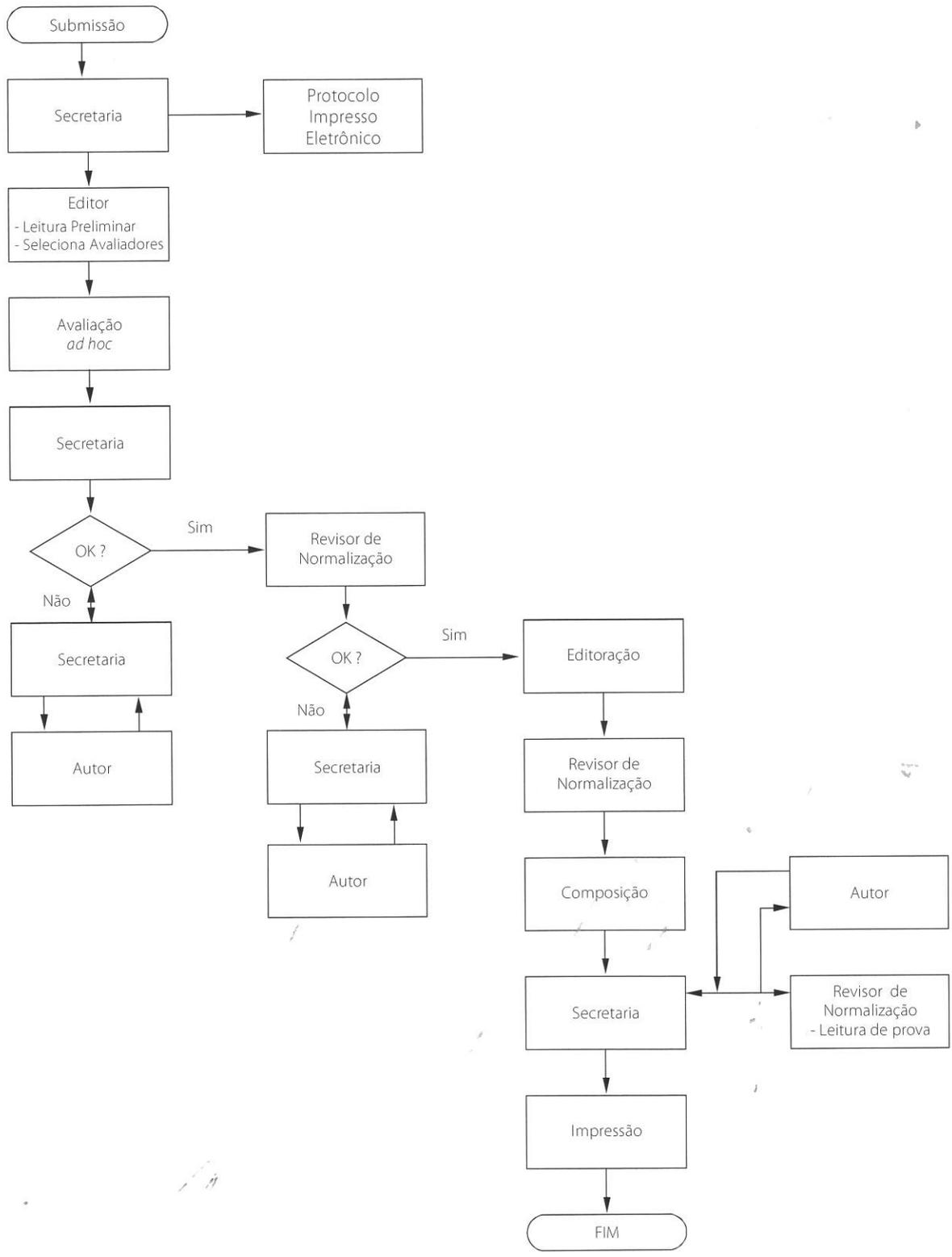
Av. John Boyd Dunlop, s/n. Prédio de Odontologia - Jd. Ipaussurama - 13060-904 Campinas, SP, Brazil

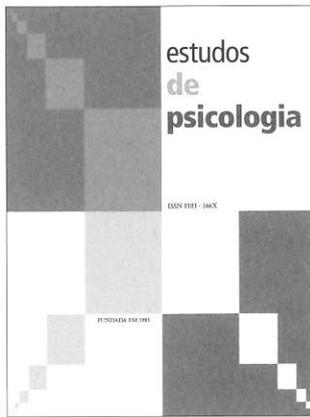
Fone/Fax: +55-19-3343-6875

E-mail: [ccv.revistas@puc-campinas.edu.br](mailto:ccv.revistas@puc-campinas.edu.br)

Web: <http://www.scielo.br/estpsi>

# Fluxograma de Artigos





Prezado amigo,

É como satisfação que vimos convidá-lo a ASSINAR OU RENOVAR a revista **Estudos de Psicologia**, a melhor forma de ter contato com os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da área através de uma publicação nacional, indexada nas bases de dados internacionais: PsycINFO, SciELO, CLASE, Scopus, Latindex, LILACS e Index Psi.  
Lista Qualis: A2 - Psicologia.

Esperamos contar com sua presença entre nossos assinantes regulares.

Preencha o canhoto abaixo.

Comissão Editorial

ASSINATURA

RENOVAÇÃO

<input type="checkbox"/> Volume 22 (2005)	⇒	<b>Pessoas Físicas</b>	R\$ 40,00	<input type="checkbox"/>	⇒	<b>Institucional</b>	R\$ 50,00	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Volume 23 (2006)	⇒	<b>Pessoas Físicas</b>	R\$ 40,00	<input type="checkbox"/>	⇒	<b>Institucional</b>	R\$ 50,00	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Volume 24 (2007)	⇒	<b>Pessoas Físicas</b>	R\$ 40,00	<input type="checkbox"/>	⇒	<b>Institucional</b>	R\$ 80,00	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Volume 25 (2008)	⇒	<b>Pessoas Físicas</b>	R\$ 70,00	<input type="checkbox"/>	⇒	<b>Institucional</b>	R\$ 120,00	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Volume 26 (2009)	⇒	<b>Pessoas Físicas</b>	R\$ 80,00	<input type="checkbox"/>	⇒	<b>Institucional</b>	R\$ 130,00	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Volume 27 (2010)	⇒	<b>Pessoas Físicas</b>	R\$ 90,00	<input type="checkbox"/>	⇒	<b>Institucional</b>	R\$ 200,00	<input type="checkbox"/>

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

CNPJ: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Anexo cheque número: \_\_\_\_\_ Banco: \_\_\_\_\_ Valor: \_\_\_\_\_

Cheque nominal à SOCIEDADE CAMPINEIRA DE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

#### FORMAS DE PAGAMENTO

##### PARCELADO

Pré-datado para 30 dias

Pagamentos em 2 vezes: 1 entrada e o restante para 30 dias

##### À VISTA

Cheque ou depósito bancário: depósito bancário: Banco Itaú ag. 0009 cc 49371-9

Código de Identificação do assinante: **Institucional** CNPJ **Pessoas Físicas** CPF

**Razão Social: Sociedade Campineira de Educação e Instrução. CNPJ: 46.020.301/0001-88**

Enviar esta ficha juntamente com seu pagamento para:

**Estudos de Psicologia** - Núcleo de Editoração - Prédio de Odontologia - Campus II

Av. John Boyd Dunlop, s/n. - Jd Ipaussurama - 13060-904 - Campinas - SP. Fone/Fax: (19) 3343-6875

E-mail: [ccv.assinaturas@puc-campinas.edu.br](mailto:ccv.assinaturas@puc-campinas.edu.br) - Home Page: <http://www.puc-campinas.edu.br/ccv>

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas**  
(Sociedade Campineira de Educação e Instrução)

**Grão-Chanceler:** Dom Bruno Gamberini

**Reitora:** Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht

**Vice-Reitor:** Prof. Dr. Eduard Pranic

**Pró-Reitoria de Graduação:** Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação:** Profa. Dra. Vera Engler Cury

**Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários:** Profa. Dra. Vera Engler Cury

**Pró-Reitoria de Administração:** Prof. Dr. Ricardo Pannain

**Diretora do Centro de Ciências da Vida:** Profa. Dra. Miralva Aparecida de Jesus Silva

**Diretor-Adjunto do Centro de Ciências da Vida:** Prof. Dr. José Gonzaga Teixeira de Camargo

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia:** Profa. Dra. Tania Maria José Aiello Vaisberg

**Estudos de Psicologia**

Com capa impressa no papel supremo 250g/m<sup>2</sup> e miolo no papel couchê fosco 90g/m<sup>2</sup>

**Capa / Cover**

Suely de Castro Mello  
BBox Design

**Miolo**

Katia Harumi Terasaka

**Editoração eletrônica / DTP**

Beccari Propaganda e Marketing

**Impressão / Printing**

Silvamarts Gráfica Editora Ltda

**Tiragem / Edition**

1000

**Distribuição / Distribution**

Sistema de Bibliotecas e Informação da PUC-Campinas - Serviço de Publicação, Divulgação e Intercâmbio

# artigos/articles

## **Valores e prazer-sofrimento no trabalho: um estudo com profissionais de nível superior**

*Values and pleasure-suffering at work: a study of highly-qualified professionals*

| Flávia Arantes Lopes Guimarães | Maria do Carmo Fernandes Martins

## **Maternidade no contexto do HIV/AIDS: gestação e terceiro mês de vida do bebê**

*Motherhood in the context of HIV/AIDS: pregnancy and the baby at three months*

| Evelise Rigoni de Faria | Cesar Augusto Piccinini

## **Informação geral e atual e sua relação com a inteligência e a personalidade em crianças escolares**

*General and current information and its relationship with the student's intelligence and personality*

| Carmen Flores-Mendoza | Graciane Lopes Jardim | Francisco José Abad | Larissa Assunção Rodrigues

## **Avaliação do vocabulário receptivo de crianças pré-escolares**

*An evaluation of receptive vocabulary in preschool children*

| Maria Vanderléia Matos Araújo | Márcia Regina Fumagalli Marteleto | Teresa Helena Schoen-Ferreira

## **Escala de atitudes frente à tatuagem: elaboração e evidências de validade e precisão**

*Scale of attitudes towards tattoos: production and proof of validity and accuracy*

| Emerson Diógenes de Medeiros | Valdiney Veloso Gouveia | Carlos Eduardo Pimentel

Ana Karla Silva Soares | Tiago Jessé Souza de Lima

## **Eficácia terapêutica de intervenção em grupo psicoeducacional: um estudo exploratório em oncologia**

*Therapeutic effectiveness of a psychoeducational group intervention: an exploratory study in oncology*

| Juciléia Rezende Souza | Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araújo

## **Crenças acerca do sistema de treinamento: a predição de variáveis pessoais e funcionais**

*Beliefs concerning the system of training: the prediction of personal and job-related variables*

| Jesiane Marins Lopes | Luciana Mourão

## **Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida**

*Participation in programs for seniors: impact on cognition, mood and life satisfaction*

| Mônica Sanches Yassuda | Henrique Salmazo da Silva

## **Interesses profissionais de jovens de ensino médio: estudo correlacional entre a escala de aconselhamento profissional e o self-directed search career explorer**

*Professional interests of high school students: a correlational study between the escala de aconselhamento and self-directed search career explorer*

| Fernanda Argenti Sartori | Ana Paula Porto Noronha | Silvia Godoy | Rodolfo Augusto Matteo Ambiel

## **A resiliência em trabalhadores da área da enfermagem**

*The resilience of workers in nursing*

| Maria de Fátima Belancieri | Marli Luiz Beluci | Daniela Vitti Ribeiro da Silva | Ederli Aparecida Gasparelo

## **Hipnose e subjetividade: utilização da experiência religiosa em psicoterapia**

*Hypnosis and subjectivity: the use of religious experiences in psychotherapy*

| Maurício da Silva Neubern

## **Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise**

*A hermeneutical approach to the methodology of theoretical research in psychoanalysis*

| Érico Bruno Viana Campos | Nelson Ernesto Coelho Jr

## **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**

*Notes on qualitative research and empirical phenomenological research*

| Celana Cardoso Andrade | Adriano Furtado Holanda